

MÁRCIO CARDOSO PACHECO

O SENHOR *do* TEMPO

AS CRÔNICAS DO APOCALIPSE

LIVRO UM





MÁRCIO PACHECO

O SENHOR *do* TEMPO

AS CRÔNICAS DO APOCALIPSE

LIVRO UM

lura
EDITORIAL

GERENTE EDITORIAL Roger Conovalov	
PROJETO GRÁFICO Lura Editorial	Todos os direitos desta edição são reservados a Márcio Cardoso Pacheco
ARTE DO MAPA Augusto Figliaggi	Publicado pela Lura Editorial. 2019. Rua Rafael Sampaio Vidal, 291 São Caetano do Sul - SP - Cep 09550-170. Tel: (11) 4221-8215
REVISÃO Alessandro de Paula	E-mail: contato@luraeditorial.com.br www.luraeditorial.com.br
CAPA Lura Editorial	

Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada,
reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja
mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc.,
sem a permissão por escrito do autor.

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, Brasil)

Pacheco, Márcio Cardoso
O senhor do tempo: as crônicas do apocalipse / Antônio
Egno. Lura Editorial — 1ª ed. — São Paulo, 2019.
392 p. : il.

ISBN: 978-85-907347-9-6

1. Ficção. 2. Ficção científica I. Título.

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção. B869.3



Para minha irmã Bruna, que sempre acreditou em mim.

“Não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será lutada. Mas a Quarta Guerra Mundial será combatida com paus e pedras.”

Albert Einstein



Prólogo

A noite era fria, como uma das muitas que vinham acontecendo. Um vento árido soprava insistentemente, parecendo um soldado cumprindo rigorosamente o seu dever. O clima não era mais o mesmo. O mundo não era mais o mesmo. A fogueira acesa em um tonel fornecia mais calor do que luz. O guarda preferia assim. Há muito tempo ninguém era corajoso ou estúpido o suficiente para desafiar a fortaleza do Chacal. Se bem que para ele era um exagero chamar de fortaleza um prédio feito de placas de vidros. Uma vez perguntara ao General por que, dentre todos os prédios, o Chacal escolhera logo aquele.

“É um prédio alto, espelhado e bem localizado, o Chacal pode ver tudo sem ser visto”, respondera-lhe o General.

“Mas você não acha que assim ficamos muito vulneráveis a um ataque?”, indagara o guarda.

“Da forma que trabalhamos, o inimigo estará morto antes de pensar em nos atacar”, foi a resposta que obteve.

O General tinha toda a razão. Nunca houve sequer uma tentativa. Não sabia se as pessoas respeitavam ou simplesmente tinham medo do Chacal, o fato era que a Fortaleza de Vidro se mantinha intacta.

Enquanto observava a rua cuja responsabilidade era vigiar, mesmo no escuro, pode notar a natureza tomando conta de tudo. Prédios e casas abandonados davam vida a árvores e plantas rasteiras, como se estivessem reivindicando o espaço que uma vez lhe fora tomado. Soubera que na época da grande guerra a natureza estava quase extinta.

Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho vindo da escuridão, em um beco próximo.

— Quem está aí? — indagou o guarda, mais surpreso do que assustado.

Não obteve resposta, porém o barulho continuava. Como alguma coisa se mexendo intermitentemente no escuro.

— Ei, Roy! — chamou o companheiro. — Ouvi um barulho. Vou ali verificar.

Roy estava a cinquenta metros de distância e acenou positivamente com a cabeça. Era seu parceiro de vigia daquela semana. Chacal não gostava de manter as duplas fixas em cada setor, para que não houvesse amizade entre os guardas. Na hora que fosse necessário ninguém poderia hesitar em puxar o gatilho, independente de qual fosse o motivo. A falha com certeza significaria morte.

Sacou a sua arma e foi andando lentamente em direção ao beco. A iluminação era precária. Procurou rapidamente por uma madeira para pegar um pouco de fogo, mas não tinha nada que o ajudasse. Quando chegou a dois passos de distância do canto escuro, falou com a voz firme.

— Saia daí ou eu atiro! — advertiu sem ter muita certeza com quem ou o que estava falando.

Um bando de corvos voou em sua direção, fazendo-o cair sentado no chão.

— Pássaros filhos da puta! — resmungou bravo. — Do que está rindo? — perguntou ao ver que Roy se divertia com a cena.

— Eles te pegaram de jeito! — retrucou Roy, tentando conter o sorriso no rosto.

— Bichos desgraçados! — respondeu o guarda se levantando, já recuperado do susto. O mundo atual o ensinara a temer até a própria sombra.

— Eles não vêm até aqui, não se preocupe — disse Roy, de forma desinteressada.

— Quem? Os infectados? — adivinhou o guarda, embora já soubesse a resposta.

— Ouvei falar que eles caçam à noite para se alimentar, que nunca se cansam e que sua fome não tem fim.

— Bobagem! São apenas moribundos aguardando que a morte venha e os leve para uma melhor — falou Roy com certo desdém.

O guarda não era tão cético. Ouvira histórias macabras das criaturas que sobreviveram à peste da grande guerra, de como elas se espalharam e infectaram quase todas as pessoas do mundo.

— Deixe os mortos para os corvos. Quem sabe eles têm menos medo deles do que você? — falou Roy, como se pudesse ler seus pensamentos. — Temos coisas mais importantes para nos preocuparmos agora... — completou olhando para cima.

O guarda olhou para o céu e não viu estrelas. O vento estava parando e provavelmente a chuva não demoraria a cair. Não havia lugar para se proteger dela e, quando não tinham sorte, a chuva era ácida. Geralmente não tinham sorte. Já ouvira relatos de guardas que morreram durante uma chuva ácida. Com ele nunca havia acontecido nada, então esperaria que fosse apenas mais uma história.

Uma rajada forte de vento passou por ele, apagando a fogueira que havia perto do seu parceiro. Roy se tornou um vulto à sua frente. O guarda ouviu um grito abafado e logo a escuridão o engoliu.

— Roy? — chamou o guarda, não acreditando no que havia acabado de presenciar. — Responda, Roy! — começou a ficar nervoso.

Empunhou sua arma novamente e caminhou com passos rápidos em direção ao alarme, pressentindo que algo estava errado. Ouveu um movimento ao seu lado, virou-se e viu um corvo sentado sobre um tonel.

— Agora te mato, corvo do inferno! — disse o guarda.

Antes que pudesse puxar o gatilho, uma mão cobriu sua boca e sentiu a lâmina fria deslizando pelo seu pescoço. Tentou apontar a arma para o seu agressor, porém o braço já não respondia mais ao seu comando. A vida abandonava seu corpo enquanto aquele animal agourento o encarava, esperando que houvesse somente uma carcaça para sua refeição.

A última coisa que viu foi o céu sem estrelas.

Logo... Era só escuridão.

Pelo vidro do prédio, Ivan observava a cidade. Onde antes não havia nada, agora era possível vislumbrar alguma civilização. Grande parte das pessoas já havia se recolhido, mas conseguia ver movimentação nos locais que eram usados como bares e prostíbulos.

É difícil nos desfazermos de certos vícios.

As fogueiras brilhavam na noite e, de onde estava, conseguia ver quase todas. Pontos de luz como estrelas no céu.

Minha cidade. Pensou triunfante.

Não era a maior de todas que já vira, porém foi uma cidade que ele viu começar do nada. Lembrou-se de quando chegou ali como um mero mercador, junto a uma caravana, em busca do seu lugar nesse novo mundo. Em pouco tempo já conhecia todos. “*Todo mundo precisa de alguma coisa*”, ensinaram-lhe uma vez. E era verdade. Com o passar do tempo muitas pessoas lhe deviam favores. Favores que se tornaram dinheiro. Dinheiro que se tornou poder.

Com poder, Ivan oferecia proteção. Em troca de serviços, é claro. Quem não pagasse era punido de alguma forma. Ele acreditava que o mundo precisava de regras, pois sem elas as pessoas não passavam de meros animais. Para as faltas mais graves, a punição era a morte. E, na cidade de Ivan, era ele quem decidia quem morria e quem vivia. Desde então o povo passou a chamá-lo de Chacal.

Chacal..., refletiu sorrindo.

Vira em um livro antigo a referência a um Deus sabe-se lá de quem, de quando ou de onde. Porém a ideia o agradava.

Ivan, o grande Chacal.

Começava a chover. As gotas de chuva deslizavam lentamente pelo vidro, buscando o seu caminho até o solo. Estava frio lá fora, porém a lareira mantinha a sala aquecida. Chacal não quisera escolher uma das salas que já existiam na Fortaleza de Vidro. Precisava de uma digna de um Chacal. Então derrubou todas as paredes, fazendo de todo o andar uma única sala. O fogo estalava a lenha que havia sido colocada há pouco. Chacal ouviu três batidas rápidas na sua porta.

— Quem é? — perguntou sem olhar.

— Sou eu chefe, o General — respondeu a voz do outro lado.

— Entre — disse o Chacal.

Entrou o homem que era conhecido por General, braço direito do Chacal. Um homem alto, corpulento. Trazia sempre uma expressão séria no rosto. Compartilhava com seu chefe o gosto pelo poder e executava sem hesitar as ordens que lhe eram direcionadas.

— Como foi a negociação? — perguntou Chacal, agora olhando para ele.

— Tudo certo, chefe — respondeu-lhe o General.

— Quando receberemos o que nos foi prometido? — quis saber.

— Em dois dias — respondeu o grandalhão.

Muito fácil, pensou hesitante. *Fácil demais para o meu gosto*. Chacal aprendera que ninguém paga um valor alto de bom grado à toa.

— Como pode um homem valer tanto? — pensou em voz alta. — Conseguiu descobrir algo dele?

— Não, chefe. Mas não chegamos a fazer um interrogatório decente — respondeu o General.

— A proposta veio rápida. Não houve tempo para um interrogatório — disse Chacal tentando reconfortar seu homem.

— É verdade, chefe.

— Seja o que for, já foi. Teremos algo muito melhor, não é mesmo? — tentou convencer a si mesmo e ao seu homem de confiança.

— Certamente, chefe.

Começava a relampear. Cada clarão iluminava toda a cidade, com sua luz consumindo as sombras. As tempestades sempre vinham acompanhadas de muitos raios.

— Pode ir, General. Deixe-me pensar no que faremos a seguir. Temos muita coisa a conquistar — ordenou ao seu braço direito.

— Sim, chefe — respondeu o homem e saiu pela porta.

Chacal foi até a sua mesa, pegou um copo pequeno, abriu a garrafa de uísque e serviu uma dose. Enquanto bebia um gole, olhou a sua grande sala cheia de pinturas e esculturas antigas. Troféus que refletiam seu poder e sucesso. Sentou confortavelmente na sua cadeira, atrás da grande mesa onde traçava suas estratégias, para colocar os pensamentos em ordem. Tinha a convicção de ter feito uma boa negociação. Pelo menos era o que pensava.

Como pode um homem, um desconhecido, valer tanto?

Teve certeza de que essa pergunta o importunaria por muito tempo, o que não lhe agradava. Gostava de estar informado sobre tudo à sua volta.

A chuva ficou mais forte e o barulho dos raios mais altos. Se depois de tudo ainda existisse um Deus, estava certamente com muita raiva de alguém.

Ou de todos nós. Eu estaria.

Viu um grande clarão e um estrondo causado por um relâmpago. As luzes das lâmpadas perderam a vida, dando lugar à tímida luz da lareira.

Droga! A tempestade nunca passa sem deixar sua marca.

Antes que pudesse solicitar auxílio, ouviu a porta abrir novamente. Parado nela, General o encarava.

— Você não sabe que eu não gosto que entre sem bater? — lembrou ao capanga. — Faltou luz. Sabe me dizer o que houve?! — perguntou de forma grosseira, como se fosse culpa dele.

O rosto do General tinha uma expressão vazia, como se não tivesse entendido uma palavra sequer.

— Responda! — exigiu o Chacal.

Lentamente o grandalhão foi desabando para frente, como uma grande árvore que é cortada próxima à raiz. Nas costas havia uma faca cravada até próximo do cabo. A queda do General revelou outro homem, que Chacal não conseguiu identificar, pois o rosto estava coberto pelo capuz da grande capa.

Ivan já vira o bastante para não perder a calma em situações de risco.

— Já ouvi falar de você... É aquele que chamam de Corvo? — perguntou ao homem misterioso, com um tom debochado.

— Onde ele está? — perguntou calmamente o homem, ignorando o questionamento de Chacal.

— Certo. Você não é bem-vindo aqui e não sei do que está falando... — respondeu Chacal levando a mão em direção ao copo de uísque.

O estranho fez um rápido movimento e uma faca voou em sua direção, cravando-se em seu ombro direito.

— Ahhhhhhhhhhhhh! — gritou de dor. — Seu desgraçado! — disse Chacal, levando a mão ao cabo da faca para removê-la. Olhou novamente para a porta e o estranho havia sumido.

— Onde ele está? Não perguntarei uma terceira vez. — perguntou o homem, que surgiu sentado na mesa à sua esquerda.

Como ele fez isso? Jamais vira tamanha destreza.

— Nesse momento está longe daqui — respondeu Chacal, conformado por não poder blefar. Desistiu de puxar a faca quando a dor se fez presente.

— Onde? — perguntou o estranho, brincando vagarosamente com outra faca nas mãos.

— O Negociador — respondeu Chacal com os dentes semicerrados. Sua voz falhava devido à dor que sentia no ombro.

— Eu deveria matá-lo por tudo que já fez, mas tenho coisas mais importantes a fazer — disse o estranho. — E sei que você tem o seu papel a desempenhar no que está por vir.

— E o que está por vir? — perguntou Ivan com certa curiosidade, sem perder a raiva pelo estranho.

A tempestade desferiu mais um de seus relâmpagos. Um clarão inundou a sala e, quando se foi, pareceu ter levado o estranho consigo. Chacal procurou pela grande sala, mas não havia vestígios do invasor.

Quem é esse Corvo? E o que ele quer com aquele cara?

Tudo se tornou mais interessante agora. Olhou para a faca em seu ombro. O cabo tinha um desenho estranho, como a pegada de um pássaro dentro de um círculo. Levou a mão ao cabo, reuniu a coragem necessária e puxou a faca de uma vez só. Ela saiu, apesar da resistência, e junto com ela veio o sangue, como um prisioneiro que ansiava pela liberdade. Chacal pegou um pano na gaveta da mesa e fez pressão na ferida enquanto analisava a faca. Era uma faca de boa qualidade. O cabo era de madeira antiga e o desenho foi feito à mão. A lâmina era de um metal reluzente. Estava extremamente afiada. Seu ombro não o deixaria mentir. Um de seus guardas surgiu na porta com uma expressão apavorada.

— Chacal, o senhor está bem? — perguntou com nítido pavor na voz.

Como seria diferente? Se ele é pago justamente para que isso não aconteça!

— Quantos? — perguntou ao guarda, já sabendo da notícia que ele trazia.

— Dezoito... — respondeu ele com a cabeça baixa. — Toda a área leste.

Chacal pegou o copo de cima da mesa com a mão esquerda e o atirou violentamente contra a parede. O vasilhame de vidro se estilhaçou em pedaços. Não disse uma palavra. Os olhos do guarda já quase não cabiam na cabeça de tão arregalados, mas aguardou as ordens.

— Traga-me curativos, reúna os homens e diga para o Dwilly me trazer o garoto — ordenou retomando o controle.

Dezoito homens, mais o General. Era mais que uma fatalidade, era um insulto.

Terei que unir o útil ao agradável.

Ethan

— Pronto! — falou largando o machado de lado e sentando-se na grama para uma pequena pausa. As noites vinham acompanhadas do frio e precisaria de lenha para esquentar um pouco a casa. Por ele não teria tanta necessidade de acender a lareira, mas Olivia sentia muito frio.

Ou será que sou eu que não sinto o frio? Não sabia bem ao certo.

O tronco que usava de base para fazer lenha ficava do lado da grande casa de madeira que fora de seus pais. Sua mãe falecera quando ainda era menino, com algo que as pessoas chamavam de câncer. Não se lembrava de muitos detalhes, só que a mãe passou dois longos meses em agonia na cama sofrendo por causa daquilo.

Que doença é essa que não dá chance de as pessoas lutarem e nem as leva de forma rápida?

Na época tudo pareceu muito injusto, ainda mais para um menino. Sentia saudades da mãe.

Olhou para o céu analisando o tempo. A tempestade de poucos dias atrás pareceu ter levado todas as nuvens embora.

Logo o vento as traz novamente, pensou.

Todo dia era uma incerteza se faria sol ou choveria. Não que a chuva fosse ruim para a plantação, mas a chuva ácida era.

Seu pai trabalhou durante muitos anos para o dono daquela fazenda, o senhor Ruber. Cuidava da casa, da plantação e dos poucos animais que havia lá. O dono gostava muito dele. Ruber havia perdido um filho que morrera defendendo a fazenda de ladrões. Morreu, mas levou os três consigo numa troca de tiros. Seu pai também era bom de tiro. Ethan praticava às vezes, com a antiga espingarda que ficava pendurada na parede da sala, em cima da lareira. Era apenas ele e Olivia na casa. Não sabia quando iria precisar.

Como ele cuidava de tudo isso sozinho?

Pensou admirado com a quantidade de tarefas que seu pai realizava diariamente. Contemplou toda a plantação de milho, batata e trigo que tinha em suas mãos. Era a segunda safra que cuidava após a morte do pai. A primeira ele perdera metade para algo que ainda não sabia o que era. O que restou não cresceu o suficiente para conseguir vender ou trocar.

Fora até a cidade e conseguira com um comerciante dois livros sobre agricultura. Um deles era todo ilustrado e tinha imagens de plantas que nunca tinha visto antes. O outro não havia ilustrações, mas o mercador lhe garantiu que continha todas as informações necessárias para uma boa colheita. Ethan não sabia ler e, para ele, as letras e linhas do segundo livro pareciam formigas enfileiradas em cima do papel, mas Olivia sabia ler! Além disso, estava determinado a honrar seu pai e tudo o que ele lhe deixou.

Os livros lhes custaram quinze moedas de cobre. Um investimento amargo que acreditava valer à pena. Retornara à fazenda e Olivia lhe revelou a triste verdade. O livro ilustrado era uma relação de chás e ervas medicinais, plantas que nunca vira em sua vida. E o outro... Contava a história de um cachorro. Seu sentimento era de pura frustração pelo fato do comerciante tê-lo enganado para conseguir o seu dinheiro.

Espero que ele faça bom proveito, deve estar precisando mais do que eu.

Ele tinha um bom coração, dificilmente desejava mal a alguém. Por sorte, foi com o livro sem ilustrações que Olivia o ensinou a ler. Ainda achava que as letras se pareciam com formigas, mas já conseguia identificar cada uma delas.

Olivia lhe ensinara muitas coisas.

— Onde está meu lenhador? — perguntou Olivia, com um sorriso no rosto, da varanda da casa.

— Faz tempo que está aí? — Ethan não havia percebido ela chegar.

Olivia era muito bela, tinha cabelos dourados, pele branca e grandes olhos azuis. Usava um vestido branco com flores desenhadas, que vestia muito bem seu corpo esbelto.

— Vim me certificar que você está trabalhando! — falou em tom zombeteiro, descendo a escada da varanda. — Quer beber algo?

— Não, obrigado. Já finalizei aqui — disse Ethan, indo ao seu encontro, envolvendo-a com o braço e lhe dando um beijo carinhoso no rosto. — Preciso ir à cidade, haverá uma reunião no grande salão.

— Outra reunião nessa semana? — Olivia parecia confusa. — O que será dessa vez?

— Ouvi falar de assaltos a algumas casas na redondeza — disse Ethan com certo pesar. — Parece que os tempos estão ficando difíceis, meu amor.

— Posso ir com você? — perguntou ela com o rosto animado e esperançoso.

— E quem fará o jantar? Barão? — perguntou Ethan apontando para o cavalo que já fora de seu pai.

Olivia deu de ombros.

— Provavelmente faria sopa de milho melhor que a minha — falou com os olhos fechados, sarcástica.

— Por isso te amo tanto — disse Ethan olhando sua amada com admiração. — Eu não demoro. Prometo! — completou beijando-a nos lábios. Olivia era tudo o que lhe restara, e ele sentia que não precisava de mais nada.

Caminhou vagorosamente até o estábulo, observando novamente sua plantação. No meio dela, o espantalho que havia colocado o encarava com um sorriso alegre no rosto.

Parece estar debochando de mim.

Ele não queria colocar um espantalho sorridente, mas Olivia não gostava do espantalho aborrecido argumentando que era um mau agouro para a plantação. Na verdade ela tinha medo, mas nunca admitiria. Quando trouxe a cabeça do espantalho com um grande sorriso costurado, Ethan não teve escolha.

Espero que ele não seja simpático também com os pássaros.

Chegando ao estábulo, Barão o aguardava animado, como se estivesse ouvindo sua conversa com Olivia. Esticou sua cabeça para Ethan, tentando mordiscar a sua orelha.

— Você é bem esperto para um cavalo — respondeu Ethan passando a mão no rosto do animal — Está a fim de um passeio?

Barão sacudiu a cabeça e bateu uma das patas da frente no chão em sinal de aprovação. O cavalo parecia gostar do dono que a vida lhe destinara. Ethan conduziu sua mão pela crina escura até as costas do animal. O pelo de cor clara estava bem escovado. Barão era um belo cavalo baio. Toda vez que ele ia para a cidade, recebia muitas ofertas por ele. Certa vez ofereceram seis quilos de cobre pelo animal, um valor muito acima do que valia. Mas, para Ethan, Barão era da família, não havia cobre no mundo que pudesse comprá-lo.

Depois de selar o cavalo, Ethan o conduziu para fora do estábulo, montou no animal e seguiu em direção à porteira da fazenda. Ao passar pelo lado da casa, Olivia lhe atirou um beijo com uma das mãos.

— Não demore! Já estou com saudades! — disse ela com o mais belo sorriso que ele já vira.

Ethan acenou com a cabeça, cutucou Barão com os calcanhares e o baio alargou as passadas. Saíram pelo portão e logo já estavam na estrada.

A estrada até a cidade era rodeada de antigas fazendas que sobreviveram à grande guerra. Os antigos diziam que a maioria dos ataques ocorreu nas cidades onde havia o maior número de pessoas. Após a guerra, muitas famílias tomaram as fazendas que estavam vazias, em busca de um lugar para plantar seu alimento e viver o resto de seus dias, caso Deus permitisse.

Ethan se perguntava qual o papel de Deus nisso tudo. Se fora ele quem provocara a guerra, então não amava a humanidade como o Padre tanto pregava nas missas. Mas se ele fora omissos para interferir, não mudava muito também. De

qualquer forma Deus parecia ter se cansado da humanidade, deixando-a à própria sorte.

E olha o que nós fizemos.

Logo à frente, na estrada, viu o seu vizinho conhecido como velho Joe. Ele e seu filho Alan, estavam em volta da carroça, que havia quebrado uma das rodas. Por sorte, eles haviam andado muito pouco, estavam praticamente na frente de casa e já haviam buscado a roda reserva. Moravam três casas depois da propriedade de Ethan, no sentido da cidade. Barão desacelerou o passo, adivinhando que precisavam de auxílio.

— Boa tarde, Seu Joe! — cumprimentou Ethan.

— Oh, Ethan! Boa tarde! — respondeu alegremente o velho Joe. — Como tem passado?

— Bem, obrigado — respondeu Ethan avaliando o estado da carroça. — Vejo que o senhor precisa de ajuda.

A carroça de quatro rodas havia passado em um buraco e quebrado uma das rodas da frente. Ao quebrar, o veículo despencou para o lado e provavelmente só não virou por causa do cavalo que a puxava, equilibrando um pouco o peso. Porém, como a carroça forçava as duas madeiras que a conectavam no cavalo para baixo, o Seu Joe tinha duas opções: a primeira era cortar o tecido que era envolto no animal, para liberá-lo e usá-lo para erguer a carroça; a segunda opção era erguer a carroça e trocar a roda sem a ajuda do cavalo.

Pelo rosto triste do velho Joe, ele era apegado demais à carroça para escolher a primeira, e fraco demais para executar a segunda.

— Estamos bem, não precisamos de sua ajuda! — respondeu secamente o filho de Joe.

Alan não gostava de Ethan por causa de Olivia. Desde que começaram a namorar, Alan sempre lhe direcionou um olhar estranho, de desagrado. Os dois eram praticamente da mesma idade, mas Ethan era ligeiramente mais alto. E, para Olivia, muito mais bonito.

— Olá, Alan — disse Ethan pacientemente. — Tem certeza, Seu Joe? Barão tem força por nós três juntos! — falou olhando para o velho, ignorando a objeção de Alan. — Tem alguma corda por aí? — perguntou antes de o velho dar a resposta — Podemos amarrar nesse canto aqui e fazer com que Barão erga a carroça.

Ethan desceu do cavalo e procurou uma corda na carroça do velho Joe. Alan não gostou de sua atitude, mas não reclamou, aparentemente sabendo que não tinha escolha. O velho Joe achou uma corda e os três iniciaram a operação para consertar a carroça. Com a ajuda de Barão, não demoraram muito e a velha carroça logo estava pronta para outra.

— Obrigado, Ethan! — agradeceu o velho Joe, já sentado na carroça. — Você me lembra muito o seu pai.

— De nada, Seu Joe — disse Ethan. — Agora preciso ir. Tenho coisas a resolver. Até mais!

Montou em Barão, cutucou-o com os calcanhares e seguiram em direção à cidade. Olhando para trás, viu a carroça avançando vagarosamente. Seu Joe com o rosto alegre e Alan com os braços cruzados e o rosto emburrado.

Nem sempre podemos ter tudo o que queremos, concluiu Ethan.

“*Você me lembra muito o seu pai*”, ressoaram as palavras do velho Joe em sua cabeça. Isso era uma coisa que lhe deixava feliz. Orgulhava-se muito de seu Pai. De repente se deu conta de que sentia muito a falta dele também.

A cidade não ficava muito distante de sua casa, pela indicação das placas, cerca de dez quilômetros de estrada de chão. Era a mais próxima do conjunto de fazendas a qual pertencia a casa de Ethan. Provavelmente teve nome uma vez. Já ouvira histórias de que antigamente cada cidade tinha o seu próprio nome, como se fossem pessoas. Após a grande guerra, entretanto, não restaram muitas e a necessidade de conhecê-las pelo nome desapareceu.

A entrada da cidade tinha um pórtico feito de estruturas de metal. Com o tempo, a ferrugem tomou conta dela assim como a vegetação. Pequenas raízes com folhas se envolviam em cada parte da estrutura, deixando o pórtico com um aspecto bonito, mas também muito antigo.

Passando pelo pórtico, ele entrou em uma grande avenida cercada de grandes prédios por todos os lados. Muitos deles tinham vidros quebrados e paredes faltando, alguns estavam completamente demolidos, sinais de que a guerra havia deixado sua marca ali. A vegetação subia lentamente por eles, mostrando a força e a capacidade que a natureza tinha de recomeçar.

Também precisamos recomeçar...

As fazendas abasteciam a cidade com alimentos. Havia um mercado abandonado lá, mas há muito tempo seus produtos já haviam sido consumidos. As pessoas trocavam coisas e serviços por alimento. Ethan soube que no início ocorriam vários furtos. Até que morreram os primeiros. Depois disso, todos passaram a reavaliar o valor de suas vidas. Talvez fosse melhor passar um pouco de fome.

Mais próximo do centro, parou em frente a um prédio cuja grande porta não existia mais. Amarrou Barão em um pilar de concreto, próximo a um pequeno espaço com grama e afagou o animal.

— Eu não demoro — prometeu ao cavalo.

Barão olhou para Ethan, soltou o ar pelas narinas e baixou a cabeça para comer a grama.

Ele entrou no prédio, pelo buraco onde a porta ficava. Havia um grande salão com uma bancada central de mármore. À frente da bancada estava um homem de grande porte, cabelo cortado em um moicano, vestindo uma calça e uma camiseta sem mangas. Ethan percebeu que na cintura do homem havia um revólver e um grande facão.

— O que você quer? — perguntou o homem, quase sem mover os lábios.

— Vim falar com o Noah — respondeu Ethan na defensiva.

— Ele está atendendo alguém — disse o homem olhando para uma das portas do salão. — Espere um pouco.

Ethan já havia estado ali antes, porém o homem era novidade. Enquanto esperava, caminhou até a porta para ver a rua. Era final de tarde e muitas das pessoas circulavam pela cidade, fazendo compras, resolvendo problemas ou provavelmente retornando para suas casas. Barão continuava comendo a grama como se fosse totalmente oco.

— Obrigado. O Chacal fica muito grato pelos seus serviços! — disse o homem que saía da sala.

— Não precisa me agradecer, Dwilly. Diga ao Chacal que estou sempre à disposição — falou de forma cortês a voz conhecida de Noah, que apareceu no marco da porta.

Atrás do primeiro homem, vieram mais dois, todos com passo confiante e o rostos mal encarados. Ethan viu que eles usavam roupas escuras, e jaquetas de couro. O primeiro homem tinha a cabeça redonda, nariz achatado e olhos pequenos, parecendo um porco. Os outros dois tinham o rosto fino e nariz adunco.

Vieram na sua direção, avaliando-o de forma estranha. O homem que se chamava Dwilly tinha um olhar sério. Chegaram bem próximo de Ethan, encararam-no por um curto espaço de tempo e foram em direção à rua.

Achei que quisessem algo comigo, pensou.

A fama de Chacal era conhecida ali. Não era uma boa pessoa para se ter uma dívida.

— Ethan, que bom te ver! Venha, venha! — disse Noah, da porta.

Recuperado da estranha situação, ele caminhou até a porta e entrou na sala. Dentro dela havia muitas estantes antigas de madeira, repletas de nichos. Alguns deles continham livros, mas a maioria estava vazia. Além das estantes, uma grande mesa se encontrava na sala com cadeiras de ambos os lados, onde Noah atendia os seus clientes.

— Quem eram esses caras? — perguntou Ethan curioso.

— Homens do Chacal — respondeu-lhe Noah. — Sofreram um ataque do Corvo há duas noites. Ele levou alguns de seus homens, mais o General. As coisas andam complicadas ultimamente. Tive até que contratar um guarda para mim.

— Achei que esse Corvo fosse apenas uma lenda — disse Ethan surpreso com a história.

— Então chegamos ao tempo onde as lendas matam pessoas — disse Noah de forma sarcástica. — Dwilly me disse que ele é como uma sombra. Que veio do Deserto dos Mortos e trabalha para a própria morte. Mata tudo que vê pelo seu caminho. Nenhuma bala ou faca podem acertá-lo, atravessam diretamente por ele. Os corvos gostam dele, porque por onde passa deixa muitos corpos para eles.

Ethan já havia escutado histórias sobre o Corvo há alguns anos. Eram histórias de que ele surgira no deserto e buscava as almas das pessoas que faziam pacto com a morte. Sempre achou que se tratavam apenas de histórias. *Mas pelo jeito...*

Pensou em Olivia e de repente se lembrou do que foi fazer ali.

— Você tem o que eu pedi? — perguntou a Noah.

— Sim. Esse foi difícil de achar, por que é diferente — respondeu Noah pegando um pacote de dentro de uma das gavetas da mesa. — Mas cobrei uns favores aqui, outros ali...

Noah lhe entregou o pacote. Era pequeno, feito de um papel marrom claro e estava envolto com um cordão. Ethan desamarrou o cordão, abriu o pacote e despejou o conteúdo em sua mão.

Uma coisa tão pequena... Será que ela vai gostar? Pensou com certa dúvida.

Era uma argola dourada. Na parte de cima havia uma pequena pedra branca, quase transparente, com várias faces, como se tivesse sido esculpida meticulosamente à mão.

— O anel é de ouro e a pedra é diamante — disse Noah. — Antes da grande guerra, isso valia muito. Apenas mulheres de pessoas muito poderosas tinham tais joias — completou, tentando valorizar seu produto.

— E o cobre? — perguntou Ethan, curioso.

— O cobre? — ecoou Noah. — Ouvi dizer que nunca teve muito valor. Era facilmente encontrado e utilizado em tudo. Parece que tudo tinha o maldito cobre — respondeu dando de ombros.

— Não entendo porque hoje vale tanto, então — refletiu Ethan em voz alta, coçando a cabeça.

— Ah, meu caro Ethan. As pessoas são assim! — disse Noah, como se fosse óbvio. — Darão valor para o que disserem que tem valor. Eu soube que antes da grande guerra as pessoas compravam coisas com papel e plástico.

— Papel e plástico? — repetiu Ethan, não acreditando no que estava ouvindo.

— E agora usamos o metal. Até que evoluímos, não é? — falou Noah, sarcástico. — Fico com medo do dia em que disserem que merda tem valor. Nossa cidade nunca federá tanto — completou e riu. A risada de Noah era um de seus aspectos mais marcantes.

Ethan gostava do mercador. Parecia ser uma boa pessoa. Uma pessoa normal. Não era alto e nem baixo, nem gordo e nem magro. Tinha um rosto carismático embaixo do cabelo, que caía até o pescoço, e atrás da barba que cobria metade do rosto.

Ethan olhou para o anel, avaliando-o.

— Você acha que Olivia irá gostar? — perguntou olhando para Noah, sem conseguir conter a pergunta.

— Se ela vai gostar? — repetiu Noah, como se o oposto fosse uma possibilidade inexistente. — Esse anel aí é sua entrada para o paraíso, meu caro! Podem se passar cinco mil anos e trinta guerras e as mulheres sempre gostarão de joias. É como uma doença para elas. Você vai ficar surpreso com a capacidade que esse anel tem de separar os joelhos — completou piscando um olho para Ethan.

Não é bem esse o meu objetivo, mas acho que vai servir para o que quero, pensou Ethan envergonhado.

— Tudo bem. Vou levá-lo — afirmou à Noah. — Pelo preço que combinamos?

— Provavelmente me custou muito mais do que combinamos, Ethan... — refletiu Noah coçando a barba por um tempo. — Ah, mas que se dane! Eu gosto de você, rapaz! Pelo preço que combinamos! Vinte moedas de cobre.

Foram dez moedas de cobre. Recordava muito bem do acordo, mas não queria discutir o valor ou poderia sair mais caro. Pensou na felicidade de Olivia recebendo o anel.

Isso se ela gostar...

Pagou ao mercador as vinte moedas, guardou o anel no pacote e se virou em direção à porta.

— Até mais Noah, muito obrigado — disse despedindo-se do mercador.

— Aliás, Ethan, o seu cavalo...

— Até mais, Noah! — repetiu Ethan interrompendo seu velho discurso sobre comprar Barão.

Saindo da sala, passou pelo grande homem, que o havia encarado. Fez um aceno com a cabeça e foi de encontro a Barão, que já havia comido toda a grama disponível e parecia impaciente, como se ele tivesse ficado ausente por horas.

— Eu nem demorei, seu mal-humorado! Enquanto tinha grama estava tudo certo, não é? — protestou contra o cavalo.

Barão relinchou respondendo qualquer coisa. Ethan desamarrou-o do pilar, montou no animal e foi em direção à galeria.

Ainda falta o toque final.

A galeria era o ponto da cidade onde muitos comerciantes ficavam vendendo suas coisas. Era uma parte subterrânea, acessada por uma escada na rua. Descendo a escada, havia um hall que derivava para vários túneis. O espaço era repleto de

colunas de gesso bem desenhadas. Nos espaços com portas, que provavelmente eram antigos comércios, encontrava-se de tudo. Comida, remédios, bebidas, roupas, livros e muitas outras coisas que Ethan nem imaginava a utilidade. Olivia adorava passear ali, procurava coisas para colocar na casa e livros para ler.

Geralmente o lugar estava sempre repleto de pessoas. Mas por ser final da tarde, Ethan não encontrou muitas. Deixou Barão na rua com certo receio.

Não posso demorar.

Procurou em meio a todos aqueles comerciantes e achou o que queria. O local vendia comida, sementes, utensílios para cozinhar e flores. Na porta uma moça conversava de forma animada com um homem de jaqueta de couro. Do lado de fora havia uma armação de metal com vários vasos de flores. Ethan procurava por uma em especial, queria uma rosa vermelha. Caminhou até a loja consciente de que deveria se apressar.

— Com licença, moça. Você tem rosas vermelhas? — perguntou Ethan de forma tímida.

— Uhhh! Temos um conquistador aqui! — falou o homem de jaqueta de couro. — Eu sei de uma coisa que elas gostam mais...

Ethan achou estranho o homem se intrometer na conversa, mas não quis ser rude. Apenas o ignorou, aguardando a resposta da moça.

— Tenho sim! — respondeu a moça animada. — Duas moedas cada uma.

— Duas moedas? — deixou escapar.

Não achei que custava tanto.

— Ei, rapaz! Se quiser mais barato, vá colher você mesmo! — falou o homem de jaqueta rindo, defendendo a moça.

Quem é esse cara? Será o comerciante?

— Me desculpe. Vou querer uma, por favor — disse olhando para a moça.

A moça entrou na loja e logo retornou com uma rosa parcialmente embrulhada em um papel marrom nas mãos. Ethan pagou as duas moedas, agradeceu e foi em direção à rua. O sol já havia se escondido e começava a escurecer. A cidade lentamente ia revelando pontos de luz criados pelas fogueiras acesas nas casas e prédios em ruínas.

Acho que um dia isso aqui foi muito bonito, pensou com certo pesar.

Montou em Barão e fez o trajeto até a fazenda. A volta foi rápida, mas pareceu que cada passada de Barão convidava ainda mais a escuridão. No meio do caminho tiveram que desacelerar o ritmo pela pouca visibilidade. As casas próximas à sua eram iluminadas por lamparinas e velas. Na sua casa não era diferente. Quando chegou à porteira da fazenda, conseguiu vê-la nitidamente. Olivia acendia todos os pontos de luz possíveis. Tinha medo do escuro.

Passando pela plantação, observou o espantalho. Mesmo com o sorriso no rosto, tinha um aspecto grotesco.

A escuridão deixa tudo mais terrível, concluiu.

Levou Barão até o estábulo e afagou o cavalo.

— Me deseje sorte — pediu ao seu amigo. Barão sacudiu a cabeça e soltou ar pelas narinas.

Caminhou até a varanda da casa e, subiu os degraus e deu três batidas na porta.

— Quem é? — perguntou a voz lá de dentro.

— Sou eu, meu bem — respondeu para ela.

Olivia abriu a porta. Estava com um vestido de cor laranja e um grande sorriso no rosto. Seu perfume era muito bom.

— Você demorou! — protestou ela, brincando.

Ethan estava com as mãos para trás, escondendo a surpresa. Deu-lhe um beijo caloroso e entrou na casa cuidando para que ela não visse. Moveu-se de forma desajeitada, pois não era bom nisso.

— O que era a reunião? — perguntou Olivia.

— Que reunião? — questionou Ethan, confuso.

— A do Barão com os cavalos da vizinhança — falou Olivia, sarcástica. — Porque você foi à cidade?

A reunião... Lembrou-se da desculpa que dera para ir sozinho na cidade. Definitivamente não era bom com mentiras.

— É... Eu... Fui por outro motivo... — respondeu desajeitado.

— O que você trouxe pra mim? — perguntou ela com o rosto radiante, resolvendo tudo em questão de segundos.

— Que mercenária você, hein!? Vou te mandar para a Forja! — brincou Ethan.

— E que péssimo mentiroso você, hein!? — retrucou Olivia de forma triunfante com a descoberta.

Antes de entregar os presentes, pensou rapidamente em algumas palavras. Tentou recordar o que viu nos livros. Queria que fosse especial.

— Olivia... eu te amo muito. Gostaria de te fazer um pedido... — Ethan se colocou de joelhos, abriu o embrulho, ergueu o anel e a rosa na direção de Olivia. — Você quer se casar comigo?

A reação de Olivia foi para ele, no mínimo, esquisita. Ela colocou o anel no dedo, e observou-o na mão por um momento, com o braço esticado à frente. Rapidamente estreitou os olhos, franziu o cenho, levou a mão à boca e começou a chorar compulsivamente.

Ethan ficou completamente confuso.

Isso eu não esperava. Será que ela não gostou? Eu sabia que isso ia acontecer...

Tentou acalmar Olivia.

— Me desculpe, meu bem. Eu achei que você fosse gostar... — falou abraçando-a.

— Não, Ethan... — disse ela em meio ao choro — É perfeito...

O anel cumprira o efeito que Noah prometera. Nem jantaram, foram direto para a cama. Depois de fazerem amor, Olivia adormeceu em seus braços. Ethan ficou passando a mão em seus cabelos cor de ouro, olhando pela janela e vendo as estrelas. A noite estava calma. O vento soprava uma brisa suave e logo ele também adormeceu.

De repente Ethan se encontrou sozinho, em meio às ruínas da sua casa. O céu era nublado e cinzento. Olhou ao seu redor. Tudo estava destruído. A plantação estava completamente queimada. Sentiu um calafrio percorrer seu corpo.

— Oliviaaaaa!! Olíviaaaaaa!!??? — chamou, mas não ouviu resposta.

Foi correndo até o estábulo, mas Barão não estava lá.

— O que está acontecendo? — pensou em voz alta.

Procurou ao seu redor algo que fizesse sentido. Tudo era ruína e destruição. Havia no ar uma poeira diferente, Ethan apanhou com sua mão e viu que eram cinzas. O ar estava pesado. Sentiu-se muito mal.

— Olivia??? — chamou desesperado.

— *Ela não está por aqui, rapaz* — falou uma voz atrás dele.

Ethan se virou assustado procurando a voz. Mas não encontrou nada.

— Quem está aí??? — perguntou confuso.

As cinzas ficaram densas e Ethan não conseguia mais enxergar ao seu redor. Foi caminhando na direção onde achou que era o centro da casa.

— *Eu tenho um trabalho para você...* — ecoou a voz.

— Quem é você!? — perguntou Ethan. — Onde você está!? E onde está Olivia??

Um forte vento começou a soprar. Cinzas voavam em seu rosto. Estava cada vez mais difícil de enxergar qualquer coisa. Ethan tropeçou em algo e caiu de forma abrupta no chão. Quando se recuperou da queda, viu uma pata de cavalo saindo da terra. O desespero o consumiu.

— Barão! — disse se ajoelhando e começando a cavar com as mãos.

Ouviu um relincho logo ao seu lado. Virou o rosto e viu Barão deitado a dez metros de distância. *Isso não faz sentido!* O animal fazia um barulho agonizante. Foi correndo até lá e não acreditou no que viu. O cavalo estava moribundo. Sua barriga estava aberta como se um grande animal o tivesse rasgado e se alimentado dele. Entranhas e costelas estavam aparentes. Lágrimas vieram aos seus olhos.

— Barão! O que fizeram com você? — falou levando a mão ao rosto do animal.

Nesse momento o terreno se moveu, engolindo lentamente o cavalo. Ethan caiu sentado para trás, assustado.

— *Eu tenho um trabalho para você...* — sussurrou a voz novamente.

— Quem é você!? Apareça! — respondeu com irritação. — Eu não vou fazer nada para você!!

— *E que escolha você tem quando sua vida é só dor e sofrimento?* — sussurrou a voz desaparecendo.

O vento estava muito forte. Viu um vulto negro em meio às cinzas. Correu com dificuldade na direção e logo se deparou com uma árvore. Ela tinha o tronco grosso, era negra e muito alta. Ethan subiu o olhar acompanhando o tronco e viu um galho. Nele havia uma corda amarrada e a outra ponta da corda estava ligada ao pescoço de uma mulher encolhida chorando, sentada no galho.

Olivia!

Mas ela estava diferente. Sua pele estava pálida e em algumas partes ele conseguia ver seus ossos.

— Olivia! É você, meu bem? — gritou para ela.

Calmamente Olivia se levantou e ficou de pé em cima do galho, caminhando alguns passos em direção à ponta. A corda amarrada entre o galho e seu pescoço estava bem esticada. Ela virou para Ethan e ele pode ver que seus olhos haviam sido arrancados.

Não! Não! Não!

— É tudo culpa sua! — disse ela. E se atirou.

A corda esticou, ele ouviu um estalo e o corpo ficou balançando no galho.

Ethan tentou correr desesperado para ajudá-la, mas ao dar o primeiro passo, o chão engoliu suas pernas. Ficou preso pela cintura, enquanto o corpo de Olivia balançava próximo a ele. Esticou os braços para alcançar, mas por pouco não conseguia. Faltava um pouco... Só um pouco...

Então viu que já não havia vida no corpo de Olivia. Balançava inerte na ponta da corda. *Ela se foi... Ela se foi...*

— Nããããoooo!!! — gritou Ethan sentando em sua cama.

Estava completamente encharcado de suor. A claridade entrava pela janela, mas sem os raios de sol.

Já está amanhecendo? Perguntou-se.

Olivia não estava na cama. Lembrou-se do sonho e ficou incomodado com a ausência dela.

— Olivia? — chamou em voz alta.

Não teve respostas e começou a ficar preocupado. Sabia que havia sido um pesadelo, mas a imagem de Olivia sem os olhos estava viva em sua cabeça.

Não quero nem pensar nisso.

Um corvo sentou na janela. Olhou para Ethan e crocitou como se o desafiasse.

Um corvo.

Recordou das palavras de Noah. “*Os corvos gostam dele, porque por onde passa deixa muitos corpos para eles...*”.

Não pode ser!

Foi até a janela para afastar o corvo. Quando chegou nela, conseguiu entender a origem da claridade. Toda sua plantação estava em chamas. O fogo erguia grandes labaredas que lambiam o céu.

Só pode ser outro pesadelo!

Correu para fora de sua casa, sem saber o que faria. Queria pelo menos tentar salvar algo. O calor era insuportável. Olhou para as chamas e se sentiu impotente. No centro dela, o espantalho queimava com os braços abertos e a cabeça caída. As chamas já haviam retraído braços e pernas, fazendo-o parecer muito menor.

Onde está Olivia?

Andou rapidamente até o estábulo para soltar Barão antes que as chamas chegassem lá.

— Barão? — chamou o cavalo abrindo a porteira.

O local estava vazio.

Será que Olivia foi em busca de auxílio? Porque ela não me acordou?

O corvo passou voando por cima de sua cabeça, indo em direção à casa. Ethan acompanhou sua trajetória e viu o pássaro pousando em algo na parede. Algo que não podia acreditar.

Seu espantalho estava pregado na parede, com os braços e pernas abertos. Aquele sorriso no rosto deixava a situação mais macabra ainda. Pintada com sangue na parede, havia uma mensagem:

“Você não pode fugir do seu destino.”

Se o espantalho está aí...

— Oliviaaaa!!! — gritou correndo em direção às chamas. Nada mais importava naquele momento.

Passou pela varanda da casa e, quando estava chegando próximo da plantação, viu a pá vindo ao encontro de seu rosto. Foi muito rápido. Sentiu uma forte dor na cabeça e logo no seu corpo todo, com a queda. Os sentidos lhe abandonavam.

Piscou lentamente e viu o fogo na plantação.

Olivia...

Ouviu passos, virou a cabeça e conseguiu ver apenas um vulto escuro. Tudo a sua volta foi desvanecendo. E então ele apagou.

As chamas consumiam tudo.

E o corvo crocitava.



Dante

A luz do sol entrava pela janela, um buraco na parede que já não tinha mais vidros, vindo diretamente de encontro ao seu rosto. Dante acordou mais incomodado com o calor do que com a luz.

Que horas são?, pensou tomando consciência.

Olhou ao seu redor analisando o ambiente.

Nossa... onde vim parar?

Sua cabeça doía um pouco. O quarto era pequeno. Além da cama onde ele estava, havia um pequeno bidê de madeira e uma cadeira onde estavam suas roupas. Do seu lado, o corpo da moça das flores jazia preguiçoso, ainda no mundo dos sonhos.

Sophia? Charlene? Rita? Qual era o nome dela mesmo?

Levantou-se cuidadosamente para não despertá-la, porque não queria entrar em uma daquelas chatas conversas matinais. Não era bom nisso e já tinha conseguido o que desejava. Saindo da cama, observou a moça. Uma coisinha pequena, mas com belas curvas.

Scarlett? Ivone? Maria? Já tive melhores, mas não é de se jogar fora, pensou razoavelmente satisfeito.

Foi até a cadeira e pegou suas roupas. Quando puxou as calças, as chaves do carro caíram no chão, fazendo um barulho abafado.

Merda!

Observou se a moça ia acordar. Ela fez um movimento com a cabeça e piscou os olhos lentamente.

Já era! Natasha? Olivia? Karen? Tina! Acho que era Tina! Ou será Ellen?

— Bom dia, meu raio de sol — disse Dante da forma mais galante possível, mesmo que isso fosse estranho para alguém vestindo apenas camisa e as roupas de baixo. — Dormiu bem?

— É... bom dia... — as palavras da moça saíam de forma vagarosa, cortesia do sono. — Você já vai embora?

— Embora? — disse Dante fingindo surpresa.

Sim, mas é obvio.

— Não! Claro que não. Queria te surpreender com café na cama — completou com um largo sorriso.

— Aaaaah! Se eu soubesse ficaria dormindo — respondeu a moça, fingindo estar triste por estragar a surpresa.

Exatamente. Essa era a ideia.

— Quem sabe você dorme mais um pouco, então?

E todos ficariam felizes.

— Você sairia por aquela porta e não voltaria. Eu te conheço — rebateu a moça, sentando na cama e cobrindo a nudez com o lençol.

Muito bem, por sinal. Pensou enquanto colocava as calças.

Kate? Ashley?

— Gostou da nossa noite? — perguntou Dante tentando mudar de assunto. Na verdade lembrava-se de pouca coisa da noite passada. Apenas que conheceu a moça na loja de flores, convidou-a para um bar para conversar e o resto aconteceu naturalmente. Geralmente era assim que acontecia com as garotas.

Isabelle? Ou seria Natalie??

— Foi ótima — respondeu a moça de forma sensual, com um sorriso malicioso, deixando cair uma parte do lençol e revelando seus seios, claramente insinuando que gostaria de repetir a dose.

Desculpe meu bem, aí seria amor. Pensou sem conseguir tirar os olhos da nudez da moça.

É mais forte que eu. Luna??

— Adorei o anel que você me deu — disse ela olhando para a argola de ouro em seu dedo. — Vou mostrar para todas aquelas invejosas da galeria.

Isso se logo elas não tiverem um também... Pensou Dante de forma sarcástica.

Rachel??? Andrea????

— Claro, fará o maior sucesso! — concordou com o seu melhor sorriso. — Nenhuma delas terá um desses.

“Você ficará surpreso com a capacidade que esses anéis têm de separar joelhos”, recordou das palavras de Noah. Provavelmente Dante era o seu melhor comprador. E até agora, nenhum falhara.

— Mentiroso. Você deve dizer isso para todas — falou a moça, aparentemente esperando ser exclusiva.

Sim... Que garota esperta! Jasmine??????

— Não... Você é única, meu amor — o jogo estava perigoso demais. Precisava sair daquele lugar. Logo!

Uma confusão se iniciou no saguão do prédio. Dante conseguia ouvir gritos e vozes alteradas.

— Eu sei que ele está aqui — falou uma voz masculina.

Alguém querendo me matar? Que novidade!

Dante não conseguia entender como se metia em tantos problemas, mas era assim desde que se lembrava. Espiou pela porta e viu alguns homens subindo as escadas. Aproveitando a oportunidade que a vida lhe proporcionou, olhou para a moça da loja de flores erguendo as sobancelhas.

— Preciso correr, meu bem — disse, calçando os sapatos.

— O que você fez? — perguntou a moça.

— Não sei, mas geralmente não é bom esperar pra saber — respondeu em tom sarcástico.

Carol????

Ouviu os homens arrombando as portas e revistando os quartos dos andares de baixo. Os moradores gritavam e protestavam contra os invasores.

— Tudo limpo aqui — gritou uma voz.

— Aqui também — gritou outra.

Dante foi até o buraco da janela e avaliou a situação. Ele estava no quarto andar. Na rua abaixo havia várias tendas de comércio, as pessoas já circulavam nas ruas. Não conseguia ver do que eram, poderiam ser de frutas, roupas ou metais. Com certeza seria muito melhor aterrissar em laranjas do que em facas.

Essa mulher tinha que morar logo no quarto andar?

O som dos sapatos no assoalho velho indicava que estavam chegando ao andar do quarto da moça, isso impossibilitava Dante de sair para o corredor e tentar fugir pelo terraço. Avaliou rapidamente suas opções. Não havia muito o que fazer além de fugir pela janela.

Morro na queda ou baleado?

— Acho que ele está aqui, chefe — disse uma voz, vindo ao encontro da porta do quarto.

Dante colocou um pé na soleira da janela.

— Melhor vestir algo — sugeriu à moça. Segurou-se no buraco da janela reunindo a coragem necessária para pular. — E, querida... — disse olhando para a moça. — Jamais esquecerei seu nome — com aquele grande sorriso e o som da porta abrindo bruscamente, Dante pulou.

Por sorte, apesar de estar no quarto andar, o prédio era baixo. Soube que antes da guerra a população da Terra era muito grande e, com isso, as pessoas tinham limite de espaço para construir os lares. Geralmente na parte mais pobre de cada cidade os prédios eram altos com vários andares repletos de quartos muito pequenos.

Viu a tenda aumentando e flexionou os joelhos, pronto para a queda. Ao passar por ela, como uma bala, caiu sobre algo macio e foi impulsionado para frente, sendo jogado em cima da mesa do vendedor, desmontando-a. Sentiu uma pancada nas costelas. Olhou para o ponto onde aterrissara e percebeu que se tratava de uma venda de roupas e cobertores.

Não posso reclamar de falta de sorte.

— Mas o que é isso? — bradou o comerciante, revoltado com o acontecimento. Além dele algumas pessoas olhavam chocadas com a cena.

Na janela do quarto onde estivera momentos antes, podia ver dois homens olhando para ele.

— Eles me jogaram! — disse Dante ao comerciante. — Filhos da puta!

Os homens esbravejaram alguma coisa e voltaram para dentro do quarto.

Logo estarão aqui.

Dante se levantou e sacudiu a poeira do corpo. A costela doía um pouco.

— Não se preocupem, estou bem — falou em tom agitado. — Tome uma moeda de cobre pelo transtorno — disse olhando para o comerciante. Puxou do bolso, atirou pra cima na direção do homem e se pôs a correr.

Vou fugir antes que ele veja que é uma tampa de garrafa.

A grande pergunta é: Onde está o meu carro?

Dante sempre guardava o carro escondido em algum canto da cidade com menor movimento. No caso de problemas, isso facilitava a sua fuga. O problema era o quão longe ele estava de lá.

Olhou para trás e viu os homens correndo na sua direção. Eram dois, com roupas escuras.

Homens do Chacal. Mais cedo ou mais tarde eu teria que pagar a minha dívida.

Chegou à avenida principal e conseguiu se orientar. Seu carro estava a aproximadamente um quilômetro dali. Sua costela continuava doendo. Atravessou a rua e voltou a correr.

— Parado! — gritou um dos homens.

Até parece...

Das ruas paralelas a que ele tinha saído, surgiram mais dois homens, que também vinham ao seu encalço.

Mas que merda! Estão surgindo do chão agora?

Entrou no beco entre os prédios à sua frente. O corpo todo pedia uma pausa. A queda o deixara um pouco mais lento que o normal.

Preciso chegar até o Johnny.

Não que ele não quisesse quitar sua dívida com o Chacal, mas o preço provavelmente seria bem salgado.

Saiu em uma rua paralela à avenida. Esta também tinha muitos vendedores. As tendas eram feitas de madeira, cobertas com tecidos coloridos. Dante foi ao encontro da primeira, que vendia frutas, e deu um salto para não destruí-la também. Já não tinha mais tampinhas de garrafa.

— Desculpa, estou passando — falou ofegante ao comerciante.

Assim foi passando por várias delas, tentando causar o mínimo estrago possível. Quando olhou para trás, seis homens corriam em sua direção levando tudo o que estava em seu caminho. Laranjas, tecidos, hortaliças, galinhas, tudo alçava voo para depois se misturar na calçada. Os comerciantes irritados protestavam e jogavam objetos naqueles homens, mas Dante não conseguiu ver porque estava focado no seu objetivo.

Já estão em seis??? Vou parar de contar...

Sabia que estava perto do seu carro, atravessou a rua e entrou em outro beco. Esse era coberto por vegetação. Por todo local havia raízes que vinham de dentro do prédio. As paredes possuíam várias rachaduras grandes, com alguns furos de bala. Ele já havia entrado no prédio. Lá uma grande árvore nascera e tomara posse do lugar, suas raízes haviam se espalhado ao longo dos anos. Era um obstáculo para Dante, mas um obstáculo conhecido. Para os seus perseguidores, porém, seria um incômodo. Ouviu o som de um tiro e a bala ricocheteou na parede próxima dele.

— Pare agora ou matamos você! — gritou um dos homens da entrada do beco.

Dante ignorou completamente a ordem.

Mortos não pagam dívidas, certo?

Chegando ao final do beco, ele viu uma pequena grade. Pisou em uma das raízes, subiu em uma lixeira e passou por ela rapidamente. Logo estava em um local onde as pessoas provavelmente deixavam carros guardados em outros tempos. O tempo se encarregou de eliminar o que existia de bonito neles. Havia em torno de trinta carros ou mais, todos cobertos com ferrugem e a maioria sem vidros. Alguns estavam completamente carbonizados. Em um canto escondido, quase imperceptível, Dante viu a lona coberta de musgos e manchada com fuligem. Os homens estavam pulando a cerca, então ele se abaixou entre os carros e se esgueirou até Johnny.

— Fim da linha, Dante! Você não pode fugir do Chacal — disse um dos homens.

Concordo, mas não custa tentar...

Entrou escondido no carro. Seu interior estava muito bem conservado, os bancos eram de couro preto. O painel tinha quatro indicadores, sendo que ele geralmente olhava apenas o de velocidade. Adorava a sensação de estar correndo com o carro.

Meu querido Johnny, pensou com afeto.

Os homens continuavam gritando seu nome. Dante ignorou o chamado. Pegou uma das fitas no compartimento que havia na frente do banco ao seu lado e ligou o aparelho de som.

Se é para fugir, que seja com estilo.

Uma guitarra começou a tocar um solo, enquanto baquetas atacavam os pratos de uma bateria. Ele aprendeu com um músico, certa vez, sobre os instrumentos que

eram utilizados para fazer uma música. Nunca teve o prazer de ver ou tocar algum deles, mas aprendeu a reconhecê-los em cada canção. Girou a chave, deu a partida e pisou fundo no acelerador. O motor reagiu rapidamente, emitindo um ronco grave. O carro deslizou os pneus e logo estava em movimento. Dante viu pela janela os rostos dos homens que assistiam impotentes sua fuga e apontou seu dedo médio a eles.

Saiu pelo portão que estava aberto do lado oposto de onde viera, desviando dos carros estragados que estavam no pátio. Após a vocalização, havia começado a música que Dante tanto gostava.

Eu fui pego no meio de uma ferrovia.

Olhei ao redor e sabia que não tinha volta.

Minha mente acelerou, e pensei no que poderia fazer.

E sabia que não tinha ajuda, nenhuma ajuda vinda de ti.

Essa merda nunca fez tanto sentido, pensou divertido.

Chegou à rua paralela à avenida e viu os comerciantes juntando suas coisas na calçada. Logo estava na avenida principal passando pelo pórtico de metal. Pelo retrovisor não viu nenhum sinal dos homens do Chacal. A música continuava com seu ritmo eletrizante.

*Fomos pela estrada, rompemos o limite,
nós chegamos à cidade.*

Fomos para o Texas, sim, Texas.

E tivemos alguma diversão.

*Conhecemos algumas garotas,
umas dançarinas que nos deram um tempo de diversão.*

Violamos todas as regras, fizemos todos de bobos.

Nem se eu pedisse para fazer uma música, faria tanto sentido. Gostaria de conhecer o Texas. Sorriu.

Já longe do pórtico, ele viu dois carros vindo ao seu encalço, em alta velocidade.
— Que merda, esses caras não desistem! — disse para Johnny.

Johnny era um Dodge Challenger 1970, preto, completamente restaurado. Com a frente alongada e a traseira curta, tinha o habitáculo recuado. Em cada lado, um par de faróis circulares estava disposto de forma recuada em relação à carroceria. Um friso de cor prateada contornava a linha da grade de entrada de ar. A traseira apresentava o mesmo desenho da parte frontal com as sinaleiras retangulares, entendidas por toda a largura do carro, divididas apenas pela placa onde Dante escrevera o nome: Johnny.

Ele encontrou o carro escondido em um prédio abandonado onde se escondera durante uma fuga, o que provavelmente salvou sua vida de um desfecho trágico

naquele dia. Na época considerou um presente dos céus. Seria o único em sua vida. Mas logo abandonou a ideia de que Deus o havia agraciado e entendeu aquilo como obra do acaso.

Fez a curva para entrar em um caminho alternativo da estrada, mais sinuoso e cheio de árvores. Achava que assim poderia despistá-los mais facilmente. A estrada era de terra e, a cada buraco que Johnny passava, Dante sentia como se fosse uma facada em seu coração. Olhou para o retrovisor e não viu os carros. Certamente seguiriam seu rastro, pois as rodas levantavam muita poeira.

Ao fazer a curva, deparou-se com algo que não gostaria de ver. Havia três carros bloqueando a estrada. Em cima deles, alguns homens armados o esperavam. Dante pensou em passar por eles pela lateral, mas viu que a estrada tinha objetos pontiagudos de vários tipos. Na melhor das hipóteses furaria os pneus, na pior, poderia capotar o carro. Olhou as árvores nas laterais, mas a floresta era densa demais para um carro passar.

Droga, eles já me esperavam. Mas ainda não!

Puxou o freio de mão, girou todo o volante e o carro deslizou na estrada, girando em direção ao caminho de onde ele tinha vindo. Fazendo a curva novamente, viu os veículos que o perseguiam desde a cidade. Um deles era grande e tinha uma lâmina na sua frente, provavelmente para capotar carros em uma colisão frontal. O veículo ganhou velocidade e veio ao encontro dele. Dante levou Johnny para o canto da estrada. Quando os carros estavam muito próximos Dante fez uma manobra evasiva, e viu pelo retrovisor o grande carro indo em direção às árvores.

Capota essa, otário!

O outro carro virou de lado. Um dos homens puxou um revólver e começou a atirar contra Johnny, na tentativa de furar os pneus.

Se pegar na lataria eu te mato!

Dante passou por eles e voltou à estrada principal. Atrás dele, os cinco veículos já podiam ser vistos. Sabendo que não podia voltar para a cidade, seguiu a estrada principal. Ela tinha muitos carros abandonados de pessoas que tentaram fugir na época da guerra, porém a estrada não comportou o grande fluxo, formando um congestionamento quilométrico. Muitas pessoas os abandonaram ali mesmo, deixando-os como obstáculos. Com o tempo, grande parte foi removida para as laterais para viabilizar o deslocamento. Pressentiu que era uma armadilha, mas não tinha muita escolha. Os carros formavam um corredor e logo à frente viu uma barricada. Sem uma brecha para sair da estrada, ficou sem saída. Atrás dos carros da barricada, mais homens armados o aguardavam pacientemente.

Eu sabia, agora ferrou!

Desacelerou o Johnny, parou em frente à barricada e saiu do carro com as mãos para cima. Atrás dele os outros já haviam chegado. Um dos homens veio ao seu

encontro, com o passo determinado. O rosto era bem familiar para Dante, já havia visto uma meia dúzia de vezes. A cabeça era redonda e pequena, o nariz ligeiramente achatado. Orelhas e olhos também pequenos.

— Dwilly, meu caro Dwilly-cara-de-porco! Que bom ver você — saudou-o Dante.

Viu que o homem estreitou os olhos porque não gostava que o chamasse assim. Dante fez isso uma vez e todos riram dele. Com o seu desagrado, o apelido se espalhou mais que uma praga. Dwilly o odiava por isso.

— Se fosse por mim, eu tinha descarregado a metralhadora nessa lata que você chama de carro — falou Dwilly de forma arrogante. — Mas o Chacal quer os dois inteiros.

— Quanta hostilidade, Dwilly! Você ainda vai achar uma porca que te ame e todo esse amargor vai passar — respondeu da forma mais debochada que conseguiu pensar.

— Vamos levá-lo — deu a ordem aos seus homens. — E o carro também.

— Ninguém dirige o meu carro! — protestou Dante.

Dwilly pareceu ignorar sua objeção. Deu as ordens e um homem alto veio em direção a ele, colocou suas mãos para trás e algemou-as. Tirou as chaves dele e jogou para um sujeito magro de cabelo comprido, com uma cicatriz no rosto. O sujeito deu um sorriso com o canto da boca e entrou no carro.

Filho da puta!, pensou Dante com raiva.

Ele foi conduzido até o carro com a lâmina na frente.

— Entra aí — falou o homem grande.

— Calma, grandão! Aí, qual seu nome? — perguntou Dante com curiosidade.

O homem não fez nem menção de responder.

— Porta! Vou te chamar de porta — disse Dante em tom zombeteiro.

— Veremos seu senso de humor quando o Chacal te sentenciar — falou Dwilly, cuspendo nos seus pés.

Após liberarem a barricada, o carro se pôs em movimento. Dante ficou observando Johnny. Logo na estrada o homem magro colocou o carro ao lado do que ele estava. Viu que ele havia ligado o rádio a todo volume. Pode escutar a música.

Havia um amigo meu envolvido em assassinato

E o martelo do juiz bateu

O júri o julgou culpado

E deu a ele dezesseis anos no inferno

Só pode ser brincadeira...

Ouvindo a letra da música, o homem começou a rir dele, dirigindo Johnny alucinadamente. E a música continuou.

Fuga da cadeia, deixe-me sair daqui

Fuga da cadeia, dezesseis anos

Fuga da cadeia, é mais do que posso aguentar

Fuga da cadeia.

A cada “fuga da cadeia” o homem magro cantava junto e lhe apontava o dedo do meio. Dwilly, vendo a cena, ria sem parar.

— Onde está seu senso de humor agora, babaca!?

Dante estava com muita raiva de tudo aquilo.

Eu vou matar todos vocês, filhos da puta.

A viagem não demorou muito, mas para Dante pareceu dias. Ver outra pessoa dirigindo Johnny o deixava muito irritado.

Chegando à cidade do Chacal, pôde observar os portões reforçados com vários guardas nos muros. Quando o carro foi identificado, os portões foram abertos e eles entraram. Dante não ia ali há semanas. Os prédios continuavam com um aspecto terrível, como se fossem desmoronar a qualquer instante. Os melhores eram usados como moradias, comércio, bares ou prostíbulos. A vegetação escalava os prédios, dando à cidade uma mistura de tons de verde com o cinza pálido das construções. Havia muitos latões de metal espalhados que eram usados para fazer fogueiras à noite. Pelo que ele se lembrava, a cidade tinha eletricidade somente na parte mais próxima da Fortaleza de Vidro.

Na rua, muitas pessoas observavam o carro com curiosidade. Dante acenaria se não estivesse algemado.

O povo gosta dele. Teve que reconhecer.

O Chacal não era um homem mal. Tinha palavra. Mas não aceitava que suas regras fossem violadas. Quebrar um acordo significava morte.

Seria bom não morrer hoje, refletiu.

Chegando ao centro da cidade, pôde ver a Fortaleza de Vidro. Era uma bela construção. Aparentemente a que estava em melhor estado de conservação. O grande e imponente prédio era envolvido com placas de vidro, parecendo um imenso espelho. Dante sabia que lá de dentro era possível ver tudo em volta. A fortaleza também era cercada por muros e barricadas com mais guardas de vigia. Chegando ao portão, Dwilly se identificou gritando ao guarda.

— Diga ao Ivan que eu trouxe o infeliz — informou.

O homem desapareceu. Depois de algum tempo retornou, fez sinal aos outros e a entrada foi liberada.

Entrando na fortaleza, foram até um saguão onde estacionaram os carros. ele desceu ainda algemado e assistiu o homem magro estacionar Johnny próximo a ele. Ao sair do carro, o homem bateu a porta com muita força.

— Ei, seu filho da puta! Nunca mais faça isso! — protestou Dante.

O homem olhou para ele com escárnio, abriu a porta e fechou com mais violência ainda. Três vezes.

Que merda! Devia ter ficado quieto.

Como se não bastasse, abriu a porta novamente, deu alguns passos em direção a Dante, virou-se e fechou-a com um chute. Dante cerrou os dentes, com a raiva estampada no rosto. Viu o homem caminhar vagarosamente até ele. Chegou tão perto que ele podia sentir o hálito podre do homem e reparou que o miserável não tinha dois dentes.

— Ou o quê? — indagou o homem, cuspidando no chão.

Dante, olhou para cima com rosto cheio de desprezo e deu uma cabeçada no nariz dele. Foi mais forte do que esperava. O homem caiu e a testa de Dante estava doendo. Porta o segurou e Dwilly lhe desferiu um soco no estômago.

— Seu desgraçado de merda! — reclamou o homem no chão com a mão no nariz. Ao ver que estava sangrando, puxou a arma das costas e apontou para Dante. — Eu vou te matar, filho da puta!

— Calma, Reece — falou calmamente uma voz não muito distante. — Não é assim que tratamos os convidados. Podem soltar as algemas.

Dante viu que era Ivan quem falava. Ele era alto e tinha ombros largos. Seus cabelos caíam até os ombros. Usava uma roupa escura e bem alinhada. Estava com uma tipoia segurando o braço direito, mas na mão não havia curativo. Não sabia se estava a salvo ou mais ferrado ainda. Rapidamente Porta soltou-o das algemas.

— Reece? — perguntou rindo ao homem magro. — Mas que nome ridículo! Eu vou te chamar de Zumbi, porque você já está morto, babaca!

— Vai se ferrar, seu idiota! — falou Zumbi erguendo o dedo do meio.

— Dante, Dante... Sempre causando problemas. Você não muda — disse Ivan.

Dante deu de ombros, erguendo os braços.

— Nem você — foi o que conseguiu dizer. — 75 homens e 20 veículos para me buscar... — exagerou sarcasticamente. — Devo ficar lisonjeado?

— Vamos recapitular... — falou Ivan abrindo a mão esquerda para iniciar uma contagem — Eu te mando para uma entrega simples. Você chega lá, vende metade da mercadoria pelo dobro do preço, fica com a outra metade, transa com a filha do cliente, mata três homens dele e desaparece com o resto da minha mercadoria e — fez uma pausa olhando para os seus homens — com meu dinheiro.

Pelo visto faltaram dedos...

— Bom... Falando assim parece pior do que realmente foi — disse Dante com um sorriso forçado. — As coisas fugiram um pouco do controle...

— Fugiram do controle!? — gritou Ivan, irritado. — Fugir do controle é deixar Reece estourar sua cabeça e quebrar seu carro com um cano de metal.

Zumbi sorriu com a afirmação enquanto segurava o nariz com um pedaço de pano.

— Mas eu sou uma pessoa razoável, Dante — disse Chacal sério, já retomando o controle. — E vou fazer uma votação.

Levou a mão esquerda para trás e começou a caminhar de um lado para o outro, enquanto falava olhando para os seus homens.

— Cavalheiros, temos aqui o senhor Dante. Ele quebrou um acordo, nos roubou dinheiro, nos fez perder um cliente e tempo caçando-o. Tenho três boas alternativas para ele.

Os homens gritavam incentivos animados.

Chacal ergueu o dedo indicador da mão esquerda.

— Número um: Deixamos nosso amigo Reece saciar a sede de vingança e dar um tiro na cabeça dele... — os homens deram gritos em desaprovação. Pareciam achar pouco. Porta permanecia estático, como uma porta. — Mas daí nós não teríamos diversão — completou.

Morrer para um Zumbi ninguém merece.

Chacal ergueu o segundo dedo.

— Número dois: Cortamos a língua e o pequeno membro que ele tem dentro das calças para que aprenda a ter respeito com homens e mulheres — muitos gritos foram ecoados pela fortaleza. Chacal parecia se divertir.

E gerar uma insatisfação generalizada?

Com o auxílio do polegar, Chacal apresentou a última opção.

— Número três: Com auxílio de um pé de cabra, quebramos as pernas, braços, mãos e o carro dele para que aprenda a nunca mais nos roubar.

Mas só melhora...

Os homens explodiram em gritos com a sugestão do que deveria ser feito, todos com olhares de repúdio. Casualmente a terceira opção era a mais sugerida.

Ivan olhou seus homens como se procurasse a resposta, fazendo sinal com as mãos pedindo sugestões, avaliando a contagem de cada opção. Logo ergueu a mão pedindo silêncio. E o silêncio se fez. Dirigiu-se a Dante calmamente.

— Ou... — disse com calma.

No momento eu gosto de ou...

— Você fará mais um trabalho. Sem trapacear, sem fugir e sem questionar — disse Chacal. Seu rosto era uma pedra, implacável.

Os homens ecoaram gritos de desaprovação, pois queriam que Dante fosse punido de alguma forma, talvez apenas pela diversão.

E que escolha eu tenho?, perguntou-se, avaliando todo o cenário.

— E quando eu começo?

Mordecai

O céu estava coberto pelas nuvens, mas a luminosidade do sol ainda se fazia presente. De cima do prédio, Mordecai observava as ruas desertas da Cidade Fantasma.

Por que Cidade Fantasma? Poderia muito bem se chamar Cidade dos Mortos ou Cidade da Peste.

A cidade era grande, e estava cheia daquelas criaturas medonhas que vagavam sem destino. O mestre lhe contou tudo sobre a grande guerra, sobre a praga que havia sido criada para aniquilar uma nação e como isso afetou o mundo todo. Ouviu um pio atrás de si.

— Aí está você! — disse olhando o animal que pousava na mureta da cobertura do prédio. — Conseguiu alguma coisa para comer?

Na frente dele, uma grande e bela coruja das neves o encarava com seus olhos amarelos. Ela era branca como as nuvens do céu cheia de pintas pretas no corpo e no topo da cabeça.

“Uh-Uh”, respondeu-lhe o animal, erguendo uma asa e ajeitando as penas com o bico.

— Isso aqui não seria o mesmo sem você, Diana — falou Mordecai, olhando afetuosamente para a coruja. — Venha cá, quero lhe mostrar algo.

Diana voou em direção a ele e pousou em seu ombro. Ela havia ficado mais pesada desde que o mestre lhe dera de presente. “*Será uma excelente companhia se cuidar bem dela*”, lembrou-se das palavras dele. E realmente era. Estava com ele há pouco mais de um ano e já o salvara diversas vezes.

Caminhou com a coruja no ombro até o outro lado do terraço do prédio e olhou para baixo. Na rua havia um grupo das criaturas caminhando em direção a uma carcaça de animal. Entre eles e a carcaça havia barreiras feitas com estacas afiadas na ponta que formavam um labirinto, forçando-os a fazer um caminho em zigue-zague para chegar até lá. Alguns acabavam se enfiando nas estacas e ficavam empalados, trancados, emitindo sons agudos.

— Seus resmungões! — falou Mordecai se divertindo com a cena. — Viu? Assim fica mais fácil para matá-los depois — explicou à coruja.

“Uh-uh” foi a resposta que obteve.

Uma das criaturas conseguiu chegar ao seu objetivo, se abaixou e começou a comer a coxa do animal morto. Do grupo de trinta, apenas cinco conseguiram

passar pela armadilha.

Mortos não sentem fome e nem dor. Não são mais humanos, mas não acho que estão mortos.

Refletia diariamente sobre o que eram aquelas coisas. O mestre havia lhe dito que o termo mais correto para eles era *infectados*, pois estavam doentes e a doença era transmitida por uma simples mordida.

Não posso deixar que me peguem. Não vou deixar que me peguem. Pensou, decidido.

O sol já começava a se esconder no horizonte. Logo a escuridão os faria companhia.

— Vamos, Diana. Temos trabalho a fazer — disse à coruja. Diana pulou do seu ombro e foi voando em direção à rua. Pousou em cima de uma grade próxima aos infectados e encarou Mordecai como quem pergunta “O que está esperando?” — Que fácil pra você! — gritou para ela.

Mordecai havia recebido instruções claras do mestre sobre o seu propósito na Cidade Fantasma, e não pretendia falhar. Naquela semana estava fazendo suas tarefas na zona leste da cidade. Já havia limpado toda a zona oeste e colocado barreiras para que os infectados não retornassem lá. Lembrava-se com frequência das palavras do mestre. “*Você ganhou um dom de Deus, Mordecai. A habilidade de lutar por um mundo melhor. Um dia o seu trabalho fará toda a diferença nas vidas das pessoas*”. Isso o ajudava a encarar a tarefa para a qual estava destinado.

Acessou a porta do terraço e começou a descer as escadas em direção à rua. Enquanto passava pelo corredor, observava dentro dos apartamentos que havia revistado antes.

Quantas pessoas deviam morar aqui?, tentou calcular em sua cabeça.

Toda vez que ele chegava a uma área, gostava de escolher um prédio para ser seu esconderijo. Revisava todos os andares, montava armadilhas e depois partia para sua missão.

O mestre fazia assim. Pensou lembrando-se do treinamento.

Esse prédio não era muito grande, tinha apenas três andares. A poeira estava por todo o lugar e a vegetação se fazia presente no primeiro nível. Passando pelo segundo, Mordecai olhou a porta do apartamento onde iria descansar mais tarde. Era uma grande sala com dois quartos. Os móveis estavam em bom estado, e exclusivamente nesse, a poeira não havia se espalhado. Tinha uma grande lareira no centro da sala onde ele poderia fazer uma fogueira à noite. Na dispensa, a maioria dos alimentos estava estragada, mas encontrou um pouco de carne seca, arroz e uma garrafa de vinho. Seria um belo jantar. Havia dias que precisava comer frutas e insetos.

Saiu pela porta principal do prédio e deu a volta nele para acessar a rua onde estavam os infectados. Antes mesmo de chegar pode ouvir mais próximo o som de seus grunhidos, como se já tivessem sentido o seu cheiro.

Preciso tomar um banho.

Levou a mão à cintura e puxou o seu facão. O vento soprava o fedor de morte, então Mordecai puxou o manto preto que trazia no pescoço para cobrir a boca e o nariz e entrou na rua.

Na primeira barreira, dois infectados haviam ficado empalados de costas para a rua. Eles tentavam virar o pescoço para ver quem havia chegado. Mordecai chegou pelas costas do primeiro, puxou uma faca menor do bolso e enfiou no lado da cabeça. A criatura morreu instantaneamente. O segundo o encarava de lado tentando se mover, seu rosto estava virado para Mordecai. Seus olhos eram brancos como se a doença houvesse lhe roubado íris e pupilas, sua pele estava apodrecendo e tinha várias manchas de um azul muito escuro, quase preto. Mordecai puxou o facão e deu um golpe seco no pescoço do infectado. O corte foi limpo e a cabeça saiu rolando.

Nossa! Eu sabia que estava afiado, mas não achei que era tanto.

— Viu essa? — perguntou olhando para Diana. Reparou que ela estava com a cabeça virada para o outro lado. — Sem graça!

Seguiu em direção à próxima barreira, nessa havia cinco empalados. Um deles conseguiu se soltar e veio cambaleando em sua direção. Vestia um traje escuro muito bonito, com camisa branca e gravata vermelha.

Parece ter sido uma pessoa com muito dinheiro.

Ele arregalava os olhos brancos, esticava os braços e fazia um grunhido agudo, como se pedisse ajuda para ser liberado daquela agonia.

Prefiro morrer da pior forma a viver desse jeito patético, refletiu olhando a criatura.

— Esse aqui precisa de ajuda. O que acha, Diana? — perguntou para a coruja.

“Uh-Uh” respondeu ela de forma indiferente.

— Você tem cara de Oliver! — disse em tom brincalhão ao infectado.

Quando ele estava bem próximo, esticou as mãos para alcançá-lo. Mordecai girou o corpo de lado e colocou o pé na frente da criatura. Oliver tropeçou, cambaleou para frente e caiu de cara na calçada.

— Foi mal, cara!

Andou em direção ao infectado, puxou a faca menor e a enterrou na cabeça, matando-o no chão.

— Quem é o próximo? — perguntou olhando para os demais.

Quando terminou, o sol já havia se retirado e a escuridão se estendia sobre a cidade. O facão em sua mão pingava sangue, como se não pudesse absorver o tanto

que lhe fora oferecido. Da fogueira feita com os corpos dos mortos se erguiam chamas altas, tentando tocar o céu sem estrelas. O cheiro de morte era muito forte, quase possível de sentir o gosto.

— Por hoje terminamos, vou descansar — disse olhando para Diana.

Mordecai tomou o cuidado de garantir que não estava sendo seguido ou observado e se dirigiu para o seu refúgio. Além de cansado, estava com muita fome. Chegando ao apartamento que havia escolhido, bloqueou a porta e se dirigiu ao banheiro. Milagrosamente, o prédio ainda tinha água devido ao sistema de coleta da água da chuva pelas cisternas. O banho, apesar de frio, era uma grata recompensa. Há dias que ele não achava um local para tomar banho. O suor causado pelo sol, além do sangue nas roupas durante o cumprimento do seu dever, faziam-no sentir-se imprestável. Após o banho, lavou suas roupas e secou-se com uma toalha que tinha no local. Encontrou algumas roupas no quarto, algumas camisetas velhas, calças e jaquetas que poderia vestir enquanto as suas secavam.

Para terem deixado tanta coisa para trás, devem ter fugido às pressas. Pensou avaliando todas as coisas.

Alimentos, roupas, tudo estava da forma do como foram deixados. Mordecai frequentemente encontrava apartamentos saqueados, com móveis quebradas e objetos jogados para todos os lados, mas ali isso não havia acontecido, apesar da porta ter ficado apenas encostada.

Sentou-se no sofá, acendeu a lareira, colocou uma panela com um pouco de água e o arroz para cozinhar. Depois de pronto, pegou um prato e um copo, serviu o arroz e a carne seca e comeu acompanhado do vinho.

Isso está muito bom!

Após a refeição, guardou o arroz e a carne seca na mochila, para comer no outro dia. Antes de dormir, espiou pela persiana da janela do quarto. Conseguia ver a fogueira de cadáveres ainda queimando. As chamas dançavam conforme o vento soprava, porém com menor intensidade.

As ruas estavam desertas. Tudo o que se podia ouvir era o fraco uivo do vento e o crepitar da pira funerária dos infectados. Havia mais de uma hora que ele não conseguia ouvir o pio de Diana, que provavelmente fora caçar, como fazia todas as noites.

Ela sabe se cuidar bem melhor do que eu.

Foi observando as ruas que Mordecai adormeceu.

Ele se viu na Cidade Fantasma, sozinho. Uma densa névoa lhe dificultava a visão. Conseguia ouvir o gemido dos infectados por todos os lados, porém não conseguia vê-los. Os prédios tinham aspecto de ruínas. Estavam cobertos por cinzas e marcas de fogo e fumaça. Muitas paredes estavam destruídas, como se

fossem feitas apenas com as vigas das colunas. Marcas de bala estavam presentes em alguns pontos.

Lentamente a névoa foi se dissipando e ele conseguiu finalmente entender da onde o som vinha. Uma horda de infectados estava bem na frente dele, avançando em sua direção. Liderando-a, havia um, mais alto e com os membros mais alongados que o restante. Com a pele toda azul escura, quase negra, e olhos amarelados. Ele gritava emitindo um som agudo e apontando para Mordecai.

Levou a mão ao facão, mas ele não estava na cintura. Estava desarmado. A horda devia ter aproximadamente uns 30 infectados que corriam alucinadamente em sua direção. Mordecai girou o corpo e correu na direção contrária avaliando os prédios que estavam em seu campo de visão. A rua era extensa e ele não conseguia ver o seu final.

Mais deles surgiram no horizonte, vindo também ao seu encontro. Ele parou cercado entre os dois grupos e os prédios. Sem saída, correu em direção a uma das construções mais próximas. Logo que passou pela porta, achou uma escada e começou a subir. Os infectados entraram no prédio como uma onda, uns correndo por cima dos outros. Mordecai foi subindo os andares e percebeu que estavam cada vez mais perto. Acessou uma última escada escura, e por ela chegou ao terraço. Após passar pela porta, trancou-a e foi para a ponta da cobertura. De lá conseguiu ver que a cidade, mais adiante, ardia em chamas. Havia grandes nuvens de fumaça saindo de vários pontos próximos um do outro. O som dos tiros era alto, como se estivesse havendo uma grande guerra.

Da porta de onde viera, ouvia os infectados batendo violentamente, com o objetivo de arrombá-la. Sabia que não faltava muito. Não conseguia ver Diana em lugar algum. Pela primeira vez em muito tempo sentiu-se sozinho. Teria que fazer uma escolha. Tentar sobreviver lutando contra eles, ou se jogar do prédio de encontro à morte. Sabia que se tentasse lutar, se tornaria mais uma daquelas coisas. Não queria ficar vagando daquela forma.

A porta se abriu bruscamente e uma explosão de infectados encheu rapidamente o terraço. Eles não estavam distantes. Mordecai deu mais um passo em direção à beirada e olhou para baixo. O prédio era muito alto. Quando os infectados estavam a dois passos de distância, ele saltou.

Sentiu o corpo suspenso no ar. O vento percorria com velocidade pelo seu rosto. A queda pareceu demorar mais do que ele esperava. Não fechou os olhos porque não tinha medo da morte. Viu o chão chegando perto... Cada vez mais perto...

Nunca achei que morreria assim.

Quando atingiu o chão, Mordecai acordou de sobressalto na cama do apartamento. Estava suado e sentia os músculos tensos. Não seria o primeiro sonho estranho que tivera. Eles vinham com certa frequência. Há alguns dias sonhara com

uma plantação em chamas. No centro dela uma mulher queimava gritando presa a uma cruz. Assistindo à cena, uma figura escura de capuz estava sentada em uma árvore negra afiando uma gadanha. Uma semana antes sonhara com uma tempestade no deserto seguida de um clarão. Após isso, um homem saiu de uma estranha máquina e foi engolido pela tempestade de areia. Os sonhos não eram definidos, vinham em pequenos fragmentos. Por não conseguir entender o sentido deles, optou por ignorá-los.

Um som agudo irrompeu o silêncio da noite.

Mordecai foi até a janela e olhou entre as frestas da persiana. Diante da pilha de mortos queimada havia cinco infectados. Um deles era mais alto que os demais e tinha braços e pernas longos, como o que estava em seu sonho. Ele gritava e empurrava os demais que estavam parados, atônitos, olhando para a pilha de mortos. A cada grito, mais infectados surgiam de becos e ruas para se juntar a eles. Mordecai olhou para o topo dos prédios procurando Diana, mas ela não estava lá.

A noite trazia uma nova atitude aos infectados. Tornavam-se mais agressivos, racionais e famintos. Como se o sol os deixasse mais fracos e a escuridão, mais fortes. Após reunir um grupo grande, o infectado gritou e se atirou contra a porta do prédio mais próximo da pira funerária. Os demais o seguiram, agora parecendo mais despertados.

Estão me procurando? Isso é novidade.

Mordecai conseguia ouvir o barulho dos infectados revirando todos os quartos, como alguém que perdeu algo importante. Algum tempo depois, eles saíram do prédio e se dirigiram ao do lado.

Preciso sair daqui.

Não gostaria de esperar até que os infectados o procurassem no prédio em que estava. Eram muitos para que ele pudesse enfrentá-los ao mesmo tempo, mesmo que sua habilidade com o facão tivesse melhorado significativamente. Vestiu as suas roupas e conferiu as armas que tinha: Um facão, uma adaga e três facas de arremesso.

Seria bom encontrar armas de fogo.

Vasculhou o quarto em busca de objetos que pudessem ser usados como armas. Encontrou um taco de baseball e algumas facas na cozinha. Colocou as facas na mochila e o taco ele levaria na mão. Sabia que a mochila iria atrasá-lo, mas a carne seca, o vinho e o arroz durariam dias. Não queria se desfazer deles.

Rasgou uma caixa de papelão que encontrou na dispensa e enrolou-a nos antebraços, amarrando um lado com um cinto e o outro com pedaços de pano. Poderia usar como um escudo, dando o braço ao infectado para acertá-lo com a faca. Espiou pela janela e pode observar o grupo entrando no prédio na frente do que estava.

Preciso sair daqui. Agora!

Com a situação atípica que estava enfrentando, sentia-se preocupado e excitado ao mesmo tempo. Saiu da porta do quarto e encontrou um machado em uma caixa vermelha fixada na parede. Enrolou um pano na mão e golpeou o vidro. Ele quebrou com facilidade, porém emitiu um barulho estridente que preencheu o silêncio da noite.

Rapidamente ouviu um gemido característico vindo do saguão, então espiou pelo corredor. O barulho atraía um dos infectados, que se movia escada acima. Mordecai se escondeu em uma das portas e esperou. Quando a criatura passou pelo corredor, indo em direção aos cacos de vidro, ele saiu e golpeou-a na nuca com o machado. A arma ficou cravada no crânio e o infectado tombou para frente sem vida. Ele removeu a arma, e sabendo que aquilo poderia ser um inconveniente numa luta com mais de um deles, optou por levar o taco à mão, com medo de ficar desarmado. Tateou todas as armas no seu cinto para decorar o local de cada uma e saiu em direção à rua.

Espiou pela a porta e pode ouvir os gritos da horda no prédio à frente. Sabia que quando vissem o corpo de sua vítima, ficariam mais agressivos ainda. Correu na direção contrária e se escondeu atrás de um contêiner de lixo, aguardando a movimentação do grupo para que pudesse fugir.

Não demorou muito tempo para que eles saíssem do prédio e fossem na direção que Mordecai estava. Observou-os invadindo seu esconderijo. A pele azul escura fazia com que os olhos brancos se destacassem na escuridão. O mais alto e aparentemente líder deles, aguardava os demais entrarem no prédio, empurrando-os e grunhindo.

Como é possível que acatem ordens!?

Mordecai aguardou que todos entrassem e se moveu furtivamente. Andava olhando mais para o seu ponto de origem do que para o caminho que deveria seguir. Estava nervoso e aquela situação era totalmente nova. Havia se acostumado em matá-los de dia e descansar à noite. Virar presa não estava em seus planos. Esbarrou em uma lata de lixo que caiu abruptamente, fazendo um som abafado.

Merda...

Nem esperou para ver o que ia acontecer e começou a correr. Olhou para trás e viu que, da porta do prédio, o infectado mais alto surgiu. Vendo sua fuga, gritou para os demais. Das portas e janelas, então, saíram mais deles. Todos correndo em ritmo alucinado em sua direção. Mordecai estava fugindo em direção ao lado infectado da zona leste. Era desconhecido para ele. Planejara ir à direção contrária, mas temia uma emboscada. Achava que os infectados não raciocinavam, até então. As criaturas corriam com muita ferocidade, como se pegá-lo fosse torná-las humanas novamente.

Tenho que diminuir a área.

Mordecai achou uma viela. Conseguia perceber que havia saída do outro lado. Correu por ela e logo os primeiros chegaram ao seu encalço. A mochila o tornava mais lento. Ficou de frente para eles, segurou firme o taco e gritou:

— Vamos lá! Vamos ver do que são feitos!

Os infectados avançaram em sua direção. O primeiro foi golpeado na cabeça. O segundo se projetou à frente com os dois braços esticados. Mordecai segurou o meio do bastão e levantou ambos os braços da criatura puxando uma faca pequena e cravando em sua têmpora. O terceiro estava perto. Arremessou uma faca que atingiu o pescoço do infectado, ele cambaleou para trás, mas continuou avançando. Mordecai girou seu bastão para trás, fez um arco por cima de sua cabeça e atingiu-o no crânio com muita força. O taco se partiu ao meio, deixando apenas uma estaca em suas mãos.

O quarto já estava em cima dele. Deu o braço para a criatura, que mordeu violentamente o papelão, e enfiou o taco quebrado pelo pescoço em direção ao cérebro. A estratégia funcionou e ele sentiu o corpo caindo sem vida. Pôde ver na entrada da viela que outros se aproximavam.

Saindo dali chegou a uma grande praça. Correu em direção ao centro dela querendo sair logo daquele espaço aberto. Sabia que poderiam vir mais. Viu os infectados saindo da viela. Entre eles, a criatura alta emergiu empurrando os demais. Conseguia reconhecê-la apenas pela ferocidade com a qual se comportava. A escuridão cobria a cidade como um manto, e toda a tímida luz que se mostrava vinha do luar.

Saltou por alguns bancos e se deparou com dois à frente. Pegou outra faca de arremesso e atirou no primeiro, cravando-a no olho. Empurrou o segundo colocando o pé na altura do peito. A criatura cambaleou e caiu de costas no chão. Mordecai pegou uma das facas de cozinha e enfiou-a na têmpora dela.

Continuou correndo. Sentiu algo puxando a mochila. Segurou a alça esquerda com a mão e girou para a direita com o braço erguido, atingindo o seu agressor com o cotovelo. A criatura rolou pela grama e Mordecai viu que outros tinham se juntado à sua caçada. A horda crescia como se estivessem se multiplicando. A dez passos dele, já havia mais cinco chegando.

Girou e correu o mais rápido que pôde. Logo à frente, viu uma cerca feita de tela envolvendo uma área retangular. Dentro havia barras de metal formando estruturas nas duas extremidades. Cada uma delas tinha na ponta placas de madeiras com aros. Mordecai pensou que se pulasse a tela, poderia atrasar as criaturas. Tirou a mochila das costas, segurou-a na mão e correu em direção à árvore mais próxima. Retirou o machado dela, balançou a mochila para trás e atirou na copa da árvore.

Não conseguiu ver se ficou pendurada ou não, mas sabia que não era a carne seca que os infectados queriam.

Chegando à cerca, atirou o machado por cima, pulou contra a grade e escalou. Caindo do outro lado, recolheu o machado e seguiu em direção à outra extremidade. Viu que as primeiras criaturas ficaram agarradas na tela, retidas. Mas à medida que chegavam mais, a tela foi sendo forçada. Pôde ver que ela estava cedendo. Alguns infectados caíam empurrados pelos outros e eram pisoteados. O mais alto passou correndo por cima deles e pulou pela cerca, logo muitos outros também conseguiram passar da mesma forma. Quando Mordecai chegou à outra extremidade do cercado, viu que a tela cedeu e todos estavam ao seu encalço novamente.

A tela retardou os agressores, como ele esperava, mas já estava cansado de tanto correr. Gostaria de poder matar todos sem ter o risco de se infectar. Chegou ao que parecia um grande centro comercial. O prédio era bonito e imponente apesar do que sofrera com a ação do tempo e da guerra. Na frente dele havia algumas vitrines expondo manequins com roupas. Contou mais ou menos 40 infectados vindo em sua direção. Além do machado, estava com o seu facão, a adaga e mais uma faca de arremesso. As outras poucas facas que pegara na cozinha haviam ficado na mochila.

A conta de armas para infectados não fechava.

Isso será, no mínimo, interessante.

A porta principal estava bloqueada com bancos e mesas, então ele pegou uma pedra e atirou na vitrine. Ela se quebrou, projetando cacos para dentro da sala e abrindo uma passagem. Com a horda muito perto, ele entrou no prédio, sabendo que estava ficando sem saída.

O local onde ele chegou tinha muitas roupas femininas guardadas em prateleiras. Estava muito escuro e ele conseguia enxergar quase apenas por instinto. Tateou buscando a saída e um local um pouco mais iluminado. Sentia nas mãos a poeira acumulada ao longo do tempo. Pela porta conseguiu acessar um corredor que se estendia até um saguão. Percebeu que lá a luminosidade era maior.

Ouviu o som de vidro se partindo, causado pelos infectados invadindo o prédio, quebrando o que sobrara da vitrine. Se não encontrasse uma rota de fuga, o combate seria inevitável. Nunca lutara contra tantos ao mesmo tempo. Então seguiu com sua busca.

Se tivesse mais tempo, ficaria para admirar o local. O saguão era muito amplo, parecendo uma grande galeria. Sua estrutura era composta por pilares quadrados que subiam até o teto. Logo na entrada havia um espaço circular com água onde uma vez houvera um chafariz. Ao lado, rampas de acesso levavam a um conjunto de passarelas ligadas ao segundo andar, à meia altura entre o chão e o teto. Placas

de vidro permitiam a entrada da luz do luar por fossos de luz. Ele não sabia quanto tempo faltava para o nascer do sol, mas esperava que não fosse muito.

Os infectados começaram a chegar aos montes e Mordecai subiu rapidamente pela rampa. Ela formava um corredor que afunilaria o ataque da horda. O machado começava a pesar em sua mão. Apesar de ser uma arma letal, era bem inconveniente de ser transportada. Usou-o no primeiro agressor, cravando diretamente no crânio. O machado saiu fácil dessa vez e em um giro rápido ele atingiu o segundo pela lateral do rosto. Demorou para recolher a arma e outro avançou pela sua direita mordendo seu antebraço. Sentiu a pressão no papelão que usara para envolvê-lo.

Obrigado, papelão.

Livrou-se do infectado e, segurando a arma com as duas mãos, acertou-o no rosto com a cabeça do machado. O crânio da criatura quebrou afundando os ossos para dentro.

Esse não morde mais.

Do mesmo modo, golpeou outro que estava na sua esquerda com a base do cabo do machado. Esse apenas ficou atordoado, mas o golpe o fez ir para trás, passando por cima da mureta da rampa. Para cada infectado que ele golpeava, surgiam dois no lugar. O machado deixava seu ataque muito lento.

Avançou pela rampa com vários deles em seu encalço. Girou com o machado acertando um lateralmente no rosto. A criatura caiu da rampa com a arma cravada na cabeça. Retirou o facão e a adaga da cintura, segurando a primeira arma de forma a cortar e a segunda para apunhalar.

Recebeu o mais próximo com uma punhalada no olho, o facão cortou o rosto do que estava ao seu lado e logo separou a cabeça do primeiro, liberando ambas as armas para combate. Mordecai pôde notar que abaixo mais infectados corriam no primeiro andar para acessar a rampa pelo outro lado, tentando encurralá-lo. Correu até o final dela e aplicou um chute com a sola do pé no peito do infectado. Ele caiu por cima dos demais, derrubando vários que estavam subindo. Isso rendeu a ele algum tempo de fuga.

Chegou ao segundo andar procurando algum resquício de esperança. Correu por uma passarela que dava acesso ao outro lado. Mais adiante, percebeu que o grupo de infectados que avançava pelo nível térreo havia chegado até ele. Cravou a adaga em um deles, mas não conseguiu puxá-la. O facão ceifou a vida de dois antes de ficar cravado no pescoço do terceiro.

Merda!

Desarmado, Mordecai voltou pela passarela correndo. No final dela mais dos que havia derrubado chegavam para pegá-lo. Viu uma pequena sala à frente com portas de vidro. Sem saída, foi em direção a ela. Uma das criaturas apareceu

bloqueando seu caminho. Com o antebraço erguido na frente do rosto ele levou o papelão à boca do infectado e seguiu empurrando-o em direção à porta. O vidro se estilhaçou com o impacto dos dois.

Mordecai se recuperou da queda rapidamente procurando qualquer coisa que servisse como arma. No corredor do saguão, já não era possível ver mais nada além das criaturas. O mais alto não estava entre eles. A porta afunilaria o ataque, mas seria letal se ele não tivesse como se defender. Tudo o que via era cestos com grãos e cereais, roupas compridas, vasos de cerâmica e objetos decorativos com símbolos desconhecidos por ele.

Mordecai recuou até o fundo da loja e se preparou. Os primeiros a entrar pela porta foram recepcionados com tudo o que era possível de ser lançado, mas isso não era suficiente para matá-los. Um deles avançou em direção a ele. Com uma manobra evasiva, jogou-o de encontro a uma prateleira no canto. Nesse momento viu algo que podia ser sua salvação. Na prateleira havia várias armas decorativas, algumas setas com empunhadura com uma argola na base, garfos, estrelas de vários tipos, garras e, sobre um suporte de madeira, duas espadas.

Mordecai pegou as duas espadas, tirando-as da bainha que as guardavam. O cabo era negro com detalhes vermelhos e a lâmina igualmente negra. Havia símbolos gravados na base da lâmina. Entre o cabo e a lâmina havia um anel com um emblema bem bonito. As espadas eram quase tão leves quanto a adaga e tinham maior alcance que o facão. Restava apenas uma dúvida...

Estejam afiadas, estejam afiadas, estejam afiadas...

Golpeou o infectado caído no chão. A lâmina deslizou facilmente pela cabeça, sem encontrar resistência. Não sabia se cortava, mas pelo menos poderia estocar.

Outros dois vieram contra ele. Enfiou uma das espadas abaixo do pescoço em direção ao cérebro do primeiro. Esquivando-se do segundo, girou e golpeou-o na nuca. A cabeça pendeu para frente enquanto a criatura caía de joelhos, sem vida. Isso o conferiu muita confiança para enfrentar o que estava por vir. Girou ambas as espadas nas mãos. Abaixou-se e, com um golpe, decepou a perna do seguinte. Posicionando as espadas em forma de tesoura, cortou mais uma cabeça e logo atacou os que estavam ao lado. Voltou e finalizou o que ele havia amputado a perna.

Não sobrará nenhum para contar história!

Com uma mistura de raiva e confiança, avançou em direção à horda. Seus golpes eram ágeis e letais. As espadas eram extensões de seus braços. Cada movimento custava um membro ou a vida do inimigo. Logo já havia saído da sala, deixando um rastro de morte. Algo o dominara, não sabia controlar, apenas se deixou levar. Os infectados o cercavam por todos os lados, mas não entravam no raio de alcance das espadas sem deixar algo em troca.

Viu-se cercado por oito deles quando estava próximo à rampa. Estocou com uma das espadas, cravando-a no rosto da criatura a sua frente. A mão direita cortou duas cabeças em um único golpe. Pressentindo um ataque nas costas, girou a espada da mão esquerda enquanto se abaixava, golpeando com muita violência a perna do agressor. Perdendo apoio, o infectado caiu, mas não sem antes sofrer mais dois golpes. Apesar dos ataques suicidas, eles vinham aos montes. Como se simplesmente não se importassem em perder a vida ou entendessem como uma oportunidade de pôr fim à agonia que estavam vivendo.

Quando matou o último, já no primeiro andar, avistou o que procurava. No início do saguão, na direção do corredor escuro de qual viera, o mais alto assistia a chacina. Mordecai conseguia ver seus olhos amarelados na escuridão.

— Qual é!? Está com medo agora? — gritou para a criatura, com raiva de tudo que o fizeram passar.

O infectado soltou um grito agudo e desapareceu na escuridão do corredor.

— Ah, mas não vai fugir mesmo! — disse Mordecai para si, perseguindo-o, imensamente feliz por voltar a ser o caçador.

Saindo pela vitrine, identificou apenas um vulto escalando o prédio com extrema facilidade, desaparecendo no terraço.

— Fuja mesmo, seu covarde!

Que criatura é essa?

Em todo o seu tempo na Cidade Fantasma, jamais vira algo parecido sequer. Olhou para as espadas que adquiriram uma cor avermelhada nas lâminas, consequência do número de infectados que matara. Estava impressionado com a eficiência delas. Limpou ambas as lâminas com um pedaço de pano que achou no chão.

No céu, as nuvens tinham uma cor rosada com tons alaranjados, indicando o início de um novo dia. Geralmente era o momento em que ele despertava, mas, pela primeira vez, só queria descansar.

Espero que um dia isso tudo realmente faça a diferença na vida de alguém, refletiu, enquanto assistia o nascer do sol.



Yohan

— Me passe a chave de boca — pediu ao seu auxiliar.

— Aqui, Senhor — respondeu Fiapo, alcançando a ferramenta.

Fiapo trabalhava com ele há mais de três meses. O melhor auxiliar que tivera em muito tempo. Era um sujeito muito magro. Tão magro que se podia ver suas costelas. Certo dia o jantar servido foi aipim, uma raiz macia que tinha um fino cordão no centro. Vendo aquilo, o Comediante apontou para o rapaz, chamando-o de Fiapo de Aipim. O grande salão irrompeu em risadas e o rapaz enrubesceu. Deste dia em diante todos passaram a chamá-lo de Fiapo de Aipim. Com o tempo passou a ser apenas Fiapo. Era difícil o apelido dado pelo Comediante que não fosse adotado. Se essa era sua função, podia ser considerado o melhor no que fazia.

— Acabamos — falou se levantando, tirando a poeira das calças com as mãos. Finalizou o serviço mais rápido do que esperava.

Diante dele, havia um jipe. Grande e com suspensão reforçada. Os pneus eram igualmente grandes e possuíam pequenos dentes que facilitavam o deslocamento no deserto. Estava com problemas em uma das rodas que havia entortado. O estrago aconteceu na mão do Ferrugem, o que não causava surpresa: era chamado assim porque estragava tudo o que tocava.

Yohan era o único mecânico existente na Forja. E a frota consistia em dois caminhões, cinco carros, seis jipes, quatro motos e um blindado. Esse último era o que ele mais gostava.

— Fiapo, avise ao Milles que o jipe está pronto — pediu ao auxiliar — e já pergunte o que fazemos agora — completou.

Milles era o atual comandante da forja. Assumiu depois da morte do Homem de Ferro, fundador da Irmandade de Ferro. Todos tinham sua função: Havia os agricultores, os coletores, os caçadores, os soldados, os operários e os recrutadores. Havia também algumas funções mais específicas como o mecânico, o contador, o cozinheiro e o médico.

Enquanto esperava, Yohan observou a fumaça que saía dos dutos. A Forja foi fundada dentro de uma instalação de uma antiga refinaria de petróleo. Ela ainda funcionava quando o Homem de Ferro chegou lá. No entorno foram construídos muros para protegê-la, transformando-a numa fortaleza. Havia sentinelas acima dos muros para impedir qualquer tipo de ataque. Combustível havia se tornado

raridade, então o que era produzido era utilizado e negociado por suprimentos, medicamentos, armas e comida.

As nuvens se moviam de forma rápida. O sol estava se pondo, fornecendo sua última luz ao céu, como se quisesse lembrar a todos sua importância. Era difícil decifrar se o alaranjado das nuvens era proveniente do sol ou da areia do deserto. A Forja era localizada no que todos chamavam de Deserto dos Mortos. Talvez isso explicasse a ausência de ataques.

Viu à distância que Fiapo retornava com instruções. O garoto devia ter não mais que vinte anos. Era tão magro que, se ficasse de lado, provavelmente não seria visto.

De fato um fiapo.

— Temos que ajudar o Tomate a separar as coisas para o jantar, Senhor — disse-lhe o rapaz animado. Fiapo adorava tarefas.

Tomate era um dos agricultores. Redondo, de olhos claros, cabelos loiros e pele vermelha, o sujeito era um dos que cuidavam das hortaliças, chás, leguminosas e tudo o que era plantado na Forja. Quando o muro foi construído, sabiamente o Homem de Ferro cercou uma área imensamente maior, já prevendo a dimensão que aquele lugar tomaria. Essa área se estendeu desde a refinaria até o conjunto de montanhas que se estendiam por uma das laterais, terminando em um desfiladeiro, às costas da Forja.

— Podemos usar o jipe? — perguntou Yohan.

— Desculpe, não perguntei isso, Senhor — respondeu Fiapo, envergonhado por não ter resposta.

— Alguém vem pegá-lo? — perguntou ao rapaz.

— Milles não me atendeu, foi o Braço. Ele não me disse nada além de: “Bom. Ajudem o Tomate”, Senhor — respondeu o garoto olhando para o chão.

Sem falar mais nada, Yohan embarcou no carro, esperou Fiapo entrar e foi em direção à colheita. Chegando lá, avistou Tomate e mais dois homens no meio do milharal. Conseguia ver apenas a ponta da cabeça dos homens no meio da plantação. Os três, vendo a chegada do veículo, ficaram esperando para saber do que se tratava, não era comum ter veículos circulando na Forja.

— Ah, Yohan! É você! Não sabe que Milles não gosta que gaste combustível? — disse Enxada.

— O que temos que fazer? — perguntou Yohan, dirigindo-se ao Tomate. Ele não gostava da imensa submissão que todos demonstravam. Por isso gostava da mecânica, porque carros não falavam.

— Não ouviu o que eu falei? — perguntou Enxada, tocando com o indicador no peito dele.

Yohan olhou para o indicador do homem de forma vagarosa e depois o encarou nos olhos.

— Se você não quer que seu apelido mude para Banguela ou Nove Dedos, só responda o que perguntei — disse de forma calma. Nunca gostara de Enxada.

Os três homens trocaram olhares entre si. Enxada claramente com raiva, por ter achado a resposta um insulto.

— Temos que levar cinco caixas de milho, quatro sacas de arroz e três de farinha para a dispensa — disse-lhe Tomate, humildemente. Yohan gostava de Tomate.

— Vamos, Fiapo. Você ouviu o homem.

Rapidamente colocaram as caixas e sacas em cima do jipe e foram em direção à dispensa. Chegando lá, o Contador os aguardava. Um homem baixo, de nariz e boca pequenos, com grandes olhos. Era rápido como uma raposa.

— O que vocês fazem aqui? E com o jipe? — perguntou a eles.

— Onde quer que isso seja descarregado? — devolveu Yohan.

— Coloque ali no canto — respondeu-lhe o homem. — Milles sabe que vocês estão usando o jipe?

Mas por que diabos não cuidam de suas vidas?

— Milles sabe o que deve saber — respondeu Yohan com desdém. Fez um sinal com a cabeça para Fiapo e o rapaz prontamente descarregou o jipe.

Yohan fora recrutado para Forja pelo próprio Homem de Ferro, há mais de dois anos. Trabalhava como ajudante do senhor Wilmot na cidade da Colina do Leste. O seu patrão consertava quase todo o tipo de coisas. Dentre elas, os carros das pessoas de posses. Sempre que faltava uma peça, Sr. Wilmot o enviava a cemitérios de carros para procurar uma que pudesse usar para substituir. Aos poucos fora aprendendo como desmontá-los e consertá-los. Aprendeu o nome das peças, dos sistemas e dos próprios carros.

— Pronto, Senhor. Terminei — disse Fiapo tirando-o do mundo das lembranças. O garoto o olhava aguardando novas instruções.

Yohan olhou pela janela. As nuvens cobriam todo o céu e já tinham um aspecto azulado, causado pela ausência dos raios do sol. A noite chegava ao Deserto dos Mortos.

— Pode ir se arrumar, garoto. Logo será hora do jantar — ordenou ao rapaz.

Fiapo foi em direção aos alojamentos onde cada quarto era compartilhado por quatro irmãos por meio de dois beliches e um armário de ferro de oito portas.

Yohan devolveu o jipe à garagem e registrou no livro de controle a manutenção e o uso. Dirigiu-se ao alojamento, retirou o macacão sujo de graxa do jipe, colocou uma calça e uma camiseta e foi para o grande salão.

O grande salão era o local utilizado para as refeições, possuía muitas mesas com bancos conectados por estruturas de metal. No centro, logo na entrada, havia um

balcão de metal onde a comida era aquecida por meio de água quente colocada nas cubas também de metal.

A sirene tocou sinalizando que era hora da refeição. Chegando ao salão, Yohan já pôde notar a presença das mesmas pessoas que sempre surgiam milagrosamente junto com o sinal da janta. Enxada, Cheiro, Língua, Cobra, Ed Caolho e Sombrero. Logo o restante dos irmãos foi chegando, pegando a refeição e se ajeitando nos bancos.

O velho Bill era quem fazia e servia as refeições. Cada colherada servida vinha acompanhada de muitas reclamações. Comediante o batizou de Resmungo Bill. Não foi necessário nenhum esforço para que todos adotassem o apelido. Yohan esperou chegar os irmãos que mais gostava para poder se servir. Viu Fiapo, Tomate, Fantasma, Cisco e Mosquito. Só então entrou para a fila. O jantar era pão, milho, arroz e batatas.

— Milho de novo, velho Bill? O senhor anda variando bastante — provocou Mosquito. Vários da fila começaram a rir.

— Quer comer algo diferente? Traga sua mãe para cozinhar na Forja, seu desgraçado! Se me derem merda para fazer, é merda que irão comer — respondeu o velho irritado.

Todos riram mais ainda. Apesar das reclamações, todos gostavam do velho Bill.

Não demorou muito para que o grande salão estivesse quase todo ocupado. Quase todas as classes de trabalho estavam ali para jantar. Há mais de uma semana dois grupos de coletores e soldados haviam saído para uma ronda. Um deles em direção à Cidade Fantasma. Yohan ouvira muitas histórias de lá, mas era difícil saber quais eram verdadeiras. Após sentarem à mesa, um dos homens percebeu que ele olhava para uma mesa vazia.

— Queixo-duro e seus homens já deveriam ter voltado — observou Cisco.

— Será que estão bem? — perguntou Tomate em tom preocupado.

— Se estivessem já teriam retornado. Mas não conte com isso, considerando o lugar que foram — respondeu Cisco, de forma sombria.

— Para onde foram? — quis saber Mosquito.

— Para a Cidade Fantasma — respondeu Yohan enquanto mastigava um pão que havia mergulhado no molho de batatas. — Eu vi nos registros.

— Mas lá não é perigoso? — indagou Tomate, com os olhos claros arregalados.

— Uma cidade infestada de mortos com um fantasma que trabalha para a própria morte? Como seria? — rebateu Cisco de forma sarcástica.

— Há muitas coisas de valor que foram deixadas. Os mortos são lendas da guerra — disse Yohan de forma desinteressada. — Já estiveram várias vezes lá, nunca aconteceu nada — falou para tranquilizar Tomate.

— Que bobagem! Já me contaram que a cidade está infestada de mortos! — Cisco se inclinou para frente como se fosse contar um segredo. Falou quase que sussurrando — Eles se escondem da luz do sol e caçam à noite. Existe um fantasma que assombra a cidade e leva as almas de quem se atreve a invadi-la.

Yohan fechou os lábios e virou levemente o rosto, em sinal de desaprovação. Dos demais, apenas Tomate estava aparentemente com medo. Fantasma apenas observava a conversa e Fiapo estava mais interessado no prato de comida.

— Aham... Tá bom, Cisco. E quem te contou essas histórias, os corvos ou o espantalho? — perguntou Mosquito em tom debochado.

Todos riram brevemente, menos Cisco.

— Logo haverá uma seleção para soldados e eu vou ser escolhido. E todos vocês terão que me respeitar! — falou franzindo o cenho. — Idiotas!

Saiu da mesa, irritado. Era conhecido pelo seu temperamento explosivo.

— Ei Cisco, vai comer isso? — perguntou Fiapo, apontando para o prato que o companheiro havia deixado.

Yohan empurrou-o em direção a Fiapo.

— Coma, rapaz — disse calmamente. — Eu só espero que ele não tenha razão — falou olhando aos demais.

Sabia que as histórias não surgem do nada. Além disso, já presenciara o retorno de equipes da ronda com a inexplicável ausência de um dos irmãos. Todas as informações sobre os trabalhos no exterior da Forja eram mantidos em sigilo. A questão era se Cisco de fato sabia de algo e como sabia.

Cisco era um agricultor. Na Forja, o sistema era simples: trabalhava-se cinco anos e no final do tempo recebia-se o equivalente por dez, cada irmão de ferro ganhava conforme sua função exercida no quinto ano. Os recrutados que chegavam faziam testes de aptidão. Tinham direito de escolher onde trabalhariam, com exceção dos soldados e coletores. Esses tinham que ter pelo menos um ano de serviço para poder fazer o teste, que acontecia a cada seis meses.

Nem todos poderiam ser soldados ou coletores. Todas as atitudes e tarefas executadas na Forja eram avaliadas e pontuadas. Para ser promovido, era necessário ter uma alta pontuação. A de Yohan sempre era baixa, porque as atividades de mecânico não lhe rendiam muitos pontos. Ele não tinha a pretensão de ser soldado, porém a baixa pontuação comprometia a moral de qualquer irmão com os demais. E pela primeira vez desde que estava na Forja, tinha pontuação alta o suficiente para fazer o teste para soldado.

Ao terminar o jantar, se despediu dos demais e foi à procura de Cisco. Gostava dele, era sempre franco. Ao sair do grande salão, notou que as nuvens estavam mais carregadas e começava a relampejar distante no deserto. Outra tempestade se aproximava, coisa que não era incomum.

Tinha um palpite de onde Cisco poderia estar. Seguiu sua intuição e foi até uma sala localizada atrás da refinaria. O antigo depósito de ferramentas se tornara uma sala de jogos onde os irmãos usavam para as horas de folga. Dentro havia duas mesas de bilhar e uma mesa onde eles jogavam Truco.

Truco foi apresentado aos demais pelo Trapaça, que ensinou a todos o jogo em que cada carta tem o seu valor. Yohan nunca o entendera bem, mas achava divertido ver os jogadores gritando e se insultando.

Como esperava, na mesa havia quatro jogadores, um deles era Cisco. Na frente dele, Trapaça escondia a única carta que tinha como se fosse um tesouro. Sabia que quem jogava de frente um para o outro era uma dupla, então deduziu que era Cisco e Trapaça, contra Ferrugem e o Pistoleiro. Na mesa, havia várias tampas de garrafa amontoadas, simbolizando a aposta.

— Vamos ver o que você tem... Truco! — gritou Ferrugem, olhando para Trapaça.

— Eu quero e retruco — respondeu sem pensar duas vezes — Vamos ver o que *você* tem!

Ferrugem pareceu surpreso com a rápida resposta, mas não recuou. Largou a carta na mesa, um ás de copas.

— Humm... Um ás de copas... — disse Trapaça em tom desanimado — mas... Não é melhor que o meu dois! — atirou a carta, deu um soco na mesa com o punho fechado e começou a rir.

— Como você consegue só cartas boas, seu trapaceiro? — questionou Ferrugem, inconformado.

— Calma, meu amigo! Nada está perdido. Quero e vale quatro — falou Pistoleiro ainda com sua carta na mão se manifestando pela primeira vez.

Ferrugem riu daquilo com a esperança renovada. Para que o Pistoleiro aumentasse para quatro vezes a aposta, deveria estar com uma carta muito boa.

— Tudo na sua mão, Cisco — disse Trapaça, sério, deixando a decisão do jogo com o parceiro.

— Rá! — zombou Pistoleiro, olhando para Trapaça. — Vai morrer na mão do Cisquinho. O plantador de milho! O soldadinho das batatas!

Cisco aparentemente incomodado com as provocações, não se conteve.

— Quero! Baixa essa carta de merda, então! — esbravejou para o Pistoleiro.

Ele largou um sete de ouro na mesa e começou a rir. Ferrugem ria e fazia provocações. Trapaça levou as duas mãos à cabeça. Outros irmãos que jogavam nas mesas de bilhar pararam o jogo e foram observar o que estava acontecendo.

— Se eu ganhar você irá arrancar os cabelos do peito com piche, fechado? — disse Cisco, sem mudar a expressão com a revelação da carta do Pistoleiro.

— O quê? — indagou seu oponente aturdido. — Isso não faz parte do jogo!

— Tá com medo, seu cagão?! — rebateu Cisco, dando socos na mesa. A outra mão segurava a carta que determinaria o vencedor do jogo.

Os expectadores gritavam provocações ao Pistoleiro.

— Já saiu o sete de espadas e o ás de paus, você não tem o ás de espadas! Mentiroso! — esbravejou Pistoleiro, como se a sorte não pudesse ser tão grata com Cisco.

— Paga pra ver, covarde! — gritou Cisco. — Eu mesmo vou arrancar o piche.

— Ele está blefando, Pistola — disse Ferrugem, tentando encorajar o parceiro.

— Eu não apostaria... — rebateu Trapaça tentando-o fazer recuar.

Havia mais de dez expectadores gritando e fazendo promessas, uns encorajavam-no e outros diziam para desistir.

— Vamos lá, Pistoleiro. Não tenho a noite toda! Quer ou não quer!? — deu um tapa na mesa. — Quer ou não quer!?

Pistoleiro não estava suportando toda aquela pressão.

— Eu... Ah... — com uma expressão de extrema dúvida, levou quase meio minuto para se decidir. Por fim, achou a aposta alta demais. — Desisto. Não quero! — falou, dando-se por vencido. No seu rosto eram nítidas a frustração e a raiva.

— Uhhhhh! — ecoaram os expectadores.

— Volte a produzir seu combustível — disse Cisco com ar de superioridade. Enfiou sua carta no meio do baralho, sem revelar qual era e se levantou da mesa.

Trapaça juntava as tampas com um afetuoso abraço, sorridente com o prêmio conquistado.

— Espera! Qual era a sua carta? — perguntou Pistoleiro, com agressividade.

Com um sorriso debochado, Cisco respondeu — Era o ás de espadas...

— Mentiroso desgraçado! Eu sabia que estava blefando! Devia ter apostado... — Pistoleiro seguiu esbravejando, mas foi em vão. Cisco já se afastava da mesa com um andar confiante e toda a moral.

Yohan aguardou seu amigo sair pela porta para acompanhá-lo. Quando estavam caminhando lado a lado, perguntou finalmente.

— Você não tinha o ás, não é?

Cisco olhou para os lados antes de responder, para garantir que ninguém estava escutando.

— Eu tinha um quatro — falou sorrindo.

— Mas o quatro não é a pior carta do baralho? — Yohan ficou confuso.

— Sim, qualquer um dos naipes. Mas não conte a ninguém, queremos que todos pensem que era o ás, certo? — respondeu Cisco, piscando um dos olhos.

— Como você aposta alto assim com a pior carta do jogo? — Yohan não gostava de apostas.

— Bom... Dinheiro e coragem nunca sabemos quem tem. Aliás, Truco não se trata do que você tem, se trata do que os outros acham que você tem — Cisco parecia pensativo.

Yohan continuava não entendendo o Truco. E não gostava do que não entendia. Gostava dos veículos, e do blindado. Lembrou-se das equipes que estavam em missão.

— Sabe que Mosquito não falou para te ofender, certo? — perguntou ao amigo.

— Não precisa se desculpar pelos rapazes, eles já são bem crescidos, Yohan — Cisco adotou um tom sério.

Na rua o vento aumentara, os relâmpagos estavam mais próximos e frequentes. Yohan pensou nas equipes e como deviam estar passando trabalho. Enfrentar uma tempestade já era difícil, na Cidade Fantasma então, deveria ser muito pior.

— É verdade o que você disse lá? — indagou Yohan.

— Sobre os mortos? — devolveu Cisco parecendo desinteressado.

— Sobre tudo.

— Você disse que eram lendas. Por que o interesse? — Cisco estava aparentemente chateado por ele ter desacreditado sua história.

— Você sabe que os rapazes têm medo. O que acha que aconteceria se a notícia de que há uma cidade próxima da Forja infestada de mortos se espalhasse? — respondeu Yohan com a certeza de que havia usado um bom argumento.

Cisco ponderou por alguns instantes. Tinha o cabelo raspado e um olhar sério. Uma barba rala contornava a boca pequena. Olhou para as nuvens, para o chão e, por fim, para Yohan.

— Você tem razão, não contarei mais histórias. Prometo — disse com seriedade.

— Agora me conte o que você sabe — pediu Yohan.

Os dois caminharam bastante e já estavam distantes da sala de jogos e do alojamento. Começou a chover fortemente, ambos se abrigaram sob um pequeno espaço feito com teto de palha sobre toras, de formato hexagonal. Dentro havia alguns bancos de toras de madeira. Aparentemente o local era utilizado para fumantes, pois havia cinzeiros feitos de metal. Um dos irmãos passou correndo perto deles, em direção aos alojamentos. Tinha os braços e pernas muito compridos.

— Corram ou vão se molhar! — disse ofegante.

— Já vamos! — disse Yohan. — Mas obrigado!

— Quem é ele?

— Wendigo. Um coletor.

— Wendigo? — perguntou Cisco. — Por que Wendigo?

— Não sei, Comediante o nomeou assim — respondeu Yohan, dando de ombros.

— Por que não Palito ou Vareta?

— Já temos um Palito e um Vareta — recordou-o Yohan. — Por que você é Cisco?

— Ah! Deixa isso pra lá! Vamos voltar ao assunto, ok?

— Tudo bem — Yohan sorriu. — Então...

— É tudo verdade. Molenga me contou. A cidade tem um fantasma. Às vezes ele se transforma em um pássaro branco e fica apenas observando suas vítimas para atacar quando for mais conveniente. Além disso, há os mortos. Mas Molenga não sabe dizer como são, pois eles estão sempre queimados em pilhas — Cisco falou com a convicção na informação do seu amigo.

— Mas quem está matando, então? E como sabem desse fantasma? — perguntou Yohan, curioso.

— Ele não sabe. Mas acha que é um grupo grande, pois todo lugar que vão está limpo, com pilhas de mortos queimados — Cisco fez uma pausa, refletindo sobre o que sabia. — Quanto ao fantasma, as mortes inexplicáveis... — deixou a resposta no ar.

Yohan ouvira algo parecido de Alanna. Gostava muito dela. Preocupava-se porque sabia que ela estava lá fora agora junto com o outro grupo.

— Mas isso não é tudo, meu amigo cabeça-oca — disse Cisco interrompendo seus pensamentos, querendo lhe contar mais.

— O que mais você sabe sobre os mortos?

— Não é sobre os mortos. É sobre o combustível — disse Cisco.

— Combustível? — Yohan ficou curioso. O que haveria de errado?

— Sim... Eu não sou lá muito bom em contas, mas nossa produção deveria ser mais que o suficiente para as rondas e para vender — falou Cisco em tom preocupado. — Pelo tanto de vezes que eles saem, deveria estar sobrando, ou a quantidade negociada deveria estar retornando. Não temos armas, a comida que temos é daqui... Tem coisa errada, meu amigo.

— Você acha que tem alguém roubando? — perguntou Yohan. Geralmente não era de sua índole ficar desconfiando das pessoas.

— Eu não sei — afirmou Cisco. — Molenga está me ajudando a fazer algumas contas. Quando ele voltar, teremos uma ideia melhor. E, quando eu for soldado, poderei saber o que está acontecendo. Acha que eu deveria contar isso pro Milles?

— Acha que ele acreditaria sem nada concreto para apresentar? — respondeu Yohan pensativo.

— Foi exatamente o que pensei. Por isso preciso estar no meio do negócio. Eu acho que o Contador pode ser o problema — sugeriu Cisco.

— Talvez... — Yohan não gostava muito do sujeito, mas também não achava que ele pudesse estar roubando. — Eu tenho acesso a alguns registros, vou ver no que posso te ajudar.

— Obrigado, Yohan — disse Cisco dando um pequeno tapa nas costas do amigo como forma de despedida. Deu alguns passos e, antes de sair do local, se virou para completar — Por enquanto acho melhor esse assunto ficar entre nós.

Yohan balançou a cabeça confirmando e viu o amigo desaparecer no meio da chuva. Ficou algum tempo ali observando a água que caía do céu, os relâmpagos e digerindo tudo o que tinha ouvido. Estava surpreso pela possibilidade de alguém se arriscar roubando a Forja. As regras eram claras e seguidas à risca. Qualquer um que as violasse seria exilado no deserto para a morte. Já havia presenciado isso duas vezes desde que Milles assumira. Corrente, um coletor, tentara esconder algumas coisas que achara em uma das rondas e Mão de Brasa, o cozinheiro, que comia parte da comida destinada para o jantar. Ambos foram amarrados no deserto vivos para que os corvos os devorassem.

O vento aumentou ainda mais, como se quisesse arrancar tudo o que estava conectado ao chão. Yohan pode observar à sua volta que as árvores e a plantação tentavam resistir à forte ação do temporal, como se suas raízes fossem mãos que seguravam desesperadamente no solo para não serem levadas. Tudo o que persistia eram as torres de extração de petróleo, com seus contrapesos subindo e descendo parecendo uma grande marreta castigando o solo.

Deixando os pensamentos de lado, correu em direção aos alojamentos tentando fugir da chuva. Apesar de não ser muito distante, chegou lá completamente molhado. Pegou uma toalha, roupas secas e foi tomar banho. Sua conversa com Cisco não havia saído de sua mente, como se algo evidente houvesse passado despercebido.

Após o banho, olhou-se no espelho. O cabelo curto e a barba conferiam-lhe um visual mal-humorado. Usava no pescoço um cordão que ganhara do próprio Homem de Ferro. O pingente era um círculo fechado e dentro dele havia uma figura formada por uma linha reta que subia até o meio e se dividia em outras três, a do centro seguindo o sentido da inicial e as outras duas subindo em diagonais opostas, como um garfo que fora torcido. Ele lhe dissera que, enquanto usasse aquele amuleto, teria sorte.

O Homem de Ferro era a única pessoa que realmente havia feito ele se sentir útil. Como as coisas haviam mudado com sua saída. Ele estava sempre entre os irmãos conversando e orientando. Milles nunca falava com ninguém, se comunicava basicamente por recados através de Braço, seu homem de confiança.

Vestiu-se, estendeu a roupa molhada para secar e voltou para o quarto. Chegando lá viu que, dos três companheiros de quarto, dois já dormiam e o outro provavelmente ainda estava jogando. Deitou-se na cama, em cima do braço direito, olhando para o teto, para refletir melhor sobre tudo o que ouvira mais cedo. O sono demorou a se manifestar, então ele fechou os olhos para descansar.

Será mesmo que alguém está nos roubando? Quem poderia ser? O Contador...

— Senhor! Senhor! Acorde! — disse a voz conhecida de seu auxiliar interrompendo seus pensamentos.

Yohan abriu os olhos e virou a cabeça na direção de Fiapo.

— O que você quer, garoto?

Os outros dois acordaram apavorados, resmungaram e voltaram a dormir após as desculpas de Fiapo.

— Milles mandou que nos arrumássemos, Senhor! — o garoto baixou a voz, mas estava muito agitado.

— Arrumar para quê? — trabalho noturno não era algo comum.

— Para prestar suporte ao Queixo-duro e seus homens. O blindado quebrou — respondeu o rapaz.

— Eles chegaram? — perguntou Yohan com animação. Queria saber sobre Molenga.

— Não, — disse o rapaz de cabeça baixa, — mandaram uma mensagem, estão com problemas.

Yohan nunca havia saído para consertar seus veículos fora da Forja. Orgulhava-se muito disso.

— E onde eles estão?

— Na Cidade Fantasma, Senhor.

Meredith

O vento soprava na plantação de trigo, criando ondulações nos finos caules como se fosse um grande tapete sobre o solo. A menina gostava de ficar sentindo a brisa e ficar vendo a densa plantação dançando. O sol era forte e brilhava radiante. A sombra da macieira era um refúgio conhecido e bem-vindo. Sentia o cheiro da lavanda não muito distante. A plantação de menor porte era mais rasteira e exibia tons de lilás. Ela fazia contraste com o trigo, alto e de tom amarelo enfraquecido.

Os pássaros voavam sem bater as asas, apenas plainando ao vento. Ela os assistia voar até as montanhas, além do horizonte. Ficava encantada com a liberdade que eles tinham, e, por vezes, abria os braços sentindo o vento, querendo também ser um pássaro.

O final da tarde vinha sempre acompanhado do pão de trigo que sua mãe fazia. Seu pai trabalhava arduamente o dia todo, todos os dias. Ela não conseguia entender porque alguém precisava trabalhar tanto. De onde estava conseguia ver a casa de seus pais. Uma casa modesta, de madeira, com o telhado disposto de forma íngreme, parecendo uma cabana. Na lateral da casa havia uma escada que levava à varanda onde eles faziam as refeições. No telhado havia duas pequenas torres, das janelas dos quartos. Por vezes ela saía pela janela e deitava-se no telhado para olhar as estrelas.

Do lado da casa havia um grande galpão onde seu pai guardava os equipamentos, ferramentas e o que era produzido. Ele era alto e feito de madeira. Lá também era a moradia dos patos, patas e galinhas. Além do seu galo Rufus, é claro. Esse frequentemente arrumava confusão com os demais.

Ainda dentro do celeiro, havia paredes formando os estábulos. Neles ficavam os dois cavalos da fazenda. Bragado, o cavalo de seu pai, e Malhada, a égua negra que ela havia ganhado de presente. Seu irmão ainda era muito pequeno para cavalgar, mas ele gostava muito dos cavalos. Chamava-os de “Bagado” e “Maiada”. Com frequência perguntavam a ele os nomes, porque gostavam de vê-lo tentando falar.

Mas isso foi há muito tempo...

Agora, mulher, frequentemente ela sentia o gosto amargo das lembranças. Toda a felicidade que uma vez existiu lhe havia sido roubada. E, muito pior, sentia-se como se nunca mais pudesse ser concedida novamente. Para não pensar, tentava

manter a cabeça ocupada em seu trabalho, o trabalho que mantinha acalmada a sua raiva e saciada a sua sede de vingança.

Sentada no terraço de um dos prédios, observava as cores da grande cidade de Cassino. Seus prédios altos e bem iluminados chamavam a atenção principalmente à noite. Em vários tons de azul, amarelo, verde, vermelho e lilás, cada um deles era como um templo das atividades principais que aconteciam lá: jogos, bebidas, drogas, violência e prostituição. Todos os vícios da antiga sociedade que se recusaram a morrer na guerra.

O pecado e o mal estão tão vivos em nós quanto o bem.

Ela sabia disso porque viveu intensamente o melhor dos dois lados. As pessoas vinham para Cassino para tentar afogar todo o amargo do que suas vidas haviam se tornado nos atrativos que a cidade proporcionava. Desde que estava ali viu todo o tipo de pessoa, as que não sabiam perder, as que não sabiam ganhar, as que se matavam, as pessoas que vagavam sem muitos objetivos na vida e as que simplesmente existiam, inertes a tudo que as cercavam.

Em Cassino, como na vida, tudo tem um preço. E muitas vezes não se tratava do que a pessoa tinha, mas do que podia oferecer. E esse era seu trabalho. Todos os prazeres eram permitidos lá, desde que fossem pagos. O frenesi do jogo muitas vezes fazia as pessoas apostarem o que não tinham. Se ganhassem não teriam problemas, mas se perdessem teriam que pagar. Custe o que custar.

A missão que lhe fora dada era um homem chamado Andrius. Ele trabalhava para o Negociador, um homem tão poderoso quanto seu empregador. Veio até a cidade para fazer uma entrega e acabou se encantando com a simpatia das moças da Dona Mia. Dificilmente alguém não se encantava, pois ela só acolhia as melhores.

Motivado pela moça, Andrius entrou para uma das mesas de jogo e, como geralmente acontecia, ganhou muito dinheiro nas primeiras rodadas. Logo estava com um amontoado de fichas, uma garrafa do melhor uísque e duas moças seminuas no colo lhe acariciando. A cidade sempre dava uma falsa e momentânea sensação de muito poder, para logo depois a banca tirar até a esperança dos muitos apostadores.

No desespero de perder toda a glória conquistada de forma tão fácil, os jogadores muitas vezes pediam empréstimos à banca para recuperar o prejuízo. Entre migalhas de esperança, a banca ia sugando-os lentamente, afundando-os ainda mais. O caminho era único e desesperador. No caso de Andrius, pelo menos, foi exatamente assim que aconteceu.

Meredith recebeu informações de que ele iria embora da cidade à noite, tentando uma fuga escondido em um carro de um amigo poderoso. Havia controle no portão

de quem estava na cidade e quanto estava devendo. Ninguém saía sem quitar sua dívida. Olhou no relógio, que marcava vinte e uma horas e vinte oito minutos.

— Gunnar, está na hora — falou para o seu parceiro pelo comunicador preso em sua orelha. Seu chefe recentemente dera um a cada membro de sua equipe de segurança e o equipamento havia se mostrado muito útil.

— Ok. Vou ficar na porta esperando você entrar — disse seu parceiro pelo rádio.

Trabalhavam juntos há muito tempo. Ele não era muito comunicativo e ela preferia assim. Eventualmente alguns homens tentavam iniciar algumas conversas com ela, falando do quanto tinham, fazendo propostas indecentes e falando coisas vazias. Para ela, toda conversa desnecessária era perda de tempo.

Saindo do terraço, desceu pelo elevador do prédio. Lembrava-se da primeira vez que entrara naquela caixa metálica cheia de botões. Ficou impressionada o quão alto ele a levava sem sair do lugar. Parecia que era o prédio que mudava de lugar.

Já no saguão principal, acenou com a cabeça para Kitty, a recepcionista. Ela era encarregada de receber as pessoas que vinham conhecer o prédio Malibu e levá-las à área de experiência onde eram oferecidos pequenos drinques e apresentada a casa. A sala era escura com luz negra e várias pinturas em tinta neon na parede. No ar exalava um cheiro amadeirado característico daquele prédio em forma de névoa, a qual Kitty dizia ser gelo seco. Cada prédio tinha seu aroma. Tanto o drinque quanto a névoa continham substâncias levemente alucinógenas. Quando os visitantes percebessem, já estavam entregues aos prazeres do lugar e aí era tarde demais.

Saiu pela porta do prédio. O chão refletia as luzes do grande letreiro que piscava na entrada sem parar. Sentia no ar o cheiro da fumaça de um cigarro. Sentado na calçada um homem velho e magro fumava, com roupas amarelas sujas do chão da cidade. Um pedinte. Estendia a mão para as pessoas que passavam. Quando a viu, mudou a expressão, fazendo uma cara de agonia.

— Por favor, linda jovem. Uma moeda para me ajudar a comer — pediu a ela deixando o cigarro na calçada e estendendo a mão em sua direção.

Meredith olhou para ele por uma fração de segundos e seguiu seu caminho.

Perdedor!

Ouviu o homem cuspir e balbuciar alguma ofensa atrás de si. Levou a mão à faca por baixo do sobretudo preto, mas preferiu deixar isso de lado para não perder o foco na sua missão. Jamais falhara ou se atrasara, não teria sua primeira vez por causa de um maldito pedinte. Mas a ideia de matá-lo a agradava, como a brisa do vento.

Faria um favor a todos se te matasse.

Seguiu pelo caminho em direção ao seu objetivo, deixando para trás aquele infeliz que viveria dependendo da boa vontade das pessoas. Ela não queria

depende de ninguém, nunca mais. Seu trabalho lhe conferia uma série de benefícios. Não conhecia o mundo afora, mas, se todos iam para Cassino, deveria ser um dos melhores lugares para se estar.

A rua era estreita e estava cheia de pessoas vagando pela noite. Todos que passavam por ela a olhavam. Com curiosidade, desejo ou mesmo medo. Era possível decifrar os olhares. Ela se orgulhava por saber decifrar as pessoas apenas pelo olhar. Na entrada de uma das casas de acompanhantes, as mulheres andavam com roupas provocantes seduzindo e convidando todos que passavam.

— Boa noite, docinho. Procurando algo diferente? — disse-lhe uma delas, loira, de olhos claros e lábios carnudos.

Meredith sorriu com o canto do lábio, mas passou direto para ela.

— Eu não mordo... Se você não quiser... — falou de longe a mulher.

Você não pode me dar o que eu quero.

Ela procurava apenas um homem no mundo todo, e não era para ter esse tipo de prazer.

De longe avistou o prédio com o nome de Las Vegas, o mais popular de toda Cassino. Era lá que as pessoas mais poderosas frequentavam. O prédio era largo, alto, amplo e bonito. Como o restante dos prédios, era bem iluminado. A porta de entrada era uma pequena cobertura retangular sustentada por colunas largas e hexagonais. De fora era possível ver as incontáveis janelas do prédio. Um tapete largo e vermelho vinha da porta até a calçada para receber os jogadores. Com certeza Las Vegas não era para Andrius, mas parecia estar à altura do seu amigo misterioso.

Na porta, Gunnar a aguardava com as mãos para trás. Usava uma camiseta preta de manga curta que vestia bem o peito largo, por cima dela um colete preto, calças e botas também pretas. Seus olhos eram castanhos, o cabelo curto estava em cima de um rosto duro, de olhar sério e desconfiado.

Os dois formavam uma dupla e tanto. Jamais falharam em cobrar uma dívida. Ele tinha a mesma facilidade que ela para matar. Porém, enquanto ela se justificava pela sede de vingança ao que lhe aconteceu, ele simplesmente parecia gostar. Perto dela ele era gigante. Enquanto ela era agilidade, ele era força bruta.

— Ele está aí — disse Gunnar olhando para ela sem mover um músculo.

— Eu vou na frente. Vamos tentar o jeito discreto. O rádio estará aberto, já sabe o que fazer — disse Meredith com uma autoridade implícita na voz. O chefe não gostava de confusões, para não preocupar os jogadores.

Gunnar fez um aceno afirmativo com a cabeça e com isso estava tudo combinado. Ela entrou pela porta principal. Uma troca de olhares com o segurança foi o suficiente para que seu acesso fosse autorizado. Pôde perceber certo nervosismo no olhar dele, pois quando ela aparecia o motivo já era conhecido.

Todos tinham que ser muito competentes para que a situação não se tornasse caótica.

Como esperava, o salão de jogos estava iluminado apenas pelo jogo de luzes coloridas que passeavam pelo lugar. Uma música de batida eletrônica embalava as dançarinas que faziam strip-tease em cima do palco. O cheiro era uma mistura de aroma cítrico e oriental.

O cheiro do pecado...

Olhou em várias mesas até encontrar o seu objetivo. O lugar estava completamente lotado. Pessoas riam, jogavam, bebiam, como se toda a felicidade do mundo só estivesse disponível ali, naquela noite. Ela foi avançando entre as pessoas, tudo parecia acontecer em ritmo desacelerado. Em uma das mesas, um homem a viu e ergueu o copo em sua direção. Mais à frente, duas garotas se beijavam, uma empurrando a outra contra um pilar. Quatro garotos assistiam a cena, excitados, colocando fichas dentro das poucas roupas que as garotas usavam.

Otários!

Cruzou quase todo o salão para chegar onde queria. Na mesa, estava ele. Sentado de costas, um grande terno branco combinava com as calças. Calçava sapatos vermelhos e usava um chapéu. Do seu lado estava um homem calvo, com cabelos apenas nas laterais da cabeça. Vestia um traje escuro bem alinhado. Ambos conversavam e riam com copos de uísque na mão. Junto deles, três garotas compartilhavam a diversão.

— Achei. Consegue me ouvir? — perguntou ao parceiro.

— Sim — recebeu como resposta.

— Estou indo até lá.

Caminhou decidida até eles. Seria só mais uma vez de várias que já fez isso. Chegando próximo à mesa, Andrius a viu.

— Ei, você! Me traga mais uma bebida — ordenou de forma arrogante.

Gordo escroto!

Chegou próximo a ele e, com toda a calma que conseguiu reunir, segurou no seu braço, puxando o rosto para perto de si. Ao longe ouviu gritos de comemoração de algum jogador iludido.

— Senhor Andrius, por ordem do dono da casa, preciso que o senhor me acompanhe — falou de um modo formal.

— Quem é você? — perguntou-lhe o homem assustado, inclinando o corpo para trás, examinando-a de cima a baixo.

— Pode me considerar como assistente de relações pessoais dele — falou sem largar o braço do homem, encarando-o nos olhos.

— Eu não quero falar com ninguém, estou bem aqui! — disse o homem, de forma ríspida. — Se quer ser útil, me traga mais uma bebida, querida —

completou, levando a mão ao rosto dela.

Meredith se esquivou da mão do homem e encostou discretamente a adaga na lateral do corpo dele. Ela notou que ele tremeu quando sentiu a ponta da lâmina.

É uma pena eu ter que te levar vivo, babaca.

— Nenhum de nós quer ver suas tripas espalhadas aqui no chão. Por isso *insisto* que você venha comigo, *agora* — Deu ênfase às palavras, esperando que o homem tivesse o bom senso de acompanhá-la sem criar maiores problemas.

Andrius estava com medo, parecendo saber o assunto a ser tratado. Olhou para o seu amigo, que estava observando a situação. O homem calvo lhe fez um aceno positivo com a cabeça, o olhar era confiante. Então o gordo se levantou da cadeira.

— Tudo bem — disse, parecendo mais tranquilo.

Parece que alguém vai salvar o seu rabo, afinal.

— Nós vamos sair pela porta ao lado do bar. Você vai na frente. Não tente nenhum truque — orientou o homem.

Saíram serpenteando por entre as pessoas do salão, ele na frente e ela logo atrás. A faca ainda estava escondida discretamente em sua mão. As garotas que estavam se beijando agora rebolavam nos colos de dois dos garotos. O homem que havia lhe oferecido o drinque, quando a viu, abriu os braços com uma cara de desagrado.

— Você me trocou por isso? — falou de forma frustrada. Claramente a bebida já estava fazendo efeito. Andrius não ficou contente com o comentário, mas seguiu sem reclamar.

Passaram pelo bar onde um grupo se divertia. Um dos homens lambia uma trilha de sal na barriga de uma das dançarinas para logo depois pegar o limão da boca dela com um beijo. Todos do grupo brindaram e gritaram extasiados com a festa e com a felicidade momentânea.

O garçom os acompanhou com o olhar, mas não protestou porque já sabia do que se tratava. Quando Andrius não estava vendo, o garçom fez um sinal para Meredith passando o dedo no pescoço. Todos que trabalhavam no Cassino a chamavam de “Anjo da Morte”.

Saíram pela porta, na parte de trás do prédio, em um beco que recebia a saída de vários outros. No final dele havia um acesso para uma das ruas principais. Ao fechar a porta, o som diminuiu consideravelmente. Meredith sentiu o ar da noite e só então percebeu o quanto era puro. O salão dava a impressão de ter um ar pesado para quem entrava, mas logo ele se desvanecia diante de tudo o que era oferecido.

— Por ali — indicou Meredith, apontando com a cabeça para o final do beco, onde estava Gunnar com o carro. A adaga seguia firme na sua mão.

O homem concordou com a cabeça e caminhou olhando para baixo.

Incrível como engolem a arrogância.

A cinquenta passos de distância do carro, saíram de uma das portas cinco homens bem vestidos que vieram em sua direção. Andrius correu e passou por eles.

— Aliás... — disse o homem gordo — eu não vou a lugar nenhum com você!

Os homens pararam na sua frente, formando uma barreira.

— Estou vendo. Precisa de ajuda? — perguntou Gunnar pelo comunicador.

— Não... — respondeu confiante e animada por poder matar.

Obrigado, seu escroto. Estava precisando disso.

— Com quem está falando? — perguntou Andrius, confuso.

Meredith levou a adaga até à boca e beijou a lâmina com os olhos fechados, buscando concentração. Matar para ela era como uma dança cujos passos todos ela havia decorado.

— Matem essa louca! — ordenou Andrius aos homens.

Dois avançaram à frente. Um era careca e estava armado com uma faca. O outro tinha um moicano, barba e várias tatuagens no pescoço, esse usava duas soqueiras. Em Cassino não eram permitidas armas por motivos óbvios, porém eventualmente alguém era pego entrando com elas escondidas nos lugares mais diversos.

O de moicano avançou em direção a ela com as mãos erguidas e olhar sério. Chegou próximo e desferiu um soco com a mão direita. Meredith bloqueou com a mão esquerda, jogando-a para baixo. Segurou com a direita enquanto a esquerda passava com a adaga pelo rosto do homem. A mão direita então avançou em direção ao pescoço, passando de um lado a outro. O homem caminhou para trás com os olhos arregalados e as mãos no pescoço. Caiu de joelhos, com o rosto no chão e de lá não se levantou.

Veio o careca então, mais cauteloso que o primeiro. Segurou a faca com a lâmina apontando para baixo. Chegando perto dela, tentou dar uma apunhalada no pescoço. Meredith ficou de lado bloqueando o ataque com o antebraço esquerdo. Segurou a mão do oponente com sua mão direita, fez do seu cotovelo esquerdo um ponto de alavanca, girou o braço do careca para baixo, fazendo-o apunhalar a própria barriga três vezes. Após isso, passou sua faca no pescoço, para mandá-lo fazer companhia ao primeiro.

Andrius assistia com os olhos arregalados.

— Próximo? — perguntou ela sorrindo com o olhar gatuno, girando as adagas em ambas as mãos.

Um dos homens cuspiu e andou em sua direção. Os outros dois o seguiram no ataque.

Atacarão os três? O que houve com a coragem?

Dois passaram por ela, cercando-a em um triângulo. Ela ficou de costas para o prédio, com um em sua frente e um de cada lado. Conseguiu notar que Andrius ainda estava lá. Aguardou o ataque, encarando-os nos olhos.

Pressentiu um ataque vindo da direita, bloqueou com o braço direito, golpeando a garganta do adversário com um soco da mão esquerda. O que estava na sua frente tentou uma facada em seu abdômen e ela usou o primeiro agressor como escudo. A faca ficou presa nele, então ela atacou o segundo na lateral do corpo com duas punhaladas, empurrou-o contra o muro com uma facada no peito. Fazendo um giro chutou a faca, enterrando-a mais ainda.

O terceiro olhou apavorado para ela. Girou para fugir e correu alguns passos até que a adaga arremessada cravasse em sua nuca. O homem desabou ao lado de Andrius, que tremia.

— Você vai me matar? — perguntou o homem com a voz trêmula do medo.

Meredith estava se recompondo do júbilo da luta. Apanhou suas adagas e encarou o homem.

— Infelizmente, não. Você precisa ser levado para o Apostador.

O homem pareceu aliviado com a resposta. Meredith indicou novamente o carro como se nada tivesse acontecido. Andrius entrou na porta de trás do furgão. Gunnar estava na direção.

— Você nem teve dificuldade — criticou seu parceiro, enquanto ela se sentava no banco do carro.

— Um dia te dou uma chance e vemos como se sai — falou olhando para a frente.

Ele sorriu, ligou o carro e foi em direção à parte norte de Cassino. A verdade é que Gunnar também era implacável para matar. Porém, geralmente fazia um maior estrago nos inimigos.

Os três então chegaram à entrada da casa mais importante de Cassino, a mansão do Apostador. Ficava mais retirada da cidade, por um acesso único que era muito bem vigiado. Após se identificarem para três guardas diferentes, Gunnar e Meredith aguardaram com o carro no pátio central.

A mansão era feita de pedras em tons de cinza com telhado azul. As paredes formavam amuradas com terraços dispostos no segundo andar. Ao lado da porta principal havia um espaço semicircular fechado com placas de vidro e sustentado com colunas de formato cilíndrico. Todas as janelas da mansão eram de vidro. Acima das amuradas, guardas ficavam de vigia segurando rifles com mira telescópica.

Dentro de uma das salas estava acontecendo uma festa. Havia algumas mulheres e homens bem vestidos, mas o vidro distorcia um pouco suas silhuetas. A porta se abriu e então ele apareceu. Usava um traje vermelho escuro, colete bordô com botões dourados, camisa branca e sapatos pretos, a cartola em vermelho combinava com o traje. Uma cinta de couro, no lado esquerdo do corpo, sustentava o coldre com o revólver tão conhecido pelos seus devedores.

O Apostador caminhava com passos estilosos e confiantes. Estava sorridente e Meredith não se lembrava de vê-lo de mau humor. Sua pele era negra como a noite. No rosto, o cavanhaque se ligava com o bigode, criando um contorno de pelos bem aparados em volta da boca. Os pequenos óculos redondos que usava na frente dos grandes olhos castanhos tentavam disfarçar sua sagacidade e imparcialidade para os negócios, fazendo-o aparentar ser mais amigável do que realmente era. Cassino refletia exatamente sua personalidade. Para quem o conhecia há muito ou pouco tempo.

— Gunnar!! Meredith!! Minha dupla dinâmica! Trouxeram meu convidado especial? — disse de forma muito animada.

Gunnar abriu a porta do furgão. Andrius olhou para os três com medo, sem saber o que ia acontecer. Avaliou o Apostador e não pode deixar de reparar no revólver.

O Apostador acompanhou o olhar dele olhando para sua cintura, depois voltou o olhar para Andrius.

— Não, não, não, não! Como pode pensar isso de mim!? Se eu quisesse você morto, você já estaria morto! — falou o Apostador, de uma forma muito natural, abrindo os braços.

O homem olhou para ele desconfiado, como um animal acuado.

— Mas aqui não é lugar para conversamos! Venha! — disse chamando-o com a mão, caminhando em direção à outra porta da casa — Vamos até minha sala tomar um uísque e falar de negócios.

Gunnar fez um aceno com a cabeça e o homem gordo saiu do carro, caminhando aos empurrões.

O animal sabe quando está indo para o abate.

Os quatro entraram na casa. A grande sala tinha uma lareira central e três grandes sofás dispostos em torno de uma mesa de centro de madeira escura. Nas paredes havia muitos quadros coloridos com figuras distorcidas, como se o pintor houvesse executado o trabalho às pressas, pincelando negligentemente a tela. Próximo à lareira havia um tapete feito de um urso abatido. A grande cabeça fora empalhada com uma expressão de rugido. Apesar de o animal estar morto, a visão era intimidadora. O Apostador era evasivo quando perguntado sobre a origem de todas aquelas coisas, respondendo sempre o mesmo.

“Ganhei em uma aposta”, lembrou-se ela das palavras.

Andrius estava tão assustado quanto admirado com o amplo lugar.

No final da sala, havia uma porta que levava a outra sala menor. Dentro dela havia uma mesa, com duas poltronas revestidas de couro na frente e uma poltrona de madeira de mogno com estofados de couro, atrás. Nas paredes, mais quadros igualmente confusos. Meredith se viu em um local muito conhecido para ela. Vários acertos de contas haviam sido feitos ali. Alguns acabavam bem, já outros...

— Sente-se, vamos conversar — disse o Apostador apontando para uma das poltronas. — Meredith, por favor, sirva um uísque para nosso amigo.

Andrius sentou-se ainda desconfiado de tudo o que acontecia. Meredith abriu a garrafa robusta que havia na mesa. No rótulo havia uma coroa sobre uma almofada. Serviu duas doses e entregou uma a cada um. O Apostador deu um gole, olhou para o copo e começou a acenar positivamente com a cabeça.

— Aaaaahhhhh, isso que eu chamo de uísque de verdade! O que você acha? — perguntou olhando para Andrius.

O homem gordo olhou demoradamente para o copo, receoso. Olhando para ele, o Apostador fez uma expressão de desagrado, foi até a poltrona e trocou os copos. Tomou um gole do copo que estava com Andrius e fez sinal para que ele também bebesse. O homem tomou um pequeno gole, mal molhando os lábios.

— Me ajude a me lembrar do seu nome... — falou balançando a mão com o indicador apontado para ele, um dos olhos fechados como se fosse uma tarefa muito difícil.

— Andrius...

— Andrius!! — falou como se houvesse lembrado algo muito importante — Sabe por que eu te trouxe aqui, certo?

— Eu... acho que sim — confirmou Andrius.

Que patético.

— Sabe, Andrius... — começou o Apostador, largando o copo sobre a mesa, sentando-se em sua poltrona. — Nós temos uma política muito séria dentro de Cassino. Você pode jogar... Pode beber... Pode fumar... Pode até ter todas as mulheres que quiser... — ele gesticulava bastante enquanto falava — desde que pague.

— Eu não tive sorte... — defendeu-se Andrius. Reuniu a coragem necessária e tomou outro gole do uísque.

— Sorte... — refletiu o Apostador — às vezes ela nos abandona, não é verdade?

— Mas eu ia te pagar... é que não tenho nada aqui comigo, preciso buscar — disse o homem, aparentando estar muito nervoso.

— Meu caro Andrius, — o Apostador fez uma pausa para finalizar o uísque do copo, — tudo o que você precisa para me pagar está aqui!

— Como assim? — o homem soou confuso.

Gunnar e Meredith assistiam a cena da porta, como se fossem parte da decoração do local. Porém, estavam de prontidão para qualquer imprevisto.

— Informação! Eu vou te explicar como vamos quitar sua dívida. Já ouviu falar em roleta russa? — o Apostador sacou o revólver do coldre, girou duas vezes na mão e abriu o tambor para o lado. Levou sua mão direita ao bolso e retirou-a com o punho fechado — Eu inventei algo mais... interessante!

— Para cada mil fichas que você me deve, será uma rodada adicional. Como você ficou devendo 5.343 fichas, infelizmente teremos que girar o tambor seis vezes — ergueu os ombros e pressionou os lábios com uma cara sarcástica de pena.

— Mas eu não sei de nada que possa te interessar! — Andrius estava claramente apavorado.

— Calma, meu amigo. Aí que vem a parte interessante! — disse o Apostador, muito animado — Cada resposta certa que você me der, eu deixo de colocar uma bala. Mas só terá uma chance de me responder corretamente cada pergunta. A primeira rodada é por conta da casa!

O Apostador colocou uma bala no tambor, girou-o e encarou o homem gordo sorrindo. Apontou o revólver para o joelho esquerdo de Andrius. O gordo mostrou uma leve intenção de se mover, extremamente desconfortável com a situação, mas Gunnar, experiente, agarrou-o nos ombros. O Apostador puxou o gatilho.

“Clack”

Meredith pode ver que Andrius suava frio. O copo de uísque tremia em sua mão.

O que pode esse idiota saber de tão importante?

Se fosse por ela, ele já estaria morto. O Apostador, porém, parecia saber quem tinha as informações de que ele precisava.

— E você reclama da sorte!? — riu desapontado. — Primeira pergunta: Quem é o homem ia tirar você de Cassino?

— É um amigo meu... — respondeu Andrius, evasivo.

— Resposta errada! — O Apostador colocou outra bala no tambor, girou-o e apontou para o joelho direito do homem.

Andrius olhava apavorado para o revólver. O Apostador puxou o gatilho.

“Clack”

— Devo lhe avisar que sua tão desprezada sorte diminui com o aumento das balas — advertiu o Apostador. — Ombro esquerdo, ombro direito, saco e cabeça — falou apontando para cada uma das partes em que atiraria na sequência.

Andrius então entendeu que se não desse nenhuma resposta convincente, quando chegasse à cabeça, não precisaria nem girar o tambor.

— Responda com sabedoria — disse o Apostador sorrindo. — Pergunta número dois: quantos homens tem o Negociador?

— Eu não sei! Eu juro que não sei! Eu não fico com os homens, eu só faço as entregas... — Andrius estava apavorado.

— Sshhhhh! Sshhhh! — fez o Apostador, levando o dedo indicador aos lábios. — Você tem que se esforçar mais, Andrius.

Retirou o copo da mão do gordo e bebeu um gole do uísque para tomar coragem. Colocou a terceira bala no tambor, girou-o e apontou para o ombro esquerdo de

Andrius.

O som foi do tiro foi alto, porém não mais que o grito do homem. No terno que era branco, lentamente foi surgindo uma mancha vermelha que avançava com o sangramento. Ele tentava se contorcer com a dor, mas Gunnar segurou-o firme na cadeira.

— Não pense que eu gosto de fazer isso, Andrius. Mas você não está me ajudando — falou o Apostador pesarosamente, enquanto o homem gordo agonizava.

— Se eu não voltar... O Negociador mandará alguém me procurar... Seu desgraçado! — o homem falava com os dentes cerrados, sentindo a dor causada pelo tiro.

— Andrius... Eu te tratei tão bem aqui e você ainda me faz ameaças? Olhe para a minha cara — fez uma pequena pausa. — Pareço preocupado?

Andrius viu que estava sem recursos no momento. Só o que tinha era a verdade.

— Pergunta número três: Com quem o Negociador está conseguindo combustível?

— Com a Forja! Eu juro! É com a Forja!

— Muito bom! Viu como foi fácil?! — disse o Apostador sorridente. — Mas isso não quer dizer que não temos que atirar no seu outro ombro. E lamento dizer que terei que recolocar a bala que gastamos...

Recolocou a bala que havia sido disparada, girou o tambor, apontou para o ombro direito e puxou o gatilho.

A arma disparou no outro ombro. O homem tentou se desvencilhar e Gunnar teve que lhe dar um soco para que ficasse na cadeira.

— Quase lá, Andrius. Quase lá — disse o Apostador, tentando reconfortá-lo.

O homem encarava-o com muito ódio no olhar.

— Pergunta número quatro: Com quem mais ele negocia?

— Com todos, que eu saiba: O Chacal, a Forja, Colina do Leste e do Oeste, todo o Vale e até com a Resistência. Todos — Andrius havia desistido de mentir. O que era extremamente compreensível.

— Agora estamos nos entendendo, meu amigo — disse o Apostador, mais satisfeito — Não vou nem recolocar essa bala, para provar que estou contente com sua resposta.

Girou o tambor com as duas balas e apontou em direção à pélvis do homem, que se encolheu na cadeira. Tomou mais um gole do uísque, fechou os olhos e puxou o gatilho.

“Clack”

— Uh, mas que sorte! Nessa eu estava torcendo por você, Andrius. De verdade! — disse o Apostador com uma expressão aliviada.

Pela primeira vez na noite, Meredith viu no homem um sorriso vago no rosto. Mas ele sabia que ainda não havia acabado.

— Vamos acabar com isso, meu amigo. Essa é bem importante. Última pergunta: Quem é o homem que surgiu no deserto?

Andrius refletiu por um tempo, mas pareceu entender do que se tratava.

— Foram os homens do Chacal que o encontraram. Ele negociou com o chefe por uma quantidade absurda de armas, comida, remédios e combustível. Tudo o que sei é que ele não é daqui. Ouvi os homens falarem que ele é capaz de desenvolver coisas incríveis — disse Andrius.

— Que tipo de coisas? — perguntou o Apostador curioso, colocando um pé na poltrona ao lado da de Andrius e se escorando na perna erguida.

— Armas... Energia... Remédios... Veículos... Todo o tipo de coisa — respondeu Andrius.

O Apostador balançou a cabeça, satisfeito.

— E você achando que não poderia me pagar, não é? — perguntou em tom brincalhão, dando alguns tapinhas no joelho do homem gordo.

— Por favor, não me mate! — implorou Andrius.

— Isso vai depender apenas da sua sorte — disse o Apostador, como se não pudesse fazer nada — Você tem quatro chances em seis. Isso é mais de 60%.

Girou o tambor com as duas balas e apontou para a testa do homem. Novamente ele se encolheu, tentando esquivar a cabeça do tiro. Gunnar o segurava firme. O Apostador finalizou o copo de uísque, pensou por um instante e puxou o gatilho.

— Sorte... Às vezes ela nos abandona, não é verdade? — perguntou o Apostador, reflexivo.

O corpo sem vida de Andrius jamais poderia lhe responder essa pergunta. Mas só esse fato já comprovava que era uma verdade inexorável.

— Sua dívida está paga — disse o Apostador ao corpo sem vida.

Sua dívida está paga. Ecoou Meredith na sua cabeça, frase dita como de costume ao final de um acerto de contas.

— Se livrem do corpo e se preparem para sair — disse o Apostador de forma muito séria. — Eu quero que vocês tragam esse homem para mim.



Ethan

Ele corria no meio da plantação tentando encontrá-la.

— Olivia!! — chamava por sua amada esperando que ela desse um pista de onde estava.

— Você não vai me achar dessa vez! — respondeu ela de forma divertida.

As folhas altas e verdes do milho batiam em seu rosto, então ele corria com a mão à sua frente para proteger-se.

— Onde você está?

— Por aqui! — respondeu ela.

O som da voz vinha de sua direita. A plantação era alinhada formando trilhas para todos os lados, mas ao mesmo tempo era densa, tornando quase impossível de se enxergar muito além. Moveu-se na direção da voz.

— Estou indo, meu amor. Eu vou te pegar!

Correu até suas pernas cansarem procurando por Olivia, mas não conseguiu encontrá-la.

— Não é por aí, seu bobo. Estou aqui! — disse ela.

Dessa vez a voz vinha da sua esquerda.

Será que passei por ela e não vi?

Foi novamente em direção à voz. Corria alegremente para encontrá-la. Quase não aguentava a saudade que estava sentindo. Era como se alguém estivesse apertando seu coração com as mãos.

— Está quase... — disse-lhe Olivia alegremente — Mais um pouco... Mais um pouco...

Ethan sentiu uma movimentação nas folhas logo à sua frente, algo vindo de encontro ao seu rosto.

De novo, não.

Abaixou-se rapidamente rolando para a frente. A gadanha passou com muita velocidade por cima dele, cortando folhas, milho e tudo o que encontrou pelo caminho.

— *Se você não trabalhará para mim, não o fará para mais ninguém* — disse num sussurro a mesma voz que aparecera em seu pesadelo.

Ethan se levantou procurando o seu agressor. A voz desaparecera e tudo voltou a parecer calmo e tranquilo. Ele caminhou com certo receio dando passos pequenos e

olhando para todos os lados. Pensou em achar alguma saída, mas lembrou-se de Olivia.

Tenho que encontrá-la!

Pôde notar que atrás de si as folhas farfalhavam por causa de algo que vinha rapidamente em sua direção. Sem esperar, ele se pôs em movimento, avançando para dentro da plantação. Quanto mais ele corria, mais densa a plantação ficava, chegando ao ponto de ficar muito apertada, como se quisesse segurá-lo.

Viu atrás de si a figura escura se formando. A gadanha subiu alto, pronta para o ataque. Quando desceu, ele saltou para a frente. Logo após a queda, Ethan estava em um círculo onde todas as plantas haviam sido achatadas ou cortadas. Tateou o corpo para ter certeza de que não havia sido atingido pela lâmina. Observou em volta procurando pela figura negra, mas não havia sinais do seu perseguidor.

Recuperando-se da queda e do susto, percebeu que bem na sua frente havia um fino tronco de madeira, com outro tronco menor atravessado na parte de cima formando uma cruz. Nela pode reconhecer o corpo de sua amada amarrada pelas mãos e pelos pés.

— Olivia!!! Olivia!!!

Correu em direção a ela, procurando ao redor, com os olhos, algo para soltá-la. Lentamente ela abriu os grandes olhos azuis. Estava suja e com algumas marcas de sangue. Usava o vestido laranja, o mesmo que ela estava vestindo quando ele a viu pela última vez.

— Você está bem, meu amor? — perguntou a ela com uma tristeza na voz.

— Ethan... — a voz de Olivia era fraca.

— Eu vou te tirar daí! — disse ele olhando para todos os lados, desesperado à procura de algo que pudesse ajudar.

— Não precisa... — disse ela. — Não precisa mais se preocupar comigo...

— Como assim, meu bem? — perguntou confuso.

— Você me deixou morrer, Ethan... — disse Olivia quase num sussurro. — Você me deixou morrer...

— Eu... Não... — Ethan não sabia o que dizer.

— Você me deixou morrer... — ela aumentou a voz. — Você me deixou morrer!

— Me desculpe, Olivia... Eu... — A dor o deixara paralisado.

— Você me deixou morrer! — agora ela gritava enfurecida — Você me deixou morrer! Você me deixou morrer!

De repente, chamas de tons amarelos e alaranjados começaram a envolver o corpo de Olivia. Logo ela estava completamente consumida pelo fogo, mas em vez de gritar ela ria compulsivamente.

— Você não vai fazer nada, Ethan? — A voz dela começava a se distorcer. As chamas não emitiam fumaça, mas o cheiro que se espalhava era muito forte.

Ethan estava estático vendo aquela situação. A dor e o sentimento de culpa não o permitiam sequer sair do lugar.

— Ethan, o tempo está passando... — falou Olivia, rindo em meio às chamas. — Ethan... Ethan... Ethan... Ethaaaaan!!!!

Ethan abriu os olhos devagar. Sentiu o gosto amargo do sangue na boca. Passou a língua nos lábios e percebeu que estavam inchados e cortados por dentro, cortesia do golpe de pá que levava no rosto.

Quantos sonhos ruins eu ainda terei?

O forro da casa era de madeira e descia em diagonal do centro até a lateral. Ele olhou as paredes em volta, que também eram de madeira. Estava ciente de que não era sua casa. Sentia todo o corpo dolorido.

Há quanto tempo estou aqui?

O quarto era bem amplo. Na parede havia alguns quadros com pinturas de paisagens do campo. Um deles era uma grande árvore com o pôr do sol ao fundo, sobre a sombra da árvore uma família fazia uma ceia. Todos pareciam felizes como se simplesmente não existissem problemas no mundo. Em outro, por sua vez, havia um cavalo descansando à beira de um rio. Seu pelo era de um tom marrom muito bonito. A crina preta comprida caía pelo flanco do animal, que olhava distraído para as águas calmas.

Barão...

A porta do quarto estava aberta. Por ela passou uma senhora sorridente, vestindo uma calça rosa que ficava larga em seu corpo, uma blusa branca e um casaco de lã bege. Nas mãos, trazia uma bandeja com uma xícara sobre um pires e alguns biscoitos. Já havia a visto incontáveis vezes, Ethan sabia exatamente quem ela era. Sentou-se na cama envergonhado por estar ali.

— Ethan, finalmente você acordou! — disse ela de uma forma animada e amável.

— Dona Dothy... — Ele não sabia sequer como começar a conversa.

Dorothy era a esposa do Velho Joe, mãe de Alan. Ethan a conhecia desde que era criança. Era muito famosa na vizinhança pelos seus saborosos biscoitos. Meninos e meninas brincavam todos os dias no campo próximo à casa do velho Joe. No final da tarde, Dona Dothy, como era carinhosamente conhecida, levava uma limonada e uma bandeja de biscoitos para as crianças comerem na sombra da grande figueira. Todos gostavam muito dela.

Bons tempos. Pensou com pesar.

Olhar para aquela senhora tão simpática fez Ethan recordar do seu passado repleto de alegria. Mas logo se lembrou de que a vida se encarregara de ir levando as pessoas que ele amava, um a um. Um grande sentimento de tristeza o invadiu, e sem que desejasse, lágrimas vieram aos seus olhos.

— Olivia...? — deixou a pergunta no ar, limpando as lágrimas com as costas das mãos. Não a vira morta de fato, mas sabia que as chances dela estar viva eram mínimas. A lembrança de sua amada ardendo em chamas pendurada no meio da plantação o atingiu mais forte que o golpe da pá no rosto. Sacudiu a cabeça tentando afastar esse pensamento.

Dorothy chegou próximo dele, sentou na cama e olhou fundo em seus olhos. Aqueles olhos claros carregavam uma paz inabalável. Mesmo quando ela ficou doente na cama, estar em sua presença era agradável como sentir a brisa fresca do vento em um dia quente de verão. Ela suspirou lentamente, ajeitou a xícara no pires e começou a contar a história.

— Estávamos todos dormindo. Joe se levantou para ir urinar, uma das várias vezes que ele vai à noite. Lembro que ele disse ter visto um clarão no céu acompanhado de uma grande nuvem de fumaça. Ele começou a gritar chamando o Alan, dizendo que uma das casas estava pegando fogo. Os dois saíram correndo para ajudar — fez uma pausa enquanto ajeitava um dos biscoitos na pilha que havia feito. — Eles seguiram a fumaça até a sua casa e chamaram por você e Olivia, mas ninguém respondeu. A plantação ardia em chamas. Foram até o estábulo para tirar Barão e quando chegaram perto da casa encontraram você caído.

— Não havia mais ninguém? Alguém me golpeou com a pá! — perguntou apontando para o seu rosto.

Dona Dorothy estendeu os braços oferecendo a ele a bandeja com o chá e os biscoitos. Ethan pegou a xícara e deu um pequeno gole. Apesar da fome, não quis comer os biscoitos.

— Eles não viram ninguém — disse a senhora sacudindo lentamente a cabeça — Quando te viram, correram para afastá-lo do fogo, antes que você queimasse também.

Ethan se lembrava da claridade do fogo, do estalido que fazia queimando a plantação, do calor emanado, das grandes labaredas lambendo o céu e pensou na agonia que Olivia deve ter sofrido amarrada em meio às chamas.

Por que alguém faria isso?

— Dona Dothy... eu acho que vi Olivia amarrada no meio das chamas, mas fui atingido antes de chegar até lá. Era ela? — Ethan não conseguiu fazer a pergunta sem que as lágrimas rolassem dos seus olhos.

A pergunta pareceu atingi-la como um soco no estômago. Rapidamente toda a alegria característica que Dona Dorothy sempre levava com ela a abandonou. Com uma expressão triste e a cabeça baixa, colocou uma das mãos no bolso do casaco bege.

— Eles não conseguiam ver nada dentro das chamas, o fogo era alto e o calor insuportável, não havia nada que pudessem fazer. Pela manhã Joe e Alan foram ver

se a casa havia se salvado. Quando chegaram à plantação, Alan avistou o corpo queimado. No início achou que era do espantalho, mas ao chegar perto viu que na mão havia isso — Ela tirou a mão do bolso, com a palma fechada e virada para cima, levou até ele e abriu os dedos.

Na palma da mão de Dona Dorothy, coberto com uma fina camada de fuligem, estava o anel que ele havia comprado recentemente de Noah. O anel que despertara uma felicidade que ele nunca vira antes em Olivia. Que deveria ser o símbolo de um novo começo que desabara diante de seus olhos. Ethan não conseguiu conter as lágrimas, chorou copiosamente sentindo uma dor muito maior a tudo que já havia vivido. Já havia aceitado perder seus pais, mas Olivia e Barão lhe foram tomados.

— Obrigado, Dona Dothy... — agradeceu à senhora em meio às lágrimas. — Onde está? Onde está ela?

— Alan queria levá-la para o cemitério da igreja, mas Joe preferiu deixá-la descansando ao lado da casa. Eles trouxeram você para cá e foram enterrá-la — cada palavra proferida pela amável senhora saía com uma cautela invejável. Era como se ela soubesse que qualquer coisa que dissesse à respeito teria um impacto muito grande em Ethan. Parecia sentir-se culpada pelo que houve.

— Dona Dothy... Não tenho palavras para agradecer o que fizeram por mim — disse se levantando da cama.

— Aonde você vai? — perguntou a senhora de forma protetora.

— Preciso ver — foi tudo o que ele disse.

Calçou suas botas e foi em direção à porta. Quando estava quase saindo, Dorothy chamou por ele.

— Eu me lembro de quando todos vocês eram pequenos... — começou ela com o olhar perdido e o pensamento distante. — As tarde de sol eram sempre agitadas. Alan não gostava muito de brincar com as outras crianças, vivia quieto pelos cantos ou embaixo da sombra da figueira. Mas eu me lembro do dia em que Rita esteve aqui em casa, trazendo com ela aquele lindo anjinho loiro de olhos azuis. Alan estava na sala, sentado no sofá. Sem a menor cerimônia aquela menina caminhou até ele e disse “vamos brincar?” — Dorothy contava com o olhar perdido, como se estivesse revivendo a situação. — Alan olhou para ela com os olhos brilhando, levantou-se, e desse dia em diante nunca mais quis ficar em casa. Como se aquela simples pergunta houvesse despertado outro Alan que sempre esteve ali, escondido. Ele a amava, mesmo sem saber. O tempo passou, mas aquele sentimento nunca morreu. A menina se tornou mulher e acabou se apaixonando por outra pessoa. Alan, por sua vez, nunca conseguiu tirá-la da cabeça. Nenhuma garota parecia chegar aos pés daquele lindo anjo de olhos azuis...

— Por que a senhora está me contando isso, Dona Dothy?

— Para que você entenda, filho.

— Entenda o quê?

— Qualquer reação estranha que meu filho possa ter. Ele está sofrendo tanto quanto você — Disse Dona Dorothy levantando-se da cama.

Ethan caminhou até ela e lhe deu um afetuoso abraço e beijou-a no rosto.

— A senhora também é um anjo, Dona Dothy.

Mesmo sabendo o que o esperaria em sua casa, ele se despediu dela e partiu.

Você não pode fugir do seu destino... Maldito desgraçado!

Ethan se flagrou sentindo muita raiva. Sentia-se mal por sentir raiva, coisa que era muito difícil antes de tudo isso ter acontecido, mas agora era diferente. Desceu pela escada da casa do velho Joe. Dorothy o acompanhava, mas sem falar nada. Ela sabia exatamente quando devia falar e quando devia se calar. Chegando até a ampla sala, ele procurou a porta da rua. A luminosidade do sol lhe indicou o caminho.

Saiu para a rua cobrindo os olhos escuros com as mãos, como se houvesse passado os últimos anos de sua vida morando em uma caverna. Após conseguir se adaptar, olhou ao seu redor. À direita da casa, a grande figueira se mantinha majestosa sem ceder ao calor do sol ou à força dos ventos, com suas grandes raízes fortemente ligadas ao solo. Sob a sombra das folhas, repousando sentados em uma das raízes, Alan tomava água e Joe fumava um cigarro feito com fumo enrolado em palha de milho.

Ao ver Ethan, Alan largou o copo no chão, levantou-se e veio em sua direção. Os olhos estavam fixos nele, como uma águia que encontrou sua presa.

Por favor, agora não é um bom momento.

— Alan! Já falamos sobre isso — advertiu o velho Joe levantando-se vagarosamente.

Ele não pareceu dar ouvidos, com o cenho franzido e os dentes cerrados, caminhava com passos largos e firmes. Sejam quais fossem seus pensamentos, parecia bem determinado. Chegou a dois passos de Ethan esticou os braços e o empurrou, colocando as duas mãos em seu peito.

— Você a matou, seu desgraçado!

Ethan cambaleou para trás, mas não quis responder. Sabia onde aquilo ia parar.

— Está feliz agora que ela morreu? — cada palavra de Alan era desferida como uma facada. Sua raiva era nítida. — Está contente com o sangue em suas mãos, seu desgraçado?

— Alan, não fale assim com ele! — protestou Dorothy da porta.

— Eu vi, mãe! Eu vi o desgraçado arrastando ela para o meio da plantação. Estava longe, mas eu vi! — bradou Alan.

Isso não faz o menor sentido. Porque ele está me acusando?

— Alan, quando eu acordei a plantação já estava queimando. Porque está me acusando?

— Eu vi você levando ela! Achei que era o maldito espantalho! Por que você fez isso? Por quê? Por quê!? — Alan veio caminhando até Ethan e deferiu-lhe um soco no rosto. Ele caiu de costas no chão e sentiu seu rosto esquentando onde o golpe o acertou.

Eu não fiz isso.

— Pare, Alan! — pediu o velho Joe.

Ethan colocou uma mão no chão e tentou se levantar, mas Alan já estava perto para dar outro soco. Viu a mão direita dele descendo rapidamente em direção ao seu rosto então desviou a cabeça para a esquerda. O punho fechado atingiu a grama emitindo um baque seco. Ethan conseguiu empurrar seu agressor para o lado e se levantar.

— Eu não quero brigar com você!

— Alan, não faça isso! — disse Dorothy da porta.

— Você vai pagar pelo que fez! — disse Alan com os dentes cerrados enquanto se levantava e partia para cima de Ethan. Não estava ouvindo ninguém. Parecia ter entrado em um frenesi desenfreado, como um trem desgovernado que só para quando colide com alguma coisa.

Ethan percebeu que Joe e Dorothy, apesar das queixas direcionadas ao filho, não poderiam intervir na luta. Tampouco Alan declinaria do seu objetivo de lhe esmurrar sabe-se lá até quando. Teria que se defender.

Nunca havia lutado em toda a sua vida. Não tinha sequer ideia de como se movimentar para se defender ou atacar. Já estava esperando que pudesse apanhar bastante, mas não iria se entregar porque não achava justo que fosse culpado por uma coisa que não fez. Por algo que outra pessoa o tirou. Aquele sofrimento era seu e não culpa sua.

Você não pode fugir do seu destino...

Fechou os punhos, ergueu as mãos e cerrou os dentes. Esperou Alan estar bem próximo e aplicou um soco cruzado com o braço direito. O golpe acertou em cheio fazendo-o cambalear para o lado. Ele se recompôs rápido e veio em sua direção, se atirou contra Ethan levando ambos ao chão. Os dois se engalfinharam trocando socos e rolando pela grama.

Dona Dorothy chorava assistindo a cena. O velho Joe esbravejava com ambos. Buscou seu rifle e deu um tiro para cima, mas nada parecia apartar a briga. Alan estava dominado por algo muito ruim. Ethan também não queria fugir da briga. Curiosamente estava se sentindo bem com aquilo. Sentia toda a raiva e frustração sendo dissipada a cada golpe.

— Eu jamais a machucaria! — gritou para Alan quando ambos se separaram para tomar fôlego.

— Você não vai me enganar! Eu sei o que eu vi!

Alan lançou-se contra ele colocando as mãos em seu pescoço com o intuito de estrangulá-lo. Ethan caiu de costas no chão tentando revidar contra o pescoço do seu agressor. Pôde perceber que velho Joe continuava gritando e fazendo ameaças, mas não estava conseguindo entender o que dizia. Dona Dothy chorava na porta com as duas mãos cobrindo o rosto. Sua visão estava começando a ficar embaçada. Olhou para o rosto de Alan que parecia concentrar toda a sua força e sua raiva nas mãos. Seus olhos estavam fixos em Ethan, com uma determinação coberta de um sentimento ruim.

Eu não vou morrer assim.

Deitou a cabeça para a direita e sentiu a grama fofa e úmida em seu rosto enquanto buscava alguma alternativa. Perto de si havia uma pedra. Levou a mão e conseguiu pegá-la com certa dificuldade. Girou o braço acertando a pedra na têmpora de Alan, que caiu instantaneamente. Sentiu diminuir o peso de cima de seu corpo, e sem perder tempo, foi para cima dele.

— Eu não a matei! — Disse dando um soco em Alan.

— Eu não a matei! — Outro soco.

— Você não sabe nada sobre mim! — Mais outro.

— Você não viu nada, seu mentiroso! — E outro.

A cada soco que dava, parecia que parte da culpa o abandonava. Afinal estava apenas se defendendo. Perdeu as contas de quantas vezes o atingiu no rosto. Suas mãos estavam quentes e grudadas com o sangue, mas ele estava se sentindo muito bem com isso.

— Ethan, pare, pelo amor de Deus! — pediu velho Joe, levando a mão no seu ombro.

— Sai daqui! — disse Ethan acertando velho Joe com o cotovelo. O simpático velhinho caiu sentado com o olhar triste para ele. Nesse instante, Ethan parou e se deu conta do que estava fazendo.

O que foi que eu fiz?

Olhou em volta e viu a figueira imponente no seu lugar, como se aquilo tudo que estava acontecendo simplesmente não lhe dissesse respeito. Na porta da grande casa de madeira, Dona Dothy encarava-o boquiaberta e com olhar vazio. Não com medo, nem com raiva. Apenas perplexa, como se estivesse olhando para um estranho. Ethan olhou para suas mãos e depois para Alan. Seu rosto estava sujo com terra e completamente coberto com sangue. Ele estava consciente, porém com os olhos fechados e muito fragilizado. Ao lado dos dois, Joe se levantava lentamente.

— Acho que agora está na hora de você ir para casa, filho.

Ethan não sabia o que dizer. Saiu de cima de Alan e estendeu a mão para ajudar velho Joe. O simpático senhor se encolheu demonstrando medo. Ficou em pé sem

qualquer ajuda.

— Me desculpem... Por tudo isso... — disse Ethan, envergonhado.

Virou-se e caminhou em direção à sua casa, com passos curtos e olhar perdido, trilhou o caminho quase por instinto. Sua cabeça estava girando num turbilhão de pensamentos e as imagens passavam rapidamente: A plantação em chamas... O espantalho... A figura negra... Seus pesadelos... Olivia... O rosto ensanguentado de Alan...

O que foi que eu fiz?

Será que fiz mesmo o que Alan disse?

Quem é esse Corvo?

O que fiz para ele querer me causar tanto mal?

Por que Olivia?

Por mais que pensasse e tentasse juntar as peças, elas não se encaixavam. Não havia sentido em nada do que estava acontecendo. “*Eu vi o desgraçado arrastando ela para o meio da plantação!*” Ressoaram as palavras de Alan.

Eu jamais faria isso com ela. Jamais!

Tentou lembrar-se de alguma desavença que poderia ter. Nunca tivera uma discussão sequer na vida e não tinha o hábito de tratar ninguém mal. Olivia não tinha inimizades e nem os seus pais. A única pessoa que não gostava dele era... Alan.

Entrou no portão da sua fazenda, ainda distraído com seus pensamentos. Ele não havia visto o Corvo, de fato. O pássaro o levou a entender que ele era o assassino.

E se Alan a matou? Faria sentido ele me acusar! Dona Dothy disse que ele a amava, mas e se amava tanto a ponto de não poder vê-la com mais ninguém?

Enquanto caminhava olhando para os pés, viu um tufo de mato queimado. Estava negro, completamente carbonizado. Lentamente acompanhou o rastro de destruição e então teve a real dimensão de tudo o que havia perdido. O solo estava coberto com fuligens e restos da plantação de milho. Algumas plantas erguiam caules deteriorados até a altura de sua cintura. Ethan caiu de joelho impotente, angustiado. Queria que aquilo não passasse de um pesadelo. Queria poder acordar no outro dia e se deparar com Olivia ao seu lado, com seus lindos cabelos loiros e grandes olhos azuis. Mas a realidade era completamente diferente.

Juntou um punhado de terra em ambas as mãos, estava seca, sofrendo também com tudo o que aconteceu. Ele deixou a terra escoar entre os dedos. Suas mãos ficaram negras com a fuligem deixada pelo fogo. Lentamente ele apertou as mãos e cerrou os dentes, sentindo a mesma raiva de quando Alan o provocou.

— Ethan... — ouviu uma voz na sua frente, calma e tranquila. Uma voz que ele conhecia muito bem dos vários domingos que ia à missa. Ergueu a cabeça na direção da voz e se deparou com o Padre Joseph de pé olhando para ele com um

olhar de serenidade. Ele viera da direção de sua casa, mas Ethan não havia percebido sua presença.

— Padre... — começou enquanto se levantava, mas percebeu que não sabia o que falar. — Eu... Não vi o senhor...

— Pensei que gostaria de conversar — disse o Padre.

— Seria bom, eu acho — respondeu Ethan.

Além de algumas coisas que o padre poderia esclarecer, ele também estava se sentindo incomodado com tudo o que estava acontecendo. Gostaria de conversar com alguém de confiança e o Padre era a pessoa mais indicada.

— O que houve com você, meu filho? — disse o Padre surpreso com o aspecto de Ethan. Pela expressão que o padre fez, ele parecia um fantasma da guerra.

Ele olhou para as suas mãos e para o resto do corpo. Sangue seco se misturava com terra e fuligem e a roupa que ele usava estava com uma aparência deplorável. Sem saber o que dizer, balançou a cabeça negativamente.

— Tudo bem. Venha comigo — disse calmamente o Padre passando sua mão por cima dos ombros dele. — Enquanto você se lava eu farei uma limonada para nós.

Ethan andou ao lado do Padre Joseph até sua casa. Durante o trajeto observou sua plantação queimada. Direcionou os olhos para o lugar onde ficava o suporte que segurava o espantalho. A madeira queimara completamente, não havendo nada no local. Antes mesmo de perceber, já haviam chegado à varanda da casa.

— Vá se arrumar, filho. Depois venha para conversarmos — a voz do Padre emitia tranquilidade. Ethan sentiu-se momentaneamente bem perto dele, como se lhe transmitisse boas energias.

Entrou na casa e logo se deparou com a mesa da sala. Em cima dela ainda estava o embrulho do anel e a rosa que ele havia comprado para Olivia. A flor estava seca e havia murchado um pouco. Ele teve que conter as lágrimas, mas a dor era forte. Foi diretamente para o banheiro e se olhou no espelho. Seu aspecto estava terrível. O cabelo desgrehado, o rosto sujo com alguns hematomas e cortes, suas roupas estavam imundas e suas mãos cobertas de sangue, terra e fuligem negra. A figura do espelho não lhe parecia um conhecido. Parecia alguém realmente capaz de fazer o que Alan disse. *“Eu vi o desgraçado arrastando ela para o meio da plantação!”*

Quanto sangue será que tenho nas mãos?

Abriu a torneira da pia e começou a lavá-las. A terra e a fuligem saíram com facilidade, porém o sangue resistia, como se de fato pertencesse a elas. Depois de limpá-las, se despiu, tomou um banho e colocou roupas novas. Sentiu-se mais leve, como se suas antigas vestes carregassem também o peso de tudo o que aconteceu. Apesar de estar se sentindo melhor, sabia que nunca mais seria o mesmo.

Foi em busca do Padre e encontrou-o sentado na varanda ao lado da jarra de suco e dois copos. Vendo Ethan, o Padre Joseph sorriu.

— Bem melhor agora! Sente-se, Ethan. Tome um suco.

— Obrigado.

Tomou um gole da limonada que estava fresca e refrescante. Enquanto segurava o copo, observou a plantação queimada, que um dia já vira em época de colheita, dando mais milhos do que seu pai conseguia colher, e então perguntou ao Padre:

— Padre, você conheceu meus pais?

— Sim, Ethan. Thomas foi um dos melhores homens que já conheci, ajudou a igreja durante muito tempo. Havia vigílias em que ele e sua mãe organizavam tudo, acolhiam as pessoas e faziam ser um momento especial. Evelyn tinha um coração enorme, ajudava a todos que podia e tinha um sorriso acolhedor. Mas quando ela adoeceu, tudo mudou... — O Padre apresentou um aspecto triste e tentou trocar de assunto, aparentemente para não aborrecer Ethan. — Mas e quanto a você, filho. Como está se sentindo?

Ethan estava com o olhar distante, perdido. Na verdade não havia parado para pensar como estava se sentindo, havia muita coisa acontecendo, muitos sentimentos misturados se manifestando: dor, tristeza, frustração, decepção, raiva...

“Você não vai fazer nada, Ethan?” Lembrou-se das palavras de Olivia enquanto queimava em seu pesadelo. Sacudiu a cabeça para tentar afastar o pensamento.

— Padre... Por que alguém faria isso? Por que matariam Olivia? Ela nunca fez mal a ninguém. Se o problema é comigo, por que ela teve que pagar?

— As pessoas fazem coisas das quais não conseguimos compreender, meu filho. Elas crucificaram o filho do Senhor, escolheram um bandido em vez da salvação. A guerra evidencia o que há de pior nas pessoas. Muita gente também perdeu sua casa, sua família e tudo o que acreditava. Mas Deus escreve certo por linhas tortas e...

— Deus??? — interrompeu Ethan com indignação. — Onde estava Deus, Padre? Onde? Eu passei a vida toda seguindo as regras, sendo bom com as pessoas e olha o que me aconteceu! Onde estava Ele quando eu precisei? Onde estava Ele quando mataram Olivia? Ele simplesmente não se importa mais!

A raiva começava a surgir de novo. Ele sabia que o Padre não tinha culpa, mas também não conseguia controlar o que estava sentindo.

— Não diga isso, Ethan — censurou o Padre, mantendo a mesma calma habitual. — Com certeza tudo que aconteceu aqui foi por um motivo. Deus tem planos para você, filho. Planos bem maiores.

Do que envelhecer ao lado da mulher que eu amava?

— Então ele ainda quer algo de mim, depois de tudo que me levou!? — disse irritado enquanto se levantava.

— Onde você vai, filho? — perguntou o padre em tom preocupado.

— *Eu* tenho planos para mim, Padre — falou apontado o polegar em direção ao peito, decidido. — Eu vou até a cidade do Chacal, vou falar com ele, descobrir como achar aquele desgraçado, e vou matar ele. Eu vou fazer justiça. Vou matar o Corvo.

O Padre ergueu as sobrancelhas com um olhar de desaprovação, entendendo aquilo como um grande erro. Ethan o ignorou. Estava cansado de ser julgado, de tentar agradar os outros. Sentia que apenas isso poderia compensar tudo o que tinha acontecido. Poderia lhe trazer uma sensação de dever cumprido, e de alguma forma, honrar Olivia.

— Ethan, isso não é justiça, é vingança — pela primeira vez o padre argumentava sem sua calma característica — Não estrague sua vida! Ir atrás desse homem pode ser sua ruína e não vai trazer ela de volta. Pense no que Olivia gostaria?

— Com certeza, Padre, gostaria de estar viva.



Mordecai

Abriu os olhos devagar. O quarto estava claro apesar de a janela estar fechada. As persianas permitiam a entrada da luz em feixes alinhados que se estendiam pela parede do lugar. Mordecai jogou as pernas para fora da cama e se sentou. Empurrou os ombros para trás e massageou um deles com a mão. Estava sentindo dores no corpo todo. A adrenalina da noite anterior poderia ter omitido até mesmo a dor de uma fratura. Ele lembrava apenas de ter procurado um local, ter fechado todas as portas e janelas, ter caído na cama e nada mais. Tentou lembrar se havia sonhado alguma coisa, mas foi como se tivesse fechado os olhos, e segundos depois, acordado um pouco melhor.

Olhou para a suas roupas e percebeu que estavam completamente sujas de sangue e terra úmida. O colchão também estava imundo. Procurou o banheiro para se lavar. Quando entrou na porta uma das criaturas jazia sentada no chão, escorada na parede com uma das espadas cravadas na cabeça.

Eu não me lembro disso...

Tocou nela com cautela. Constatando que estava morta, arrastou-a para fora do banheiro. A água do chuveiro estava suja e fria, mas ele não reclamou. Qualquer coisa seria melhor do que continuar do jeito eu estava. Tirou o sangue seco do corpo e andou molhado pelos cômodos, procurando uma toalha. Não encontrou nada que pudesse usar, então se secou com um lençol. No roupeiro havia poucas roupas, mas encontrou algo que servisse. Uma calça marrom e uma camisa azul, ambas com rasgos e desbotadas. Ele gostava das suas vestes pretas, então as lavou e deixou-as secando para pegar mais tarde.

Seu estômago roncou acusando a fome presente. Rapidamente sua mente o recordou da mochila que havia jogado na árvore na noite anterior. Abriu a janela para avaliar a situação e os raios do sol entraram emitindo luz e calor. Não se lembrava de que havia repousado em um dos prédios em frente à praça. Uma brisa fraca soprava timidamente. O tempo estava abafado e provavelmente a chuva não demoraria a aparecer.

Lá fora, menos de meia dúzia de infectados se arrastavam vagarosamente afetados pela luz do sol. Não podia se dizer que eram as mesmas criaturas que o atacaram a noite, despertas, com raiva. Aquela criatura mais alta que havia incitado aquele estado de alerta coletivo.

O que era aquela... Coisa?

Certificando-se que não havia risco, saiu pela porta do prédio levando suas espadas consigo. Após eliminar os que estavam na volta, foi até a praça e procurou pela mochila. Ela estava no chão próxima à árvore que ele havia mirado. Mordecai abriu a mochila e constatou que a garrafa de vinho estava intacta.

Ah, que sorte!

Bebeu um longo gole e comeu alguns pedaços de carne seca. Estava com muita fome para cozinhar o arroz. Não sabia com certeza que horas eram, mas, pela posição do sol, não estava na metade do dia ainda. Ele imaginava que havia dormido não mais que quatro horas. Na verdade, desde que iniciara seu propósito na Cidade Fantasma, ainda não havia dormido uma noite inteira de sono. Não sabia dizer se era pelo receio de ser atacado no sono ou se pelos vários pesadelos que tinha, mas algo com certeza o incomodava.

Terminou sua refeição e guardou as coisas na mochila, ainda tinha alguns pedaços de carne seca e um pouco de vinho, mas logo teria apenas arroz para comer. Percorreu ao redor da praça em busca de algum antigo mercado ou lugar que pudesse ter mantimentos, mas tudo que conseguiu encontrar foram casas abandonadas. Em uma das esquinas havia um bar completamente devastado com as vitrines quebradas. Dentro dele não havia nada além de duas pessoas mortas atrás do balcão. A pele em volta dos ossos era uma fina película e o cheiro não estava tão repugnante quanto de outros cadáveres que Mordecai já vira.

Quem tira uma vida por causa de bebidas?

Lembrou-se então do grande centro comercial onde encontrara suas espadas na noite anterior. Lá havia muitas mesas que provavelmente eram de alguma loja de alimentos. Poderia ter alguma coisa para ele. Além do mais, precisava queimar os corpos. Estava curioso para saber quantos matara em um único ataque. Se alguém contasse aquela história para ele, provavelmente não acreditaria.

Atravessou a praça e logo se deparou com o grande prédio. Pelo caminho já havia contado mais de dez corpos, alguns mortos por ele e outros pisoteados junto à tela. A real chacina acontecera lá dentro. Mordecai puxou uma das espadas e entrou pela vitrine quebrada. Sangue seco se encontrava nas beiradas dos vidros, deixados pelos infectados que entraram ali sem muita cerimônia. A loja estava com mais claridade e era possível de ver as estantes e suportes das roupas derrubados. Avançou pelo corredor e logo começou a se deparar com os corpos sem vida das criaturas.

Observou com mais calma o chafariz, as rampas de acesso, as vitrines das lojas, e todas as coisas que passaram batidas antes. Estar ali era muito estranho. Em sua cabeça ele revivia o momento. O cansaço que sentira em suas pernas, o desespero quando seu facão ficou preso em um deles, o alívio quando a espada decapitou o

último agressor e toda a sua dúvida quanto àquela criatura que o observara para logo depois fugir na escuridão.

Ao lado da rampa jaziam muitos corpos. De um deles, Mordecai retirou o machado, limpou-o com um pedaço de pano e o guardou na mochila. Rapidamente contou oito empilhados ali. Queria chegar logo na loja que encontrara as espadas. Refez seu trajeto e conseguiu de novo seu facão e sua adaga. Guardou-os na mochila porque seu cinto ficara secando com as roupas. Enquanto se dirigia ao seu destino ia contando cada corpo pelo qual passava, alguns estavam bem vestidos, outros apenas com partes da roupa. A guerra chegara a todos os níveis sociais.

Quando Mordecai se deu por conta, estava na frente da loja. O vidro estava estilhaçado com os cacos espalhados por todos os lados, pelo visto ele atingiu o vidro com mais força do que havia pensado. Quando entrou teve que esperar os olhos se ajustarem ao ambiente escuro. Na noite anterior tudo aconteceu tão rápido que ele nem se lembrava de como conseguira enxergar alguma coisa. Acreditava que o instinto de sobrevivência o havia guiado.

O local todo parecia uma zona de guerra. Prateleiras caídas, corpos decapitados e o chão coberto com um sangue escuro e bem viscoso. Nos pontos onde a luta não atingiu, a organização era impecável. Os itens estavam perfeitamente alinhados, organizados por tamanho e separados por cores. Mordecai se direcionou até o fundo da loja para observar o local onde ficavam as espadas. Na parede havia um cartaz amarelado com alguns símbolos feitos com traços que se cruzavam. Eles se pareciam com árvores, torres, quadrados, todos feitos com linhas duras e decididas. Apesar de não entender o que significava, ele gostou do cartaz. Então o retirou com cuidado e colocou-o na sua mochila.

Na prateleira do canto deparou-se com as armas que havia visto na noite anterior. Os únicos itens que faltavam eram suas espadas que deixavam o suporte de madeira vazio. Ao lado dele havia pequenas setas e estrelas de quatro pontas que ele entendeu como armas de arremesso, duas facas cujo cabo continha pontas para serem usadas como soqueira, garras com furos para colocar os dedos e pequenas foices unidas por correntes. Colocou todas aquelas armas na mochila. Quase não houve espaço, mas sabia que poderiam ser úteis. Aquela zona da cidade vinha se mostrando diferente das que ele já havia passado.

Voltando pelo mesmo caminho, dirigiu-se até a entrada. Pretendia começar a empilhar os corpos antes que a noite chegasse, pois não gostaria de ter a mesma emoção que havia experimentado. Selecionaria bem um refúgio, colocaria várias armadilhas e ficaria observando a movimentação. Traçaria uma rota de fuga no caso de uma emboscada. Acreditava que a criatura voltaria para procurá-lo.

Saindo do centro comercial, escolheu um local que achou ser adequado e começou a empilhar os corpos. Contou oito apenas na volta. Entrou pela vitrine

quebrada para levar os mais próximos. A conta estava em quinze quando ouviu o som de vidro se quebrando ao longe.

Mas o que é isso?

Durante todo o tempo que estivera ali não vira uma única pessoa sequer. Poderiam ser os infectados que esbarraram em alguma coisa, ou mesmo um prédio ruindo. Seja qual fosse o motivo do barulho, preferiu investigar. Voltou ao apartamento para deixar a mochila. Sua roupa não estava bem seca, mas vestiu assim mesmo. Além das espadas levou algumas armas de arremesso e as mais fáceis de transportar.

Caminhou algumas quadras em direção do que pensou ser a origem do barulho. Vinha do sentido norte, a qual ele ainda não havia limpado. Todo cuidado era pouco. Achou dois deles no caminho. Puxou uma das espadas, fez um giro rápido cortando ambas as cabeças. Passou por um carro com quatro infectados dentro, provavelmente uma família que morreu sendo contaminada durante a fuga. Resolveu deixar para lidar com eles depois.

Onde será que está Diana?

Lembrou-se de sua coruja. Era o mais próximo que Mordecai tinha de uma família. Percebeu que estava sentindo saudades dela.

Não muito longe, outro som abafado se fez presente. Dessa vez não de vidro se partindo, mas sim de madeira sendo quebrada. Chegando à esquina, Mordecai se posicionou escondido atrás da parede e olhou em direção à rua. A grama havia crescido pela calçada. Musgo escalava as paredes do prédio, árvores e plantas rasteiras se desenvolviam pela rua tornando o visual do lugar dividido entre natureza e concreto, como uma verdadeira selva de pedra. Três portas estavam abertas e duas vitrines quebradas, mas isso não era novidade para ele, pois quando a guerra iniciara muitas pessoas começaram a saquear casas e principalmente o comércio.

O sol brilhava no céu, irradiando muito calor. O vento diminuía ainda mais, tornando o clima muito abafado. Mordecai notou que estava com sede. Quando foi se levantar para entrar na rua, ouviu mais barulhos de dentro de um dos prédios.

— Que droga, não tem nada aqui também! — falou uma voz grave.

— Eu acho que vi outro lugar aqui perto... — respondeu outra voz sem muita confiança.

No final da rua, de dentro de um dos prédios, saíram dois homens. Um era alto e corpulento, o outro era magro de estatura média. O primeiro utilizava roupa negra, já o segundo usava vestes de cor cinza.

Pessoas por aqui?

Mordecai até pensou em fazer contato, mas não sabia quem eram e o que pretendiam ali. Preferiu apenas observá-los.

— Por que aquele idiota não se vira com o que tem? Quanto menos tempo ficarmos aqui, melhor — disse o mais alto.

— Ele disse que sem esses tubos o tanque não vai funcionar — falou o mais magro, em sua mão segurava um tubo fino e uma ferramenta. — Se acharmos um caminhão ou algo parecido pode ser que tenha.

Um tanque? Quem são esses caras.

— Tá, tanto faz, Molenga. Eu só quero sair dessa droga de lugar. Não gostaria de passar mais uma noite sem comer e com aquelas coisas nos atacando. Já perdemos três dos nossos.

Ambos começaram a caminhar na direção de Mordecai.

— Eu acho que foi o fantasma! Tivemos sorte de não termos cruzado com ele ainda — falou Molenga, o mais magro.

— Não é à toa que te chamam de Molenga. Você acha que foi mesmo um fantasma que matou eles? Acredita mesmo em tudo que te falam, não é? Nem consigo imaginar como se tornou coletor — falou o mais alto enquanto cuspiu no chão.

Estavam próximos da esquina e Mordecai caminhou furtivamente para trás de uma lixeira.

— Eu fui o mais rápido. Simples assim — disse Molenga dando de ombros.

Passaram pela esquina, mas não notaram Mordecai em seu esconderijo. Ele pôde notar que os dois homens tinham armas de fogo, o menor uma pistola e o maior um fuzil. Por um momento pensou em matá-los e ficar com as armas, porém lembrou que havia mais deles. Se não voltassem, provavelmente viriam procurá-los.

— Mas afinal, Bud, por que Milles cismou com a Cidade Fantasma? — perguntou Molenga.

— Eu não sei, e também não importa. Nosso trabalho não é fazer perguntas — respondeu Bud, carrancudo.

— Ouvi o Contador dizer que estamos com pouco combustível. Você não acha estranho que produzimos tanto e temos tão pouco? — Molenga perguntava como se o seu parceiro soubesse de algo e não quisesse compartilhar.

— Garoto, — disse Bud colocando a mão no ombro dele e olhando-o nos olhos, — sugiro que seja mais produtivo e menos curioso.

Molenga abaixou os ombros, olhando para o chão, pareceu decidido a não fazer mais perguntas. Bud ainda o encarava quando ele ergueu a cabeça, olhou além do seu parceiro e pareceu mais animado.

— Um caminhão! — disse apontando às costas de Bud.

O homem alto se virou e olhou para dentro de um beco que Mordecai não conseguia enxergar.

— Até que enfim! Vai lá verificar, eu fico cuidando — ordenou Bud.

— Sozinho?

— Quem é o coletor? Sou eu, por um acaso? — disse Bud, empurrando Molenga.

O rapaz sacou a pistola e andou sem confiança. Chegando perto do beco, avistou o carro com os infectados presos dentro.

— Tem quatro deles aqui! — gritou para Bud.

— Se vira! — respondeu o homem, sem boa vontade.

Molenga apontou a pistola para o vidro do carro.

Não, não, não... O que você está fazendo?

— O que você vai fa..... — gritou Bud, mas antes que concluísse a pergunta o rapaz já tinha feito sete disparos. O som seco dos tiros e do vidro se partindo ecoou por todos os lados.

Bud caminhou de forma apressada até Molenga e arrancou a pistola da mão dele.

— Você por acaso é tão burro assim, seu idiota? Não sabe que o barulho atrai mais deles? — perguntou Bud, nervoso.

— Me desculpe, eu achei que...

— Você não tem que achar nada! Ande logo e pegue essa maldita peça antes que mate nós dois! — gritou Bud, apontando para o caminhão.

— Mas e minha arma? E se aparecer mais deles? — Molenga parecia estar com muito medo.

Não nega que é Molenga...

— Eu fico aqui cuidando de você. Vá de uma vez! — Bud estava claramente irritado com o seu parceiro.

Molenga olhou para os lados, sem muita confiança e correu até o caminhão. Mordecai não conseguia vê-lo de trás da lixeira. Então se esgueirou por uma viela e entrou em um dos prédios que ficava de frente para toda a situação. Ao passar pela porta, esbarrou em um vaso pequeno, que caiu e se partiu em pedaços.

— Você ouviu isso? — gritou Bud para Molenga.

— Ué, agora é você que ouve fantasmas? — respondeu o outro, sem perder a chance de provocá-lo.

— Vá se ferrar!

Mordecai esperou a reação deles. Após voltarem ao que estavam fazendo, puxou sua espada e avançou com cautela. O prédio que ele havia entrado estava em boas condições, organizado e sem indícios de violação, como se as pessoas o tivessem evacuado de forma calma e ordenada. Esperava que houvesse infectados no prédio, porém deu sorte e chegou ao terraço sem problemas.

Lá de cima conseguia ver os dois homens. Bud mantinha guarda de forma estática enquanto Molenga retirava a peça do caminhão que estava com o capô erguido. Mais adiante, na esquina, algumas das criaturas surgiram, atraídas pelos

sons dos disparos. Não se deslocavam com velocidade, mas também não eram tão lentas quanto as que ele já havia eliminado ainda naquela manhã.

— Como está aí, garoto? — Perguntou Bud sem olhar para Molenga.

— Quase terminando, por quê?

— Não... Nada... Só termine de uma vez.

Os infectados já haviam avançado metade do caminho entre a esquina da onde surgiram e Bud. Ele engatilhou o fuzil e apontou para o pequeno bando. Mordecai contou seis. O barulho do fuzil despertou a atenção de Molenga.

— Por que você engatilhou o fuzil? — Molenga parou o que estava fazendo e andou até a saída do beco para ver o motivo.

— Termine de uma vez! — ordenou Bud.

— Mas que merda! De onde vieram essas coisas? — Molenga voltou correndo ao caminhão para pegar as peças que precisava.

As criaturas avançavam com certa velocidade. Já estavam a dez passos de Bud quando o grandalhão começou a disparar. Molenga olhou com pavor e o nervosismo pareceu tê-lo atrapalhado um pouco. Bud atirava na cabeça, cada apertado do gatilho fazia o fuzil cuspir uma bala certa. Da esquina de onde o grupo veio, outros infectados começavam a surgir.

— Anda logo, seu inútil! — Bud já havia derrubado mais da metade, mas pelo visto também já estava ciente de que vinham mais.

Mordecai sabia como estavam se sentindo. Lembrava-se dos primeiros infectados que matara, há quase um ano. Era estranho como cada um deles tinha uma reação diferente. Enfrentava-os há tanto tempo e sentia que sabia muito pouco sobre eles. Bud tinha boa pontaria, sabia o que estava fazendo. Matou todos os infectados do primeiro grupo, mas estava nervoso vendo a chegada do segundo.

— Molenga, você tem trinta segundos pra tirar essa merda!

— Quase, quase, quase! — gritou o rapaz de volta.

Se de fato Molenga não estivesse demorando, os dois homens conseguiriam fugir sem problemas. O segundo grupo avançava com mais determinação que o primeiro, mas dessa vez Bud não esperou chegarem muito perto pra começar a atirar. Os infectados caíam facilmente e, por um momento, Mordecai sentiu inveja deles por não ter arma de fogo.

Nem tem graça...

Na esquina, alguns deles caíram empurrados por alguma coisa, e por cima deles apareceu uma figura conhecida para Mordecai.

Você de novo?!

A criatura surgiu com a mesma ferocidade e gritou apontando para Bud com suas mãos cheias de garras compridas.

— Mas que merda é essa? — perguntou Bud, aturdido. — Vamos Molenga, nosso tempo acabou!

Os infectados começaram a se agitar com os gritos da criatura e os primeiros avançaram correndo contra Bud.

— Terminei! — disse Molenga, vindo ao encontro do parceiro com vários tubos retorcidos na mão. — Mas que merda é essa?!

Bud ergueu o fuzil e começou a atirar, matou cinco antes dos dois começarem a fugir. Nas contas de Mordecai, eram dois fugindo de quinze. Os dois homens voltaram pela rua em que ele os avistara pela primeira vez. Os infectados seguiam correndo atrás deles com a criatura gritando atrás do grupo e caminhando de forma confiante. Mordecai observou que os prédios vizinhos eram próximos um do outro e correu para o terraço da construção do lado para acompanhar o desfecho da situação. Se a criatura morresse, ele teria uma folga. Caso os homens morressem, teria armas.

— Me dá minha arma! Me dá minha arma! — gritava Molenga aterrorizado.

— Cala a boca e corre! — respondeu Bud enquanto se virava e atirava nos outros que chegavam.

Seis caíram e o fuzil de Bud ficou sem balas. Ele tentou puxar o outro pente do colete, mas um dos infectados o agarrou no braço. Bud fez um giro jogando-o no chão, sacou a pistola e atirou na cabeça. Junto com o infectado, o fuzil ficou para trás.

— Filhos da puta! — gritou atirando em outros três que vinham correndo.

Mordecai já estava no terraço do quarto prédio. Os estranhos corriam desesperadamente. Molenga estava bem à frente e Bud eventualmente se virava e efetuava alguns disparos. Nenhuma bala se perdia no vazio, retardando ou matando os infectados. O grandalhão estava ficando sem munição. Molenga serpenteou por alguns carros abandonados e esperou por Bud, que atirava nos perseguidores.

— Falta pouco! — disse Molenga, tentando encorajar o parceiro e a si mesmo.

A 70 m deles estavam os três últimos do grupo e a criatura coordenando o ataque.

— Fiquei sem balas! Me dá os tubos que eu levo! — Pediu Bud estendendo a mão.

Molenga entregou os tubos ao parceiro e começou a correr. Quando estava a vinte passos de distância, Bud ergueu a pistola, apontou pra ele, e sem hesitar, atirou nas pernas do garoto. Molenga caiu no chão, levando a mão até a panturrilha.

— Ahhhhhh! — Gritou o garoto. — Por que você fez isso?

— Apenas um de nós vai conseguir. E você é o mais rápido, lembra? — disse Bud, começando a correr.

— Seu desgraçado! Não me deixe morrer aqui! Covarde! Eu volto pra te buscar!

— as palavras de Molenga engasgavam com o nervosismo. Ele se levantou apoiando as mãos no chão, olhou para trás e começou a correr coxeando de uma das pernas.

Ao longe, Mordecai viu que Bud dobrava a esquina e, pela distância, avaliou que Molenga não teria a mesma sorte.

Pobre coitado...

A cena era triste. O rapaz corria desesperado, olhando para trás a cada passo. Os infectados vinham com mais velocidade que ele, saltando por cima dos corpos, carros e detritos na rua, tornando tudo uma questão de tempo. Mordecai podia quase sentir o terror que o garoto estava sentindo. Os três que vinham ao seu encalço estavam muito próximos. Molenga se preparou para o impacto. A criatura emitiu um grito e eles passaram reto por Molenga, como se houvesse reivindicado o garoto pra si. Mordecai avaliou as opções, mas não havia muito que pudesse fazer. Estava muito longe para arremessar qualquer coisa e até descer do prédio seria tarde demais.

A criatura chegou perto de Molenga e Mordecai pôde ter uma real noção da altura dela. Devia medir mais de dois metros. Pegou o rapaz pelo pescoço com suas garras e o ergueu bem alto. Molenga segurava os braços dela tentando se soltar, batendo as pernas. A criatura ergueu a outra mão, enfiou-a no peito do garoto e rasgou-o de cima a baixo.

Maldita seja essa coisa e maldito seja Bud!

Por um momento, Mordecai torceu para que a criatura também matasse Bud. Avançou pelo terraço, teve sorte de quase todos terem a mesma altura. Ouviu algumas vozes e se escondeu atrás da mureta para observar. Abaixo do prédio, na rua, havia um tanque de guerra parado. Bud falava com outro homem igualmente corpulento, vestindo uma roupa azul que segurava uma grande chave. Mordecai não entendeu o que conversavam, mas o homem se virou para o caminho de onde Bud viera. Da viela surgiram os três infectados. O homem gritou e girou a chave acertando um deles com muita violência. O crânio se partiu, espalhando o sangue negro por todos os lados. O segundo recebeu um soco no meio da cara, caindo no chão. O terceiro avançou contra o homem e também caiu diante do golpe da chave. Com o pé, o homem esmagou a cabeça do que estava caído.

Gostei desse cara.

Como Mordecai já esperava, logo atrás dos três surgiu a criatura. Era mais alta que o homem e saiu vagarosamente da viela, gritando como se quisesse mostrar sua força.

— Foi esse desgraçado que matou o Molenga — disse Bud apontando para ela. Sua voz vinha carregada de nervosismo.

Devia apontar para si mesmo, desgraçado.

O homem avançou determinado para a criatura. Ela também deu dois passos em direção a ele, mas de repente teve uma reação que Mordecai também já havia presenciando. Olhou com pavor para o homem, emitiu um grande grunhido e fugiu pela viela. Ele tentou segui-la, mas era muito rápida fugindo, Mordecai sabia bem.

— Estão vindo mais, temos que sair daqui — disse Bud.

Sem perder tempo, o homem pegou os tubos e foi até o tanque para consertá-lo. Em pouco tempo o veículo de guerra já estava funcionando. Mordecai ficou observando os homens. Logo surgiram mais deles, dez ao todo. A grande maioria usava as mesmas vestes de Bud e Molenga, com exceção do homem que consertou o tanque e outro rapaz muito magro, que surgiu depois. Entre eles havia uma mulher. Mordecai demorou para perceber porque ela usava os cabelos curtos e avermelhados da cor do cobre.

— O que aconteceu? — perguntou um deles.

— Achamos um caminhão, Molenga atirou em alguns mortos e então eles nos perseguiram. Eu consegui escapar, mas eles encurralaram e mataram o garoto — Explicou Bud ao homem, que refletiu por poucos segundos.

— E o tanque? — perguntou ao de roupa azul.

— Está pronto — respondeu.

— Então vamos sair logo daqui — ordenou o homem.

Bud entrou no tanque e colocou a máquina em funcionamento, as duas grandes esteiras começaram a deslizar pela rua, fazendo-o se movimentar. O restante dos homens se dividiu entre os dois jipes e duas motos. Um dos jipes tinha no bagageiro, acima do teto, algumas caixas amarradas com cordas. No outro havia algumas armas. Mordecai então imaginou que pudesse ter alguma loja de armas na volta e resolveu verificar depois que eles fossem embora.

O homem de roupa azul estava quase entrando no jipe quando parou e olhou na direção de Mordecai. Ele teve que se abaixar para não ser visto. Esgueirou-se para o outro canto do terraço e espiou por trás de uma armação de ferro.

— O que foi? — perguntou o magrelo de roupa azul.

— Nada — disse o homem, demorando o olhar pelo terraço. — Não é nada, vamos embora.

Mordecai ficou observando os estranhos irem embora. Em menos de uma semana, tudo havia mudado por ali. A criatura, o comportamento dos infectados e agora esses homens que ele não sabia quem eram ou o que buscavam ali. Pensou em segui-los por um momento, mas a cidade era grande demais para ele ir a pé. Se ao menos pudesse falar com seu mestre, poderia se orientar.

Tenho que conseguir um carro... e armas!

Dos carros que Mordecai havia verificado, a grande maioria não estava funcionando. Seu mestre havia lhe falado que isso tinha sido causado durante a guerra. Tudo o que usava eletricidade havia sido danificado. Notou que o sol havia se deslocado um pouco em direção ao horizonte. Nuvens negras chegavam de longe, trazidas pelo vento ao encontro da Cidade Fantasma. Pelo visto o tempo passou mais rápido do ele pensava.

Ao longe viu um pássaro branco bem familiar, vindo do sentido oeste com sua silhueta delineada pelos raios de sol, e se sentiu aliviado. Estava com saudades de sua amiga e sabia que ela trazia alguma mensagem. Havia escrito ao mestre explicando seus últimos feitos. Da lista de lugares que recebera para procurar, não havia encontrado nada que servisse. Se enviasse a mensagem hoje, poderia perguntar sobre o que era a criatura e aqueles homens. Ele poderia saber de algo, afinal ele sabia muito sobre muitas coisas. Fez sinal para que Diana pudesse encontrá-lo, mesmo sabendo que não era necessário. Perguntava-se como ela sempre encontrava seu mestre e onde ele estaria agora para que a sua amiga voltasse tão rápido.

A coruja plainou no pouco vento que ainda soprava e veio em direção a ele. Mordecai estendeu o braço direito e o animal segurou-o com as pequenas garras, piscou duas vezes e ajeitou as penas das asas com o bico.

— Que bom te ver! — disse ele à sua amiga. — Tenho muita coisa pra te contar — completou afagando a cabeça da coruja.

“Uh-Uh”, foi a habitual resposta de Diana.

— Mas antes vamos ver o que você me trouxe...

Pegou o pequeno papel que estava enrolado cuidadosamente na pata do animal. Depois passou Diana para seu ombro, liberando a outra mão para ver o conteúdo. Abriu o bilhete para ler o que estava escrito: *“Cuidado, Mordecai. Você não está sozinho.”*

Ah, não! Sério!?

Mordecai estava frustrado. Esperava desesperadamente por respostas.

— Ele teve a cara de pau de te entregar isso? — indagou à coruja. — Que inútil!

“Uh-Uh”, defendeu-se Diana, piscando e girando a cabeça.

Mordecai sabia que ela não tinha culpa. Amassou o papel, jogou-o fora e andou até a outra extremidade do terraço.

— Está vendo aquele infeliz esfaçalhado lá no chão? — apontou para o corpo sem vida de Molenga. — Ele foi traído por um homem que não sei quem é. Morto por uma criatura que eu não sei o que é. E você me traz um bilhete dizendo que não estou sozinho?

Lembrou-se do fuzil que havia caído no chão e resolveu buscá-lo. Saltou dois dos prédios vizinhos e chegou a um ponto que ficava na frente de onde a criatura

matara Molenga. Diana abandonara o seu ombro no primeiro salto e estava sentada na murada do terraço. De lá Mordecai conseguia ver a esquina da qual eles começaram a surgir. E percebeu que vinham mais infectados, muito mais.

— Que bom que ele avisou — gritou olhando para Diana, ironizando o bilhete.

Conformado com a falta de resposta, Mordecai puxou suas espadas para cumprir sua missão na Cidade Fantasma, que pelos últimos acontecimentos, não era mais fantasma.



Yohan

— Ele o quê? — Cisco estava inconformado com a notícia da morte do seu amigo.

— Eu vi, Cisco. Com meus próprios olhos. Era enorme, tinha garras grandes e vários dentes. Os olhos eram amarelados — Yohan apontava e gesticulava, tentando dar uma ideia de como era o monstro.

Junto deles estava Fiapo, mas o garoto não estava com ele no momento. Escutava a história com semblante apavorado. Yohan não acreditaria se contassem para ele sobre o ocorrido.

O blindado realmente estava estragado com problemas no motor, precisou de várias peças pra poder ser consertado. O grupo se dividiu e foi em busca do que pudesse encontrar. Ele ficou junto do blindado, aguardando os primeiros que chegassem. Esperou por horas quando finalmente Fiapo trouxe algumas peças que encontrara em uma caminhonete. Mas ainda faltavam os tubos injetores que haviam quebrado de forma muito improvável.

Lembrava-se de ter escutado vários tiros e logo Bud havia chegado às pressas com três mortos ao seu encalço. Yohan os enfrentou com a chave grifo que tinha nas mãos. Foram os primeiros que havia matado em sua vida. Depois de derrubar o último, quis ir atrás de Molenga, mas aquela coisa medonha apareceu. Era enorme, mesmo para ele. No momento entendeu porque Bud correria tanto. Reparou que sangue pingava das garras do monstro e sentiu raiva e receio ao mesmo tempo. Apertou a mão em volta da chave e avançou contra ele. Inesperadamente a criatura gritou de forma muita estranha e fugiu. Nem precisou ver o corpo para saber que Molenga estava morto. Dificilmente teria chance contra aquilo.

Pobre garoto.

Queixo-duro falou que passaram a noite sendo atacados, que os mortos surgiram aos montes de todas as ruas escuras da Cidade Fantasma. Três homens foram mortos durante a noite. Algo os matou, arrastando-os para a escuridão. Decidiu que não contaria nada na Forja porque não queria espalhar o medo entre os irmãos de ferro. Além disso, havia regras de sigilo entre soldados e coletores que não poderiam ser violadas, por isso advertiu seriamente Fiapo, mesmo sabendo que o garoto não havia presenciado nada.

Provavelmente foi aquela coisa que também os matou.

— Você viu o corpo? — perguntou Cisco, determinado.

— Não vi, Cisco. Me desculpe.

— Você não me deve desculpas — disse Cisco decidido. — Mas Bud irá pagar. Foi ele, Yohan. Eu sei que foi!

— Não vá fazer idiotice — aconselhou Yohan, conhecendo seu amigo e sua reputação de ter o pavio curto.

— Deixe comigo — garantiu Cisco. — Amanhã haverá os testes e eu não vou falhar. Pelo Molenga.

Cisco estava confiante. Não desistiria até se tornar um soldado. O que poderia facilmente acontecer no dia seguinte. Haveria um teste, conforme era de costume. A Forja estava crescendo e, com ela, todas as equipes ganhavam novos integrantes. Aquela comunidade estava chegando ao seu terceiro ano e havia aumentado muito o número de irmãos. Quando chegaram ali eram em torno de 20 homens. Com o tempo, o Homem de Ferro foi recrutando novos membros e quando Yohan percebeu, já passavam de 50. Atualmente a Forja deveria ter aproximadamente 250 homens entre todos os ofícios. E chegavam mais a cada mês, todos sedentos pelo pagamento promissor ao final do tempo de trabalho. Até lá, todos colaboravam sendo produtivos de alguma forma. Aparentemente, a Forja havia se tornado um negócio muito lucrativo.

Mas lucrativo para quem?

— Vamos garoto, temos trabalho a fazer — falou, chamando Fiapo.

O céu estava claro e sem nuvens, bem diferente de duas noites atrás em que saíram em direção à Cidade Fantasma para prestar apoio à equipe de Queixo-duro. A chuva era insistente e só parou com o nascer do sol. Caminhou em direção à sua oficina. Revisaria todos os carros para garantir que não ocorresse o mesmo problema. Não estava conformado com a forma como o tanque estragou.

No trajeto, observou todas as estruturas e os grandes dutos apontando para o céu e exalando a fumaça do processo de refinamento do petróleo. Alguns pontos apresentavam pequenos traços de ferrugem, mas grande parte estava bem conservada apesar da guerra, das chuvas ácidas e do tempo.

— Traga os jipes, Fiapo. Vamos ver como estão — ordenou ao garoto enquanto se direcionava a um dos caminhões que deixaram na sua oficina. Provavelmente no dia anterior durante sua ausência.

Era um grande caminhão. Tinha um baú na parte traseira onde eram transportados os tonéis de combustível para trocar por todos os mantimentos necessários na Forja. Já o vira chegar cheio de roupas, ferramentas, alimentos e até animais, mas no momento, estava vazio. Yohan deu a volta e abriu a porta da cabine, havia um bilhete em cima do banco do motorista. Ele não sabia ler quando trabalhava de ajudante do Senhor Wilmot, aprendeu o pouco que sabia nos intervalos do seu ofício. Muitos dos irmãos de ferro também não sabiam ler. A única prioridade logo após a grande guerra era sobrevivência. Só agora, após tanto

tempo, que coisas secundárias como essa estavam se encaixando novamente no cotidiano da nova sociedade.

— Fica fraco — leu em voz alta.

Raciocinou por algum tempo, com o bilhete nas mãos, para entender o que aquilo queria dizer. Provavelmente o caminhão estava perdendo a força do motor durante o trajeto. Era bem mais fácil quando alguém lhe descrevia o problema. Leu novamente para se certificar que era aquilo que dizia.

— Estou sentido cheiro de queimado, não vá fritar seus miolos — disse uma voz bem conhecida para ele.

Yohan se virou, meio sem graça. Não tinha notado a presença dela ali. Alanna estava vestindo uma blusa colada ao corpo, calças largas e botas. Estava com uma boa expressão, mesmo com tudo que provavelmente havia passado na Cidade Fantasma. Eles ainda não tinham conversado desde o retorno à Forja.

— Essas coisas não são pra mim — se defendeu da melhor forma que pôde.

— Eu acho que você até que leva jeito, podia ser nosso contador, o que acha? — disse ela, brincalhona.

— Nem morto! Prefiro meus carros — respondeu a ela enquanto abria o capô do caminhão.

— Ou então você poderia ser um soldado. Fiquei sabendo o que fez lá — disse ela se escorando no caminhão. — Por que não participa do teste amanhã?

— Só pra começar, essa quebra do tanque me deixa fora da disputa — Fiapo que havia lembrado isso, porque constantemente contava seus pontos e o fato havia reduzido bastante a pontuação de ambos.

— Acredito que alguém armou pra você, só pode ser... — Alanna tinha o rosto bonito. Severo, mas bonito. O olhar dela sempre deixava Yohan sem jeito. — Acho que você deveria contar a Milles o que aconteceu. Não é justo que perca essa oportunidade.

— Não — respondeu decidido. — Não quero fazer parte disso. Fico bem melhor aqui, acredite em mim.

— Tudo bem, grandalhão! — disse Alanna, convencida. Colocando a mão no braço dele, completou. — Mas se mudar de ideia, me avise. Quero você junto conosco.

Houve uma pequena pausa e Yohan ficou olhando para ela sem saber o que falar.

— E você? Como está? — perguntou a ela, lembrando-se da noite anterior.

— Ah... — suspirou Alanna, cruzando os braços — Vou sobreviver. Sempre sobrevivo. Te vejo por aí... — completou com meio sorriso, caminhando em direção à grande porta.

Yohan assistiu ela sair da oficina, com o caminhar decidido. Queixo-duro podia até ser o líder do esquadrão, mas todos a respeitavam muito, até mais do que a ele.

Alanna chegou à Forja junto com ele e a primeira remessa de homens. Num primeiro momento, ele achou que ela seria desrespeitada e até mesmo estuprada pelos homens, e não demorou muito para que tentassem isso. Um dos irmãos agarrou-a uma noite logo após o jantar, mas o que ele não esperava era que ela andava com uma faca escondida. Alanna deu duas facadas no pescoço dele e o assistiu sangrar até a morte, arrastou-o para o meio do pátio principal da Forja e colocou fogo no infeliz. Os outros irmãos de ferro chegaram com curiosidade para ver o que estava acontecendo e Alanna declarou que o próximo que encostasse um dedo nela seria queimado vivo. O Homem de Ferro olhou o corpo em chamas, sorriu, e voltou para sua sala. Ninguém mais a importunou desde então. Comediante acabou batizando-a de Pulga, dizendo que ela incomodava demais para sua altura. Todos a chamavam de Pulga pelas costas, mas na frente eram poucos que tinham coragem.

Fiapo chegou estacionando um dos jipes do lado do caminhão. Saiu do carro e olhou para Alanna deixando a oficina.

— O que a Pulga queria, senhor?

— Queria me recrutar — disse Yohan, enquanto tirava o filtro do caminhão.

— Acho que ela gosta de você... — disse Fiapo, sem muita confiança.

— *Você acha, é?*

Fiapo não era do tipo de pessoa que achava coisas.

— É o que dizem...

— Quem acha isso?

— Cisco, Mosquito e todos os outros — respondeu o garoto, olhando para o chão.

— Tá bom... Me alcança um filtro novo, limpa e guarda esse aqui — pediu Yohan. — Vá buscar outro jipe e pare de fazer fofocas — completou sorrindo.

O garoto ruborizou e saiu às pressas. Era um bom garoto.

Essa gente está sem trabalho, pelo jeito.

A revisão dos jipes foi rápida. Estavam todos em ordem. Trocou uma peça aqui, um parafuso ali, mas nada comprometedor. Na última revisão do blindado estava tudo certo também, o estrago no motor não foi normal. A teoria de Alanna fazia sentido e Yohan ficou chateado.

Quem ganharia me prejudicando?

— Fiapo, sabe de alguém que não goste da gente?

O garoto ficou surpreso com a pergunta e começou a refletir coçando a cabeça.

— Que eu saiba não, Senhor — respondeu erguendo os ombros.

— Temos que descobrir. Alguém quer nos fazer mal.

Fiapo arregalou os olhos, como se não pudesse acreditar naquilo. Era um rapaz simples e inocente.

A revisão dos jipes preencheu a tarde e logo já era a hora do jantar. O grande salão tinha mais gente do que de costume, devido ao retorno dos coletores e soldados das patrulhas. O jantar servido à noite era uma água rala com legumes, acompanhado de pão duro e milho. Sempre havia milho. Mosquito desta vez não fez piadas com o velho Bill. Ele estava muito mal-humorado.

Yohan observava todos os irmãos tentando identificar algum olhar, algum sinal que pudesse ajudá-lo a descobrir quem teria sabotado o motor do blindado. Enquanto passeava o olhar pelo grande salão se deparou com Alanna olhando-o sentada a quatro mesas dele, com seu esquadrão. Quando os olhares se cruzaram ela sorriu e baixou a cabeça, olhando para o prato.

“Acho que ela gosta de você.” Pensou nas palavras de Fiapo.

— Hum... Acho que teremos um romance — riu Mosquito, flagrando ele.

— Cala a boca, Mosquito — disse Yohan, molhando o pão no prato.

Os outros riram também, enquanto comiam os legumes com pão.

— Vocês já sabem quem vai participar dos testes amanhã? — perguntou Tomate com curiosidade.

— Eu fiquei sabendo que, dos que conhecemos, Tutano, Cheiro, Sombbrero, Caçador, Whisky, Batata, Relâmpago e o nosso amigo Fantasma farão testes para coletor — disse Cisco.

— Você vai participar, Fantasma? Não gosta da refinaria? — quis saber Yohan.

— Eu até gosto, mas vou ganhar muito mais como coletor — respondeu ele. — Eu tenho um filho lá fora. O mundo ficou difícil pra quem tem pouco.

— Pra soldado vão concorrer Kunai, Kushin, Enxada, Gordon, Bonitão, Barba Grande, Pistoleiro e o melhor aqui! — disse Cisco apontando para si.

Todos se olharam por um breve momento. E logo começaram a rir. Nunca perdiam uma oportunidade de rir de Cisco porque sabiam que ele ficava bravo.

— Toda vez essa palhaçada!? — disse ele, revoltado.

Riram ainda mais.

— Confiamos em você, Cisco — apaziguou Mosquito. — Mas você sabe que terá que atirar?

— Claro que sei! Seu idiota!

— E já pegou numa arma? — perguntou Tomate.

— Claro que já!

— Sabe que enxada não é arma, não é? — perguntou Fantasma.

— Nem garfo! — completou Mosquito, rindo e dando socos na mesa.

— Vão se foder! Todos vocês! — Cisco estava vermelho de raiva.

— Calma, Cisco. Guarde isso para amanhã — aconselhou-o Yohan. — Você não pode perder a cabeça. Isso vai tirar sua concentração. O que eles querem dizer é que Kunai, Kushin, Bonitão e Pistoleiro tem experiência com armas. Não

conhecemos muito bem os outros, mas algum deles pode ter. Você sabe como funcionam os testes?

Cisco demorou algum tempo, mas retomou a calma.

— Eu fiquei sabendo que serão duas etapas, na primeira seremos divididos em equipes que se enfrentarão com armas de tinta até sobrar apenas seis. Depois seremos colocados em combate individual para restar apenas três. Os melhores enfrentam os piores — disse Cisco com convicção. — Eu não vou perder.

— Tome cuidado, ouvi dizer que esse ano algumas coisas serão diferentes — Falou Mosquito.

— Como o quê, por exemplo? — quis saber Cisco.

— Eu não sei. Agora quem organiza é o Milles e ele é muito esquisito. Apenas tome cuidado.

— Eu gostaria de ver o “Chave Grifo” participar — disse Cisco olhando para Yohan.

— Nem se eu pudesse. Não gosto de violência — respondeu ele para Cisco.

— Para quem não gosta de violência, você detonou três deles muito fácil — disse Fantasma. — As histórias se espalham — completou vendo que Yohan ficou desconfortável.

— Isso é bobagem, Fantasma. Acredite em mim. Nada aconteceu lá — respondeu Yohan saindo da mesa.

Yohan sabia que histórias sobre ele haviam se espalhado. Alguns aumentaram dizendo que ele derrubou mais de quinze mortos. Muitos dos irmãos de ferro estavam preocupados com a possibilidade de ataques à Forja, mas não podiam desertar. Se a recompensa para um irmão após os cinco anos era alta, para quem trazia um desertor, vivo ou morto, era o triplo disso. O Homem de Ferro adotou essa regra para que nenhum desertor pudesse pagar o preço de sua recompensa. Claro que isso só é avisado depois que os novatos se tornam irmãos de ferro, recebendo as marcas da marreta e da bigorna nos pulsos.

Caminhou pela noite em direção aos alojamentos. O céu estava limpo, revelando todas as estrelas no céu. Um vento forte, frio e árido passava por ele. Sentiu a boca seca e empoeirada. Havia poucos irmãos fora dos alojamentos, com exceção dos que ficavam de sentinelas. Sentiu pena deles, mesmo sabendo que ganhariam muito mais no final do seu serviço. Entrou no quarto e se deitou em sua cama, foi o primeiro a chegar. Queria descansar, pois sabia que o próximo dia seria intenso. Fechou os olhos e logo adormeceu.

Estava na Cidade Fantasma, sozinho. Por todo lado havia apenas destruição. Uma neblina densa cobria todos os prédios mais distantes, dando a impressão de estar num espaço muito restrito. De todos os becos começaram a sair aquelas coisas azuladas de olhos brancos. Yohan olhou para sua mão e se deparou com a

chave grifo. Atingiu os que chegavam próximo dele eliminando-os com uma pancada certa na cabeça. Atingiu um, dois, três, dez. Quanto mais ele matava, mais surgiam. Matar era mais fácil do que ele pensava, e fazia sem sentir culpa porque sabia que aquelas pessoas nunca mais voltariam ao normal. Não sentia o peso da chave, era como uma extensão do seu braço. Parecia que os mortos não tinham osso, cada golpe desferido afundava o crânio como se estivesse esmurrando uma fruta apodrecida.

Curiosamente sentia-se bem fazendo aquilo, queria mais deles, muito mais. Um deles chegou perto, encarando Yohan nos olhos.

— Você gosta disso, não é? — disse-lhe o morto.

Yohan ergueu as sobrancelhas surpreso com aquilo, não imaginava que tinham consciência, muito menos que pudessem falar. A neblina pareceu ter ficado mais densa estreitando seu campo de visão. Olhou com mais atenção e percebeu que aquilo que estava diante dele era Cisco.

— Cisco? — perguntou de volta.

Cisco tinha os olhos completamente brancos, a pele estava apodrecida e tinha cor predominantemente azul com manchas negras que se estendiam por todos os lados, havia poucos fios de cabelo na cabeça. Sem dar qualquer resposta ele avançou em direção a Yohan, estendendo as mãos em direção a ele e soltando um grito.

Por instinto, Yohan o golpeou no rosto e o sangue negro cobriu a cabeça da chave. Cisco caiu de joelhos e, depois, com o rosto no chão.

— Cisco... Me desculpe, eu... — disse nervoso, ao corpo sem vida.

— Eu vi o que você fez! — disse uma voz, vindo por trás da neblina.

A voz era conhecida, mas quando adentrou o seu campo de visão ele viu que estava nas mesmas condições de Cisco.

— Fiapo? O que aconteceu com você? — Yohan não entendia o que estava acontecendo.

Ele vinha andando devagar, não tinha alguns dentes e os olhos eram dois globos brancos saltando da cabeça. Encarou Yohan inclinando-se para frente, coxeando um pouco.

— Ela virá — sibilou com os poucos dentes cerrados. — Virá para todos nós.

Yohan largou a chave e deu um passo para trás, incrédulo com o que estava acontecendo — Ela quem, garoto?

Fiapo sorriu. Um sorriso cheio de escárnio, cuspidando sangue negro entre os dentes faltantes.

— A morte, Yohan... Ela quer você! Ela quer a todos nós... — falou estendendo o braço até ele.

Yohan levou o braço para frente, num movimento de reflexo, para tentar se defender quando Fiapo agarrou seu braço.

Acordou num salto com Fiapo, de fato, agarrando o seu braço.

— Acorde, Senhor! — disse o garoto. — Está tudo bem?

Yohan demorou algum tempo para recobrar a consciência, olhou para todos os lados, assimilando lentamente o ambiente.

— Estou bem, garoto, estou bem — disse afastando a mão de Fiapo. — Eu... só... Estou bem.

Não teria sentido contar seu sonho a Fiapo.

— Que horas são? — perguntou ao garoto que esperava quase uma permissão para falar.

— Estamos atrasados para o café, Senhor. Mas ainda temos tempo de comer algo antes dos testes.

Havia dois dias em que toda a Forja parava suas atividades: na iniciação e nos testes. Ambos haviam se tornado uma tradição por ali e gerava expectativa em muitos dos irmãos. Principalmente os que trabalhavam na refinaria e com a agricultura, que tinham a rotina pacata, sem grandes emoções.

Yohan e Fiapo saíram pela porta dos alojamentos vestindo os trajes azuis de mecânicos. Na rua, o sol estava nascendo, mas já era forte. Os raios aqueciam a terra seca dentro dos muros da Forja.

Chegaram ao grande salão para comer algo. Havia poucos irmãos de ferro, a maioria já deveria estar se dirigindo ao local dos testes. Velho Bill estava mal-humorado atrás do balcão, como de costume. Faltava-lhe cabelo no topo da cabeça e os poucos finos fios que ele possuía caíam da têmpora combinando com a barba.

— Heh! — fez o velho ao ver os dois. — Esperam comer algo a essa hora?

Não era possível saber se o mau humor que causara tantas rugas ou o contrário. Estendeu os braços alcançando duas tigelas com um caldo ralo. Fiapo ficou olhando perplexo para a tigela, mas não se atreveu a falar nada.

— Vamos lá, velho. Você pode fazer melhor que isso! — disse Yohan esticando a mão e fazendo um movimento de abrir e fechar os dedos, como se Bill estivesse escondendo algo nas costas. Com extrema má vontade o velho pegou um pedaço de pão duro e meio milho cozido.

— Café não tem mais! E não vou fazer só pra vocês!

— Obrigado pela boa vontade, Bill — disse Yohan sorrindo.

Os dois sentaram-se à mesa e comeram com pressa. Não queriam se atrasar para ver se Cisco se tornaria, ou não, um soldado. Havia até apostado. Mosquito e Fantasma apostaram que ele não conseguiria, enquanto Tomate, Trapaça e Fiapo acreditavam que sim. Yohan não quis apostar. Acreditava que o amigo conseguiria, mas os últimos acontecimentos o deixaram preocupado sobre as rondas dos

soldados. Havia refletido sobre a morte de Molenga. A teoria de Cisco sobre ele ter sido silenciado fazia bastante sentido. E não queria o mesmo para o seu amigo.

Saíram do grande salão e se dirigiram até o outro lado da Forja. De longe era possível ver os vários irmãos acomodados nas arquibancadas feitas de madeira. Havia uniformes de várias cores diferenciando as funções de cada um. Algumas cores predominavam, como o laranja dos operários, o vermelho dos agricultores e o verde dos caçadores. No centro das duas grandes arquibancadas, um saguão amplo e velho se erguia. Poderia ter sido imponente quando fora construído, mas atualmente estava precário, sem telhado e com paredes destruídas. Grades envolviam as saídas sem portas, tornando o local parecido com uma arena. Dentro dela havia tonéis, carcaças de carros enferrujados, caixas de madeira, sacos de areia e todo o tipo de coisa para formar barricadas.

Procuraram os conhecidos e encontraram todos próximos ao centro da arquibancada. Cisco veio animado até eles. Estava vestindo um uniforme escuro, com colete e botas, o mesmo usado pelos soldados.

— O que acham? Nada mal, não é? — perguntou abrindo os braços e dando um giro. — Fico bem de soldado.

— Só se para conter a revolta das batatas! — disse uma voz não muito longe deles. E vários risos se espalharam pelos que estavam mais próximos.

Era o Bonitão. Também estava vestido com uma roupa semelhante à de Cisco. Na volta dele estavam alguns irmãos igualmente corpulentos, Urso, Tonel e Perna Oca.

— Agora qualquer idiota pode participar? — perguntou Cisco, provocando o grande homem.

— Claro! Você encorajou os babacas, daqui a pouco até o Velho Bill fará os testes! — Bonitão cuspiu na direção de Cisco.

Yohan viu o amigo franzir o cenho e pressentiu que haveria problemas. Sabia que isso poderia tirar a concentração dele.

— Não se esqueça de que você é grande. Vai ser muito mais fácil te acertar.

Bonitão pareceu não se importar com a provocação.

— Nem sei como você pode estar participando, o Contador deve ter errado a pontuação — retrucou.

— Tem certeza? — questionou Cisco. — Eu só vejo milho no jantar. Está caçando o quê, borboletas?

O rosto arrogante do homem se fechou. A boca se escondeu atrás da barba, com os dentes cerrados. Levantou-se da arquibancada encarando Cisco.

— Te vejo lá dentro, *agricultor* — prometeu apontando para ele.

— Mal posso esperar... — retrucou Cisco, piscando para ele.

Tomate estava com os olhos arregalados. Fiapo, boquiaberto.

— Parabéns! — disse Mosquito, dando um tapa nas costas de Cisco. — Agora você está ferrado. Não quer aproveitar e brigar com mais alguém?

— Veremos, Mosquito.... Veremos.

Dentre os demais irmãos era possível identificar os candidatos, todos estavam vestindo as mesmas roupas pretas para soldados e cinza para coletores.

No final das arquibancadas, em cima de um local reservado para os organizadores, estava o Contador aguardando de forma impaciente Milles e Braço, que ainda não haviam chegado. Yohan achou estranho o homem aparentar estar tão nervoso, mudando os braços de posição constantemente e trocando o peso do pequeno corpo de um pé para outro.

— Fantasma, você sabe como serão os testes para coletor? — perguntou Yohan a ele.

O rapaz de pele clara e olhos fundos abriu os braços, fazendo um sinal de completa ignorância sobre o assunto.

— Não sei, Yohan. Ninguém quis me falar nada. Não sei se não sabem ou só não querem me dar os atalhos — confessou ele.

Yohan ouviu uma agitação na arquibancada, os irmãos falavam e apontavam para o prédio da chefia. Pôde ver ao longe quatro figuras entrando em um dos veículos e se dirigindo até o local dos testes. Olhou para o Contador, mas a ansiedade não diminuiu. Atrás do carro vinha um dos caminhões de compartimento fechado, que Yohan pensou carregar as armas e acessórios que seriam utilizados nos testes.

O que estão tramando?

Não demorou até que o carro encostasse ao lado do saguão. As quatro figuras desceram do carro e ele reconheceu Milles, Braço, Queixo-duro e Bud. Yohan havia ficado em dúvida quanto à acusação de Cisco ao último homem, mas a hipótese era tangível. Os quatro se deslocaram até onde o Contador os esperava, passando por dentro do labirinto que era a arena de testes sem olhar para as arquibancadas. Os murmúrios entre os irmãos foram diminuindo até que Milles se posicionasse para direcionar a palavra. Depois disso, fez-se um silêncio tão grande que até o vento se tornou barulhento.

O homem tinha a cabeça grande para o rosto, tinha um queixo protuberante, cabelos loiros com entradas nas testas e pequenos olhos claros. Deixou seu olhar pairar pelas arquibancadas, analisando os irmãos de ferro enquanto parecia reunir as palavras certas para o seu discurso. Esticou os braços em direção à plateia.

— Como todos sabem, hoje é um dia importante para a Forja — iniciou o discurso. — É o dia em que muitos dos nossos irmãos provarão o seu valor diante de nós. O dia em que muitos de vocês mostrarão o porquê de estarem aqui.

Milles fez silêncio. Talvez esperando alguma reação dos irmãos, mas nenhum som veio das arquibancadas.

— Todos vocês devem saber que o que fazemos aqui está cada vez mais escasso lá fora. Tentamos mantê-los tranquilos, omitindo algumas coisas, mas sei que logo as notícias se espalharão — Milles falava de forma pausada.

Alguns burburinhos surgiram nas arquibancadas de palpites sobre o assunto.

O que será que vem por aí?

— Estamos sofrendo alguns ataques. Perdemos alguns irmãos no último deles, atacaram os homens do Queixo-duro e alguns dos nossos soldados acabaram morrendo — confidenciou Milles com certo pesar.

As conversas nas arquibancadas aumentaram consideravelmente. Os irmãos conversavam entre si, preocupados, teorizando várias possibilidades, prevendo ataques iminentes e dizendo que já sabiam. Cisco olhou para Yohan, já sabendo de alguns dos fatos.

— Ele está mentindo, não é? — falou apenas para Yohan.

— Provavelmente.

— E agora? — disse Fantasma, confuso.

— Veremos o que acontece — respondeu Cisco.

Milles, vendo que os comentários estavam tomando uma proporção indesejável, puxou uma pistola e deu um tiro em direção ao céu. O som ecoou por toda a Forja, os irmãos olharam espantados para ele e o silêncio retornou.

— Não quero que ninguém entre em pânico, por favor. Temos fortificações estáveis e o deserto é impiedoso com quem não está preparado — fez uma pausa.

— Mas precisamos de soldados, para conseguir algumas coisas que não temos aqui e defender nossas instalações. Por isso eu tomei uma decisão — fez outra pausa e respirou profundamente. — Todos os soldados passarão a ganhar o dobro do prêmio no final do tempo de serviço e todos os candidatos a soldado aqui hoje serão promovidos sem precisar fazer os testes.

Cisco sorriu abrindo os braços e olhando para os companheiros. Nas arquibancadas, os novos soldados eram cumprimentados pelos irmãos e logo houve alvoroço causado por aqueles que estavam arrependidos de não terem se candidatado. Yohan teve um pressentimento de que algo estava errado. Alguma coisa não fazia sentido. Milles teve que dar mais um tiro para ter novamente a atenção.

— Mas... infelizmente não poderemos ter tantos coletores. Precisamos ter irmãos produzindo para manter a Forja — revelou Milles, com um rosto de desapontamento, olhando para as arquibancadas, se direcionando aos candidatos a coletor — Então apenas um de vocês será promovido.

Fantasma parecia preocupado. Tudo havia mudado desta vez. Surgiram algumas conversas na arquibancada, mas Milles conseguiu retomar a palavra sem o uso da pistola.

— Quero que todos os candidatos a coletor e os novos soldados entrem no caminhão. Vocês receberão mais instruções quando chegarem lá.

Houve um desapontamento generalizado. Muitos operários, agricultores e caçadores esperavam ver os testes. Era como uma guerra que ninguém morria de verdade. Havia tiros, estratégia e adrenalina. Mas Milles pareceu querer adotar um método mais prático.

— Para todos os outros, voltem às suas tarefas. Ganharão pontuação extra por hoje — decretou Milles. Virou de costas para sair do pequeno palco.

— Espera Milles, para onde vamos? — quis saber Cheiro, gritando do meio da multidão, vestindo a roupa cinza de coletor.

O homem pareceu surpreso por ter sido indagado por um dos candidatos, mas manteve a postura calma e implacável.

— Você não quer ser coletor, filho? — perguntou a ele, e olhando pausadamente para todos os outros candidatos, completou — Então... vá coletar.



Dante

— Então, o que acha? — perguntou Dante, levantando o volume do toca fitas do carro.

— Essa gritaria parece um javali sendo castrado! — disse o rapaz sentado no banco de trás, referindo-se ao rock vibrante que saía dos autofalantes.

Você faz algo além de reclamar?

O garoto era da idade de Dante. Havia chegado até à cidade do Chacal, exigindo falar com ele sobre uma história de vingança. Prometeu matar o Corvo, em troca de informações e uma chance. O Chacal não era louco de sair dando uma arma na mão de qualquer um, mas gostou da determinação do rapaz e prometeu que lhe daria uma oportunidade. Ordenou que ele fosse junto com Dante e um de seus homens buscar um pacote, que seu amigo dono da mercadoria certamente teria informações sobre o Corvo. Dante particularmente não gostava do rapaz. Tinha um temperamento amargo e reclamava com frequência de como a vida era injusta.

Os três estavam há algumas horas na estrada. Junto com Dante e o rapazinho, vinha Mason, um homem calado que parecia ser desprovido da capacidade de rir, mas pelo menos ele não reclamava do bom e velho rock ‘n roll.

— O que você gosta de ouvir? — perguntou olhando o rapaz pelo espelho retrovisor.

— Os pássaros... — respondeu o outro, do banco de trás do carro, de forma séria.

Caipira.

— Dê uma chance para o rock, você vai acabar gostando — disse Dante com um sorriso.

O rapaz fez uma careta, mas não disse nada.

Foda-se. O carro é meu e o som é meu. Se não gostar vá à pé.

Sorriu para o rapaz, tentando não entregar seus pensamentos. Olhou para o outro homem que estava ao seu lado, olhando para a estrada, completamente indiferente à conversa sobre a música que preenchia o interior do carro.

— Onde temos que pegar a mercadoria? — perguntou Dante, tentando fazer o homem quebrar o silêncio.

— Ao norte — respondeu Mason, com muita má vontade.

Estou bem acompanhado... Quase sinto saudades do meu amigo Zumbi.

Dante conhecia a estrada. Estavam indo em direção ao Vilarejo da Viúva, próximo da grande cidade conhecida como Trincheira. A estrada de asfalto cortava um grande e denso bosque cujas árvores estavam ressecadas como se estivessem doentes. A paisagem se desenhava em tons pálidos de amarelos queimados, laranjas e marrons. O sol do fim da tarde se estendia à esquerda de Dante, com sua luz fraca cobrindo debilmente o bosque.

Dante estava com fome. Eles não haviam comido nada desde cedo e ele não sabia quanto tempo faltava para chegar até o vilarejo, mas pelo que se lembrava, de lá até Trincheira seriam apenas mais algumas horas de viagem. Girou o botão e baixou o volume da música.

— Ei, Evan.

— É Ethan — devolveu o rapaz.

Que seja.

— Está com fome? — tentou puxar assunto. Não gostava muito de silêncio.

— Sim.

— O que você comia na fazenda?

O rapaz hesitou por um instante.

— Milho, batatas, cenouras...

— Eu me refiro à comida de verdade — disse Dante olhando pelo espelho.

Ethan pareceu confuso.

— Carne?

Ele acertou...

— Vocês comem carne, certo? Ou só usam animais para fins sexuais?

— Vá se ferrar! — rebateu o rapaz carrancudo.

Dante conseguiu identificar um leve sorriso no rosto de Mason.

Não tente me enganar Mason, eu sei que você gosta de uma bela cabrita...

— Calma, Azedinho. É brincadeira — tentou apaziguar o nervosismo do rapaz.

— Estou com fome, só isso.

— Não falta muito até o Vilarejo da Viúva — interrompeu Mason.

Ele conseguiu até formar uma frase!

— Só espero que tenham carne lá... — pensou Dante em voz alta.

Apesar de ter parecido uma eternidade, a viagem até o vilarejo não levou muito tempo. A constante visão das árvores ressecadas e sem folhas nas laterais da estrada tornava o caminho chato e extremamente extenso. Quando chegaram ao destino, o sol estava quase se pondo.

— Mason, você já esteve aqui?

— Uma vez.

— Sabe onde podemos comer algo?

— Acho que tem um antigo bar por aqui, perto do centro.

— Ei, Azedinho. Vamos comer algo? — disse virando-se para Ethan.

— Por mim, tudo bem — respondeu o rapaz.

O vilarejo era um amontoado de casas simples. Algumas de madeira, outras constituídas com materiais de alvenaria. Eram bem distribuídas e tudo era organizado, havia calçadas e a estrada era de asfalto, para a alegria de Johnny. Apesar de estar próximo de Trincheira, o local não foi tão afetado pela guerra. Poucas residências estavam parcialmente ou totalmente destruídas. Mason guiou-os pelas ruas fazendo sinais com as mãos, até chegarem ao bar.

— Com certeza deve ter carne aqui — disse Dante olhando a construção.

O lugar era grande. As paredes eram feitas com toras grossas cortadas pela metade e o telhado com várias telhas de barro encaixadas. Na frente havia uma sacada com pilares de madeira. Uma pequena escada dava acesso para a porta do bar que continha dois grandes vidros, um de cada lado. Dante reparou que na frente havia alguns veículos. Um pequeno furgão, uma caminhonete, dois carros com pneus furados e algumas motocicletas.

Johnny ficou estacionado em frente ao local para que pudesse ser visualizado pela janela. Os três desceram do carro e foram até à porta. Pelo vidro, Dante viu que havia algumas pessoas lá dentro. Uma música preenchia o local e apesar de não ser o rock ao qual Dante estava acostumado, parecia muito boa.

Entraram no bar e o silêncio se fez. O lugar devia ter aproximadamente vinte pessoas distribuídas em algumas mesas e mais um homem tocando violão no canto. Todas olharam para os recém-chegados. Ethan arregalou os olhos e Mason continuou sendo Mason.

— Vocês gostam de rock? — perguntou Dante.

Alguns se olharam, mas ninguém respondeu a esquisita pergunta.

Será que só eu gosto de uma boa música?

Ele caminhou até o balcão onde um homem grande com bigode oleoso e barba grossa mascava uma lasca de madeira, encarando-o.

— Olá, amigo. Estamos há horas na estrada e procuramos alguma coisa para comer. O que você tem? — Mesmo sem girar a cabeça, conseguia sentir os olhares curiosos direcionados a ele.

O homem fungou, limpou o nariz com a manga e mudou a lasca de madeira para o outro lado da boca.

— Não sou seu amigo — respondeu secamente.

Nem eu sou seu amigo. Mas se tiver carne, bebida ou uma filha bonita, posso mudar de ideia.

Dante olhou para os lados. Os homens pareciam desconfortáveis com a presença deles. Puxou algumas moedas de cobre do bolso da jaqueta e colocou sobre o balcão. Direcionou o olhar para elas e depois para o homem.

— Só queremos comer algo. Nada mais.

O homem olhou rapidamente para as moedas sem baixar a cabeça. Mascou a lasca de madeira, sem mudar de expressão.

— Tenho ensopado de batata.

Maravilha... Pelo menos o caipira vai ficar feliz.

— Alguma carne? Javali? Cervo?

O homem fez sinal negativo com a cabeça, fechando os lábios por baixo do bigode, com o olhar baixo.

Vaca? Cachorro? Ratazana?

— Vamos querer o ensopado — disse Dante.

O homem do balcão pegou as moedas e se virou para uma porta que havia atrás de si.

— Beth! — gritou ele — Traga três tigelas.

Dante virou para Ethan e Mason e fez sinal para se dirigirem a uma mesa. Sentaram-se no canto do bar, onde tinha vista para a janela. Alguns dos homens ainda os encaravam e levou um tempo até que o músico voltasse a tocar.

— Que gente mais esquisita! — cochichou Ethan.

— Vá se acostumando — disse Dante. — Acho que teremos que dormir por aqui hoje à noite — sugeriu a eles.

— Temos que chegar logo à Trincheira — lembrou Mason, de má vontade, enquanto puxava um de seus cigarros.

— Calma, Mason. Amanhã acordamos cedo e...

Beth veio até eles. Cabelos loiros, cintura fina, olhos azuis e um belo sorriso no rosto. Dante esqueceu o que ia falar. Por um momento, esqueceu até do próprio nome.

Realmente teremos que dormir por aqui essa noite.

— Três ensopados — anunciou ela largando as tigelas e colheres na mesa com um sorriso largo.

— Onde seu pai esconde você? — perguntou Dante.

E ele me dizendo que não tinha carne boa...

Beth sorriu, ajeitando o cabelo, colocando-o atrás da orelha.

— Como sabe que ele é meu pai? — perguntou ela.

— Porque ele não poderia ter tanta sorte — respondeu Dante piscando para a moça.

Ela não conseguiu conter um risinho.

— Beth! — gritou o homem de trás do balcão com olhar furioso.

A moça girou nos calcanhares e saiu apressada com o olhar apreensivo. Dante fez uma cara simpática e acenou para seu novo amigo. O homem cuspiu a lasca de madeira em direção a ele e seguiu o que estava fazendo.

— Você não perde a viagem — disse Mason, debochado.

Seus olhos estão funcionando por acaso, Mason?

— O que você achou dela, Azedinho?

— O quê? — perguntou Ethan, emergindo dos pensamentos.

— Da Beth, o que achou dela?

— Desculpe, não reparei — confidenciou o rapaz.

— Peça desculpas aos seus olhos, meu amigo. Você é virgem por acaso, Ethan?

Gosta de mulheres?

O rapaz enrubesceu.

— Sim...

— Sim, é virgem? Ou sim, gosta de mulheres?

— Não, eu...

— Não gosta de mulheres?

— Pare de torturar o rapaz, Dante — disse Mason. — Provavelmente o velho deixa a filha servir para compensar o gosto do ensopado. Isso está uma droga!

De fato o ensopado estava horrível. Beth provavelmente tinha habilidades, mas cozinhar não era uma delas.

— Ei, velho! — gritou Dante ao homem atrás do balcão. — Você tem alguma bebida?

O homem olhou com uma expressão carrancuda. Pegou três canecas de má vontade, encheu no barril que estava próximo do balcão e levou até à mesa.

— São mais três moedas. Como disse que era o seu nome mesmo? — quis saber o homem.

Te interessa?

Dante pegou a caneca e tomou um gole. A cerveja apesar de amarga, não era ruim. Passou as outras duas para Ethan e Mason.

— O homem ideal para sua filha! Esse é meu nome — disse debochando do dono do bar, erguendo e baixando as sobranceiras.

Sentiu que o homem não gostou nada da provocação. Aos arredores os olhares se mantinham nele, provavelmente não haviam mudado o foco desde que chegaram. Tomou outro gole e sorriu para o homem.

— Onde podemos conseguir companhia para passar a noite? — perguntou Dante ao barbudo, ignorando a carranca.

— No cemitério — respondeu o homem, bravo. — Podemos fazer três covas, bem rápido — completou com um sorriso maldoso, revelando um dente de ouro.

— Com esse mijo de cachorro que você oferece, não precisa nem atirar nos fregueses para matar — devolveu Dante.

O homem se enfureceu e foi até o balcão. Sua mão desapareceu e surgiu empunhando um grande facão. Voltou até a mesa encarando os três. Mason puxou

a arma e apontou para o homem. Ethan estava pálido com os olhos arregalados. O músico parou de tocar e o restante dos homens que estavam ali puxaram armas e facas, prontos para a briga. Todos se olhavam nervosos. O bar ficou parecendo uma dinamite aguardando apenas o estopim para a explosão.

— Tem mais alguma coisa pra me dizer, seu otário? — Desafiou o homem, encarando Dante, com a testa franzida.

— Sua filha continua cozinhando muito mal — respondeu Dante, dando de ombros.

Um breve silêncio se fez. A expressão do homem foi mudando e logo ele explodiu numa gargalhada.

— Você tem razão! Demos o resto de comida para um gato ontem e o bicho morreu engasgado.

Esticou a mão para Dante, que cumprimentou o homem sorrindo, com um abraço.

— Você não mudou nada, rapaz! — disse o homem. — Olha aquele ali! — apontou para Ethan. — Parece que viu fantasmas da guerra!

Todos riram de forma meio forçada, quebrando o clima tenso que havia se estabelecido. Mason guardou a arma sem mudar muito sua expressão habitual, mas parecia aliviado de não ter que participar de um tiroteio.

— Senhores, esse é meu amigo Edgar — disse Dante apontando para o homem barbudo com o facão na mão. — Edgar, esses são Mason e Ethan.

— Espero que você não tenha borrado as calças, filho! — disse Edgar provocando Ethan.

O rapaz franzino balançou a cabeça negativamente, ainda se recuperando do susto.

— Sente conosco, Ed. Conte-nos as novidades.

Edgar guardou o facão atrás do balcão e pegou uma caneca de cerveja. Fez um sinal ao músico indicando que estava tudo certo. Arrastou uma cadeira e sentou-se à mesa com eles. As cordas do violão começaram a vibrar enquanto uma melodia calma, acompanhada de uma voz grave, inundava o lugar.

— Para onde vai dessa vez, rapaz? — indagou Edgar.

— Buscar uma encomenda, para variar um pouco.

— Ainda trabalha para o Chacal? São homens dele? — Perguntou Edgar apontando para Ethan e Mason, como se não estivessem ali.

— Eu trabalho para quem me paga, Ed — disse Dante dando de ombros. — Esse conversador é do Chacal e esse outro tem uma jornada de *vingança*... — tremeu os dedos para dar ênfase na palavra.

Edgar analisou Ethan por um breve momento, sem dar muita credibilidade.

— Quem está pensando em matar, filho? — perguntou a ele.

— Eu vou matar o Corvo — disse Ethan, tomando um gole de cerveja da caneca e limpando a boca com a manga da camisa, com uma simplicidade de quem anuncia que vai pescar à beira do lago.

Não mata nem a própria fome...

Edgar não conseguiu evitar rir na cara dele.

— Você é muito engraçado, filho! Gostei dele, Dante.

— Eu falo sério — retrucou Ethan franzindo o cenho. — Eu vou matar o Corvo!

Edgar adotou um ar sério, se inclinou à frente olhando Ethan no fundo dos olhos.

— Rapaz, eu acredito que você não saiba bem com quem você está lidando. Há alguns meses ele esteve pelos arredores, mais de quinze homens sumiram e três apareceram mortos, os olhos haviam sido devorados por corvos.

— Não me interessa! Ele vai pagar pelo que fez! — disse Ethan, decidido.

— Tudo bem, filho — falou Edgar. — Não está mais aqui quem falou. Mas por curiosidade... Vale a pena se arriscar?

— Ele matou minha mulher queimada no meio da minha plantação. Não me interessa o que ele é. Ele vai morrer!

Uh! Essa eu não sabia.

O rapaz era fechado, emburrado e não falava muito. Talvez a cerveja estivesse o ajudando a contar a sua história, talvez a provocação do homem, mas o fato é que sua vingança tinha fundamento. Dante não tinha apego por mulheres, mas mataria o desgraçado que colocasse fogo no seu Johnny. Edgar então entendeu a seriedade da história do rapaz.

— Bom... Só posso te desejar boa sorte, então — respondeu o homem barbudo, sem graça. — Você irá fazer parte disso? — perguntou Edgar a Dante.

— Você sabe bem que meus negócios são outros, Ed. Estou só dando um carona para o nosso vingador.

— O que vai transportar desta vez?

Continua querendo saber mais do que deve.

— Está aí uma ótima pergunta — disse Dante, finalizando a caneca de cerveja e se levantando da mesa. — Se fizer nosso amigo Mason falar, até penso em me casar com sua bela filha — completou atirando uma moeda para o homem e foi caminhando até a porta. Mason ficou sentado e, depois de um momento de indecisão, Ethan o seguiu até à saída.

— Vá se foder! Já tenho preocupações o suficiente! — disse Edgar de bom humor. — Para quê isso? — perguntou referindo-se à moeda.

— Para seu músico. Diferente de outras pessoas, eu sei reconhecer uma boa música.

Saiu pela porta e vislumbrou o céu que estava iluminado pelas estrelas. Pontinhos brilhantes que se espalhavam pela imensidão negra. A lua tímida

brilhava distante em formato de um sorriso, com um círculo negro tentando ofuscá-la.

Que bela noite para dormir acompanhado... Mas não com você! Pensou, quando se deu por conta que Ethan o seguia.

— O quê você quer?

— Nada, só achei que você... — disse o rapaz sem muita certeza.

— Nos falamos amanhã bem cedo, Azedinho. Neste mesmo lugar. Tente não morrer. — disse Dante caminhando em direção oposta ao bar de Edgar.

— Aonde você vai? — quis saber o outro.

— Procurar uma bela moça que aceite moedas pela minha companhia para eu fazer o que faço de melhor — respondeu em voz alta já se distanciando do rapaz.

Não chegou a ver se Ethan havia entendido, mas esperava que ele não o seguisse. Afinal, a noite estava bonita demais para se passar com um caipira. Com passos tranquilos, Dante saiu pelas ruas saboreando o ar da noite, pois já tinha um destino certo.



Ethan

Mas que babaca!, pensou Ethan vendo o jovem sair sem destino com o seu caminhar arrogante de quem acha que nunca vai morrer.

O que foi aquela cena no bar? E se alguém atirasse por engano? Por que se arriscar?

Já havia dois dias que ele estava na estrada acompanhando aqueles dois estranhos homens do Chacal. O tal de Mason não abria a boca pra nada, talvez porque o outro falasse pelos dois. O carro era desconfortável e ainda por cima Dante corria feito um louco ouvindo aquela gritaria infernal. Ethan se lembrou de que já havia visto o rapaz na loja de flores quando foi comprar uma flor para...

Olivia.

Sentia-se frustrado, impotente e com raiva. Queria matar o Corvo mais do que tudo, mas sabia que no final isso não a traria de volta. Sua vida havia se alterado drasticamente por causa desse maldito homem e nunca mais voltaria ao normal. A única pergunta que Ethan gostaria de responder era...

Por quê?

Olhou ao redor. Dentro do bar de Edgar a música continuava, ele podia ouvir as vozes rindo e conversando. Mason continuava quieto no seu canto. O sujeito era demasiadamente esquisito e Ethan não queria ficar com ele. Na verdade ele não conhecia muitas pessoas e, para ele, todos pareciam esquisitos.

Onde fui me meter?

Sem saber para onde ir, começou a caminhar. Uma vez que não tinha destino, qualquer lugar serviria. Com as mãos no bolso e a cabeça baixa, ele seguiu pelo meio da rua, observando de vez em quando as casas abandonadas, iluminadas pela pálida luz do fogo nos tonéis, distribuídos ao longo da calçada. Imaginou famílias felizes morando ali. O lugar todo deveria ter sido bonito em algum dia do passado.

Já havia caminhado mais de meia hora pelo Vilarejo da Viúva. O tempo parecia não passar e ele só queria sair logo daquele lugar. Sentiu uma claridade vinda da sua esquerda, olhou para o lado e se deparou com uma cortina se fechando em uma janela. Havia alguém o observando, seja por curiosidade ou por medo.

Por que teriam medo de mim?

Essa era uma excelente pergunta, considerando que Ethan queria matar alguém que nunca havia visto. Alguém que ninguém jamais havia visto. Alguém que o

conhecia. Sua tarefa era quase um suicídio, mas ele não tinha nada a perder. O amigo do Chacal era sua maior esperança de ter alguma informação sobre o Corvo.

O crocitar vindo de uma árvore próxima interrompeu seus pensamentos. Uma ave negra o observava, emitindo um grasnado de tempos em tempos. Ethan a encarou nos olhos. Aquela visão o fez se lembrar da noite em que perdeu tudo o que amava. Mas também se lembrou do que Noah havia lhe dito.

Será que ele está por aqui, me seguindo?

— O que quer de mim!? — gritou Ethan para o animal.

Seu grito ecoou pela rua. A ave grasnou e voou noite adentro. Ethan olhou para os lados para se certificar de que ninguém o estaria observando. Tudo parecia calmo e as poucas pessoas que moravam lá já deviam estar em suas casas.

Mas que tolice, agora tenho medo de pássaros...

Seguiu seu caminho pela noite, pensando no que faria para passar o tempo até o amanhecer. Viu algumas pessoas em volta de um tonel com fogo, fumando e conversando. Olharam para ele, mas não deram muita importância. Passando por elas, uma velha o viu, saiu de onde estava e o abordou.

— Posso ler sua sorte, meu jovem?

Sorte?

— Desculpe, senhora. Mas não, obrigado — respondeu passando por ela.

— Está perdido, não está? — sugeriu a velha dando mais um passo em sua direção.

— Na verdade, não. Estou só caminhando pela noite.

— Eu não me refiro ao seu caminho. Me refiro à sua vida. Está perdido, não está?

O quê? Como ela sabe?

Ethan parou de caminhar e isso pareceu ter encorajado a velha, que segurou no braço dele encarando-o diretamente nos olhos. Tinha o cabelo desgrenhado e um hálito terrível.

— Eu posso ajudá-lo a achar o que procura. Deixe-me tirar as cartas pra você?

— Cartas?

— Sim — confirmou a velha. — As cartas falam sobre seu passado, presente e futuro. Posso te dizer o que aconteceu e o que vai acontecer.

Ethan refletiu por um breve momento, mas no final das contas decidiu aceitar. Que mal poderia fazer, afinal? Acenou para a velha positivamente com a cabeça.

— Tudo bem, vamos ver o que você tem para me dizer.

— Oh, tudo bem — disse a velha, esticando a mão para ele com a palma envolta em trapos. — Mas meus sentidos precisam ser aguçados.

Ethan entregou algumas moedas para a velha, que as pesou na palma da mão e, considerando pouco, fez sinal com a outra mão pedindo mais. Ele entregou mais

algumas moedas de má vontade. Conformada, a velha o conduziu para uma das casas abandonadas na rua. Dentro dela, havia um amontoado de velas acesas iluminando o interior. Um cheiro forte e adocicado se fazia inconvenientemente presente. Ela indicou a cadeira atrás de uma mesa para ele. Ethan se sentou sem muita confiança.

— As pessoas não acreditam em destino, rapaz — Ela falou enquanto roubava o fogo de uma vela com uma fina vareta de madeira para acender a uma vela no centro da mesa. — Mas todos nós temos. Não podemos fugir dele! — completou sorrindo, com os dentes podres amarelados.

Você não pode fugir do seu destino... O que essa velha sabe sobre mim?

— Vamos às cartas — disse ela. Esfregou as mãos e pegou o baralho sobre a mesa. Misturou as cartas e dividiu o baralho em três porções — Escolha uma e vire na mesa.

Ethan pensou por um momento, levou a mão ao punhado de cartas do meio, puxou a carta, e colocou-a no centro da mesa. A figura era uma torre com dois homens virados de cabeça para baixo.

— Uh! — disse a velha, surpresa — A torre. Essa carta diz que você está com um desequilíbrio em sua vida devido algo ruim que lhe aconteceu. Estou certa?

Olivia...

— Sim. Perdi alguém recentemente — falou Ethan, com pesar.

— Pegue mais uma carta — sugeriu a velha.

Ethan puxou novamente do monte de cartas do meio.

— Vamos ver o que temos aqui. Ah! Como eu esperava! — disse a velha olhando para a carta. — Esse é o Diabo. Indica que você está perdido, mas que essa perda que você teve trará coisas boas na sua vida.

— Mas como perder minha mulher me trará coisas boas?

— Shhhhhh! — fez a velha com o dedo indicador na frente da boca. — Não questione as cartas, rapaz. Puxe a última.

Ethan mudou a escolha e pegou a carta do monte da sua esquerda. Puxou em sua direção e se deparou com uma figura conhecida para ele, vestida de negro, segurando uma grande foice e com o rosto coberto.

— A morte... — sibilou a velha, surpresa. — Essa... Carta... não aparece para qualquer um.

— O que quer dizer? — perguntou Ethan, curioso.

— Geralmente significa uma nova forma de ver a vida. Renascimento. Um período de alterações que devemos aceitar como normal na vida — disse a velha, dando de ombros.

Ele estava confuso. Tudo fazia sentido, mas ao mesmo tempo não fazia.

— E o que faço agora? — perguntou à velha, sem muita certeza.

A velha colocou sua mão na testa de Ethan.

— Sinto uma tristeza muito grande em você, meu jovem. Mas ao mesmo tempo uma energia boa — a velha franziu a testa. — É como se estivesse sentindo duas pessoas diferentes em você.

Voltou seus pensamentos para as palavras de Alan, dizendo que o viu matar Olivia.

Serei eu uma pessoa ruim?

— Eu lhe agradeço — disse à velha. — Mas já vou indo. Tenho que procurar um lugar para passar a noite.

— Pode passar aqui, se quiser. Tenho um quarto que não é usado. Pode ser seu essa noite por mais uma moeda — sugeriu a velha.

— Bom... Eu...

— Ah, vamos! Qualquer lugar irá lhe cobrar mais que isso! — disse ela o conduzindo para o quarto.

Bom... Que mal pode ter?

— Tudo bem. Caso eu não me acorde, pode me acordar no nascer do sol?

— Ah! Claro, meu jovem.

Ethan não tinha noção do quanto estava cansado até que se deitou na cama. O sono veio rápido e profundo.

Sentiu algo pegar seu ombro e acordou com um susto. Não se lembrou de ter sonhado e pareceu não ter dormido mais do que meia hora.

— Ah! Aí está você — falou a velha animada. — Vamos, já está na hora. Seu destino espera por você!

— Como assim aí...?

— Saia, saia! — disse a velha. — Tenho mais gente precisando de minhas orientações.

Ethan saiu aturdido da casa. O sol estava nascendo tímido como alguém que se acorda lentamente. Poucos raios se estendiam na linha do horizonte, tocando a copa das árvores mais altas. Com medo de ser deixado por Dante e Mason, ele se dirigiu para o bar.

Estava na metade do caminho quando surgiram duas pessoas na esquina, pouco visíveis de longe, por causa do lusco-fusco. Uma delas segurando um taco de baseball, a outra segurando um grande facão. Caminhavam com passos lentos. O primeiro girava o taco com as mãos. Junto deles surgiu um jipe, grande escuro, carregando mais homens. Havia algo errado com os rostos, alguns pareciam grandes demais, outros, distorcidos. Instintivamente, Ethan foi se direcionando para o canto da rua e subiu na calçada. Um dos homens o avistou e cutucou o parceiro com o cotovelo.

— Ei! Não é ele?

O homem que segurava o taco parou de girá-lo e olhou com atenção para ele. Ethan ficou estático olhando para o grupo.

Será mais uma brincadeira do Dante?

— Mas olha só, cambada, se não é aquele desgraçado que roubou nossas coisas!

Eu fiz o quê?

O grupo correu em sua direção e Ethan preferiu não esperar para ver se era realmente uma brincadeira ou não. Virou-se na direção oposta de onde estava indo e começou a correr. Sabia que não estava longe do bar de Edgar, só teria que contornar a quadra, chegar até lá e torcer que Dante já estivesse retornado de seu passeio noturno. Rapidamente chegou à esquina. Olhou na direção dos perseguidores e identificou dois deles o seguindo. O jipe seguiu reto acessando a rua paralela de trás para emboscá-lo. Ethan entrou no pátio de uma das casas abandonadas e calculou que se não houvesse muitos obstáculos, o caminho o levaria até à parte de trás do bar de Edgar.

— Você não vai escapar dessa vez, filho da puta! — gritou um dos homens — Anda logo, seus idiotas!

Droga! Se isso for brincadeira eu vou matar aquele babaca!

Atravessou o pátio e chegou perto de um muro. Não era alto e ele atravessou com facilidade. As lidas do campo sempre o mantiveram em forma. Caiu na parte de trás de uma casa de madeira muito antiga. Parecia também abandonada, com exceção de um cachorro que rosnou para ele. Ethan o ignorou e logo o cachorro voltou sua atenção para os homens que chegavam ao pátio, vindos também de cima do muro. O animal avançou contra um deles, rosnando e latindo.

— Ah! Meu braço! Mata esse filho da puta!

Provavelmente o cão foi acertado com algo, pois Ethan conseguiu ouvir os gritos chorosos dele. Isso retardou os dois homens, o que foi bom para ele. Depois de mais dois pátios ele chegou finalmente ao bar. Entrou pela primeira porta que viu e se deparou com Beth na cozinha, limpando a louça. Levou o dedo indicador aos lábios pedindo silêncio. A moça o reconheceu e com os olhos arregalados fez sinal positivo com a cabeça.

Ethan pegou a madeira ao lado da porta, trancou-a e se esgueirou até a moça.

— Sabe se os dois homens que estavam comigo estão aqui? — perguntou sussurrando.

A moça apontou para o salão principal do bar, fazendo um sinal, com os olhos claros ainda arregalados com o susto. Um som abafado se manifestou da porta que ele havia entrado e ele sabia que eram os homens.

— Sabemos que está aí, seu desgraçado! Venha pra fora para acertamos nossas contas!

Ethan se dirigiu furtivamente até o pequeno salão onde Dante e Mason tomavam uma caneca de cerveja. O segundo homem estava claramente impaciente e fez uma expressão de desagrado quando viu Ethan.

— Onde você estava? — perguntou o homem que quase nunca falava. — Estávamos quase partindo sem você.

— Temos que ir embora! Agora! — Disse Ethan puxando Dante pelo braço.

— Uou, uou, uou! — resmungou o rapaz, se desvencilhando de Ethan. — O que houve, Azedinho? Usufruiu de alguma moça que você não pagou?

— Não há tempo! Eu falo sério!

Pelo vidro, Ethan viu o jipe parando em frente ao bar. Alguns homens saltaram dele com facas e tacos. O sol já havia se apresentado e então entendeu porque os rostos estavam distorcidos, todos usavam máscaras sinistras de borracha.

— Sabemos que está aí, filho da puta! — gritou um deles.

Havia menos pessoas dentro do bar do que na noite passada. Todos olharam para a rua e instintivamente levaram as mãos às armas.

Dante olhou para os homens e depois para Ethan.

— No que você se meteu?

— Eu não sei! Achei que fosse coisa sua!

Os homens continuavam gritando na rua.

— Merda! — disse Dante. — Mason, se prepare no caso da coisa ficar feia.

Mason acenou com a cabeça e conferiu sua pistola.

— Deixa isso comigo, Azedinho. Só anda do meu lado e não fala nada.

Edgar saiu de trás do balcão olhando para Dante.

— Calma, Ed. Não vamos envolver você nisso. Vai dar tudo certo, confie em mim — falou piscando para o homem grande, gordo e barbudo.

Ethan não tinha tanta certeza.

Saíram os três do bar, com as mãos para cima. Dante na frente, seguido por Ethan e Mason. Dois dos homens estavam de braços cruzados. Um deles, com uma máscara branca, carregava uma metralhadora. Um terceiro, usando uma máscara de palhaço mal-humorado, usando colete, acendeu um cigarro.

— Bom dia, senhores! — disse Dante cordialmente, com os braços abertos. — Procurando um bom ensopado? Aqui temos o melhor da região.

O homem com cigarro na mão olhou para Dante, ergueu parcialmente a máscara e cuspiu no chão.

— Vá se foder, seu babaca! Queremos aquele ali — apontou com os dois dedos que seguravam o cigarro para Ethan.

Dante olhou pra Ethan.

— O quê? Vocês querem esse caipira? — perguntou forçando uma risada. — O que ele fez pra vocês?

O homem caminhou até Dante, tão arrogante quanto o próprio. Olhou-o de cima a baixo e riu. Riu bem alto.

— E o que te interessa, otário?

Ethan percebeu que Dante não gostou, mas o rapaz não mudou sua expressão.

— O que me interessa é que o Negociador está nos esperando. E ele não nos paga para ficar de conversa com palhaços de máscara — disse Dante, como se fosse à prova de balas. — Então vou perguntar mais uma vez: O que ele fez?

O homem de máscara branca engatilhou a metralhadora, prevendo que ela seria necessária. Mason hesitou, mas não levou a mão na arma para não iniciar o tiroteio. O Palhaço olhou para os três por certo tempo e deu mais uma tragada no cigarro. Ethan rezava para que fosse mais alguma brincadeira de mau gosto de Dante.

— Esse filho da puta roubou metade das nossas armas durante à noite — falou o Palhaço com certa indignação. — É melhor devolver se não quiser morrer bem devagar — completou, puxando uma faca e caminhando lentamente até Ethan.

Mas eu não roubei nada!

— Suas armas — interrompeu Dante. — Estão no carro. No porta-malas — disse, apontando para o seu carro preto.

O quê?

— Heh! Eu sabia! Sabia que o Negociador era sujo! — olhou para os outros dois que se mantinham de braços cruzados. — Manda roubar o próprio pagamento! Que filho da puta!

Dante abriu os braços.

— Nos só cumprimos ordens, meu chapa.

— Ali está o desgraçado! — disse um dos dois perseguidores, surgindo de trás do bar. Um usava uma máscara de monstro com um corte costurado na testa e o outro, vindo atrás dele, de um monstro deformado com orelhas pontudas.

— Mas que porra é essa? — disse Dante rindo. — Vocês são de alguma reunião de aberrações?

— Cala a boca idiota! — disse o Palhaço dando um soco no estômago de Dante. O rapaz caiu de joelhos rindo bastante. — Eu só não vou te matar porque não quero os homens do Negociador fungando no meu cangote. Mas eu vou levar o carro e o babaca que roubou as armas.

— Você é quem sabe — disse Dante, dando de ombros, ainda ajoelhado. — Eu nem gosto desse carro mesmo. Muito menos do caipira.

Mas que filho da puta!

O homem estendeu a mão pedindo as chaves. Dante levou a mão no bolso e tirou o molho de chaves, entregando a ele.

— Também gostei dessa jaqueta... — disse o Palhaço, arrogante.

— Claro que sim... — disse Dante, tirando a jaqueta de má vontade.

— Vamos, levem o otário — ordenou o Palhaço aos outros.

Os homens foram até Ethan e pegaram-no pelo braço.

Estou ferrado, estou ferrado, estou ferrado.

Tentou não lutar, mas seu corpo ficou tenso, seus músculos retesaram e os homens tiveram que arrastá-lo. Não podia acreditar que Dante o estava entregando àqueles homens para se livrar.

Ele disse para confiar nele! Que desgraçado!

— Ei babaca! — gritou o Palhaço posicionado atrás do carro. — Não dá pra colocar a chave aqui, como eu abro essa merda?

— Mas você é burro mesmo! — retrucou Dante. — Aperte o botão da chave, idiota. Não é à toa que você usa a máscara de palhaço.

Ethan estava quase entrando no jipe quando viu o homem erguer o molho de chaves e apertar o botão.

Ouviu um estouro.

O Palhaço gritava olhando para onde antes tinha uma mão e agora era uma mistura de carne, sangue e osso.

Viu Dante partir pra cima de um dos seus perseguidores com uma faca na mão. Viu Mason puxar a arma.

E então a coisa ficou feia.

Cisco

Levantou o dedo indicador na frente da boca enquanto olhava nos olhos apavorados do amigo, solicitando silêncio. O outro acenou com a cabeça, agachado com a lateral do corpo encostada na parede. Os sons que vinham da rua eram baixos. Havia poucos deles, pelo que parecia. Cisco segurou firme a faca e fez sinal para o seu companheiro, levantando três dedos.

Três... Dois... Um...

Saltaram em direção à rua, avançando contra o pequeno grupo de mortos que havia ali. Eram cinco no total. Mataram os dois primeiros pelas costas, sem muita dificuldade. Os próximos dois demoraram muito para se virar e também tiveram uma morte rápida. O último já havia voltado sua atenção a eles. Cisco esperou que viesse correndo como um louco, mas, ao contrário disso, o morto veio se arrastando, movendo-se lentamente e emitindo sons como se estivesse em uma grande agonia.

— Mas que merda é essa? — perguntou olhando para o seu parceiro.

— Será que ele está ferido? — rebateu Fantasma, olhando para o morto e de volta para Cisco.

Na noite passada havia sido bem diferente. Foram caçados iguais animais em um ataque muito organizado. Cisco viu vários dos irmãos sendo abatidos ou devorados pela onda dos mortos vivos. As poucas balas da pistola que ganhou não deram nem para o começo, mas pelo menos haviam ganhado mais uma faca e um sinalizador. Fantasma, durante o pavor, gastou o sinalizador contra um deles e também havia perdido sua faca. Pelo menos acharam um bom facão em uma casa abandonada. Para Cisco, poderia ser chamada apenas de casa, pois tudo estava abandonado ali.

Fantasma caminhou cautelosamente até o morto de pele azul escura e olhos brancos, segurou firmemente a lâmina e enterrou-a na têmpora dele.

— Não seria tão difícil se todos eles fossem assim — disse Fantasma, pensativo.

— E seria muito mais fácil se eles não existissem! — concluiu Cisco. — Está com o mapa?

— Sim. Está aqui.

Fantasma puxou o pedaço de papel e analisaram o desenho da cidade.

— Estamos aqui — apontou Cisco — na zona sul. A marca indica para subirmos até a zona leste.

— Cisco... O que acha que estamos buscando?

— Eu não sei, mas você sabe que não podemos voltar.

— Eu estou com medo. Só queria dar uma vida decente para meu filho — disse Fantasma.

— E você vai — Cisco colocou a mão no ombro do amigo para lhe dar coragem.
— Vamos sair daqui. Já matamos vários deles. Até os mais rápidos! Confie em mim. Eu agora sou um soldado, ganharei em dobro, e vou te ajudar com seu filho.

— Obrigado, Cisco. Me desculpe por zombar de você.

— Tudo bem. Agora vamos embora daqui. Precisamos achar um pouco de água. E se Deus realmente existir... Algo para comer.

Começaram a caminhar por entre os destroços da Cidade Fantasma. Algumas partes do asfalto estavam rachadas, por onde a vegetação se alastrava. A cidade tinha tons de cinza e ferrugem. Os poucos carros presentes nas ruas apresentavam pintura desbotada, vidros quebrados, pneus furados e chassis carbonizados. Muitos foram utilizados como barricadas, bloqueando o caminho em frente às casas. Essas, por sua vez, variavam muito. Algumas estavam intactas, como se simplesmente não tivessem participado da guerra. Outras tinham madeiras fechando portas e janelas, com a intenção de fornecer alguma segurança. Já outras estavam destroçadas, com telhados ou paredes caídas, muros e árvores derrubados. Cisco sempre ouvira falar da Cidade Fantasma, mas aquilo era muito pior do que ele esperava. Não gostaria de estar sozinho e ficou feliz de ter Fantasma junto com ele.

No caminho entre a Forja e a Cidade Fantasma foram informados sobre a sua missão. Os coletores ganharam um mapa e um desenho do que deviam coletar, e cada um deles seria acompanhado por um soldado. Quando Braço permitiu que eles escolhessem sua dupla, Cisco foi a escolha óbvia para Fantasma. Uma a uma as duplas foram se formando e descendo do caminhão, sendo dezoito ao todo. Ainda era início de tarde e o sol recordava a todos, da pior forma, o quanto era quente. Hesitantes, os irmãos não se falaram muito no início, mas conforme avançavam todos na mesma direção, ficou evidente que buscavam a mesma coisa. E apenas uma dupla ganharia. Braço deixou claro sobre o destino de quem desistisse, seria exilado no deserto para servir de refeição aos corvos.

— Eu não vi mais nenhum deles... Será que mais alguém sobreviveu? — perguntou Fantasma, interrompendo seus pensamentos.

— Provavelmente. Mas acho que já fomos reduzidos para menos da metade — respondeu Cisco, sempre sincero.

Fantasma baixou a cabeça, triste com a resposta. Seu caminhar não demonstrava muita confiança. A visão da cidade em ruínas também não colaborava para lhe dar ânimo.

— Por que fizeram isso com a gente? Nos mandaram para um abatedouro. Já morreram mais de quinze. Pelo quê?

Cisco andava olhando para o horizonte. Constantemente verificava o perímetro para se certificar de que não estavam sendo seguidos. Parou de caminhar para olhar nos olhos fundos do amigo.

— Para poder dobrar o pagamento? Para reduzir as bocas a serem alimentadas? Para gerar bons soldados? Como vamos saber!? — fez uma pausa olhando para o céu. Tentou se acalmar e achar as palavras certas. — Eu não sei do que estamos atrás, mas deve ser muito valioso. Quer ver seu filho de novo? Então temos que achar isso antes dos outros.

Fantasma sacudiu rapidamente a cabeça em um sinal positivo e continuaram a caminhar. Chegaram até o final de uma rua que logo se duplicava, contornando uma grande praça, com caminhos feitos de ladrilho, muitas árvores e bancos de madeira rústica. Os canteiros já não tinham mais flores, todas murchas ou mortas, e a grama quase não podia ser vista coberta com vários cadáveres. Ao redor, Cisco identificou algumas barricadas onde possivelmente houve uma luta entre mortos e vivos. Ou pior, entre vivos e vivos.

— Isso é um cemitério! — falou Fantasma boquiaberto.

— Vem comigo! — disse Cisco ao amigo, chamando-o com um movimento da mão.

— Aonde você vai?

— Cala a boca e vem!

Chorão.

Passaram pelos cadáveres receosos que pudesse haver algum que se levantasse repentinamente, mas nenhum se moveu. Fantasma o seguia preocupado e com medo, mas estava assim desde que desembarcaram ali. Depois de atravessarem metade da praça, Cisco achou o que procurava.

— Ali! — apontou e foi correndo até o local.

Havia alguns cadáveres com roupas pretas de policial. Tateou vários deles à procura de armas, tendo que cobrir seu rosto por causa do cheiro nauseante. Infelizmente todas as armas que poderiam ter ali já haviam sido levadas e Cisco ficou bastante frustrado.

— Merda! — disse, chutando o último dos cadáveres em que havia procurado.

— Achei um par de algemas nesse aqui! — disse Fantasma contente.

— Leve para quando precisarmos interrogar um morto — retrucou Cisco, sarcástico.

Fantasma não levou a provocação a sério e guardou as algemas na mochila, acreditando que poderiam ser úteis. Seguiram pelo final da praça até que o rapaz parou e apontou entusiasmado.

— Olha lá, Cisco!

— O quê? — perguntou olhando na direção que Fantasma apontava.

Demorou uns instantes e entendeu do que se tratava. Havia uma pistola caída na grama, ao lado de um corpo. Cisco pôde perceber que havia um furo de bala na têmpora do cadáver, provavelmente havia tirado a própria vida no meio do tumulto. Pegou a arma e sacou o pente.

Nada.

— Deve ter se matado com a última bala para não virar uma dessas coisas.

Jogou a pistola para Fantasma. O rapaz aparou com as duas mãos, apavorado, como se fosse explodir caso tocasse no chão.

— Por que está me entregando isso se não tem balas?

— Não sabemos o que vamos achar aqui — disse Cisco. — E além do mais, só nós sabemos que não tem balas. Tente não perder essa.

Voltaram a caminhar, em direção à zona leste da cidade. Passaram por vários cenários aterrorizantes. Um pequeno parque de diversões disposto em um terreno de esquina tinha as armações enferrujadas. As folhas secas cobriam o piso onde estavam alguns carrinhos sem rodas, conectados à grande armação por tubos que saíam da parte traseira. Havia trailers carbonizados e lixo por toda parte. Uma barraca tinha várias bonecas deterioradas e algumas queimadas. Por todos os lados se encontravam corpos. A cidade fedia a morte.

Não é à toa que chamam de Cidade Fantasma.

Após passarem pelo parque, entraram em uma rua que levava a um conjunto de lojas mais à frente. À direita deles tinha um grande muro com cartazes e algumas escritas.

— O apocalipse chegou — leu Fantasma em voz alta. — Você acredita nisso?

— O que é isso? — quis saber Cisco.

— Dizem que é o fim dos tempos, o julgamento final.

— Eu acho que já fomos julgados, meu chapa. Estamos todos condenados!

As primeiras lojas não tinham nada. Grandes locais com prateleiras reviradas, portas abertas, coisas quebradas pelo chão e nada de muito útil, apenas uma corda e um garfo. Fantasma guardava tudo que considerava útil na mochila.

— Você sabe que não é uma competição de quem junta mais lixo, certo?

— Cala a boca! Podemos precisar disso depois.

— Logo estará de noite. Precisaremos estar leves para fugir, se for preciso.

Fantasma havia se esquecido por um momento que os habitantes da Cidade Fantasmas pareciam ser mais adeptos à escuridão. O rapaz retomou seu aspecto triste.

— Onde você acha que eles estão agora?

— Tirando uma soneca, talvez? — brincou Cisco. — Devem estar se escondendo do sol.

— Será que eles dormem?

— Está aí uma excelente pergunta.

O quinto estabelecimento era uma loja de armas. Cisco ficou empolgado, pois deveria ter algo que servisse. Entrou correndo pela porta e se deparou com um lugar totalmente devastado e saqueado. As prateleiras estavam vazias e as estantes no centro foram derrubadas. Ele tentou pensar no que aconteceu e imaginou que um grande número de pessoas entrou desesperadamente derrubando tudo pela frente em busca de uma arma para se defender. Conseguiu perceber vários furos de balas e pontos onde a madeira ficou lascada com a pequena guerra que aparentemente ocorreu ali.

— Você não achou que haveria armas aqui, certo? — perguntou Fantasma, sendo mais razoável que ele.

Merda.

Cisco não respondeu pelo fato de que achava mesmo. Tinha pelo menos esperança de que haveria algo. Percorreu a loja e encontrou algumas munições de revólver que guardou em sua mochila, se dessem a sorte de achar alguma arma no percurso, aquilo poderia ser útil. Atrás do balcão ele viu parte de um corpo caído, estava bem escondido para quem entrasse ali às pressas. Cisco identificou que era o dono do local, que lutou para não ser saqueado, ou alguém que foi roubar e acabou morrendo.

— Fantasma, tem um corpo aqui! — disse ao amigo.

Fantasma contornou o balcão, acessando o corpo pelo outro lado. Na mão do cadáver havia uma pistola carregada, e atrás do balcão, uma escopeta. Fantasma sorriu. Cisco entregou a pistola para ele e conferiu a munição da arma maior. Havia sete cartuchos e mais o que tinha em um pote na prateleira do balcão. Mas isso não seria suficiente se enfrentassem um contingente do mesmo tamanho da noite passada. Ou maior.

— Temos que pensar o que faremos à noite. Montar uma estratégia! — disse Cisco ao companheiro.

— E se usássemos fogo? — sugeriu Fantasma.

— Acho que deve afetá-los — concordou Cisco pensativo. — Ou pelo menos retardá-los. Vamos ver se encontramos algo em que possamos colocar fogo.

Nas últimas lojas não havia nada útil, talheres, comida, vasilhames, armas, ferramentas, nada. Seguiram adiante em direção ao ponto indicado no mapa, procurando um local seguro para passar a noite. Não bastaria ser escondido, tinha que ser seguro. Aquelas coisas pareciam farejar o cheiro de alguém vivo a quilômetros de distância.

— Cisco, olha! — indicou Fantasma, apontando para o céu.

Uma ave branca passou voando por eles, em direção ao leste. Era clara como as nuvens. Não emitiu nenhum ruído, parecia estar observando a cidade. Cisco pode

perceber que Fantasma estava encolhido de medo, e involuntariamente sentiu um arrepio na espinha.

— Será que é ele? O fantasma da cidade? — perguntou Fantasma.

— Eu não sei. Mas na briga dos fantasmas, eu torço pra você.

— Não brinque com uma coisa dessas! — disse Fantasma carrancudo. — Se for verdade o que dizem, estamos mortos — completou, de cabeça baixa.

— Mas ainda não estamos, Fantasma — disse Cisco engatilhando a escopeta. — Ainda não!

Algumas ruas adiante acharam um local adequado para passar a noite. Uma antiga cafeteria localizada em uma esquina. A construção era mais baixa que os prédios localizados atrás, havia um terraço protegido por um grande letreiro e a entrada era uma sacada elevada com o acesso por duas escadas pequenas. Um dos lados da rua estava bloqueado por carros distribuídos em linha. No outro sentido, além de carros, havia tonéis e barricadas. Cisco achou que com certeza ali havia ocorrido outro conflito. Estavam quase chegando à cafeteria, quando passaram ao lado de um carro e o vidro se estilhaçou. Cisco puxou Fantasma pelo braço e se esconderam atrás do veículo.

— O que foi isso?

— Eu não sei, mas parece que alguém chegou ali primeiro.

Cisco se esgueirou para tentar enxergar, mas não era possível ver nada sem correr o risco de receber uma bala no meio da cabeça.

— Quem está aí? — Veio um grito da cafeteria.

— Tem gente lá... — cochichou Fantasma. — Mas quem moraria num lugar desses?

— Alguém que aprendeu a atirar em tudo que se mexe — respondeu Cisco baixinho. — Não queremos o seu mal! — gritou de volta.

Passou um curto espaço de tempo até que ouviram passos de alguém vindo da cafeteria.

— Saiam daí com as mãos levantadas! Bem devagar!

— Estamos deixando nossas armas no chão! — disse Cisco. — Vem Fantasma, vamos.

O seu parceiro estava com medo, mas não queria se arriscar.

— Por favor, não nos mate! — pediu sem muita certeza.

Enquanto se levantavam, Cisco conseguiu identificar através do vidro sujo do carro uma roupa escura. Com as mãos erguidas bem alto, os dois saíram de trás do veículo e quando conseguiram ver toda a figura de quem os abordava, quase não puderam conter a alegria.

— Pistoleiro!?

— Olha só o que temos aqui... — disse o homem que todos conheciam na Forja como Pistoleiro, segurando um grande rifle. — Onde está seu às de espada agora, Cisco?

— Como chegaram até aqui? — perguntou Cisco, caminhando em direção ao companheiro de Forja.

— Opa! Parado aí! — Pistoleiro apontou o rifle em direção a eles. Instintivamente os dois pararam e ergueram as mãos novamente. — Preciso ter certeza de que não foram mordidos. Tirem a camisa e mostrem as pernas.

Cisco e Fantasma se olharam, mas obedeceram. Não tinham nada a esconder.

— Quem mais está aqui? — quis saber Fantasma, que já havia identificado mais pessoas dentro da cafeteria.

— Estamos em treze, ao todo — disse Pistoleiro. — Quinze, com vocês. Venham, devem estar com fome.

— Vão nos deixar ficar? — perguntou Fantasma, animado em estar seguro.

— Não se trata mais de quem vai pegar, seja lá o que for — respondeu ele pensativo. — Se não lutarmos juntos, vamos morrer.

Depois de Cisco e Fantasma retomarem suas armas, os três caminharam até a cafeteria e foram em direção à porta, subindo pelas pequenas escadas. A madeira rústica do corrimão, que outrora já fora elegante, estava lascada por tiros ou golpes de lâmina. Entraram no pequeno estabelecimento e se depararam com os outros irmãos ali presentes. Estavam com uma aparência lastimável de quem não dormia há dias. Alguns descansavam sentados em um canto, atrás do balcão. Havia três deles em volta de uma mesa tão cheia de armas que não era possível ver a parte superior dela. Pistolas, rifles, metralhadoras e até granadas eram meticulosamente manuseadas e separadas. Cisco conseguiu identificar que um deles se tratava de uma pessoa que não gostaria de ter visto novamente.

— Mas então você sobreviveu? — disse Bonitão enquanto manuseava um rifle semiautomático. — Parece que todos perderam a aposta.

— Que aposta!? — perguntou Cisco com certa indignação.

— Enxada e eu fizemos uma aposta de quem poderia estar vivo... ou morto. Apostamos que vocês tinham morrido. Quem ia chegando e entrava na aposta, apostava o mesmo também.

Cisco não ficou bravo, pois era natural esperar que todos houvessem morrido. Ele mesmo não esperava ver tantos irmãos vivos.

— Quantos de nós já morreram? — Perguntou Fantasma.

— Metade. Talvez mais — respondeu Bonitão engatilhando um rifle.

— Vi pelo menos sete morrendo... — falou Enxada.

— E você quer o quê? Um troféu? — rebateu Bonitão.

Enxada não se abalou com a provocação e se ajeitou na cadeira para seguir com sua narrativa.

— Cheiro e Eu não queríamos seguir pelo mesmo caminho que o resto. Olhamos no mapa e vimos que se a gente contornasse o quarteirão, sairíamos na frente do pessoal mais ao norte. Junto com a gente vieram o Whisky e o Barba Grande. Quando estávamos quase no final do beco, próximos de sair na rua, percebemos que o caminho era fechado com grade. Vimos adiante os outros passando, e antes que pudéssemos pensar em fazer algo, ouvimos um grito estranho e aquelas coisas começaram a surgir do nada. Corriam mais que o vento. Dois derrubaram o Tutano e o morderam no rosto, bem na minha frente — Enxada parou por um momento, fazendo provavelmente a mesma cara de espanto com a qual assistiu a cena. — Eu achava que esses mortos eram apenas história, cara. Não deu nem um minuto e o Tutano já era um deles. Corremos na direção oposta, enquanto Barba Grande ficou atirando de trás da grade. Whisky voltou para buscá-lo, mas o desgraçado se empolgou com a pistola na mão — sacudiu a cabeça. — Eu puxei o Cheiro e continuamos a correr. Ele queria salvar os outros, eu queria sobreviver. Quando olhamos para a grade, havia um amontoado deles passando por cima. O Barba ficou sem balas e não teve tempo de correr. Whisky foi pego, puxou a pistola e deu cabo da própria vida...

— O Cheiro está vivo? — perguntou Cisco.

Enxada apontou para o terraço.

— Sim. Está cuidando do perímetro. Vocês têm sorte da pontaria dele não ser das melhores.

— E qual é o plano? — quis saber Fantasma.

— Vamos sobreviver mais essa noite e amanhã seguimos adiante — disse Bonitão.

— E por que buscar algo que nem sabemos o que é? — questionou Fantasma, indignado. — Eu tenho um filho, não vou morrer por causa do Milles e seu teste idiota.

— Aí é que está, cara pálida. Nós sabemos o que é — disse Pistoleiro.

— Ah é? E o que estamos procurando? — quis saber Cisco, subitamente interessado.

— A cura — falou Bonitão desinteressadamente, enquanto limpava uma metralhadora.

— A cura? — ressoou Fantasma.

— Sim — confirmou Pistoleiro. — Parece que isso é uma doença. Imagina se essa praga se alastra pelas cidades! Quem tiver a cura, terá todo o poder. Milles está usando todos nós.

— Essas coisas que nos atacaram são pessoas vivas? — Perguntou Fantasma.

— Não se sabe — disse Enxada. — Mas parece que a cura funciona para quem é mordido recentemente. Não sabemos se funciona com quem está nesse estágio. Na verdade se sabe muito pouco sobre isso.

— E como sabemos que esse negócio está aqui? — perguntou Cisco, ainda incrédulo. — Quem entraria nessa cidade para esconder algo?

— Foi criada aqui — falou Bonitão, encarando-o pela primeira vez nos olhos. — Não te parece óbvio?

Faz bastante sentido.

Os sumiços, as missões na cidade e até a forma estranha como fizeram os testes. Milles não se importava com ninguém, queria apenas conseguir algo que lhe concedesse poder. Ao que tudo indicava, mandaria muitos outros irmãos atrás da cura.

Cisco confirmou com a cabeça.

— Certo. Vamos atrás dessa coisa — disse aos outros. — Mas se sairmos daqui, vamos matar aquele filho da puta!

— Vocês estão loucos? Nós vamos morrer! — protestou Fantasma apavorado.

— Se você quer fugir, ainda deve ter uma meia hora antes do pôr do sol. Mas você não vai chegar vivo até a fronteira da cidade... — advertiu Pistoleiro. — Descobrimos uma grande concentração desses mortos — indicou abrindo um mapa da cidade diferente do que haviam recebido — aqui, aqui, aqui e aqui.

O mapa tinha um círculo desenhado indicando onde estavam. Ao redor deles havia quatro pontos marcados com um X, nos arredores da cafeteria. O caminho de onde vieram continha pelo menos mais cinco pontos onde possivelmente também havia infestações.

— Como você conseguiu isso? — perguntou Cisco.

— O Comediante me deu quando soube que eu vinha para os testes — disse Pistoleiro. — Eles já passaram por esse inferno e montaram essa base para se defender.

— Mas por que não falaram nada para nós? Nada pra ninguém? — perguntou Fantasma, com as mãos acima da cabeça.

— Porque eles fizeram um acordo com o Milles — disse Bonitão. — Ficariam em silêncio, com a condição de que nunca voltariam para cá — ele separava carinhosamente as munições por cada tipo de arma. — Por que você acha que mandaram o Queixo-duro para cá com o blindado?

As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. O desvio de combustível estava financiando o silêncio da equipe do Comediante. Isso também explicava porque eles quase nunca estavam na Forja.

Yohan precisa saber de tudo isso. Se eu viver, é claro.

— Tem algo para comer? — perguntou Fantasma.

Cisco se deu conta de que também estava com fome.

Pistoleiro os conduziu até um canto da cafeteria. Havia um pouco de carne seca, aveia e mel. Os dois sentaram-se no chão para fazer a refeição. Cisco nunca comeu algo tão estranho de tão bom grado. Estavam cansados, mas isso não importava agora.

— Vou até a rua com o Enxada para preparar as defesas. Não demorem, o sol está se pondo — disse Pistoleiro.

Enquanto Cisco mastigava a carne seca, Fantasma o encarou.

— Você acha que é verdade?

— Há muito o que pensar, — refletiu Cisco, — mas pra mim faz muito sentido.

— Que merda! Eu só entrei na Forja para dar uma vida melhor para meu filho — falou Fantasma com o olhar perdido, segurando o pedaço de carne seca.

Filho, filho, filho, filho.

— Molenga morreu por causa disso, Fantasma! Não podemos deixar que tenha sido em vão. Vamos pegar essa cura e desmascarar aquele filho da puta do Milles. E aí vamos matar ele, o Bud e talvez até o Comediante! — disse Cisco cerrando os punhos.

Fantasma aquiesceu com seu plano, fazendo um aceno com a cabeça.

— Agora vamos nos preparar, porque a noite será longa — completou Cisco enquanto se levantava, depois de limpar a boca com as costas da mão.

O sol estava se pondo. Dentro da cafeteria os quinze homens aguardavam como condenados à espera da execução. Sem alegria. Sem esperança. Mesmo com todo o armamento que haviam juntado, talvez não aguentassem mais um ataque. E caso sobrevivessem, com certeza não seria seu último dia na Cidade Fantasma. Mas não morreriam sem lutar. Já tinham um plano de ação e até uma rota de fuga. Estavam organizados. As ruas de acesso à cafeteria foram cercadas com carros, lixeiras, tonéis e tudo o que pudesse atrapalhar o avanço dos mortos.

— Isso não vai segurá-los, não é? — perguntou Cisco, sem muita confiança na barreira construída.

— Talvez não. Mas isso vai — disse Enxada mostrando uma garrafa de uísque com um pano enfiado até à metade no gargalo.

— E como isso vai pará-los? Vai oferecer a eles e propor um jogo de cartas? — debochou Fantasma.

— Você é muito burro mesmo! — Enxada ergueu a garrafa. — Eu coloco fogo no pano e atiro neles. O fogo vai se espalhar pela bebida e por todos eles — completou triunfante.

— Esse idiota vai gastar toda a bebida com os mortos! — disse Bonitão, segurando um rifle — Seria muito melhor a gente encher a cara. Será nossa última noite mesmo.

— Vá se foder, cara! — retrucou Enxada. — Eu não tenho planos de morrer aqui.

Fantasma tremeu. Cisco balançou a cabeça negativamente.

— Mortos à vista! — veio o grito do terraço da cafeteria.

— Certo — falou Bonitão. — Já sabem o que fazer! Façam cada bala contar! Acertem de preferência na cabeça! Se algo der errado, já sabem para onde correr. Não me desapontem, seus fracos!

Os que estavam ali confirmaram as orientações e cada um foi para o seu posto. Dos quinze sobreviventes, nove eram soldados e seis eram coletores. As armas foram distribuídas em seis pontos que formavam um semicírculo nas extremidades da cafeteria, cada um deles defendidos por dois irmãos de ferro. Os três melhores atiradores ficaram no terraço para atirar nos mortos que vinham ao longe e também em alguns tambores de combustível e querosene distribuídos ao longo da rua. Cisco foi designado para defender o ponto leste junto com Relâmpago, candidato a coletor. Fantasma defenderia a entrada da cafeteria junto com Bonitão. Ele estava apavorado e só sabia dizer que nunca mais veria seu filho, mas Cisco pelo menos estava confiante que o amigo estaria bem protegido. Tinha pena era do próprio Bonitão, que no final das contas parecia ser um homem decente.

Olhou pela janela. Estava muito escuro e quase não conseguia enxergar nada. Se não fosse pelos tonéis que queimavam lixo e madeira, erguendo grandes línguas de fogo em direção ao céu, fornecendo pelo menos uma iluminação precária, eles lutariam às cegas.

Para ajudar, esses filhos da puta ainda mudaram de cor.

Forçou a visão para tentar achar algo. Ouviu um tiro no sentido sul e um grito de comemoração. O ataque estava começando pelo lado de lá.

— Ali estão vindo mais! — alguém gritou do terraço antes de puxar o gatilho.

O ataque começara lento e só os rifles estavam trabalhando. Cisco tinha um rifle de assalto em suas mãos, mas a escopeta estava muito perto. Particularmente ele gostava da arma porque fazia bastante estrago, mas não adiantaria muito atirar com ela em alvos a grande distância. Percorreu o olhar pela cafeteria e pôde notar que todos estavam muito tensos. Relâmpago rezava com uma submetralhadora na mão. Ele imaginou que numa guerra não seria diferente.

Logo viu movimentações no horizonte que se estendia à sua frente. A luminosidade das chamas foi escondida pela pele escura dos mortos. Caminhavam decididos em direção à cafeteria. Cisco ficara responsável de proteger os que vinham do sentido leste e norte. A maior concentração vinha do leste. Os rifles começaram a trabalhar e era possível ver um ou outro caindo.

— Fique preparado — disse ele a Relâmpago. — Eles estão quase passando a marca.

Quando o grupo passou pelos três tonéis alinhados que delimitavam a linha da artilharia de curta distância, Cisco puxou o gatilho e o rifle começou a disparar balas. Sentiu o coice no ombro, mas já era esperado. Viu o primeiro ser jogado para trás com a força dos projéteis que o atravessavam. Mirou no segundo e repetiu o processo. O terceiro já estava caído, alvejado pelos tiros rápidos da submetralhadora de Relâmpago. Os lasers que saíam das armas, orientando a mira, compensavam a escuridão.

— Morram, seus filhos da puta! — comemorou o rapaz.

Ficaram tão concentrados em acertar os primeiros que nem notaram um grupo maior, vindo logo atrás, tanto pelo leste quanto pelo norte.

— Eu cuido desse lado — disse Cisco, referindo-se aos que vinham da rua ao norte.

O inimigo ainda não estava tão agressivo quanto na noite anterior. Avançavam lentamente e Cisco contou pelo menos vinte abates. O problema era que para cada um que eles matavam, surgiam três no lugar. O silêncio da noite foi tomado pela sinfonia que saía dos canos das armas e do grunhido do inimigo. Na cafeteria todos estavam tão nervosos quanto concentrados. Eliminaram as duas primeiras ondas e foi possível observar no final de cada rua que o pior ainda estava por vir. Centenas deles vinham em direção à cafeteria, em um passo mais apressado, emitindo pequenos gritos.

— Vamos lá, seus malditos! Podem vir! — gritou alguém defendendo a ala sul, e Cisco percebeu que estavam cercados.

Os tonéis foram sendo derrubados conforme o avanço dos mortos. Alguns pegaram fogo, mas era como se não se importassem, como se não sentissem dor. Estavam chegando perto da primeira linha. Relâmpago segurou firme a sua arma. Cisco mirou nos primeiros. Mas antes de atirarem, um dos tiros de rifle atingiu um tonel de combustível que explodiu em meio à horda. Um clarão forte iluminou o céu da noite. Cisco não conseguiu ver o que tinha acontecido, porque a linha de frente estava quase na cafeteria. Os dois contiveram o avanço para depois tomar consciência do estrago que o barril de combustível havia feito. A explosão abriu uma brecha no centro deles. Uma grande quantidade ardia em chamas, e conforme se reagrupavam, colocavam fogo nos outros. Os tiros cessaram. Os irmãos de ferro aguardavam a próxima investida.

— Nós vamos conseguir! — gritou alguém de outra dupla.

— Cale a boca! Não comemore ainda seu idiota, estão apenas começando! — retrucou Bonitão.

Por mais difícil que fosse de admitir, ele estava completamente certo. Ouviram um grito agudo rasgar o silêncio da noite. O mesmo que iniciara o ataque da noite anterior. O grande grupo de mortos avançou em direção à cafeteria. A maioria

deles arqueava as costas e emitia gritos de provocação e desafio, para logo depois se atirarem correndo em uma investida frenética.

Agora o bicho vai pegar.

Cisco engoliu em seco. Trocou o pente do rifle de assalto. O contingente era grande e chegava cada vez mais perto.

— Esperem... — pediu Bonitão.

O grupo avançava entre as chamas, por cima dos que estavam caídos. Ignoravam qualquer obstáculo.

— Esperem...

Passaram pela primeira linha da artilharia de curta distância. As miras a laser acompanhavam o movimento.

— Esperem...

Já estavam quase passando por cima dos carros que faziam o bloqueio de acesso em um semicírculo, em frente à cafeteria. Duas granadas voaram no meio da horda.

— Agora!

Não foi nem preciso Bonitão finalizar a palavra e as armas começaram a cuspir balas sem parar. As duas linhas de frente foram derrubadas e prontamente substituídas. As granadas explodiram levantando os mortos, tanto inteiros quanto aos pedaços. O deslocamento do ar derrubou o centro do grupo, que foi pisoteado pelos que vinham atrás. O ataque dos mortos à cafeteria se assemelhava ao mar indo de encontro às rochas, a onda colidia, recuava e colidia de novo. O rifle de Cisco ficou sem balas. Pegou uma metralhadora pequena e continuou atirando. Logo a munição dessa acabou também. Relâmpago já atirava com uma pistola. Ele tinha apenas a escopeta e mais uma pistola.

Merda! Parecia ter tantas armas. Onde foram parar?

— Estamos ficando sem munição! — gritou para os companheiros.

— Eu também!

— Aqui também!

Os mortos ainda não haviam rompido a barreira feita com veículos montada como última defesa fora as paredes da cafeteria, mas seria questão de tempo. Cisco podia vê-los pela rua a perder de vista, não conseguia calcular a quantidade que havia ali. Viu uma ave branca cruzar voando por cima da horda de mortos. O próprio fantasma viera coordenar o ataque.

Estamos mortos.

— Ei, aí em cima! Hora do churrasco! — gritou Bonitão.

Um dos mortos já havia subido em um dos carros. Olhou diretamente para Relâmpago e gritou para intimidá-lo. Antes que terminasse o grito, uma língua de fogo vinda do telhado da cafeteria o envolveu em chamas. Ele seguiu com seu ataque, gritando e correndo em direção aonde os dois estavam. O rapaz ficou

apavorado, deu dois tiros de pistola no peito do morto e a arma ficou sem balas. Quando o agressor saltou contra a janela, Relâmpago se encolheu e não conseguiu ver o tiro da escopeta de Cisco jogando o morto de volta para trás.

— Obrigado.

— Não me agradeça ainda.

Os lança-chamas emitiam grandes labaredas de fogo que dançavam sobre a horda dos mortos. Como se houvesse um dragão de três cabeças protegendo a cafeteria. Cisco percebeu um clarão no sentido sul e viu que o fogo havia se alastrado para os prédios vizinhos, no outro lado da rua. Logo o quarteirão inteiro ardia em chamas. Os gritos dos mortos eram mais audíveis, seja pela dor ou por irritação. Boa parte foi consumida pelas chamas e parecia que a defesa montada tinha sido muito eficiente.

— Aqui! Aqui! — gritou um deles, antes de descarregar a metralhadora em direção à janela.

O vidro do lado sul da cafeteria se rompeu e alguns dos mortos em chamas conseguiram acessar. Atacaram os dois irmãos que cobriam aquele ponto. Os que estavam do lado tentaram conter a invasão, mas já era tarde demais e logo foram subjulgados também. Os que sobraram atiravam contra os invasores que entravam aos montes pela brecha na armadura.

— Vão! — gritou Bonitão antes de disparar um tiro de lança-granadas contra o pequeno grupo.

O tiro retardou a invasão, mas não a conteve. Alguns deles avançaram pelas escadas de acesso ao terraço, colocando fogo em tudo que tocavam, parecendo espectros de fogo. Cisco puxou Relâmpago e correu em direção à única saída que tinha daquele inferno. Pensou em Fantasma, mas não poderia fazer nada pelo amigo. Quando passou pela porta de acesso, conseguiu ouvir os gritos dos irmãos sendo atacados no terraço.

Merda! Merda! Merda!

Sabia que ia morrer. Saíram correndo por trás da cafeteria e entraram na porta de acesso do prédio ao lado. Um longo corredor se estendia até a grande porta de madeira que dava acesso à rua. Cisco olhou para trás e ficou aliviado ao ver que boa parte dos irmãos o acompanhava na fuga. Na direita do corredor havia janelas que permitiam uma vista para a rua e foi questão de tempo até que os mortos se lançassem contra elas, tentando pegá-los. Relâmpago estava do seu lado quando foi empurrado por um deles, vindo da janela.

Não posso parar! Não posso parar!

Seguiu correndo com sua escopeta em mãos. Ouvia o estalido dos vidros se partindo, ouvia os irmãos de ferro gritando, ouvia o grunhido dos mortos, e na rua, ouvia o pio da ave, o fantasma da cidade. Mais à frente, um vidro se estilhaçou e

um corpo se ergueu, bloqueando seu caminho. Cisco engatilhou a escopeta, mirou no peito do seu agressor e puxou o gatilho, devolvendo-o para o inferno de onde havia surgido.

Ainda não, filho da puta!

Não deu mais cinco passos e já estava na porta. Quando a abriu se viu cercado pelo inimigo. No desespero da fuga, não saberia dizer se algum dos irmãos de ferro, lá no corredor, havia escapado. Dois chegaram próximos de Cisco e foram rechaçados pelo disparo da escopeta. O som atraiu a horda, que se virou na direção dele. Atirou em mais dois antes de ficar sem munição. Olhou para a parede e viu uma escada que se erguia até o terraço, bem no alto. Começou a subir. Um deles quase agarrou sua perna, mas felizmente eles pareciam não ter a habilidade de subir escadas. Na metade do trajeto, ele olhou para baixo e teve uma real noção do tamanho do exército que os atacava.

Jamais venceríamos.

Nenhum dos irmãos saiu pela porta. Cisco nem ficou feliz por ter escapado, tinha certeza de que morreria ali, mais cedo ou mais tarde. Concluiu a escalada e chegou ao terraço. Estava vazio. Lá embaixo, centenas de mortos rodeavam a escada, impotentes. A noite era tomada por um vento incessante, ainda mais lá no topo. O prédio era mais alto que a cafeteria. Ele caminhou até o outro lado e viu o estrago que tinham causado. O fogo consumia os prédios próximos e a própria cafeteria. Alguns mortos envolvidos pelas chamas caminhavam sem rumo. Parecia o próprio inferno.

Cisco sempre achou que sua trajetória de soldado seria emocionante. Pensava que seria respeitado, reconhecido. Lembrou-se da Forja, da sua horta, de seus amigos e até do velho Bill. Sentia falta de se sentir seguro. Se pudesse voltar atrás, com certeza o faria. Na sua mente via os irmãos sendo atacados pelos mortos em chamas. Agachou-se de costas para a mureta, colocando as mãos no rosto. Preferia até voltar para sua antiga vida. Qualquer coisa em vez daquilo.

Onde fui me meter...

Abriu os olhos e se deparou com uma lâmina apontada para o seu rosto. Uma espada, aparentemente. A figura que a segurava era negra, com um manto cobrindo seu rosto. Uma ave branca repousava em seu ombro. Uma coruja. Cisco quase não podia acreditar.

— Você... É o fantasma da cidade...

Os olhos do fantasma se mantinham fixos sobre si, negros como a noite, analisando-o. Cisco estava tão perturbado que não conseguiu pensar em algo inteligente para dizer. Já não sabia se iria viver ou morrer, e, considerando tudo o que havia vivenciado, tampouco sabia qual das opções era a melhor.

— Molenga tinha razão... — deixou as palavras no vento.

Viu a lâmina recuar vagarosamente. A coruja virava a cabeça e bicava as penas da asa. O estranho tirou o manto do rosto e encarou-o com um olhar de dúvida.

— Você disse... Molenga?



Meredith

Segurou a boneca de pano com as duas mãos e a ergueu bem alto. Ela tinha cabelos amarelos de lã, olhos feitos de grandes botões de camisa, um lindo sorriso e um vestido de pano. Seu nome era Beth e era sua melhor amiga. A garota a levava para todos os lados, e juntas desbravavam o mundo que era a fazenda de seu pai. Queria levá-la até a floresta, mas seu pai havia lhe advertido que se fosse apanharia tanto que não se sentaria por semanas. Então, as duas brincavam à sombra da macieira enquanto viam os pássaros e sua liberdade.

A garota mal esperava crescer para poder acampar. Ficava ouvindo, maravilhada, as histórias que seu pai contava sobre a cachoeira que havia perto dali. Sua mãe a levava uma vez e era possível ver os peixes nadando na água cristalina. A garota fechou os olhos e conseguiu sentir a imponência da cachoeira, pôde até ouvir o som da água que caía nas pedras para depois seguir seu caminho.

O som de um carro chegando ao lado da casa tirou-a de seus pensamentos. Algumas pessoas iam frequentemente lá para negociar com seu pai. Compravam carne, leite, ovos, trigo e até o pão caseiro de sua mãe. Ela não se lembrava de alguma vez ter visto esse carro preto que havia chegado. Olhou em direção ao celeiro onde seu pai trabalhava frequentemente, mas não percebeu nenhuma movimentação. Segurou firme na mão de Beth e saiu correndo por entre a plantação de trigo, para descobrir quem havia chegado...

O carro balançou e Meredith acordou em um salto. Não percebeu que havia cochilado. Sempre que dormia, as imagens daquele dia vinham à sua cabeça.

— Onde estamos? — perguntou escorando a cabeça no braço apoiado no vidro da porta do carro.

A estrada era muito escura e cheia de buracos. Ela mal conseguia enxergar o caminho. No céu algumas nuvens cruzavam de um lado para o outro, guiadas pelo vento.

— Estamos chegando em Trincheira — respondeu Gunnar.

Outra cidade de merda.

— É aqui que vamos achar ele?

— Parece que sim — Gunnar estava sério. Mal-humorado até. Meredith sabia que ele não gostava de sair de Cassino. Havia matado muita gente fora de lá, e mais cedo ou mais tarde a conta viria.

Depois de mais algumas cobranças produtivas, descobriram que não precisariam roubar o que queriam do Negociador. Um dos homens dele, que transportava o desconhecido, estava disposto a fazer negócio. Traiu seu empregador em troca de muito dinheiro.

Vai morrer junto com sua ganância.

O plano era simples: pegar o que queriam, matar o traidor e voltar para Cassino. O Apostador estava confiante que esse homem misterioso revolucionaria sua casa. Na verdade ele achava que revolucionaria tudo o que conheciam.

— Mas quem é esse homem, afinal? — perguntou ela, esperando que seu parceiro soubesse algo a mais.

— Não sei nada — disse Gunnar. — Apenas que surgiu no deserto.

— O Deserto dos Mortos — afirmou ela o que já sabia.

— Sim. O Deserto dos Mortos — devolveu Gunnar.

Outro lugar de merda... Existe algo bom fora de Cassino?

Sentia-se muito grata ao Apostador por tê-la acolhido. Não conhecia muitos lugares, mas sabia que Cassino provavelmente era o melhor de todos eles.

Os feixes de luz do farol do carro se estenderam pela escuridão, indo de encontro a um muro que uma vez já fora alto e agora era apenas escombros. Passaram pelos grandes pilares com suportes de metal enferrujados onde a dobradiça do portão se encaixava. Trincheira foi uma das cidades mais castigadas pela guerra. Até onde ela sabia, lá não havia moradores, era um grande local de negócios para quem precisava de mercenários, armas, drogas e todo o tipo de coisa, como um grande mercado negro.

Lugar ideal para se vender um homem...

— Esse lugar fede! — resmungou Gunnar, constatando uma verdade inegável.

Meredith olhou para o parceiro e de volta para a rua. Mesmo com os vidros fechados era possível inalar um cheiro forte de urina e carne podre.

Que nojo desse lugar!

— Alguma ideia de onde podemos encontrar o tal traidor? — perguntou ela a Gunnar, que provavelmente já havia estado lá.

— Há um bar por aqui, talvez o único — disse ele como se estivesse puxando pela memória. — O lugar é movimentado e adequado para não se levar uma bala na cabeça durante uma negociação.

— Ou uma facada?

— Ou uma facada.

— Não deixam entrar com armas?

— Não. A não ser que algo tenha mudado desde que vim aqui — respondeu Gunnar, concentrado em deslocar o carro pelos prédios em ruína.

Tonéis com fogo iluminavam as estradas esburacadas para debilmente tentar cumprir a função de conduzir qualquer um ao centro da cidade. A fraca claridade das chamas revelavam os prédios mais próximos. Não havia uma única construção que não estivesse completamente destruída, com rachaduras ou fissuras. Meredith se perguntava como seria a imagem da cidade pela manhã, mas estava confiante que não seria necessário ficar lá até o amanhecer.

— O que você veio fazer nesse fim de mundo? — ela sabia que ele fora mercenário, mas imaginava que frequentava lugares melhores.

— A cerveja é boa — limitou-se a responder.

Mais algumas voltas e foram chegando ao centro da cidade. Meredith pôde notar o barulho aumentando e, pela distância que percorreram, imaginou que a cidade seria bem grande. Juntamente com o barulho, a claridade foi aumentando. Chegaram a um conjunto de prédios aparentemente recuperados. Na frente havia vários carros e motos estacionados e muita gente circulava por ali. A luminosidade vinha de uma grande fogueira queimando dentro do chassi deteriorado de um carro.

Gunnar parou o veículo na frente do local, ao lado de vários outros. Antes de descer conferiram as armas e os rádios.

— Aqui é Meredith. Estão na escuta? — falou ela enquanto apertava o comunicador na orelha.

— Positivo. Qual a ordem? — respondeu a equipe que ficara fora da cidade.

— Aguardar — respondeu ela.

O Apostador queria o homem a todo custo, então enviou um furgão com mais oito homens fortemente armados para o suporte que fosse necessário. Eles imaginaram que uma comitiva desse porte poderia intimidar o traidor, então resolveram ir apenas os dois para avaliar a situação. Ela ficou feliz com o alcance e a qualidade da comunicação dos rádios.

— Vai levar suas armas? — perguntou a Gunnar.

— Não quero ninguém colocando as mãos imundas nelas — respondeu guardando embaixo do banco. — E você, vai levar suas adagas?

— Eu não me separo delas — disse ela com certa arrogância.

— Então sugiro que esconda bem — recomendou Gunnar com um sorriso malicioso olhando para os quadris de Meredith.

— Vá se foder! — devolveu ela. — Quero ver eles me tirarem!

— Ok... — disse Gunnar, deixando no ar.

Gunnar fechou o carro e caminhou na direção do prédio mais próximo ao chassi incinerado. Do lado da fogueira, havia uma roda de homens assistindo uma luta. Meredith acompanhou com o olhar enquanto entrava no prédio e notou que um dos lutadores tinha a pele negra como a noite. Movimentava-se muito rápido como

uma sombra. Esquivou-se de três golpes consecutivos e desferiu um soco certo no rosto do oponente. O outro homem caiu no chão e os expectadores ergueram os braços, gritando em comemoração. Não foi possível ela ver o que aconteceu depois disso, porque já estavam entrando no bar.

Na recepção, dois homens maiores que Gunnar estavam de braços cruzados, aguardando para revistar quem entrasse. Ao ver seu parceiro, um deles fez um aceno com a cabeça sem dizer uma palavra. Gunnar abriu os braços e o homem o tateou na lateral do corpo, nas costas e nas pernas. O outro se posicionou em frente à Meredith, aguardando que ela fizesse o mesmo.

— Você não vai tocar em mim — disse ela, advertindo o homem.

— Então você não vai entrar — respondeu o brutamente secamente.

Atrás do primeiro homem, Gunnar olhou para ela ironicamente como quem diz “eu te avisei” e entrou no bar. Não aguardou para ver o desfecho. De má vontade, ela tirou o sobretudo, revelando a roupa, preta e lisa, colada ao corpo. O homem a analisou e, constatando que não poderia estar levando armas junto ao corpo, estendeu a mão ao sobretudo.

— Você pode ir, mas isso fica.

Merda!

Sabia que não poderia causar uma confusão e, com muita má vontade, enrolou o sobretudo, contrariada. Entregou-o aos homens.

— Não perca — falou séria, quase como uma ordem.

— Depois eu te devolvo pessoalmente — ironizou o que revistara Gunnar, piscando para ela e mandando um pequeno beijo.

— Pode apostar que sim... — disse ela.

Filho da puta!

Passou por eles com muito mau humor. Odiava ficar sem suas adagas, não por insegurança, mas por ser algo a que dava muito valor. Entrando à esquerda, logo atrás dos seguranças, começou a sentir a atmosfera do bar. Um ar pesado, quase nauseante, circulava pelo local, junto com fedor de cigarro e álcool. A iluminação que vinha de algumas lâmpadas e lamparinas era precária, tornando a tonalidade da luz amarelada, bem diferente do colorido de Cassino. As mesas, bancos e prateleiras eram todas improvisadas com tonéis, chapas de aço e pedaços de madeira. No centro algumas mesas de bilhar divertiam os muitos mercenários que jogavam e bebiam aguardando um trabalho. Das caixas de som, um heavy metal saía para tomar conta do lugar sem pedir licença a ninguém, combinando com os frequentadores do local. Ela achou o lugar um lixo, mas depois de conhecer a cidade, nada fora do normal.

Reconheceu Gunnar sentado no bar, tomando uma bebida. Sabia que ele gostava de uísque, mas imaginava que o dono do estabelecimento nem sabia o que era isso.

Sentou-se ao lado dele e pôde notar as mais variadas garrafas, das mais variadas bebidas, colocadas de forma alinhada na prateleira atrás do barman.

— Como está o uísque? — perguntou ironicamente ao parceiro.

— Aqui? Como deveria ser... — respondeu antes de olhar para ela. — Sem o seu casaco? Parece que você não manda no mundo, não é?!

— Cala a boca! — reabateu Meredith, chateada. — Não quero ficar aqui mais do que o necessário.

Um homem magro com barba grossa e pouco cabelo limpava um copo com um pano sujo, amarelado. Quando a notou, caminhou na direção deles. A barba parecia servir para compensar a falta de cabelo nos cantos da testa, como se ela estivesse crescendo sem parar.

— O que quer beber? — perguntou para Meredith enquanto limpava obstinadamente o copo.

— Vodka.

— Não temos — disse o homem, sem tirar os olhos do que estava fazendo.

Que surpresa!

— Uísque, então.

O homem não respondeu, apenas balançou a cabeça negativamente.

— Tequila?

Novamente um aceno negativo, mas agora olhando para ela.

Meredith apontou para as garrafas atrás dele, olhando diretamente nos olhos do homem, com desagrado.

— São decorativas — respondeu o barman com olhar impassível. — Não queira saber o que tem dentro.

Que nojo!

— O que você tem para beber, afinal? — perguntou ela, sem paciência.

— Cerveja.

— Se é só o que tem... Mas não quero nesse copo.

O homem fez um aceno com a cabeça e seguiu em direção a um barril deitado. Escolheu cuidadosamente uma caneca de vidro na prateleira, que provavelmente fora limpa da mesma maneira, abriu a torneira do barril e a encheu. Trouxe até ela e entregou piscando ambos os olhos.

— Você achou mesmo que teria tequila aqui? — perguntou Gunnar.

Ela estava mal-humorada demais para responder. Deu de ombros enquanto erguia o copo até a boca e passeava com o olhar pelas pessoas que estavam no local. Além dos mercenários que jogavam nas mesas de bilhar, identificou algumas jogatinas de carta. Pôquer, talvez. As outras mesas estavam repletas de bêbados, homens fortes e gente do pior tipo. Em uma delas, dois homens bebiam cerveja,

um deles segurava a sua caneca com as duas mãos, parecendo muito nervoso para ser um mercenário.

Esse está bem longe de casa. Será comido vivo logo.

Ficou observando-os por um momento e a falta de novidade a fez continuar pelas mesas. Três mesas depois, deparou-se com um homem a encarando. Era jovem e parecia cheio de confiança. Quando os olhares se cruzaram, ele estendeu a caneca em sua direção, erguendo as duas sobrelhas em uma proposta.

Vai sonhando...

A bebida passou pelos seus lábios. Tinha um gosto amargo, mas ela gostou. Não era como as bebidas coloridas e saborosas de Cassino, mas era melhor que a cerveja de lá. Gunnar esperou ela finalizar o primeiro gole e fez um sinal de aprovação com a cabeça.

— Agora sabe por que eu vinha aqui — disse ele.

Meredith poderia apostar que viu de relance, quase que por um momento, um sorriso vindo daquele rosto esculpido em rocha maciça. Não se lembrava da última vez que o vira sorrir. Finalizou a cerveja sem perceber, e o último gole revelou algo branco no fundo do copo. Meredith achou que fosse algum tipo de sujeira e imediatamente ficou com raiva do homem do bar, que havia escolhido aquele copo sujo para ela.

— Mas que merda!

Levou a mão dentro do copo, mas seus dedos tocaram o vidro do fundo. Então ela percebeu que era um pedaço de papel estava embaixo do copo, antes escondido pela bebida escura e espessa. Gunnar a olhava sem entender o que estava acontecendo.

— O que foi? — ele indagou, franzindo a testa.

Sem responder ela puxou o papel, lendo o que estava escrito.

“Eu tenho o que você quer.”

Procurou pelo homem barbudo tentando entender qual seria o objetivo repugnante daquilo, mas ele estava distraído entre passar o pano sujo nos copos ou servir cerveja à alguém. Decidiu ir até ele para fazê-lo engolir o bilhete. Olhou para os lados antes de se levantar e o homem solitário lhe ergueu a caneca novamente, agora com mais veemência. Então ela entendeu.

— Me espere aqui — disse ao seu parceiro.

— O que foi? — repetiu ele, ainda sem entender.

— Nosso traidor está aqui, — respondeu mantendo o olhar no homem solitário à mesa, — e disposto a negociar — completou.

Dante

E o peixe mordeu a isca...

Pensou enquanto via a moça esguia vindo do bar, em sua direção. Não sabia se o seu bilhete ia funcionar, mas teve sorte. Era difícil quem passasse pelo bar do Carvin sem tomar uma caneca de cerveja, pois a bebida era bastante famosa. A moça andava em passos decididos, como um leão indo de encontro a uma presa amarrada. Teria que ser cauteloso com seu plano, já havia corrido risco demais. Edgar enviou uma mensagem para avisar que aquela gangue dos mascarados estava atrás deles. Aquele caipira filho da puta tinha colocado a vida todos em risco e ainda tinha a cara de pau de dizer que não havia feito nada. Agora o rapaz estava algumas mesas à frente, tremendo feito uma vara verde, com medo da morte. Dante sabia que ele não deveria estar ali e que provavelmente colocaria sua missão em risco. Então teve uma ótima ideia que acertaria tudo.

— Resolveu aceitar uma cerveja? — perguntou à moça que se sentava na frente dele sem dizer uma palavra. Tinha grandes olhos azuis. Um rosto sério, mas delicado e bonito. Ela era mais jovem do que ele e tinha o cabelo raspado em um dos lados da cabeça.

Eu perderia algumas horas com você.

— Sabe que não é a cerveja que eu quero — respondeu ela, olhando para os lados, desconfiada. — Onde ele está?

Essa não perde tempo.

— Você sabe que eu não o traria para este lugar — respondeu categoricamente. — Por que você raspou o cabelo apenas de um lado?

— Porque me atrapalhava para matar as pessoas — ela respondeu de mau humor. — Então, onde ele está?

Mas que desespero... Como um único homem causa tanto tumulto?

— Seguro — disse Dante. Deu um gole na cerveja, limpou a boca pausadamente, e depois prosseguiu — Quero tratar os *termos* antes.

Percebeu que ela não gostou nada de falar em negociar, mas para ele a opinião dela simplesmente não importava.

— Para você me chamar, deve saber quem eu sou — afirmou ela, em tom de ameaça.

Uh! Que medo...

Dante deixou escapar um meio sorriso. Já ouvira alguns comentários sobre Cassino e o chamado Anjo da Morte. Só não pensava que seria uma garota magricela. Quando chegou à cidade, foi procurar pelo seu informante. Sua “profissão” exigia que fosse sempre muito bem informado. Descobriu que o “pacote” para o qual ele fora destinado a buscar era um homem que havia surgido misteriosamente no deserto. Soube que pelo menos quatro pessoas diferentes estavam procurando pelo tal homem, mesmo que a história tivesse sido abafada.

— Não é só o seu chefe que tem poder — devolveu Dante, olhando no fundo dos olhos claros. Sem mover o olhar, apontou para uma das mesas de bilhar. Quando a moça virou a cabeça para a mesa, dois dos mercenários encararam-na de volta. E assim ele foi apontando para várias mesas, chamando a atenção de vários mercenários para os dois. Percebeu que ela perdeu um pouco da arrogância, mas pareceu não dar o braço a torcer.

— Eles sabem que você vai trair o seu chefe?

— Eles sabem que vão receber — devolveu a ela.

A moça ponderou a resposta por um breve momento, pegou a caneca de cerveja, olhou para o parceiro no bar, para o líquido, deu um gole, saboreou a bebida, cruzou os braços e atirou o corpo no encosto da cadeira, dando-se por vencida.

— Tudo bem — disse ela com olhar de indiferença. — O que você quer?

— Ficar vivo, só isso — disse Dante.

A moça baixou um pouco as sobancelhas, ainda de braços cruzados, com um ar de dúvida. Mas aguardou Dante falar.

— Reconheço o tamanho do meu envolvimento em algo que provavelmente não vai terminar bem — disse Dante tentando mostrar um ar de tristeza. — Esse cara tem um valor maior do que eu imaginava, ainda mais depois de descobrir o que ele é.

— O que ele é, afinal? — perguntou a moça, se debruçando sobre a mesa, tomando mais um gole da cerveja.

— Um cientista.

— O que é um cientista?

— É alguém que pode criar armas, medicamentos, energia, tecnologia. Te dar qualquer coisa que você não tem.

Como peitos, por exemplo.

A moça ficou pensativa por um breve instante, mas logo se recompôs, tentando dominar novamente a situação.

— E qual a sua proposta? — quis saber ela.

— Sei que esse homem pertencerá a quem tiver maior poder de fogo — começou Dante com sua lógica. Inclinou-se para a frente e diminuiu o tom de voz. — E eu sei da fama da equipe do Apostador.

A moça arqueou as sobrancelhas, demonstrando pouco interesse na história.

— Homens do meu patrão estão vindo para me matar, e levar o *seu* pacote para ele — disse enquanto dava outro gole pausado naquela bebida espessa. — Vocês matam eles, o homem é de vocês, eu saio vivo e todos ficamos felizes.

Dante de fato, não achava que a moça era estúpida, mas estava confiante que o interesse dela pelo homem a fizesse acreditar em tudo que ele estava falando.

— Quantos são e onde estão? — perguntou ela, mantendo um rosto frio e imparcial.

— Chegarão ao amanhecer. Não faço ideia de quantos serão, mas não darão trabalho. Uma equipe, talvez.

Ela pensou com cautela, quase hesitando aceitar, mas se era mesmo o Anjo da Morte, não se importaria em matar.

— Temos um acordo? — perguntou Dante, ansioso por fechar negócio.

A moça olhou na direção do bar e fez um aceno positivo com a cabeça, quase imperceptível. Seu acompanhante truculento retribuiu o gesto, como se para passar confiança.

— Sim — respondeu ela — Temos um acordo.

Sim... Tenho certeza que sim.

Dante sabia que eles poderiam matá-lo quando tivessem a oportunidade, mas também sabia que não queriam perder tempo ali. Contava com o fato de que “entregar” o cientista de bandeja lhe fizesse escapar com vida. Como estavam atrás da mesma coisa, fatalmente seus caminhos se cruzariam. Que fosse então dentro de um plano elaborado.

Na verdade seu medo não era o pessoal do Apostador, mas sim aquela gangue que estava atrás deles. Era fortemente armada e seus integrantes pareciam não apresentar qualquer tipo de consciência ou compaixão.

Se alguém explodisse minha mão eu também não teria.

— Me encontre ao amanhecer, próximo ao prédio mais alto, ao leste da cidade. É um dos poucos que ainda tem paredes. Ao redor há outros escombros onde podemos fazer uma emboscada — disse Dante.

A moça olhou com desprezo para ele e se levantou da mesa, provavelmente achando-o patético por não conseguir resolver os próprios problemas.

— Espera... — disse ele — Eu ainda não sei seu nome...

A moça parou por um instante e olhou para Dante, como se ele fosse nada mais do que um grande inconveniente.

— E precisa? — sem dar tempo para uma resposta, deixou-o ali com sua cerveja.

Dante ficou olhando ela ir até o bar e passar direto pelo seu acompanhante, cheia de arrogância.

Gostei dela. Mas um pouco de sexo não a faria mal.

Pouco depois, o grandalhão terminou sua caneca de cerveja e a seguiu, também mal-humorado.

Não deve estar dando conta do recado. Tamanho não é tudo no final das contas.

Dante ficou ali por um tempo, saboreando sua bebida e pensando no que viria a seguir. O futuro era imprevisível, mas ele estava otimista. Terminou sua cerveja e levantou-se calmamente. Olhou para Carvin no bar com sua barba lustrosa limpando copos e fez um aceno positivo com a cabeça, deixando umas moedas na mesa como agradecimento.

Será que todo dono de bar precisa ter uma barba engraxada?

Riu daquilo por ser tão absurdo quanto verdadeiro e caminhou em direção à saída. O movimento aumentara desde que chegaram, mais cedo. Mais e mais homens chegavam ao bar para tomar uma cerveja, jogar cartas e conversar. Teve que se desviar de alguns deles enquanto caminhava. Passou pela mesa onde estavam seus companheiros de jornada, olhando diretamente para Mason. Não foi necessário falar nada para que eles entendessem. Estava na hora de saírem daquele lugar.

Passou pelos dois seguranças na saída, caminhando com passos decididos em direção à noite lívida e sem graça. O grupo de pessoas na rua também havia aumentado. Misturados com a fumaça, pessoas dispostas em um grande círculo faziam apostas nos dois lutadores que se movimentavam no centro. Sobre uma luz quente de uma pequena fogueira, um homem branco lutava contra outro, negro.

— Quem está ganhando? — perguntou Dante a um velho próximo.

— Aquele ali — disse o velho apontando para o homem negro, — o Terror Negro! Não perdeu uma desde que comecei a assistir. Ele é rápido como o vento! Apostei tudo nele!

O homem branco tinha uma cicatriz no peito e os cabelos, que iam até os ombros, cobriam seu rosto. Aguardava cautelosamente o movimento do oponente. Terror Negro investiu com um potente cruzado. Ele bloqueou com extrema facilidade, aplicando um golpe com o cotovelo no pescoço do seu adversário. Terror Negro levou as duas mãos à garganta, com os olhos arregalados, procurando o ar que lhe fora roubado. Deu dois passos para trás e desabou no chão.

Ferrou...

O velho olhava perplexo para a cena.

— Opa... Mais sorte da próxima vez — disse Dante, dando um tapa nas costas do velho, com pena dele.

O pobre velho não respondeu nada. Dentre o círculo de pessoas, era possível identificar lamentos e comemorações. Logo o Terror Negro foi arrastado para fora e outro tomou seu lugar como novo desafiante. Iniciou-se uma nova rodada de

apostas, sendo a maioria agora no homem com a cicatriz. E assim as pessoas passavam horas ali, ganhando e perdendo o pouco que tinham. Nunca ocorrera a Dante apostar em outro homem. Se fosse para apostar, apostava apenas em si. Pelo menos tinha dado certo até aquele momento.

Caminhou pela noite certificando-se constantemente de que não estava sendo seguido ou observado. Era difícil, pois a escuridão ocultava qualquer um que se esgueirasse pelas carcaças dos prédios abandonados. Pelo menos quanto mais se afastava do centro de Trincheira, mais silenciosa a noite ficava. Poderia ouvir uma pessoa a cem metros de distância.

Seguiu rumo ao norte da cidade para o local em que tinham escondido Johnny e as armas. Chegando ao pequeno prédio abandonado, verificou mais uma vez todas as ruas ao redor e entrou pela lateral. Pouco tempo depois Mason e Ethan apareceram.

— E aí? Como foi? — quis saber Mason.

— Tudo certo — respondeu ele, escorado em uma das paredes. — Contratei os dois para matar aquela turma de babacas.

— Só os dois? — perguntou Ethan, apavorado. — Eles são tão bons assim?

— Claro que não, Caipira! — respondeu Dante já com raiva do rapaz. — Eles têm mais gente. Fique tranquilo, vou arrumar a bagunça que você nos meteu!

O rapaz cruzou os braços, sentou-se em um caixote e ficou carrancudo, de novo. Insistia que não havia feito nada.

— Não deve ser difícil matá-los — refletiu Mason. — Nós matamos três com uma pistola e uma faca.

— Se tivéssemos matados todos não estaríamos nessa situação, mas o Palhaço fugiu junto com aquele outro... — Dante inclinou a cabeça pra frente, apontando para as costas tentando lembrar-se do nome do monstro.

— O Corcunda? — sugeriu Mason.

— O Corcunda! — Confirmou estalando os dedos em direção ao Mason.

— Mas se for apenas os dois, nós mesmos matamos — concluiu Mason, enquanto acendia um cigarro.

— Mas não vamos pagar pra ver, não é? — perguntou Dante pensativo. — Quer dizer... na verdade, vamos! — e riu daquilo.

Mason abriu um meio sorriso no meio daquela cara sem emoção.

— Como vocês podem achar graça? — explodiu Ethan. — É bem provável que nós vamos morrer!

Dante então ficou furioso com a petulância do rapaz. Tirou o peso do corpo da parede, andou na direção de Ethan e apontou o dedo indicador a ele.

— Devo te lembrar que foi você que nos meteu nessa merda?!

— Mas eu não fiz nada! — devolveu o rapaz, convicto.

— Você só fala isso! Então porque temos uma gangue de mercenários nos caçando?

O rapaz diminuiu um pouco seu ímpeto, levando as mãos na cabeça.

— Eu não sei! Eu não fiz nada, juro!

O rapaz estava perdido. Dante teria pena se não estivesse com raiva.

— Quero que fique claro que eu só não os deixei levarem você porque queriam levar o Johnny também! — disse Dante de forma direta, dando às costas para o garoto e caminhando alguns passos. — Pouco me importo com você e sua vingança idiota. Você deveria ter ficado na sua fazenda, chorando pela sua esposa queimada!

Quando se virou, viu uma mão vindo ao encontro do seu rosto. O soco o fez cambalear para trás. Olhou para Ethan e pôde identificar raiva em seus olhos.

Agora sim temos o verdadeiro Caipira.

Dante levou a mão ao queixo, olhou para a mão e de volta para Ethan. Fez uma cara sarcástica e o chamou dobrando os dedos da mão com a palma virada para cima.

Vamos ver do que é feito.

Ergueu os braços para formar a guarda. O rapaz se atirou em um ataque furioso desferindo um golpe com o braço direito. Dante havia apanhado tanto em sua vida que foi obrigado a aprender a lutar. Abaixou-se para desviar do golpe e desferiu um soco no meio da cara de Ethan. O rapaz não esperava e caiu sentado no chão.

— Vamos lá, Caipira... — falou em tom de provocação. — Não se esqueça de que não sou um maldito porco!

Mason riu enquanto fumava e assistia a luta.

O rapaz cerrou os dentes de raiva e partiu pra cima dele. Tentou uma sequência de cruzados, dos quais Dante se esquivava de cada um deles e aplicava golpes retos no queixo do rapaz. Depois de alguns socos, Ethan caiu com as costas no chão e demorou para se levantar.

— Não... fale... da... minha... mulher — balbuciou ele, semiconsciente.

Dante caminhou até onde ele estava deitado.

— Não foi só você que se ferrou nesse mundo de merda! Aceite isso e pare de chorar! Se quer ficar conosco, vai fazer o que dissermos. Ou tente a sorte sozinho.

Depois de um tempo, o rapaz conseguiu se sentar, passou a língua nos dentes por dentro dos lábios e cuspiu um pouco de sangue. Ficou carrancudo e pensativo por um tempo.

— Me desculpe... — falou olhando para o vazio. — Acho que não quero ficar sozinho.

Nem ele quer a própria companhia.

— Tudo bem, venha cá — disse Dante, sentado em um tonel de metal, descansando da breve luta. — Vamos repassar nosso plano, falta pouco para o amanhecer. Temos que fazer tudo certo se quisermos viver.

O sol pareceu demorar a nascer. Era incrível como a ansiedade retardava o tempo, tornando-o mais vagaroso e agonizante. A área leste da cidade era um dos pontos de chegada de quem vinha do Vilarajo da Viúva e uma parte raramente frequentada da cidade, uma vez que o centro ficava localizado a sudoeste. Perfeito para armar uma emboscada.

Mas para quem?

Dante olhava os escombros, iluminados pela luz nascente alaranjada do sol, pensando se o seu plano funcionaria. Já tivera que engenhar coisas parecidas algumas vezes e em todas elas contou com um pouco de sorte, Johnny não o deixaria mentir. Desta vez não seria diferente. Conforme combinaram, Ethan ficaria com ele e Mason ficaria escondido, caso algo desse errado. O rapaz ainda estava nervoso, mas havia se acalmado um pouco após a surra que levava.

O prédio em que estavam tinha uma ótima vista para o portão da cidade. Seus incontáveis andares eram cheios de quartos com camas e pequenos móveis, como roupeiros e penteadeiras. O saguão principal tinha um balcão feito de mármore para atendimento. Na lateral havia um espaço com mesas e cadeiras decoradas. Grandes sofás estavam distribuídos no lado oposto, alguns deles estavam rasgados e carbonizados. O ar tinha um cheiro de mofo.

Isso daria um imenso prostíbulo. Pensou Dante, com ar empreendedor.

Ouviram um ronco de motor. Mason espiou pela janela.

— É um furgão. São eles.

Dante fez um aceno positivo com a cabeça. O homem do Chacal se escondeu atrás do balcão da área com mesas e cadeiras, de onde poderia acompanhar o desfecho da situação e intervir, se necessário. Dante sentou-se confortavelmente em um dos sofás e indicou o outro para Ethan.

— Você não fala nada — disse Dante. O rapaz aquiesceu e sentou-se desconfortavelmente.

O som do motor do furgão cessou. Ouviram as portas se fechando, e alguns passos decididos em direção ao prédio. Logo a moça magricela e o grande homem se materializaram no saguão. Caminharam em direção a eles. A moça estava com um casaco grande, apesar de não estar tão frio e o homem carregava um rifle automático, além das armas na cintura, olhando desconfiado para todos os lados.

Essa arma deve furar até um tanque de guerra.

— Meus homens estão a postos. Onde eles estão? — Perguntou a moça, olhando seriamente para os olhos de Dante.

— Chegando — respondeu ele, recostado com os braços abertos por cima do encosto do sofá.

— E onde *ele* está? — Perguntou ela com maior interesse.

— Chegando — respondeu ele, novamente olhando para ela com sua habitual expressão sarcástica.

Ela puxou uma faca por debaixo do casaco, caminhou calmamente em direção a ele, enquanto girava a arma nas mãos, se agachou em frente de onde ele estava sentado e, com um movimento rápido, cravou a faca no sofá, entre as pernas de Dante.

— Se você brincar comigo, terá uma morte bem lenta — disse ela, enquanto deslizava suavemente a faca para baixo, rasgando o estofado do sofá sem desviar aqueles olhos sádicos dele.

Putá que me pariu!

Dante tentou manter a calma, olhando para a faca e depois para ela.

— Eu sei disso — respondeu com a maior tranquilidade possível.

Sua maluca do caralho!

Subitamente ela se levantou, como se algo a tivesse picado.

— Sim. Pode falar — respondeu a moça com o olhar perdido.

Dante demorou a entender o que estava acontecendo, mas não era completamente ignorante à tecnologia. Eles usavam um tipo de comunicador.

— Há dois carros vindo. Eles chegaram — disse ela, mais para seu parceiro que para Dante.

É agora. Espero que dê certo.

O homem grande foi em direção à parede, que permitia uma ótima visão para a rua, encostou-se de lado e ficou observando a movimentação.

— Executar — Disse ela, dando a ordem.

Puderam ouvir dois tiros abafados e logo as explosões. Os homens deles não estavam longe.

— Está feito, o lança-granadas derrubou os dois carros — relatou o homem grande, satisfeito.

Um breve silêncio se fez e ela, então, se dirigiu novamente a Dante.

— Cumprimos nossa parte. Onde ele está? — perguntou empunhando a faca.

Não houve tempo de Dante responder. O som de tiros rasgou o silêncio da manhã pela segunda vez. Conseguiram ouvir os gritos dos homens sendo abatidos pelos projéteis.

— Gunnar, o que aconteceu? — gritou a moça ao homem grande.

— Há mais deles chegando! — gritou Gunnar de volta — Temos que sair logo daqui!

O grupo de mascarados havia chegado em Trincheira pouco antes do amanhecer. Dante mandou uma mensagem informando que estaria ali ao nascer do sol para entregar o rapaz e as armas roubadas. A única coisa que ele pedia em troca era para que matassem os capangas do seu chefe, que também queriam levar o rapaz por ter cometido o mesmo erro. Orientou que mandassem os veículos pela estrada principal e atacassem pelas laterais. Estavam todos escondidos, apenas esperando os homens do Apostador.

A moça olhou furiosa para Dante e levou uma das facas ao seu pescoço.

— Onde ele está? Responda!

— Ele está aqui — respondeu Dante, apontando para o suposto cientista.

Ethan arregalou os olhos não acreditando no que Dante estava fazendo. Gunnar caminhou na direção indicada, apontado a arma.

— Levante e venha pra cá!

Ethan ficou completamente sem reação olhando para o homem. Lentamente Mason saiu de trás do balcão com as mãos erguidas e o olhar furioso para Dante.

— Solte a metralhadora e chute para cá — disse Gunnar, de forma implacável.

Na rua, os tiros continuavam. Alguns acertavam as paredes do grande prédio, mas o fogo cruzado ocorria de forma paralela a elas.

— Seu filho da puta! — gritou Mason para Dante, cuspidando na direção dele.

Eu sei que mais cedo ou mais tarde você teria que me matar, Mason.

— Desculpe, *Doutor*. Já me envolvi demais com isso — respondeu Dante, de forma sarcástica. — Não quero morrer por sua causa!

— Olha! — disse Mason baixando a arma devagar. — Não sou eu quem vocês querem! — chutou à arma em direção a Gunnar.

— Tem razão... — disse a moça, desconfiada. — Você não parece um cientista, mas ele, por outro lado... — completou olhando para Ethan. — Eu vi você apavorado no bar. Com certeza não pertence a este lugar.

O rapaz era puro medo. Depois da acusação, então, não conseguiu nem falar. Os tiros estavam cessando e era possível ouvir gritos e passos apressados, não muito longe, vindo em direção ao prédio.

— Vocês já tem o que querem — insistiu Dante. — Podem levar o *Doutor*. O Caipira aqui tem outro assunto para tratar.

— Os dois vêm comigo — rebateu ela irredutível. Fez um aceno com a cabeça para Ethan, que se levantou sem muita certeza.

Merda! Perdi a minha outra carta na manga.

Sua ideia era entregar Mason para o pessoal do Apostador ou Ethan para a gangue dos mascarados, dependendo do lado vencedor. Ou os dois, caso fosse necessário. Ou nenhum, caso fosse possível. Tudo dependeria de como acabaria a situação. Infelizmente o desfecho fora para um lado inesperado onde o lado

perdedor estava levando ambos. Levantou-se para protestar, mas Gunnar veio apontando o rifle para seu rosto, tirando facilmente dele toda a vontade de se queixar.

— Vamos matar esse aqui e cair fora — afirmou para a moça.

— Calma, Gunnar — disse ela com expressão de sarcasmo, levando a mão e abaixando a ponta do rifle — Vamos deixar que ele se resolva com o patrão dele. Sabemos o que o nosso faria.

O grandalhão deu uma risada, divertido com a ideia.

Put a que pariu.

— Ei! — disse Dante, enquanto ela saía caminhando com passos largos e confiantes — Eu ainda não sei seu nome...

— E precisa? — devolveu ela, sem ao menos lhe dirigir o olhar.

Gunnar girou o rifle e o grande cabo da arma vindo de encontro ao rosto de Dante foi a última coisa que ele viu antes de perder a consciência.

Yohan

—O que houve? — perguntou olhando para Fiapo, que voltava de mãos vazias.

— Não tinha nada, senhor — respondeu o rapaz magricelo.

— Não tinha a corrente?

— Não, senhor.

— Nem as velas?

— Não, senhor.

— Nem os parafusos?

— Não, senhor.

A cada negativa o rapaz encolhia mais os ombros, como se a culpa fosse dele. Mais cinco perguntas e talvez ele se enterrasse no chão. Mais dez perguntas e talvez ele se enforcasse. Yohan riu daquilo e o rapaz ficou sem entender.

— Calma, Fiapo. Não é culpa sua. Só vamos ter que ir atrás de mais peças no Cemitério de Ferro — disse acalmando o rapaz, que imediatamente se animou.

Yohan definitivamente gostava de Fiapo.

— Vamos lá falar com o Braço e pedir autorização.

O rapaz fez sinal positivo com a cabeça e foi limpar a graxa que tinha nas mãos. Yohan também estava com as mãos sujas da manutenção que estava fazendo em uma das motos de um dos coletores, Eco. Ele era um sujeito cuidadoso com a sua moto e Yohan gostava dele por isso. Foi até o tanque e, com a mão em forma de concha, pegou um pouco do sabão que usavam para se limpar. Colocou um pouco de areia fina, disposta numa pequena caixa de plástico e esfregou vigorosamente as mãos. A areia ajudava a tirar toda a graxa, do contrário, ela apenas se espalhava mais. Ele não se importava de sujar as mãos, mas gostava de mantê-las limpas tanto quanto possível.

Saíram da oficina e logo se depararam com o sol, impiedoso. Com o passar dos anos, o sol parecia estar ainda mais quente. Como se estivesse chegando cada vez mais perto. Caminharam vagorosamente pelo solo seco. O vento vindo do Deserto dos Mortos era de cortar e ninguém conseguia ficar muito tempo na rua sem sentir a boca seca.

Yohan olhou ao redor da Forja. As sentinelas continuavam vigilantes, as torres com seus contrapesos subindo e descendo rigorosamente, os agricultores cuidando dos campos e alguns operários podiam ser observados ao longe, cuidando da refinaria. Alguns pontos coloridos distribuídos. Nem parecia que na Forja havia tantos irmãos quanto ele viu no dia dos testes.

Como será que estão Cisco e Fantasma?

Já havia dois dias que seus amigos tinham saído para fazer os testes na Cidade Fantasma e até então ninguém tinha uma notícia sequer. A prova deveria ser extensa, mas ele sentia que alguma coisa não estava certa. Milles escondia algo. Sobre o combustível, sobre os testes, ou sobre tudo. Desde que Cisco lhe trouxera sua suspeita, Yohan não conseguia dormir direito. Ficava se revirando na cama, tentando ligar os pontos.

O prédio principal ficava no centro da Forja, chegar ali de qualquer um dos pontos era rápido. Como de costume, havia um guarda à porta para evitar a entrada de alguém sem ser convidado. O sol da manhã estava contra eles e Yohan teve que levar a mão na testa para conseguir enxergar quem estava lá. Era o Rascunho. O homem era franzino, tinha as feições do rosto extremamente feias, e a pele retorcida, como se alguém houvesse atado fogo no seu rosto e apagado batendo com um machado. Quem tinha o coração fraco com certeza não importunaria Milles.

— Bom dia, Rascunho. Precisamos falar com Milles.

O homem olhou para os dois, considerando o pedido quase um insulto.

— E sobre o que seria? — respondeu com tom arrogante.

— Você se chama Milles? — perguntou Yohan, sem mudar a expressão.

O homem cerrou os dentes e apertou os lábios, irritado com a pergunta. Tirou o olhar deles, direcionando-o para os muros mais ao longe.

— Acho que ele não está — limitou-se a responder.

Yohan olhou para Fiapo, que estava quieto, apenas observando. Seu ajudante magricelo deu de ombros como se não houvesse o que fazer. Yohan então olhou de novo para o soldado, que continuava a ignorá-los. Andou em direção a ele se posicionando em frente ao sujeito, forçando-o a encará-lo nos olhos.

— O assunto que tenho é do interesse dele. Já que você não sabe se ele está, não vai se importar se dermos uma conferida. Venha, Fiapo!

O homem tentou protestar, mas agora Yohan o ignorou. Empurrou-o para o lado, abusando da diferença de tamanho entre eles e entrou pela porta, seguido por Fiapo. Havia algumas mesas cheias de papéis por cima. Enfileirados nas paredes, grandes arquivos cinzas e cheios de gavetas estavam dispostos rigorosamente alinhados até o final do corredor. No final dele, uma porta de madeira decorada com entalhes estava fechada. Nas laterais do corredor, entre alguns dos arquivos, quatro portas estavam abertas revelando salas secundárias com mesas e cadeiras. Yohan caminhou em linha reta com passos decididos. Quando estava chegando perto da porta, ouviu algumas vozes.

— Temos que achar logo! Ele já está impaciente... — resmungou uma delas, que Yohan entendeu que era de Milles.

— Como eles estão indo lá? — Indagou outra voz. Provavelmente Braço.
— Nada bem... — iniciou a terceira voz, depois de um breve momento.
— Vocês não podem entrar aí! — gritou Rascunho, entrando na porta principal.
Subitamente as vozes cessaram e logo a porta foi aberta por uma figura conhecida.

Bud...

Na sala, além dele, Braço estava sentado em uma mesa à esquerda, e Milles, deitado na cadeira, atirado para trás com as pernas em cima da mesa, à sua frente. Logo que viu os dois, ele abaixou as pernas devagar, girou a cadeira e escorou os cotovelos na mesa. Se Yohan não conhecesse o sujeito, diria que ele estava envergonhado.

— O que você quer? — perguntou Braço.

— Preciso falar com você — disse Yohan olhando para Milles, ignorando os outros.

— E o que seria de tão importante? Rascunho não disse que eu não estava atendendo? — questionou olhando para o soldado no outro lado do corredor.

— Mas eu disse pra eles...

— Estamos sem peças de reposição — disse Yohan, atalhando as desculpas do soldado — Preciso ir ao Cemitério de Ferro.

— Você nos atrapalhou por *isso*? — questionou Braço, irritado.

— Tudo bem — disse Milles, olhando para a mesa e mandando-os embora com um aceno de mão. — Pegue um dos carros e vá.

Não era segredo que Milles não gostava dele. Jamais lhe dava ordens diretas ou o contrariava. Não sabia dizer se era por respeito ou por medo, mas não importava.

— Vou levar Eco comigo — disse Yohan. — A moto dele está estragada mesmo.

— Leve quem quiser — completou Milles, sem dar a menor importância. — Só vá logo. Temos coisas mais importantes pra tratar.

— Venha, Fiapo. Vamos.

Yohan virou as costas e voltou pelo mesmo corredor, com Fiapo o seguindo.

— Espera! — gritou Braço, antes que eles pudessem sair da porta — Bud, vá com eles.

De onde Yohan estava, só conseguia enxergar o soldado de qual Cisco não gostava. Visivelmente ele não gostou da ordem. Direccionou um olhar fulminante para Braço e depois para Milles, torceu a cabeça em desagrado e veio na direção dos dois.

— Vamos logo que eu não tenho o dia todo!

O que estão tramando?

Que alguma coisa estava acontecendo ou por acontecer, não restava dúvidas. Ele só não sabia como fazer para encontrar a verdade. Decidiu então deixar para

refletir depois e direcionar o foco para as peças que precisava.

Bud se dirigiu até a garagem para buscar um veículo enquanto eles foram chamar Eco, que aguardava nos alojamentos, descansando na sombra de uma das árvores.

— Eco! Vamos ao Cemitério de Ferro e precisamos da sua ajuda — disse Yohan ao rapaz, que despertou em um salto.

— Cemitério de Fe-fe-ferro? — disse ele com sua gagueira habitual.

— Sim. Precisamos de peças para sua moto. E também para os carros.

— Já-já-já-já falou co-co-com o Mi-Milles?

Quanto mais nervoso, pior fica.

— Vem. Anda — disse chamando-o com uma das mãos. — Já está tudo certo.

Então os três foram até a garagem onde o Bud já os aguardava mal-humorado, com o caminhão ligado.

O Cemitério de Ferro era um depósito gigantesco onde foram descartados todos os tipos de peças metálicas. Chassi de carros, ferramentas, chapas, pedaços de máquinas, engrenagens e todo o tipo de componente. Alguns eram separados meticulosamente em pilhas, já outros foram jogados sem a menor cerimônia, criando ferrugem e se deteriorando com o passar dos anos. O lugar era imenso e poderia se perder dias procurando coisas úteis para se usar. Sempre que iam tinham um tempo limitado e procuravam pegar o máximo de coisas que podiam. Yohan não conseguia entender como as pessoas podiam ter se desfeito de tantas coisas úteis.

— Vocês têm uma hora — disse Bud encostando o caminhão na entrada do lugar.

— Fiapo, leve o Eco e vão pegando algumas das coisas do nosso estoque. Você sabe o que precisamos — disse Yohan, referindo-se ao local onde eles iam guardando peças desmontadas para usar futuramente. Geralmente peças que ocupam muito espaço como tambores de freio, discos de embreagem, carcaças de motores entre outras.

— Sim, Senhor — disse Fiapo dirigindo-se aos carrinhos que eles utilizavam para transportar as peças, pois, se dependesse da boa vontade de Bud, eles teriam que levá-las nas costas até a Forja.

Yohan se dirigiu ao lado oposto de Fiapo e Eco, pois queria desbravar o lado mais ao norte do cemitério onde nunca estivera. Além do mais, estava com as pernas dormentes de ficar sentado durante quase uma hora de viagem da Forja até ali. Ele olhou então para o amplo deserto que se estendia à sua frente com um pequeno conjunto de montanhas a leste. O vento seco e árido trazia as finas partículas de areia dançando em zigue-zague até seus pés.

Porque o Homem de Ferro escolheu um lugar tão escondido para criar a Forja?

Aquele era o local onde o petróleo estava, e não tinha outro motivo para estarem ali. Vagou por entre as pilhas imensas de metal enferrujado que se erguiam em direção ao céu, procurando por qualquer peça. A paisagem era muito monocromática e, além disso, o vento soprava a areia para cima dos montes. Muitos deles já tinham sua base coberta. Tentar achar algo ali era como procurar uma agulha em um palheiro. Sem tempo, então, levava-se apenas o que saltava aos olhos. O que com certeza não era o caso de uma corrente para moto.

— Vigas, chapas expandidas, discos de metal, tubos, carcaças... — disse ele observando os montes. — Só porcaria!

Após contornar cinco montes altos de sucata, Yohan fez a curva no último e se deparou com algo que quase não pode acreditar.

Carros!

Havia uma quantidade imensurável de carros. Inteiros, amassados, incompletos e carbonizados. Grande parte fora esmagada de alguma forma para ocupar menos espaço, sendo empilhada em pequenos lotes de oito a dez unidades. Yohan foi até Fiapo e Eco para pedir ajuda.

— Eco, leve isso — ordenou indicando algumas peças. — Isso... e isso para o caminhão. Fiapo, venha comigo.

— O que você achou, Senhor?

— Uma mina de ouro.

E de fato era. Yohan levou Fiapo por ter experiência em desmontar as peças. Na verdade, era muito bom. Poderia ser até melhor do que ele, se o rapaz tivesse mais ambição. Mas aparentemente o garoto se conformava em ser apenas um auxiliar. Foi a hora mais produtiva de coleta de peças que já tiveram. Encheram mais de três carrinhos. No último, Eco já havia concluído sua tarefa e viera para ajudá-los. O rapaz andava vagarosamente entre os montes de sucata, olhando impressionado com a quantidade e variedade.

— Yo-yo-yo-han! O que-que-que é is-is-isso? — disse ele, indo em direção a um dos montes.

— É tudo lixo! — gritou Yohan enquanto carregava o último carrinho.

O garoto esticou os braços em direção à pilha de sucatas e tentou puxar algo, mas não conseguiu.

— O que você achou aí? — perguntou Fiapo, indo na direção do coletor. — Yohan! Venha ver!

Pela animação do garoto, parecia que tinham achado um motor V8 novo.

Seria um achado...

Yohan foi até onde estavam e não sabia se era mais impressionante o que Eco havia achado, ou como havia enxergado. Escondido no meio da sucata havia um

braço metálico. Era grande e robusto e tinha pequenos cilindros ligados do antebraço até a palma da mão para realizar o movimento.

— Es-tá-tá-tá pre-pre-preso! — gaguejou Eco.

Yohan tentou enxergar o que estava conectado na parte oposta à mão, mas havia muitas coisas por cima que inviabilizavam sua remoção.

— Vamos lá, donzelas! Hora de voltar! — veio o grito de Bud de onde estava o caminhão.

— Vamos. Isso fica para a próxima visita — disse Yohan aos outros dois.

Atiraram algumas peças próximas ao local para acharem futuramente, se a areia não cobrisse. Carregaram o caminhão e retornaram à Forja. O final da tarde já se aproximava quando concluíram a moto de Eco e organizaram o carregamento de peças nas prateleiras da oficina. O dia havia sido bastante produtivo. Yohan mandou Fiapo aos alojamentos para se arrumar para o jantar enquanto ele daria mais uma analisada nas peças que pegaram. Filtros, juntas, parafusos, tubos, mangueiras e muitas outras coisas. A coleta havia sido farta. Os coletores só lhe traziam porcarias, seja peças que não serviam ou estragadas. Muitas vezes ele precisava fazer pequenos milagres para que os veículos da Forja continuassem rodando.

Ele estava olhando satisfeito para a prateleira quando Fiapo retornou dos alojamentos correndo, com os olhos arregalados e olhar surpreso.

— Senhor! Você sabia que hoje é apresentação dos novos irmãos?

— Novos irmãos? Já faz um mês?

— Eu acho que não, Senhor.

Tudo bem que o recrutamento não tinha uma data prevista e ocorria quase todos os meses, mas ultimamente estava muito mais frequente. Yohan tinha a impressão de que antigamente havia uma melhor seleção. Agora parecia que eles saíam com o caminhão, pegavam um punhado de pessoas em qualquer lugar e traziam para a Forja.

— Tudo bem, Fiapo. Vamos ver o que acontece.

Foram até o local de provas onde os novos recrutas são apresentados. Aos poucos as arquibancadas foram sendo preenchidas, pois todos queriam conhecer seus novos irmãos. No centro havia uma grande fogueira, como de costume, erguendo suas chamas em direção ao céu estrelado. A noite já havia chegado. Logo se juntaram a eles Mosquito e Tomate, todos conversando enquanto aguardavam a chegada do pessoal.

— Mosquito, soube mais alguma coisa sobre os testes? — perguntou Yohan.

— Infelizmente não... — disse ele sem muita convicção.

Ele está escondendo alguma coisa.

— Fala logo! Desembucha! — insistiu Yohan adotando um tom mais sério.

Mosquito hesitou, mas o conhecia bem para saber que Yohan não desistiria até ter uma resposta.

— Hum... Não é nada, foram só boatos... — tentou despistar.

Yohan manteve seu olhar persuasivo, cruzou os braços e ergueu as sobrancelhas, solicitando que Mosquito continuasse.

— Eu ouvi dizer que alguns já morreram — confessou ele, sussurrando de cabeça baixa.

Eu sabia que isso ia acontecer.

— Cisco e Fantasma?

— Não sei se ainda estão vivos.

Merda!

— Quem te disse isso, Mosquito?

— Yohan... — Mosquito estava hesitante — Se souberem que eu te falei, sabe o que acontece comigo.

— Ninguém saberá que você me contou. Certo? — perguntou olhando para Fiapo e Tomate. Ambos confirmaram balançando a cabeça com os olhos arregalados — Mas preciso de um nome.

— Louco Joe. Eu ouvi uma conversa dele com outros soldados na sala de jogos.

— Louco Joe... — repetiu Yohan em voz baixa. Louco Joe era amigo próximo de Bud. Provavelmente conseguiria respostas com ele.

— Yohan, por favor, não diga que foi eu que falei — suplicou o rapaz.

— Não se preocupe, Mosquito — tranquilizou-o Yohan, colocando a mão no ombro dele. — Eu só quero saber se nossos amigos estão bem. Vamos ver agora quem são nossos novos *irmãos*.

O caminhão havia chegado. Dele desceram Bud e Braço. O primeiro caminhou vagarosamente até a traseira do caminhão e começou a destrancar a porta que fechava o compartimento de carga. Milles não estava entre eles.

Ele não se importa mais com o que acontece na Forja. Seja o que for que esteja aprontando, está totalmente focado.

Bud retirou a trava e ergueu as duas alavancas puxando-as em direção opostas. Após isso puxou uma das portas, abrindo-a completamente.

— Podem descer! — gritou Braço para o compartimento escuro.

Não era possível enxergar nada dentro do caminhão, mesmo se estivessem de frente para ele. Com passos hesitantes foram saindo os novos irmãos, caminhando sob olhares curiosos vindos da arquibancada. Yohan perdeu as contas depois do trigésimo. A área de testes ficou cheia de gente de toda a espécie: gordos, magros, altos, baixos, feios e mais feios ainda. Pareciam ser a escória de qualquer comunidade.

— Vocês contaram?

— Oitenta e dois — disse Fiapo.

— Não sabia que você era bom de contas, Fiapo — disse Yohan, surpreso.

— Só às vezes, Senhor — respondeu o garoto magricela, meio sem graça.

Oitenta e dois. Nunca tivemos tantos recrutas de uma só vez. De onde está saindo tanta gente?

Braço fez um breve discurso, dizendo basicamente que os novos irmãos deveriam esquecer suas vidas no tempo em que estivessem na Forja, e que agora eles pertenciam a um novo propósito. Discurso que não animou nem mesmo ele, bem diferente do que era antigamente. Depois organizou os novos irmãos enquanto Bud aquecia na fogueira o marcador que seria utilizado para dar a marca da bigorna e da marreta, que todos carregavam em ambos os pulsos para indicar que eram irmãos de ferro. No mundo lá fora, quem fosse identificado poderia ser capturado e devolvido à Forja por um alto valor. Yohan não pode evitar olhar a sua marca que ganhara há quase três anos. A pele estava distorcida e pálida onde a marca se desenhava, tornando o desenho bastante visível. Era divertido para quem assistia os novos irmãos ganhando suas marcas. Alguns pareciam animais indo para o abate e certamente nenhum deles sabia ainda o peso de carregar aquela marca.

Isso com certeza separa os homens das garotas.

Após a cerimônia, todos foram para o grande salão para o jantar. Velho Bill ficou furioso quando descobriu que tinha mais um amontoado de bocas para alimentar.

— Eles acham que está sobrando comida? Como vou fazer para cozinhar pra toda essa gente? — resmungava enquanto servia um prato e outro. — Não tenho panelas! Não temos nem comida! Eu já disse isso a eles, mas adianta? Nããããoooo! Ninguém ouve o que eu falo! Depois ficam chorando como pedintes implorando um gole de café!

— Velho Bill está inconformado — evidenciou Mosquito o que já era visível.

— Se os novos irmãos forem agricultores e caçadores, não teremos problemas, — disse Tomate, — mas do contrário...

Aos poucos os novos irmãos foram se servindo, perplexos com o tipo de comida. Muitos olhavam para o prato como se conseguissem transformar o caldo ralo em um pernil de javali assado apenas com o olhar. Um jovem serviu seu prato, passou pela mesa que eles estavam encarando Yohan por um tempo maior do que o normal. Olhou para o banco vazio e sentou-se com eles.

— Você não era o ajudante do velho Wilmot em Colina do Leste?

Como ele me conhece?

Yohan analisou atentamente o jovem, tentando achar em sua memória de onde o conhecia. O outro pareceu perceber a sua dificuldade e veio socorrê-lo.

— Sou Josh. Se lembra de mim? Morava ao lado do velho Wilmot. Trabalhava com madeira, junto com meu pai.

— Josh... — ecoou Yohan, — me lembro vagamente de você. O que o trouxe para esse fim de mundo?

— Ué? O que trouxe todos nós, não é? Dívidas! — disse Josh de forma simples, levando a colher à tigela.

— Como assim? — perguntou Tomate.

O jovem tomou uma colherada do caldo e fez um olhar impressionado por não estar tão ruim quanto a sua expectativa ou o humor do velho que o servia. Limpou a boca com a parte inteira do antebraço e se inclinou para a frente, olhando nos olhos de todos que estavam na mesa.

— Estava cansado de consertar carroças e móveis naquela porcaria de cidade. Então um dia passou um homem, bem vestido, barba feita e com seu carro espetacular. Ele pediu para o velho Wilmot arrumar alguma coisa no carro. Quando o velho terminou, ele o ligou e eu ouvi o ronco do motor e aí eu pensei: “é assim que eu quero ser”. Perguntei para ele o que fazia da vida. Ele disse que tinha jogado em Cassino, ganhara numa das mesas de jogos e nunca mais precisaria trabalhar. Perguntei quanto eu precisaria para jogar e ele disse que cem moedas eram o suficiente. O que eu estava esperando? Juntei tudo o que eu havia guardado: duas mil moedas de cobre. E, sem pensar duas vezes, fui em direção à Cassino.

— E o que aconteceu? — perguntou Mosquito, interessado na conversa como todos que estavam ali.

— Hummmmmmm... — fez Josh com uma expressão de satisfação e arrependimento. — Na primeira noite eu fui o rei de Cassino. Joguei nas mesas de Blackjack. Tudo dava certo, eu não perdia uma rodada. Quando eu comecei a ganhar, algumas belas mulheres juntaram-se para assistir meu sucesso, faziam-me elogios me desejando boa sorte. Garantiram que se eu tivesse o suficiente, seria bem recompensado. Quebrei a banca e ganhei vinte mil moedas. Vinte mil! Terminei a noite com dez vezes mais do que eu tinha levado. As garotas, impressionadas, me convidaram para passar a noite com elas e desfrutei de três mulheres, juntas, em uma única noite. Dá pra acreditar? — o rapaz deu mais uma colherada na tigela e levou o caldo com pedaços de batata à boca.

Tomate e Mosquito estavam extasiados com a história. Fiapo estava extasiado com o prato de comida. E Yohan estava curioso.

— Mas então o que te fez parar aqui? — perguntou sem a empolgação dos outros dois.

— Bom demais pra ser verdade, não é? — riu Josh. — No outro dia eu acordei com as garotas na cama. Elas me disseram que, se eu ganhasse novamente,

repetiríamos a diversão da noite anterior. Foi a melhor noite da minha vida, cara! Estava disposto a fazer tudo de novo. Voltei lá com as minhas fichas e, a partir dali... foi só derrota — o rosto de Josh mudou e sua expressão era de pura tristeza e arrependimento. — Quando me dei por conta, estava apenas com quatro mil moedas. Eu poderia ter ido embora. Até pensei em ir embora. Merda! Mas uma das garotas apareceu, disse que estava com saudades e veio me desejar boa sorte. Eu fiquei alucinado e apostei tudo. Venderia até minha alma para repetir a noite anterior.

— E então? — perguntou Tomate, ansioso pelo final da história.

— Fiquei devendo cinco mil moedas — disse Josh abaixando a cabeça. Todos ficaram decepcionados com o desfecho trágico. — Alguns homens vieram falar comigo, dizendo que eu teria que me acertar com o Apostador. Mas como eu pagaria esse valor? É mais que o dobro do que eu juntei a vida toda.

Josh fez uma pausa e comeu mais uma colherada do caldo ralo com batata, rasgando um pão ao meio com as mãos. Parecia ter gostado, no final das contas. Ou estava com uma fome colossal.

— Então o Apostador me fez uma proposta — disse ele balançando o meio pedaço de pão com uma das mãos. — Minha dívida estaria paga se eu trabalhasse um ano inteiro na Forja. Não me pareceu injusto... E aqui estou eu.

O quê?

— Josh, todos que vieram com você também devem ao Apostador? — perguntou Yohan.

— Hummmmm... — disse o jovem mastigando o outro pedaço de pão. — Eu não sei de todos, mas uma boa quantia desses homens também estava lá.

Milles está comprando novos irmãos. Por quê?

— E já sabem no que vão trabalhar? — perguntou Mosquito.

— Não... — respondeu Josh. — Vamos saber só amanhã.

— Espero que sejam agricultores — disse Tomate, positivo, com sua inocência e olhos arregalados.

Finalizaram a janta e todos se deslocaram para os alojamentos. Para os novos irmãos, um dos prédios que estava sem uso foi feito de dormitório, mesmo havendo algumas vagas nos alojamentos.

Yohan foi até a sala de jogos, procurar pelo Louco Joe. Gostaria de saber o que havia acontecido com seus amigos. A sala estava cheia, sendo frequentada pelos mesmos de sempre. Língua, Ed Caolho, Cupim e outros irmãos jogavam nas mesas de bilhar e truco. Trapaça curiosamente não estava. Provavelmente ele executava seu trabalho de recrutador fora da Forja. Os novos irmãos já estavam sendo orientados sobre as regras da casa.

Acredito que já estejam bem familiarizados com jogos.

Louco Joe estava lá. Geralmente não jogava, mas gostava de assistir aos jogos enquanto fumava seus malditos cigarros. Yohan queria ser discreto, então pediu que um dos irmãos informasse que Bud gostaria de falar com ele. Não demorou muito para que Louco Joe contornasse a refinaria em direção ao prédio da chefia. Quando surgiu na esquina, Yohan o agarrou pela camisa e o empurrou contra a parede.

— Quero falar com você — falou com seriedade.

— E quem disse que eu quero falar com você? — resmungou o outro.

— Serei rápido. E juro que se não me responder eu esmago sua cabeça com uma chave grifo. O que está acontecendo nos testes? — insistiu Yohan, empurrando o outro contra a parede com seu antebraço.

Louco Joe olhou para ele com seu rosto fino e anguloso, cabelos loiros sebosos separados para ambos os lados. Parecia com dúvida da ameaça de Yohan, mas ao mesmo tempo com medo. Também havia escutado as histórias. Deu um sorriso de escárnio e deboche.

— Está preocupado com suas meninas, *mecânico*? Porque não vai lá dar uma olhada? — tinha um hálito terrível, deixado pelo fumo. — Elas devem estar chorando em um canto, mijadas de medo. Isso se já não viraram comida...

Filhos da puta!

Yohan o empurrou ainda mais, olhando-o com os dentes cerrados, mas resistiu à vontade de enfiar um soco na cara daquele verme inútil e pensou em uma pergunta que o pudesse ajudá-lo entender o que estava acontecendo.

— O que Milles quer? Por que os mandou para lá?

— Não é bem o que *ele* quer... Todos nós trabalhamos para alguém, *irmão*. Com Milles não é diferente. Somos todos peças do tabuleiro.

— E quem está jogando? — perguntou Yohan. O outro não demonstrou intenção de responder. — Pra quem ele trabalha?! Fala logo!

Louco Joe apenas ria, mesmo depois que Yohan apertou ainda mais o braço no peito do homem. Seus rostos estavam próximos e Louco Joe cuspiu em sua direção. Yohan virou a cabeça por instinto e sentiu um movimento no braço direito do soldado.

A arma!

Levou a mão esquerda no braço do Louco Joe para evitar que apontasse a arma para seu peito. O homem se contorceu e Yohan se sentiu com sorte por ser mais forte que o soldado. Apertou ele com mais força, subindo o braço para o pescoço de Louco Joe. O soldado tentava se desvencilhar com o braço esquerdo enquanto o direito duelava com Yohan para onde apontar a arma.

— Fale! — Exigiu Yohan. Não queria matar o soldado, pois sabia que não ia acabar bem.

O homem estava perdendo as forças. Na queda de braços pela pistola, Yohan conseguiu vencer e apontou a arma para a cabeça de Louco Joe. Porém, segurava a mão dele, sendo apenas o outro capaz de dar o disparo.

— Diga pra quem ele trabalha e você não se machuca!

Completamente dominado, Louco Joe encarou-o nos olhos com a expressão mais insana que poderia fazer. Ergueu levemente a cabeça e arregalou os olhos.

— Eu espero que eles não te matem rápido, *mecânico*. Espero que você apodreça no Deserto dos Mortos e morra lentamente... — finalizou dando uma risada grotesca.

De fato um louco.

Yohan tentou desviar a arma, mas o homem foi mais rápido e puxou o gatilho. Sentiu o sangue ser espirrado em seu rosto. O som do disparo foi muito alto e poderia ter sido ouvido das ruínas ao norte até os pequenos vilarejos do sul. Ele afrouxou o braço e o corpo do Louco Joe caiu no chão pesado como uma carcaça de motor. Olhou para os lados e, não muito distante, notou que alguns vultos estavam chegando, atraídos pelo som, para ver o que havia acontecido. Sabia que aquilo não acabaria bem.

Merda!



Mordecai

A chama tímida da fogueira crepitava, alimentada por madeira seca. No centro dela um esquilo pequeno assava lentamente, mesmo tendo pouca carne. Nem se fazia necessário girá-lo com frequência, pois dificilmente queimaria. Ambos estavam sentados em frente a ela, aguardando a refeição modesta.

— Então vocês achavam que eu era um fantasma? — perguntou achando aquilo engraçado.

— Sim. Você é uma lenda na Forja. Disseram que matou muitos irmãos! — disse o outro homem, com cabelo curto e barba rente ao rosto, que se identificou como Cisco.

— Meu propósito não é matar humanos.

Mordecai ficou intrigado com o seu sonho e com os últimos visitantes que vieram da parte sul da Cidade Fantasma e decidiu ver o que havia lá. Esgueirou-se entre os prédios para não ser visto, e chegou próximo ao local em que estavam Cisco e os demais. A noite já começava a cair e então ele subiu em um prédio vizinho, deixando a escada lateral liberada caso precisasse fugir. Logo surgiram os infectados, se aproximando em pequenos grupos e aumentando cada vez mais. Ele jamais imaginara que havia tantos naquela área. Acompanhou a batalha da cafeteria, viu os infectados invadindo a parte superior e matando os homens que estavam lá. Acompanhou o movimento de Cisco subindo as escadas e se escondeu para identificar se ele era um amigo ou inimigo. Quando mencionou o nome de Molenga, Mordecai achou que poderia saber mais sobre as pessoas que andavam frequentando a Cidade Fantasma e o motivo. Não haviam conversado mais do que meia dúzia de palavras enquanto se deslocavam para um local seguro. Cisco estava nauseado com a adrenalina de lutar contra um exército de infectados, então Mordecai trancou-o em um dos quartos e foi descansar no outro.

— Você tem família? — perguntou Cisco.

— Não — respondeu Mordecai, enquanto pegava o esquilo para dividir, cortando com uma faca, em duas partes.

— De onde você veio? — o homem de roupa negra parecia astuto e curioso.

— Uma pra cada um, pode ser?

— Claro. Não estou com muita fome — respondeu Cisco.

— Eu me refiro às perguntas.

— Ah... Tudo bem — confirmou Cisco, pegando também sua parte do esquilo.

— De onde *você* vem?

— Da Forja — respondeu Cisco, mastigando um naco de carne e fazendo uma cara de satisfação.

— O que é a Forja? — perguntou Mordecai, curioso.

— Uma para cada um, pode ser? — rebateu Cisco, sorrindo.

— Tudo bem... — disse Mordecai caindo na própria regra. Ao que tudo indicava ambos tinham muito para contar e para entender.

Cisco relatou os acontecimentos na cafeteria e também sobre sua fuga, e Mordecai então também ficou sabendo sobre a Forja, seu funcionamento e o que faziam por ali. Aparentemente saqueavam os prédios em busca de coisas úteis ou valiosas. Mas o amontoado de homens que surgira recentemente estava ali atrás de algo que ele nem imaginava que existia: A cura.

Então há uma cura!

Entre uma mordida e outra na sua metade de esquilo, Mordecai contou a ele sobre seu trabalho na Cidade Fantasma. Seu treinamento, seu mestre e o seu propósito de limpar o local para que um dia todos pudessem voltar ali novamente. Achou melhor preservar a parte sobre seu passado. Logo o esquilo acabou, mas a conversa não.

— Não se sente solitário aqui? — Perguntou Cisco olhando pela janela do quarto onde estavam. A cidade cinzenta e sem vida não era um cenário muito acolhedor.

— Eu tenho Diana... — disse as palavras enquanto refletia, tentando se reconfortar. A verdade é que se sentia mesmo solitário. Ficou surpreendentemente feliz em ter Cisco como companhia.

— E o seu Mestre? Qual o nome dele? — Cisco ignorou a ordem das perguntas, mas ele não deu importância.

— Eu... Não sei — afirmar isso o fazia perceber que nunca soube. E o fato agora parecia um absurdo. — Sempre o chamei apenas de Mestre.

Cisco fez uma expressão de surpresa e acusação. Parecendo achar estranho que ele não soubesse.

— Qual o nome do Homem de Ferro? — rebateu a pergunta para Cisco, antes que ele pudesse engatilhar outra.

Cisco olhou cabisbaixo para a fogueira que já estava apenas em brasas com tons de cinza, preto e vermelho. Depois de um tempo, deu-se por vencido.

— Também não sei — deu de ombros.

Mordecai abriu os braços em tom acusador. Cisco riu, e logo os dois riram da ironia do fato de que ambos seguiam pessoas cujos nomes nem sabiam.

— E como foi parar na Forja?

A pergunta fez Cisco refletir por um momento, mas por fim deu de ombros novamente.

— Acho que simplesmente não tinha para onde ir... Sem amigos, sem família... — disse ele, desenhando no chão empoeirado com os dedos. — Queria fazer parte de algo.

— Acho que todos querem, não é? — disse Mordecai e ambos ficaram pensativos por um tempo. O sol havia se elevado, mas se escondia atrás de algumas nuvens.

— Acha que alguém sobreviveu? — perguntou Cisco, quebrando o momento de reflexão, referindo-se ao ataque.

Mordecai preferiu ser sincero e balançou a cabeça negativamente.

— Droga! Eu devia ter ficado com Fantasma! — disse Cisco inconformado. — Prometi salvar ele!

— Você quase não sobreviveu... — recordou-o Mordecai, tentando reconfortá-lo de alguma forma.

Cisco ainda estava digerindo tudo o que ocorrera. Analisou todos os cantos do quarto. Os sofás velhos, o quadro com uma pintura distorcida, o piso de madeira velha e a mobília castigada pelo tempo. Seu olhar parou então nas espadas que repousavam próximas à mochila, recostadas na parede que tinha seu papel de parede rasgado.

— Você ganhou do seu mestre? — perguntou ele, apreciando as bainhas ricamente trabalhadas com detalhes negros e dourados.

Mordecai acompanhou o olhar de Cisco que passava por cima do seu ombro direito.

— Não... — poderia ter mentido, mas não viu vantagem naquilo. — Achei-as uns dias atrás, no dia em que quase morri. Estava encurralado dentro de um espaço menor que esse. Eles entravam aos montes. E lá no canto estavam elas. Salvaram minha vida... — pensou por um momento. — Havia várias outras lojas, poderia ter escolhido qualquer outra. Mas entrei justamente naquela e isso salvou minha vida. Dá para acreditar?

— Destino — falou Cisco com seriedade.

— Você acha?

— Você achar elas no momento que mais precisava te levou a estar naquele prédio no momento que eu mais precisava. Acho que não sobreviveria outra noite aqui.

— Depois do que vi ontem... Acho que nem eu! — respondeu Mordecai divertido e ambos riram novamente, tentando achar uma graça no meio do caos. Levantou-se e foi em direção à mochila, colocando-a nas costas junto com as espadas. — Mas não vamos esperar aqui, certo?

— Onde pensou em ir?

— Vamos atrás de armas, vamos precisar. — respondeu Mordecai. — O que se perde no fogo, se acha nas cinzas, certo?

— Podemos achar algum sobrevivente! — sugeriu Cisco com certa esperança e Mordecai estava certo de que pensava no amigo.

Entregou a ele o facão e o machado. Por algum motivo confiava no homem. Mesmo assim Cisco não quis largar a escopeta. Havia se afeiçoado a ela como Mordecai às suas espadas, afinal ambas as armas fizeram por merecer. Saíram do prédio antigo no qual estavam e começaram a caminhar em direção ao sul, onde estava a cafeteria. No caminho ele se recordou que ainda não haviam conversado sobre a morte de Molenga. Então ele descreveu como aconteceu.

— Eu sabia que Bud era um filho de uma puta! — falou Cisco com raiva. — Falei a Yohan, mas ele não acreditou em mim, ficou falando que havia sido o monstro. Mas eu sabia!

— Yohan?

— Meu amigo da Forja. Mecânico. Veio aqui para consertar o tanque de guerra.

— Eu o vi — revelou Mordecai pensativo, caminhando com passos decididos. — Me recordo dele. Homem grande, roupa azul. Lutou contra alguns deles com uma chave e uma ferocidade brutal.

— Esse mesmo! — disse Cisco enquanto desviava de um cadáver estirado no asfalto seco. — Ele é confiável e mais esperto do que a maioria imagina. Gostaria que ele estivesse aqui.

Chegaram à rua da cafeteria. O fogo havia se alastrado por toda a quadra. Os prédios queimaram completamente exibindo tons negros e acinzentados da fuligem, como uma carcaça de animal queimada até os ossos. Em alguns pontos ainda havia brasa viva e pequenos redemoinhos de fumaça escura subiam em direção ao céu. Os dois andavam no meio da rua temendo um desabamento. As árvores antes imponentes não passavam de palitos carbonizados. Cisco empunhava a escopeta, mesmo estando sem munição. Talvez para se sentir confiante, talvez por que estivesse com medo. De longe já conseguiam ver os corpos. Centenas de carcaças carbonizadas contornando a esquina. A quantidade aumentava quanto mais próximo da cafeteria eles chegavam.

— Nossa... — disse Mordecai admirado. — Vocês fizeram um estrago aqui! Pouparam-me semanas de trabalho. Pagaria se pudesse.

Cisco quase não podia acreditar no que via. Correu em direção à cafeteria refazendo sua rota de fuga, procurando sobreviventes. Mordecai protestou tentando adverti-lo sobre a estrutura do local, mas foi em vão. Escalou pela pilha de cadáveres e entrou pela janela sem vidros, estilhaçados durante o tiroteio. Dentro havia uma pilha de corpos completamente queimados, inviabilizando o

reconhecimento de quem era o quê. Alguns se fundiram durante o incêndio, formando amontoados de carne, ossos e roupa carbonizados. As poucas armas que foram encontradas estavam imprestáveis. Logo viu seu novo companheiro retornando, animado.

— Achou alguma coisa? — perguntou Mordecai.

— Acho que alguém conseguiu escapar por uma das salas laterais, um dos vidros estava quebrado! — disse Cisco. — Onde acha que podem estar?

— Atrás do que vieram buscar — respondeu Mordecai, peremptoriamente. — Onde ficava?

— Ao norte. Mas não lembro exatamente onde. Não tenho mais um mapa.

— Nem precisamos. Conheço boa parte da cidade — afirmou Mordecai enquanto revirava alguns cadáveres atrás de armas. — Temos que ir logo para achar um local onde passar a noite.

— E você, achou alguma coisa? — perguntou Cisco olhando ao redor, vasculhando.

— Nada que se possa aproveitar. Vamos.

Ambos saíram em direção ao lado norte da cidade, desconhecido para os dois. Mordecai mentiu porque estava interessado em ir atrás da cura. Tinha esperança de poder devolver às pessoas infectadas uma vida normal. Ou o mais perto disso possível.

Encontraram alguns infectados na estrada dos quais eliminaram com facilidade. Mordecai usou as espadas e Cisco ficou impressionado o quão letal as armas eram. Ele manejava bem o facão, mesmo que com cautela. Lembrou o próprio Mordecai quando recém havia chegado à Cidade Fantasma, parecia que cada infectado era gigantesco e iria estripá-lo. Deu algumas dicas à Cisco e pode notar uma melhora em seus movimentos, quando se depararam com outro grupo, mais à frente.

Parece que agora o mestre sou eu.

Localizaram um prédio com vista ampla para a grande rótula que recebia seis caminhos diferentes. Não havia muitos carros por estarem abandonados mais próximos das saídas, ao sul, ao norte e a oeste, de modo que os caminhos estavam livres. Verificaram o prédio, rota de fuga, onde ficariam e foram atrás de comida. Cisco não esperava que fosse necessária uma preparação tão grande, mas aprendia com muita facilidade. Comeram algumas frutas e uma doninha assada, que Diana trouxe. Cisco olhava admirado para a coruja branca, mas não ousava chegar perto com medo de ser bicado.

— Qual é a da coruja?

Mordecai entregou um pedaço de carne à Diana, que estava sentada em seu ombro. A ave o pegou delicadamente entre seus dedos polegar e indicador.

— Essa eu ganhei do meu mestre — disse deslizando um dedo carinhosamente pelas penas o animal. — Já me salvou mais vezes que as minhas espadas.

— Até da fome — afirmou Cisco, comendo a carne proveniente da caça do pequeno animal.

— Principalmente da fome — disse Mordecai, sorrindo.

O sol se pôs no horizonte. Deslocaram-se até o quarto onde passariam a noite e ficaram observando pela janela, sentados em cadeiras de madeira. Diana partiu para cumprir seus compromissos noturnos. Nas ruas, conforme o sol ia saindo de cena, as luzes iam se acendendo nos postes, iluminando tudo ao redor de onde estavam.

Isso é novidade...

— Como é possível? — perguntou Cisco confuso, olhando pela janela. — Há dois dias estávamos no breu completo.

— Vai ver que o norte da cidade tem mesmo algo de especial — respondeu Mordecai, pensativo.

Iluminação era algo muito bem-vindo. A noite, quando nublada, era demasiadamente escura, e, considerando que os infectados tinham a pele predominantemente azul escuro, ficava difícil visualizá-los no ventre da escuridão.

Um grito agudo e conhecido veio de alguma rua próxima, ecoando no imenso vazio da cidade. Cisco o olhou com cara de surpresa.

— Eu ouvi esse grito durante o ataque — sussurrou ele. — O que é isso?

— A coisa que matou Molenga — disse Mordecai, olhando com seriedade nos olhos dele. — Que tentou me matar e que tentou matar vocês. Não é um infectado comum. Ele consegue controlar os demais.

— Como assim, controlar?

— Não sei como, mas os reúne e dá ordens. Ele mandou vários atrás de mim. Fique atento, pode estar nos procurando.

Cisco estremeceu, mas pareceu não querer demonstrar medo. Olhou instintivamente para a porta, e todos os cantos do quarto e voltou a olhar para a janela. Segurou a escopeta com mais força, mesmo permanecendo sem munição.

— Ei... — disse Mordecai, tirando-o do transe. — Olhe ali.

No centro da grande rótula, sobre a grama e sob a iluminação das luzes dos postes, infectados começaram a caminhar em uma marcha decidida, passando pela frente dos prédios onde estavam. Começaram aos poucos, e em pouco tempo, mal conseguiam contar quantos estavam avistando. Eram dezenas, talvez centenas. Mas não corriam desesperados como ambos já haviam presenciado. Marcavam passo, decididos e audíveis, em direção para onde quer que fosse.

— Onde eles estão indo? — perguntou Cisco, curioso, inclinando-se para frente.

— Não sei — respondeu Mordecai, também confuso. — mas parece que vai ser uma bela festa.

Já quase não era possível de ver o asfalto ou a grama da rótula, devido a quantidade de infectados. As criaturas pareciam estar plenamente conscientes, nem sequer se esbarravam, estavam organizadas como um amontoado de formigas. Uma música então colaborou para eliminar todo o silêncio da noite. Era alta e não tinha vozes, apenas instrumentos.

— O que é isso? — disse Cisco.

Mordecai se levantou da cadeira e foi até a porta. Vendo que Cisco estava estático lhe encarando, fez sinal com a mão.

— Venha! — chamou falando baixo.

— Você está maluco? Quer ir pro meio deles? — perguntou Cisco, sempre muito expressivo.

— Anda! — chamou Mordecai, ignorando os receios do outro — Vamos ver o que é isso!

Estava de fato curioso. Muitas coisas estranhas estavam acontecendo ao mesmo tempo. Ele achava que, de alguma forma, tudo estava conectado. Queria descobrir algo a mais, e as informações que Cisco lhe dera, principalmente sobre a cura, lhe deram uma nova motivação. Saiu pela porta do quarto, andando agilmente pelo corredor. Cisco não demorou muito para alcançá-lo, com certeza não gostaria de ficar ali sozinho.

A iluminação da rua, que entrava pelas janelas dos quartos, facilitou o caminho até o terraço. O som da música ficou mais alto. Vinha do final do quarteirão, a leste. Do prédio que estavam, era possível chegar até o último deles. Correram pelo terraço, pulando a mureta do topo do prédio e acessando o próximo por uma pequena ponte feita de metal. Correr sobre a ponte até fazia barulho, mas ele era subjulgado pela música instrumental. De cima dela, era possível ter uma noção do tamanho da massa de infectados que se movia em direção ao local.

Se nos virem, estaremos encrencados.

Acessaram o último prédio. Esgueiraram-se até a borda para ver o que estava acontecendo. Posicionados de frente para o trajeto das criaturas, quatro caminhões, carregando grandes containers, estavam parados. A música aparentemente vinha deles. As grandes caixas metálicas estavam com o fundo aberto, e uma grande rampa saindo de cada uma delas. Ao lado dos caminhões, alguns homens seguravam armas. Mas não eram normais. Tinham uma roupa diferente, plana e angulosa, como se fosse uma armadura. Na cabeça todos usavam uma espécie de capacete.

— São da Forja? — perguntou Mordecai.

— Não temos esse tipo de traje lá — respondeu Cisco com o olhar estático. Apavorado, admirado ou apenas curioso.

Na frente dos caminhões, a criatura alta, com grandes garras e olhos amarelados, gritava comandos para os infectados que entravam obedientes nos containers. Ao redor deles, andando calmamente de um lado para o outro, uma máquina em forma de cão, com pernas longas e corpo gigantesco, caminhava vagarosamente inclinando sua cabeça pontuda para todos os lados. Cisco não conseguiu disfarçar o apavoramento com o que estava vendo.

— Mas que merda está acontecendo aqui? — perguntou Cisco, como se Mordecai estivesse escondendo a verdade.

Mordecai não quis dizer, mas seu novo companheiro havia arrancado as palavras de sua boca.

Mas que merda é essa?



Ethan

Olivia...

Então ele a via. Além da plantação de milho, em cima da pequena elevação de terra, próxima de sua casa. Ela o observava, com seus grandes olhos claros, seu rosto suave e boca delicada. Os longos cabelos loiros eram agitados pelo vento e o sol poente atrás de si dava um brilho na silhueta de seu corpo esbelto. Ele queria poder tocá-la, mais uma vez.

Olivia...

Subitamente a imagem se transformou. Ethan viu Olivia pendurada na cruz de madeira que antes sustentava o espantalho, pegando fogo. Estava usando o mesmo vestido que ele a viu usar pela última vez. Como no sonho, ela ria e o acusava. Quase conseguia sentir o calor e o cheiro do fogo. Ele estava tão próximo e não podia fazer nada.

Não... Não...

As chamas que percorriam o corpo dela começaram a circular no ar, juntando-se e formando aquela figura negra que conversara com ele. Apesar de ser formada por chamas, a silhueta era angustiantemente inesquecível. Ethan caiu de joelhos, impotente. Lágrimas rolavam pelas bochechas, vindo dos seus olhos. O espectro de fogo ergueu alta a gadanha, como já havia feito. Mas dessa vez Ethan não achava forças para se mover. Fechou os olhos e abriu os braços. Sem Olivia já não tinha mais objetivo para viver. A gadanha desceu rápida. Quando chocou contra seu corpo não sentiu dor, apenas uma onda de calor e vento atravessando por ele.

Quando abriu os olhos, viu Mason fumando de pé, escorado na parede daquele prédio, em Trincheira.

"Aquele filho da puta nos ferrou, não é?", dizia enquanto tragava o cigarro, segurando-o com dois dedos.

Antes que pudesse responder, duas mãos seguraram seu rosto e Dante surgiu na frente dele.

"Caipira! Eu disse pra ficar chorando por sua mulher queimada!", disse ele. Sorria e cantava, debochando dos dois.

Ethan ficou de cabeça baixa, ajoelhado no chão empoeirado. Ambos saíram da sala e a velha vidente apareceu. Abaixou-se em frente a ele e o encarou nos olhos, com ternura.

"Não se entregue! Você mal está começando."

Ethan olhou-a diretamente nos olhos, mas não falou nada.

“*Ande! Precisam de você!*”, insistia a velha.

“*Ande!*”, cutucou sua perna com o pé.

“*Ande!*”, cutucou novamente.

Ethan abriu os olhos. Sua cabeça doía um pouco assim como seu estômago. Estava com as costas apoiadas em uma estrutura rígida e metálica. Não conseguia ver nada através do pano negro que cobria seu rosto. Alguma coisa continuava cutucando sua perna e lembrou-se de Mason.

— Ei garoto! — chamava ele, falando o mais baixo possível.

Ethan virou a cabeça na direção dele.

— Estou aqui — falou meio zozzo, recompondo-se aos poucos. — O que fizeram conosco?

— Acho que algum tipo de choque — disse Mason. — Estamos naquele furgão.

Podiam sentir o balanço vindo da suspensão do furgão, absorvendo as irregularidades da estrada. O ambiente era escuro e tinha um cheiro de mofo. Pelos pequenos furos do pano que cobria seu rosto, Ethan vislumbrou um pouco de claridade vindo da cabine do furgão. Na sua visão limitada, entendeu que estavam isolados. O único acesso que havia era um retângulo cheio de grades de onde ele observou a silhueta do homem grande que os raptou.

— Vamos dizer a eles quem somos! Que foi tudo um engano! — sugeriu a Mason.

— Você está louco!? — rebateu Mason.

— Por quê? — ele não via problema algum nisso.

— E o que acha que vai acontecer? — Mason estava bravo. — Que eles vão nos libertar e nos dar uma caneca de cerveja como desculpas? Essa gente vive para matar! Se souberem que somos dois caras normais darão um tiro em nossas cabeças e deixam nossos corpos apodrecendo ao lado da estrada.

— Eu... — Ethan não havia pensado dessa forma.

— Continue fingindo — orientou Mason. — Estamos indo para o Apostador. Vou negociar a nossa liberdade.

— Tudo bem — confirmou Ethan.

Mas ele não se sentia confiante. Dante havia pedido sua confiança, e logo após, o traído. Não sabia mais em quem poderia confiar e se sentiu muito solitário. Não sabia nem o que esperar do seu destino.

O que farão comigo?

Tudo era uma incógnita. Mas provavelmente descobririam que ele não era quem procuravam e o matariam. Nem sequer pôde vingar a morte de Olivia. Talvez Dante estivesse certo o tempo todo. Talvez devesse ter ficado na fazenda de seus

país e seguido com a vida. Sentiu as lágrimas rolarem dos olhos, pelas bochechas, até o queixo.

Não teve tempo para autopiedade. Algo aconteceu com o veículo e, assim como o golpe da gadanha, repentino e intenso, Ethan e Mason foram jogados para a parte dianteira do veículo. A batida não foi de grande proporção, mas o suficiente para parar o furgão. Sentiu uma dor lancinante nas costelas do lado direito do corpo.

O que aconteceu!?

— Mason! Você está bem? — sussurrou.

— Puta que pariu! — reclamou o outro.

Ouviram passos rápidos próximos ao carro. Um baque seco e a porta lateral se abriu com facilidade, como se feita de madeira podre. Sentiu algo o puxando pela camisa. Uma mão foi até seu rosto e retirou o tecido que ocultava sua visão. Identificou um capacete completamente fechado, o que impossibilitava de ver o rosto do homem.

— Você é Ethan? — perguntou uma voz rouca, levemente distorcida.

— Sim... — falou hesitante, com receio.

— Venha! — ordenou o homem, puxando-o para fora do furgão.

Ethan teve dificuldade para descer e então entendeu o que havia ocorrido. Um buraco havia sido cavado na estrada. Suficiente para acomodar a cabine do furgão. Fora coberto com alguma coisa da cor do asfalto. O veículo estava inclinado para frente, com as rodas traseiras levemente suspensas. Ao lado da porta direita, um homem empunhava um grande fuzil, mirando para a moça. Um terceiro estava próximo de um jipe robusto, com grandes molas na suspensão. Toda a equipe utilizava um traje muito sofisticado, como se fosse uma armadura metálica. Acompanhou o homem até o carro e lembrou-se de Mason.

— Espera! Tem o Mason! Precisa ajudá-lo! — falou olhando para o furgão.

O homem que o havia tirado do furgão, aparentemente líder do grupo, fez um aceno positivo para o que estava aguardando no jipe. O segundo homem andou obediente até o furgão, em direção da porta recentemente arrombada. Ethan respirou, aliviado. Então o homem apontou a arma para dentro do compartimento e efetuou dois disparos na direção de onde estava Mason. Ethan arregalou os olhos e estremeceu.

O que eu fiz?

— Não se preocupe. Tínhamos que matá-lo — disse a voz distorcida por trás do capacete, quase lendo seu pensamento. — Entre — disse indicando a porta do jipe.

— Por que tinham que matá-lo?

— Ordens — limitou-se a responder.

Quando estava dentro do carro, viu um dos soldados falando alguma coisa para a moça e saindo de costas, ainda apontando a arma para ela. Do outro lado veio outro

homem fazendo o mesmo, provavelmente estava rendendo o motorista.

Por que não os mataram?

Todos entraram no jipe, que logo se pôs em movimento. Tinha o chassi alongado e se movia rapidamente. Assim como o furgão, havia espaço para duas pessoas na frente e seis atrás. A equipe era composta por sete pessoas e Ethan compreendeu que buscavam apenas ele. Olhou para o furgão e viu Gunnar e a moça das facas saindo do veículo e assistindo impotentes a sua fuga. Era triste para ele pensar que Mason já não poderia mais fumar seus cigarros.

Seguiram pela estrada. Os cinco homens que o rodeavam, o encaravam, impassíveis. Cinco capacetes metálicos, com viseiras escuras e pequenos conjuntos de furos na frente do nariz e boca, escondendo os semblantes que estavam julgando-o e pensando porque ele valia aquele esforço. Ethan olhou um de cada vez, que o encaravam de volta, sem saber exatamente o que falar.

— Vocês gostam de Rock? — perguntou com um sorriso forçado.

Os homens olharam uns para os outros, sem entender a pergunta e voltaram suas atenções para a estrada.

Achei que Dante era louco, mas funciona mesmo.

Lembrou-se então que Dante também devia estar metido em alguma encrenca, se ainda estivesse vivo. Depois que ele entregou Mason, Ethan já não sabia mais o que ele tinha em mente. O rapaz era completamente imprevisível. Mas ele se lembrava de que Dante não fez uma cara muito satisfeita quando a moça das facas o reivindicou para si. E, apesar de tê-los entregados àqueles desconhecidos, Ethan curiosamente não desejava o mal de Dante.

Espero que ele também não morra.

O sol estava se pondo na parte de trás do carro, o que indicava que eles estavam indo para o leste. Nenhuma palavra foi trocada pela equipe até chegarem. Ethan não conseguiu ver muito porque as sombras da noite já começavam a beijar a superfície arenosa, mas acreditava que estavam em algum lugar do Deserto dos Mortos. Os feixes de luz do farol erguiam-se até serem bloqueados por uma coluna quadrada imensa.

Tratava-se de um grande hangar. Grandes colunas se erguiam até o conjunto de treliças metálicas que sustentava o teto. As portas, também de metal, eram gigantescas, como se o local fosse feito para abrigar imensas máquinas. Uma das maiores construções que Ethan já havia visto, apesar de não ter conhecido tantas. Mais homens de traje e capacete apareceram na porta do local para receber o jipe.

— Avise que o trouxemos — disse o líder deles.

O outro soldado fez um aceno, se ausentou por breves instantes, e retornou fazendo um sinal para permitir a entrada do veículo. Ethan estava com medo, mas ao mesmo tempo admirado com tudo aquilo. Passaram pela porta e ele começou a

ver equipamentos bélicos de todo o tipo. Armas, veículos, homens treinando em estandes de tiro, todos focados no que estava fazendo.

O que é tudo isso?

O jipe foi manobrado até um conjunto de salas. Uma grande escada levava a um patamar superior. Ethan contou em torno de trinta homens, não mais. Pouco para a imensidão do lugar. O líder abriu a porta do jipe e fez sinal para ele descer. Ethan não sabia o que esperar, mas não tinha escolha. Conduziram-no até uma sala rodeada de espelhos. Uma única cadeira solitária estava colocada no centro.

— Fique aqui — falou a voz distorcida.

Ethan andou ao redor com os braços cruzados e cabeça baixa, digerindo tudo o que havia acontecido. Chegou ao fim dos cantos e ergueu o rosto, vendo seu reflexo no espelho. A roupa estava amarrotada e suja, barba por fazer, cabelo desganhado e olheiras profundas. Parecia um pedinte miserável. Ficou com pena de si mesmo.

— Quem você vai matar desse jeito? — perguntou ao reflexo.

No ímpeto da sua raiva, achava que poderia movimentar montanhas para ir atrás do assassino de Olivia. Agora, sentia-se patético.

Dante tinha razão.

Caminhou até a cadeira e deixou o corpo cair, pesado e cansado. Apoiou seus dois cotovelos nas pernas e levou as mãos até as testas. Ficou com a cabeça abaixada revivendo os momentos que havia vivido nos últimos dias. Incrível a mudança que ocorrera em sua vida, que antes era simples, pacífica e feliz.

— Está confortável? — ecoou uma voz pela sala.

Ethan levantou a cabeça subitamente, procurando a origem do som. Levantou-se da cadeira e começou a andar, tentando enxergar através dos espelhos.

— Quem é você? — perguntou de volta, sem saber com quem estava falando.

— Alguém que te salvou, lembra? — falou a voz, também distorcida.

— Por que estou aqui? — quis saber.

— Os homens te trataram bem? — a voz devolveu a pergunta, ignorando seu questionamento.

— Sim... Na verdade não falaram nada a viagem inteira — respondeu.

— Comedante tem uma forma peculiar de tratar as pessoas. Bom que não o aborreceu — falou a voz, satisfeita.

Ethan continuava procurando através dos espelhos, circulando pela sala.

— O que você quer de mim? Por que estou aqui? — falou olhando para a parte superior de um dos cantos, de onde achava vir o som.

— Quero que me ajude — respondeu a voz.

Eu, ajudar?

— Te ajudar com o que? — ficou curioso.

— Tudo a seu tempo — respondeu a voz calmamente, de forma astuta, sabendo que havia atizado sua curiosidade. — O que *você* busca, Ethan?

O que eu quero?

— Eu quero achar o homem que matou minha mulher! — disse olhando para o canto oposto. Ainda não havia achado a origem do som.

— E o que faria se o achasse? — disse a voz, com ar de curiosidade.

— Quem é você!? — perguntou ele, querendo saber com quem estava falando.

— Alguém que sabe coisas que você não sabe — respondeu a voz evasiva. — Vamos fazer um trato: eu te dou o que você quer e você me ajuda com o que eu quero. O que me diz?

— E o que você quer?

— Ordem. Controle. Paz. Chame como quiser — disse a voz.

— E porque você precisa de mim? — Ethan estava confuso.

— Preciso eliminar mais algumas pessoas para que isso aconteça — não havia alteração de emoções na voz.

— Quer que eu mate pra você? — disse ele apavorado. — Eu não sou um assassino!

A voz esperou por um momento, e então riu suavemente.

— Então como espera vingar a morte da sua mulher? — questionou, divertida.

Um dos espelhos atrás de si mudou de aspecto, ficando translúcido. Revelou uma sala menor do que a que ele estava. No centro dela uma figura o observava. Com um capuz negro cobrindo parcialmente o rosto, apenas um pedaço do queixo era visível. O coração de Ethan acelerou. Sentiu um frio na barriga e suas mãos começaram a suar.

É ele!

— Você! — falou em tom acusador.

— Nada pessoal, Ethan — disse o homem atrás do vidro, agora sem a voz distorcida. — Precisava chamar sua atenção. Jamais gostei de ter queimado sua amada mulher e matado seu cavalo. Até que era um bom cavalo — completou com desdém.

Um sentimento de raiva o invadiu. Foi até a cadeira, pegou-a com as duas mãos e correu em direção ao vidro. Bateu com toda força que conseguiu. Uma. Duas. Três. Quatro vezes. Queria poder atravessar aquele vidro. O homem conhecido como Corvo o observava, sem mudar sua expressão, como se achasse aquilo uma perda de tempo. O vidro temperado criou uma pequena fissura, mas longe de qualquer possibilidade de quebrar. Após o décimo golpe, Ethan caiu sentado para trás. Suas mãos vibravam com o impacto dos golpes.

— Por quê!? — gritou furioso. — Eu não fiz nada a você!

— Porque você tem o sangue de seu pai — respondeu Corvo calmamente.

Meu pai!?

— Sua mulher era uma distração para você — falou Corvo. — O destino lhe reserva algo muito maior.

Lembrou-se do sonho, da figura negra lhe oferecendo uma tarefa, da briga com Alan e do sangue em suas mãos.

— Eu não sou uma pessoa ruim... — falou quase chorando. — Eu não quero matar ninguém!

— Depois de saber o que eu sei, vai querer — falou Corvo, frio, mantendo sempre a mesma imparcialidade em suas emoções.

O vidro voltou a ficar espelhado e Ethan ficou ali, sentindo-se solitário, impotente, confuso e com raiva.

Eu tenho o sangue de meu pai... O que ele quis dizer??

Sentado no chão, ele recostou as costas no vidro, abraçou as pernas e chorou.

Olivia...



Dante

A estrada era sinuosa e contornava as montanhas com uma bela vista para o litoral. À sua esquerda podia ver a praia, mais abaixo, com areia branca e fina. O mar era azul com sua água quase cristalina. À sua direita, as montanhas, mais acima, com sua paisagem verde, pedras distribuídas e sem muitas árvores. Johnny deslizava com suavidade, como se aproveitasse aquilo tudo a seu próprio modo. O indicador de velocidade aumentava cada vez mais. Dante trocava as marchas sempre que o motor exigia, indicando o número de giros no painel. Era a forma que Johnny e ele conversavam.

No rádio tocava um belo rock com suas guitarras vibrantes, bateria frenética e o som do baixo bem marcado. Dante abriu a janela, colocou sua cabeça para fora e fechou os olhos para sentir a brisa que passava agradavelmente pelo seu rosto. Sabia que Johnny também se sentia assim e ficou feliz por tê-lo junto consigo. Abriu os olhos para não perder o momento de fazer a próxima curva. E ele estava ali.

Tão claro quanto o sol do dia, Ethan o encarava no meio da estrada, completamente coberto de sangue. Dante não teve muito tempo de reação, puxou o volante para a esquerda por instinto. Johnny obedeceu, desviaram do caipira e foram em direção ao penhasco. Dante tentou recuperar o controle, mas era tarde demais. O veículo voou pelos ares e o peso do motor colocou a frente do carro em direção à água do mar. Ele sentiu um frio na barriga, retesou seus músculos e ficou firme para o impacto. Johnny atingiu a água e logo o mar tratou de encher seu interior. O veículo afundou rapidamente.

Dante tentou abrir a porta, mas a água entrando não o permitia, exigindo muita força. O carro já estava completamente submerso. Saiu então pela pequena janela nadando em direção à superfície. Agitou os braços enquanto olhava para a claridade do sol sobre a água. Tentou nadar, mas algo o impedia, segurando-lhe pelo pé. Olhou para baixo e viu que Mason lhe puxava pelos tornozelos. Começou a se mexer desesperado, o ar já estava lhe faltando nos pulmões. Sacudiu as pernas e conseguiu se desvencilhar. Foi nadando até à superfície, suplicando por ar. Foi chegando perto. E mais perto.

Abriu a boca e puxou o ar, enchendo os pulmões. Seus olhos se arregalaram com o susto e então viu um homem com um balde na mão, sorrindo maliciosamente. Olhou ao redor. Estava sentado em uma cadeira, amarrado com as mãos para trás.

O local era grande, como o saguão de um prédio. Grandes pilares sustentavam os corredores do segundo andar. Havia várias salas, todas com portas feitas de grades. Sentiu vários olhares sobre si. Na sua frente, sentada em uma cadeira, uma mulher com a pele negra, rosto bonito e cabelo curto pintado com tom de roxo o encarava.

— Desculpe atrapalhar seu sono — disse ela, inclinando um pouco a cabeça para o lado. Tinha olhar confiante.

— Sem problemas — respondeu Dante. — Estava tendo um sonho ruim mesmo.

Sentir culpa é novidade.

— Então — começou ela, com as duas mãos cruzadas, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Você nos prometeu o homem e as nossas armas. Resolvemos seu problema e quando chegamos lá, você estava sozinho e apagado.

— Eu ainda não sei seu nome... — disse Dante, tentando criar uma proximidade.

— Ah! Ele quer saber meu nome — disse ela inclinando a cabeça para trás, falando para os demais.

Todos riram, mas Dante permaneceu sério.

— Você é corajoso — falou ela, cruzando as pernas e escorando-se para trás. — Negocia o que não tem com quem você não conhece. Admiro isso.

— Eu tenho algo aqui que posso negociar com você. Basta me dizer seu nome que aí nos conheceremos — disse ele sorrindo de forma maliciosa.

A mulher negra sorriu. Todos riram acompanhando-a, então ela se levantou e deu-lhe um tapa no rosto. Foi mais forte do que ele esperava. Dante abriu e fechou a boca, mastigando o ar para tentar aliviar a dor.

Bastava dizer não.

— Guarde essa coisinha que você tem — falou ela com ar arrogante. — Vamos falar do que você não tem. Como escolha, por exemplo.

— Tudo bem — concordou ele. — Reconheço que a transação não saiu da forma que eu esperava, senhorita...

— Fox — disse ela. — Pode me chamar de Fox.

Fox? Sério?

— Então, Fox — falou Dante, sendo bem expressivo. — Houve um pequeno engano. Mas eu posso recompensar.

— Ah, com certeza você vai me recompensar — falou ela sorrindo. — Não é, rapazes?

Houve várias afirmações entre os homens ali presentes. Dante olhou para alguns rostos, mas não identificou nenhum.

Será que ela manda nessa turma toda?

— Ok — concordou. — Então tudo o que você precisa fazer é me dar o meu carro e minha jaqueta.

Ela deu um meio sorriso enquanto olhava para baixo.

— Você fala daquela belezinha, negra como eu?

Posso andar em você também se quiser. Inevitável pensar, só não falou para não levar outro tapa. Fox tinha a mão pesada.

— Sim. Ele mesmo.

Ela fechou os lábios, fazendo sinal negativo.

— Infelizmente sua reputação o precede, Dante — disse ela, com ar gatuno, enquanto olhava as unhas. — Não vou poder devolver seu tão estimado carro.

Ah, não! Lá vamos nós de novo...

Dante tentou não transparecer seu desagrado. Então deixou se encantar com aquele rosto suave, nariz pequeno, boca delicada e olhos sedutores.

— O que você quer? — perguntou a ela.

— Que você vá atrás do nosso homem, — disse Fox, encarando-o com o nariz empinado, — mas agora do homem certo.

Hum. Começa a ficar interessante.

— E quem seria esse homem? — perguntou Dante, interessado.

— Já ouviu falar do homem que surgiu no deserto?

— O cientista?

Ela ergueu a sobrancelha, surpresa com a ciência dele sobre o assunto ou com a forma que o chamou.

— Nós o chamamos de... outro nome — disse Fox. — Ele é conhecido como o Senhor do Tempo.

— Senhor do Tempo?

Ele faz chover, por acaso?

— Sim — confirmou Fox, mantendo seu olhar malicioso sobre Dante.

— De onde ele vem?

— Na verdade não é de *onde*, mas de *quando* — falou ela, dando ênfase nas palavras.

— Como assim? — Dante até havia entendido, mas estava incrédulo.

Isso é possível???

— Ele veio de antes da guerra.

— Você fala da grande guerra? Como é possível?

— Ele tem uma máquina ou um dispositivo que torna isso possível — disse Fox, dando de ombros.

— Como vocês sabem de tudo isso? — Nem ele que era muito bem informado sabia sobre o assunto.

— Isso não interessa — rebateu Fox.

— Por que precisam dele? — Dante ficou curioso.

Um cara que viaja no tempo!

— Trabalhamos para alguém que o quer. É tudo o que vou lhe dizer — disse ela.

— E onde ele está agora? — Essa era a informação mais importante.

— Aí está o problema. Não sabemos — Fox pareceu ligeiramente envergonhada por não saber. — Ele está com um homem do Negociador, que se escondeu em algum buraco com medo de morrer.

— Tudo bem — concordou Dante. — Eu faço o serviço, mas quero a minha jaqueta.

Ela concordou com um aceno de cabeça. Olhou para o homem que segurava o balde e indicou para que ele fosse buscá-la. O homem desapareceu por alguns breves minutos e retornou com a jaqueta na mão.

Todos cerveja do mesmo barril.

Dante de fato não queria a jaqueta. Mas queria saber se os homens que o atacaram no bar de Edgar faziam parte dessa gangue de pessoas rejeitadas pelo mundo. Recebeu sua jaqueta de couro e foi desamarrado. Passou as mãos pelos pulsos onde as cordas o seguravam.

— Como está o homem que a guardou para mim? — perguntou sarcástico, lembrando-se de quando o seu dispositivo explodiu a mão do homem com máscara de palhaço.

— Tive que prendê-lo para poder falar com você. Sorte sua que ele não foi o primeiro a te encontrar, lá no prédio.

Fox fez um sinal, pedindo que a acompanhasse, levantou da cadeira e saiu caminhando, rebolando os quadris. Foram até outra sala. Lá havia alguns veículos, e, no meio deles, estava Johnny.

Meu Johnny... Como acharam?

Na parte superior da sala havia uma viga metálica atravessando-a. No meio dela, uma corrente descia até uma bola quase do tamanho de um carro. Estava suspensa acima de um chassi velho de um carro antigo.

— Te trouxe aqui para caso você precisar de... *motivação* — falou Fox.

Fox fez um aceno positivo. Um homem que segurava um controle retangular apertou um botão. A bola desceu sem muita velocidade, mas esmagou completamente o chassi. Dante sentiu um aperto no peito e pôde ver que não estavam brincando.

Eles até que sabem ser bem persuasivos.

— Eu vou achar seu homem — falou confiante.

E fazer o quê?

Se ele entregasse ao Chacal, perderia Johnny. Se entregasse para Fox, provavelmente Chacal o mataria. Isso tudo enquanto o Apostador não descobrisse que Ethan só sabia fazer adubo. Por um momento pensou no rapaz e estremeceu. Sentiu pena e até uma pontada de culpa. Mas se ele não pensasse em si, ninguém

mais pensaria. Era ele contra o mundo. Ou melhor, ele e Johnny contra o mundo. E agora não podia deixar seu amigo na mão.

Foi acompanhado até a porta. Ainda estava em Trincheira. Reconheceu pelos prédios em pedaços e os tons cinzentos da cidade. Recebeu a chave de um carro. Uma coisa velha e medonha, caindo aos pedaços. Pensou em protestar, mas viu que não teria muita escolha.

— Eu volto para buscar meu carro — disse para Fox.

— Não volte aqui sem o que pedi — advertiu Fox.

Dante piscou para ela e seguiu em direção ao centro da cidade.

— Por onde você vai começar? — perguntou ela, de longe, com os braços cruzados, escorada na porta.

— Buscando informação — respondeu ele, olhando para o sol.

Caminhou por entre os prédios refletindo que as coisas não haviam acabado tão ruins para ele. Não morrera para o pessoal do Apostador, não morrera para o grupo de mercenários e ainda continua na missão que Chacal o dera.

O negócio é levar o homem ao Chacal e torcer para que não dê falta de Mason...

Chegou ao pequeno centro da grande cidade de Trincheira. Alguns mercenários vagavam de um bar para outro, procurando alguém para matar por dinheiro. Mercadores vendiam tudo o que tinham e o que não tinham. Um deles assava alguns pedaços de carne de origem duvidosa para vender, jurando que eram de qualidade. Logo à frente Dante achou o que procurava. O prostíbulo local.

Com o passar do tempo, Dante descobriu que uma das maiores moedas de troca do mundo era a informação. E o melhor lugar para conseguir esse produto tão seletivo eram os prostíbulos das cidades. Nenhum segredo resistia às carícias de uma moça nua com um belo par de seios. Dante então criou uma rede de contatos por todos os lugares que passava. Transportava informações de gente bastante poderosa, vendendo para quem se interessasse. Lucrou muito, mas ao custo de correr riscos constantes, obviamente.

O prostíbulo em questão era gerenciado pela astuta Senhora Irene, velha conhecida. Dante entrou com facilidade, passando pelos seguranças do local, que já o conheciam. Garotas o assediavam e o faziam convites enquanto se direcionava até a sala de Irene. Dante as recusava, dizendo que estava ali apenas a trabalho, como geralmente fazia. Chegou frente à porta da Senhora Irene, viu uma das moças que lá trabalhava, dirigindo-se a ela:

— Olá, Christine! — disse ele, olhando-a dos pés à cabeça. — Você continua espetacular.

— Dante! — falou ela, animada. Ambos se conheciam muito bem de outros tempos. Em cada mínimo detalhe. — Veio me ver?

— Hoje estou sem tempo e sem dinheiro — desconversou ele. — Preciso falar com a Irene. Ela está?

— No que você está metido? — perguntou ela, excitada.

Problemas. O que mais seria?

— Olha, Chris, uma hora eu te conto com mais tempo. Agora estou com um pouquinho de pressa — tentou falar da forma mais gentil possível.

— Tudo bem, seu estraga-prazeres! — falou ela frustrada, dando-lhe um pequeno empurrão no peito. — Irene está na sala dela — completou apontando para a pequena porta de mogno decorada.

Christine adorava ouvir as histórias de Dante. Muitas delas ele precisava adaptar a versão para ficarem mais surpreendentes. Como a que ele roubou um carregamento inteiro de drogas do Negociador, matando mais de trinta homens e fugindo com uma das filhas dele. A verdade é que ele foi apenas entregar algumas coisas lá, se envolveu com uma moça no bar e o pai dela o caçou com uma espingarda. Sequer conhecia o Negociador. Mas Dante era criativo para histórias e as pessoas pareciam não se impressionar muito com a verdade.

Fechou a mão e bateu na porta com os nós dos dedos. Três batidas rápidas. Logo a porta se abriu e um olhar sereno encarou seus olhos. Era Irene.

— Dante, meu garoto! — falou ela, com surpresa. — Achei que já estivesse morto! Entre! Vamos tomar um chá!

Dante a adorava. Era esperta, implacável, espirituosa, maliciosa e bondosa na mesma medida. Ele entrou na sala de Irene, que era conhecida pela decoração. Móveis de madeira rústica faziam contraste com vasos e quadros de muito bom gosto. Irene era uma mulher sofisticada. Prostituiu-se para os homens certos e conseguiu poder rapidamente. Tinha as linhas de expressão fortes. Ainda que já não fosse mais jovem, era bastante atraente.

— É muito bom ver você! — falou Irene, que gostava de Dante como se fosse um filho. Verdade que ele ajudava seus negócios, mas sentia que tinham algo especial.

— Como viria aqui sem ver a senhora? — mentiu.

— Chá? — perguntou ela, se dirigindo até uma mesinha de madeira com entalhes trabalhados à mão.

— E como resistir ao seu chá?

Irene era uma das poucas pessoas com quem Dante era verdadeiramente afetuoso. A mulher então pegou uma das xícaras de porcelana sobre a bandeja de prata e serviu chá do bule decorado com flores de tons rosados. Entregou a xícara sobre um pires, com uma colher de prata para que Dante mexesse. Na verdade ele detestava aquele chá, mas tomava elogiando cada gole.

— Como estão as coisas? — Irene puxou assunto.

— Ah! O mesmo de sempre. Entrega uma coisa aqui, quase me matam ali... — disse evasivo.

— Você sempre teve um dom para se meter em encrencas — disse ela.

Dante sorriu, porque era verdade.

— E por aqui, como estão? — perguntou de volta.

— O negócio vai bem — disse ela. — Esses homens são um bando de animais carentes. Pode instalar um bordel em qualquer lugar, que terá sucesso. Não precisa nem de moças bonitas, tendo todos os dentes já basta.

Dante gostava da sagacidade de Irene. Ela poderia muito bem ser a sua mãe.

— E como está a vizinhança? — perguntou, referindo-se às outras cidades. Era quase um código para pedir informações.

— Estão até muito calmas, — disse Irene pensativa, — mas coisas estranhas estão acontecendo.

— Coisas estranhas? — Dante estava curioso.

— O Apostador está vendendo homens para a Forja.

— Para a Forja? — Dante franziu o cenho, tentando entender a vantagem da transação.

— Sim. Muitos dos que ficam endividados e não conseguem pagar são enviados para a Forja.

— Para que a Forja precisa de mais homens?

— Essa é uma excelente pergunta — Irene sorriu e bebericou um gole de chá. — Nunca vá para Cassino! — advertiu ela.

Dante aquiesceu e bebeu um gole do chá.

Isso é horrível. Pensou e depois sorriu para Irene.

— O Negociador tem juntado todas as armas, combustível e suprimentos que consegue — falou ela, seguindo com o relatório.

— Para que ele quer tudo isso?

Além de alguém que pode viajar no tempo.

— Vai ver está se preparando para uma guerra — Irene deu de ombros. — Não se meta com o Negociador!

Ambos beberam mais um gole de chá. Irene falava pausadamente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Ouvi rumores sobre o que chamam de Cidade Fantasma — disse ela apertando os olhos. — Já ouviu falar?

Dante fez sinal negativo com a cabeça. De fato desconhecia.

— Que rumores?

— Ah! — resmungou Irene, dando um tapinha no ar, como se fosse sem importância. — Histórias para assustar crianças, sobre mortos ou qualquer coisa.

Dante fez cara de surpresa. Há tempos ninguém falava sobre isso.

— E nas outras cidades? — quis saber.

— Nada digno de ser mencionado — disse Irene, pausando para sorver mais um pouco do chá com os lábios ligeiramente enrugados. — E como vai a Fortaleza de Vidro? — perguntou ela. — Soube que está trabalhando para o Chacal.

— Não necessariamente. Preciso entregar algo para ele — falou Dante em tom defensivo. — Por isso estou aqui.

— Hummmmm... — disse ela, erguendo as sobrancelhas. Levantou-se e foi até o bule. Serviu mais uma xícara de chá. — Mais chá?

Quer me matar?

— Não, obrigado — respondeu sorrindo.

— O que você precisa? — quis saber ela.

— Há um homem que estão procurando — começou ele. — Ele está com um dos homens do Negociador. Sabe de algo?

Irene parou o chá repentinamente. Olhando com os olhos pequenos, quase em tom acusador.

— Qual o seu nível de envolvimento nisso, filho?

Total.

— Ouvi boatos, preciso saber onde ele está — disse evasivo.

— Sua vida depende disso?

— Minha vida sempre depende disso — falou Dante, com pesar. O que era um fato.

Irene olhou para o chá e depois para ele de novo. Meio controversa, foi até a porta e deu duas batidinhas. Uma das meninas apareceu.

— Chame Becca — disse ela com autoridade na voz.

Irene girou nos calcanhares e se sentou confortavelmente na cadeira novamente. Olhando para Dante com ar de desaprovação.

— Eu ainda vou chorar sua morte, rapaz — falou ela, acusando-o.

Logo alguém bateu na porta e foi ordenado a entrar. Rebecca ou Becca, como era conhecida, era uma moça ruiva encantadora, com sardas nas bochechas, lábios carnudos e olhos verdes. Seu corpo era esbelto e extremamente bem distribuído. Dante não conseguia tirar os olhos da moça, que tinha ar tímido.

Eu imagino essa timidez na cama.

— Becca — disse Irene. — Conte ao Dante o que aquele homem lhe disse.

— Qual, Senhora Irene?

— *Aquele.* Que você me contou.

Becca estava apertando as mãos, parecendo até envergonhada.

— Eu estava sentada em uma das cadeiras... — começou ela.

— Becca! — disse Irene. — Atalhe a história. Vá direto ao ponto!

— Ele perguntou quando eu comecei a trabalhar aqui — disse ela com o rosto inclinado para a direita. — Disse que vai me encontrar naquele tempo, que quer viver comigo.

E quem não quer, Becca?

— E ele disse como vai fazer isso? — perguntou Dante, tentando sair do hipnotismo da beleza da moça.

— Ele falou que tem um homem que pode fazer isso pra ele — respondeu ela com a voz suave como brisa da manhã.

Fuja comigo, Becca.

— E você sabe onde eles estão agora?

— Ele falou que iam para o deserto.

Ferrou.

— O Deserto dos Mortos?

— Eu não sei — ela falou suavemente. — Acho que sim.

O Deserto dos Mortos tinha uma área muito extensa. Dante poderia nunca achar os dois a tempo. Tinha que ser preciso em sua busca.

— Ele disse mais alguma coisa? — perguntou Dante.

Becca pensou por um tempo, cruzou um dos braços enquanto levava o dedo indicador direito ao queixo.

— Ah! — disse ela, entusiasmada — Ele disse que tinha que chegar perto do prédio de vidro.

Prédio de vidro, prédio de vidro, prédio de vidro... A Fortaleza de Vidro!

Fazia sentido. Os homens do Chacal acharam o tal cientista, mas não sabiam que ele podia viajar no tempo. O Negociador de alguma forma sabia e comprou o homem para depois localizar a máquina. Porém seu homem de confiança o traiu e agora queria usar a máquina em seu próprio benefício.

Talvez o cientista queira encontrar a máquina para voltar ao tempo de onde veio!

— E quando ele esteve com você?

— Ontem.

Não sabia o local exato nem quanto tempo o homem estava à sua frente, mas sabia por onde começar. Levantou-se, segurou as mãos delicadas de Becca e deu um beijo em seu rosto rosado e sardento.

— Muito obrigado. Você me ajudou muito.

A moça gostou do gesto e o abraçou, aparentemente feliz. Irene fez sinal com a cabeça e ela saiu da sala, deixando um olhar para Dante. Ele acompanhou a moça saindo e deu um pequeno assovio.

— Ela é uma graça, não é? — disse Irene com toda sua malícia.

— Já tive melhores — mentiu Dante, com seriedade.

— Eu sei que já... — retrucou Irene, incrédula. — Vai para os braços do Chacal, então?

— Parece que é meu destino — disse Dante, conformado. — Irene... Acha que se eu roubar algo que já é meu, é roubo?

— Claro que não. Você só está reavendo — respondeu Irene, muito prática.

— Então preciso das suas melhores garotas — pediu ele, enquanto colocava a xícara de chá de volta na bandeja de prata.

— Não as meta em encrenca! — advertiu Irene.

— Não se preocupe. Irão até receber.

Irene pareceu satisfeita com a resposta. Serviu uma terceira xícara de chá. Dante sentiu um profundo respeito por esse ato de coragem e se posicionou para se despedir da astuta e elegante senhora. Ela deixou a xícara em sua mesa, o segurou pelos cotovelos e lhe olhou com ternura nos olhos.

— Não morra, rapaz! Eu lhe quero muito bem — deu um abraço afetuoso nele.

— Obrigado, Irene. Se um dia eu voltar no tempo, vou te procurar.

— Dante... — ela levou a mão ao seu rosto com muita delicadeza. — Deixe de ser mentiroso!

Dante saiu sorrindo da sala de Irene. Sempre se sentia bem ali. Quando passou pelo corredor, viu Christine novamente.

— Para onde você vai agora? — perguntou ela, com inocência e curiosidade.

— Voltar para casa — respondeu ele, sorrindo.

— E o que vai fazer lá?

— Pensar num jeito de ficar vivo.

Yohan

— Yohan! O que você fez?! — Mosquito cochichava desesperado.

— Já disse que não foi minha culpa! — respondeu se defendendo. — Louco Joe se matou!

— Você não ia só perguntar sobre eles?!

— Mas foi o que fiz!

— Com uma arma na cabeça dele?! — Mosquito estava apavorado.

— Mosquito, esqueça isso! — disse Yohan. — Ninguém sabe que fui eu.

Ainda...

Com sorte ele conseguira se esconder na noite anterior, antes que os irmãos de ferro que estavam próximos achassem Louco Joe morto. Mas Bud ficou furioso e Milles preocupado, então estavam interrogando todos os irmãos da Forja.

— Mas vão nos interrogar! — disse ele levando as mãos na cabeça. — O que vou falar!? Faltam apenas dois anos para que eu volte pra minha vida! Não quero morrer!

— Mosquito! — Yohan o segurou pela camisa, próximos dos ombros para que se acalmasse. — Diga que não viu nada. Eu sei me cuidar.

Mosquito estava nervoso. Yohan imaginava que ele poderia denunciá-lo, não por vontade, mas pelo medo de acharem que era seu cúmplice. Mesmo assim não faria mal a ele, apenas contava com o silêncio de seu amigo. O rapaz concordou com a cabeça, mas Yohan não podia dizer se era porque de fato entendeu ou se ficou com medo de sua reação. Então ele soltou o operário lentamente, sem desviar o olhar. Mosquito, sem reação, saiu caminhando a passos largos pela porta principal da oficina.

Fiapo veio pouco tempo depois. Havia saído a pedido de Mosquito. O seu auxiliar magricela era uma das pessoas que ele mais gostava. Seguiu apertando os parafusos de um dos veículos, como se Mosquito e ele houvessem conversado sobre algo banal.

— Tudo bem, Senhor?

— Ah, sim, Fiapo — respondeu ele, sem olhar para o rapaz. — Está sim. Mosquito queria saber se sei algo sobre Cisco e Fantasma.

Fiapo não respondeu nada. Apenas ficou observando com seus olhos de inocência.

— Já falaram com você? — perguntou Yohan, quebrando o breve silêncio estranho que Fiapo havia estabelecido.

— Não, Senhor.

O rapaz continuava observando, com seus olhos curiosos, estáticos, quase aguardando uma autorização.

— Quer me perguntar algo, Fiapo? — Yohan não tinha porque esconder nada de seu amigo. Fiapo era confiável.

— Você matou ele mesmo, Senhor? — perguntou Fiapo, envergonhado por duvidar dele.

Yohan parou o que estava fazendo e o encarou. O auxiliar se encolheu e era impossível dizer se foi de medo ou de vergonha da pergunta. Andou então em direção até onde ele estava e sentiu que o rapaz estremeceu.

— Eu não matei ninguém — disse olhando nos olhos de Fiapo. — Louco Joe se matou para não me contar sobre Milles e me incriminar, ainda por cima — fez uma pausa. — Você acredita em mim?

— Sim, Senhor! — Fiapo balançou vigorosamente a cabeça concordando. Parecia convencido com a resposta.

— O que vai dizer quando falarem com você?

— Que não vi nada, Senhor!

— Ótimo — disse Yohan, satisfeito. — Me traga algo para consertar.

Fiapo então trouxe uma moto de um dos coletores, Palito. A moto não tinha problemas graves, exceto que o freio não estava funcionando direito. Yohan consertou com facilidade enquanto colocava seus pensamentos em ordem. A manutenção dos veículos o mantinha concentrado. Ele gostava de fazer isso porque entendia como as máquinas funcionavam. Diferente das pessoas, instáveis e imprevisíveis.

“Eu espero que não te matem rápido, mecânico”, dissera-lhe Louco Joe segundos antes de puxar o gatilho da arma apontada para a própria cabeça.

Quem se mataria por um segredo? Por que querem que eu morra?

A situação na Forja ficava cada dia mais estranha e suspeita. Comediante não era visto há tempos, o Contador não falava com ninguém e Milles, Braço e Bud tramavam algo com certeza. Ele não estava mais preocupado em receber seu pagamento, preocupava-se com a vida dos irmãos.

“Devem estar chorando em um canto, mijadas de medo. Isso se já não viraram comida.” Seu mau pressentimento sobre os testes estava certo. Estavam mandando irmãos para a morte.

Mas por quê?

“Todos trabalhamos para alguém, irmão.” Louco Joe de certo modo confirmava que Milles agia conforme as ordens de outra pessoa.

Para quem eles trabalham?

Yohan parou o que estava fazendo. Era um amontoado de perguntas que ele não tinha ideia de como responder. Olhou para a chave em sua mão e depois para o mecanismo das motos. Tudo funcionava de forma sincronizada para que o sistema funcionasse. E pela primeira vez ele sentiu que a Forja estava começando a ficar desorganizada, e isso só poderia resultar em caos.

— Está tudo bem, Senhor? — perguntou Fiapo, observando-o com duas chaves na mão.

Yohan saiu de seus pensamentos e olhou para o rapaz. Sentia uma pena dele. Era apenas um rapaz magro, um bom rapaz magro que não desejava mal a ninguém, sempre focado apenas no prato de comida.

— Está sim... — falou sem muita certeza. — Fiapo, como disse que veio parar aqui?

— Vim ajudar minha família, Senhor.

— Hummmm... — grunhiu Yohan. Na verdade ele já havia perguntado, mas não se lembrava da resposta.

— Você sabe o que aconteceu com os novatos? — Perguntou e seguiu com o que estava fazendo.

— Não, Senhor. Todos sumiram. Ninguém sabe de nada.

Para onde os levaram?

Ele seguiu trabalhando enquanto Fiapo foi organizar a oficina. Sua cabeça procurava achar uma lógica entre todos os pontos. Ele usou a mesma técnica que usava para analisar problemas nas máquinas, tentou entender o funcionamento, o local de cada componente e sua funcionalidade. Coçou a cabeça enquanto pensava, mas estava difícil de chegar a uma linha de raciocínio. Fez contas nos dedos e elaborou complexas teorias de conspiração.

— Senhor! Senhor! — Fiapo estava atônito, como se o coração fosse sair pela boca.

— Fale, rapaz — disse Yohan.

— Dois soldados estão vindo para cá, Senhor!

— Deixem que venham — falou Yohan, sério e despreocupado.

Logo, Rascunho e Napoleão surgiram na porta da oficina. O primeiro era tão feio quanto o segundo era baixo. Caminhavam lado a lado, empunhando submetralhadoras para tentar passar uma sensação de confiança e imponência. Entraram analisando todos os lados como se houvesse alguém escondido. Yohan olhou pausadamente para eles e voltou a reapertar os parafusos da moto. Rascunho tinha medo dele, mas segurou a arma com mais força e reuniu coragem para falar.

— Milles está chamando vocês — disse Rascunho, de forma arrogante. — Nós vamos acompanhá-los.

Fiapo olhou apreensivo para Yohan, que lhe devolveu um olhar tranquilo. Ninguém havia presenciado o fato, e seria até melhor que houvesse esta conversa. Conversariam com Braço, fariam que não haviam feito ou visto nada e retornariam para a oficina.

Quando me livrar disso, pensarei em uma forma de salvar Cisco e Fantasma.

Largou as chaves junto com as outras ferramentas e foi até o tanque de sua oficina lavar as mãos. Fiapo hesitou por um momento e depois o seguiu. Ambos se arrumaram e se dirigiram aos soldados, aguardando impacientes.

— Vamos — disse Yohan de forma firme.

Os quatro saíram pela porta da oficina para encarar o sol fustigante e o vento seco do deserto. Caminharam com passos decididos até o prédio principal, onde os interrogatórios estavam sendo realizados. Havia uma fila de irmãos que se destacava pelo colorido dos uniformes. Pela posição do sol ele deduziu que estavam no meio da manhã e não tinha ideia de quantos já haviam sido interrogados.

Quando estavam chegando mais perto, Yohan identificou Tomate na fila. Seu amigo agricultor o viu e os olhos se arregalaram no meio do rosto avermelhado. Yohan fez levemente um sinal negativo com a cabeça e Tomate lhe devolveu um sinal positivo suave, quase sem se movimentar, mas seu semblante de apavoramento certamente o entregaria. A esse ponto ele já estava conformado que seria entregue involuntariamente por Tomate ou por Mosquito.

Estou bem de amigos, pensou ironicamente.

Rascunho falou rapidamente com o soldado que controlava a entrada dos irmãos de ferro para os interrogatórios e retornou até onde eles estavam.

— Venha, você vai passar na frente — disse para Yohan, indicando o caminho a ele.

Yohan olhou para Fiapo, para Napoleão, para Rascunho e começou a caminhar. Muitos dos que estavam na fila o observavam cochichando entre si, poderiam até reclamar que ele estava sendo passado na frente dos demais, se não fosse um interrogatório. A grande maioria apresentava um rosto de curiosidade e até mesmo ansiedade para saber quem havia matado Louco Joe. Não havia muitas novidades na vida pacata da Forja. O retorno dos coletores, os testes e os novos recrutas eram as doses de adrenalina que agricultores e operários tinham de tempos em tempos.

Yohan entrou no prédio principal escoltado por Rascunho. O lugar era conhecido por ele, que estivera lá muitas vezes. A maioria delas, na época do Homem de Ferro, quando ele era chamado para conversar sobre a frota, provisões, o que achava sobre os novos recrutas, sobre os testes e novos projetos. Yohan então percebeu o quanto ele era importante e influente. Agora estava isolado na oficina e, mesmo que ele não se importasse, desprezado por muitos dos irmãos.

Caminhou pelo corredor, observando as salas auxiliares. Muitos dos interrogatórios estavam sendo realizados lá. Uma das portas estava semiaberta e ele conseguiu ver Braço conversando com alguém. Seus olhares se cruzaram e o homem de Milles o encarou com frieza. Todos sabiam que ambos não se gostavam. Quando Braço saiu de seu campo de visão, Yohan seguiu em frente, olhando para dentro da sala principal. Chegou até a porta e ficou encarando o homem que administrava a Forja, aguardando instruções.

— Entre e sente-se — disse Milles, com as mãos cruzadas sobre a mesa.

Yohan fez a volta na cadeira e se acomodou. Não havia motivos para mostrar desconforto, por mais que houvesse.

— O que você quer? — Perguntou Yohan, sem ser rude.

— Um dos carros enguiçou — disse Milles de forma trivial. — preciso que vá até lá e o conserte.

O quê?

— Enviou dois soldados para me trazer até aqui e dizer que tenho que ir arrumar um dos carros? — Yohan sabia que havia algo a mais.

Milles suspirou profundamente e tentou não parecer aborrecido. Sem sucesso.

— Eu não podia ir até sua oficina — respondeu evasivamente.

— Um recado bastaria — rebateu Yohan.

— Não sou de mandar recados — devolveu Milles acidamente com seus olhos cheios de sagacidade.

— E onde está o carro?

— Bud irá levá-lo até lá — disse Milles.

— E qual o problema do carro?

— Bud vai lhe mostrar.

— Bud... — ecoou ele enquanto analisava o outro homem. A conversa se desenrolava como um jogo de xadrez e cada movimento poderia ser decisivo. — Tudo bem. Vou pegar minhas ferramentas e chamar o Fiapo.

— Não é necessário — retorquiu Milles. — Temos tudo que você precisa. O problema é simples e temos pressa nessa *questão*.

Merda!

Yohan percebeu que Rascunho segurou mais firme a arma, preparando-se para uma reação. Milles olhou para o soldado e de volta para Yohan.

— Posso contar com sua colaboração? — perguntou abrindo as mãos, afastando-as.

— Claro. Assim como o Homem de Ferro contou com a sua — respondeu Yohan secamente.

O jogo acabara. Não apenas o jogo de palavras que ambos jogaram para contornar um problema maior, mas seu papel na Forja, seja ele qual fosse, estava

por acabar. Saiu acompanhando Rascunho de volta pelo corredor. Passou pela frente da sala onde Braço estava conduzindo seus interrogatórios e foi inevitável olhar para lá. Sua passagem chamou atenção do brutamontes, que o encarou de volta com um olhar sádico e um sorriso com a boca fechada. Yohan não tinha dúvidas de que estava indo para uma execução.

Quando passaram pela porta que dava acesso à rua, seus olhos procuraram alguém conhecido. Tomate estava longe, mas Fiapo estava bem próximo da entrada. O rapaz tentou se aproximar, mas Napoleão o impediu. Estavam a dez passos de distância. Isso chamou atenção dos irmãos que estavam na fila, mas Yohan não tinha a intenção de causar pânico.

— Calma, Fiapo! Está tudo bem. Eu já volto — disse para confortar o rapaz franzino. — Só não se esqueça de avisar a Alanna sobre o blindado.

Rascunho discretamente o cutucou com a arma nas costas e Yohan se conteve para não enfiar seu punho naquela cara horrível. Contornaram o prédio e chegaram até um jipe que já os aguardava. Bud estava no volante, nervoso e impaciente. Seu terceiro e último carrasco era Pirata, um homem sem escrúpulos que tinha apenas um olho.

Milles escolheu a equipe certa. Não sei qual deles me odeia mais.

Sentou-se no banco do meio enquanto Bud dirigia e os dois homens o cercavam, Rascunho na sua frente e Pirata no banco de trás. O jipe começou a ganhar velocidade, e logo estavam saindo da Forja em direção ao Deserto dos Mortos. Yohan observava a paisagem em tons alaranjados e avermelhados. O clima seco fazia com que a poeira pairasse insistentemente na atmosfera e os raios do sol desciam implacáveis para castigar quem os desafiava. Mesmo com as janelas abertas o calor dentro do jipe era intenso.

Vou morrer com o calor antes que possam atirar em mim.

Algo caiu em cima de suas pernas, chamando sua atenção. Ele olhou para baixo e viu um par de algemas, então encarou os dois homens próximos dele. Rascunho lhe direcionava um olhar apreensivo, aparentemente prevendo que ele se revoltaria e mataria a todos no carro. Pirata estava olhando para o deserto, distante e despreocupado. Atrás do carro, uma cortina de fumaça era confeccionada a cada metro avançado.

— Qual a diferença de morrer com as mãos soltas ou amarradas?

— Coloque — respondeu Rascunho de forma firme, apontando a submetralhadora para ele.

Yohan pensou em desarmá-lo, mas Pirata ficou atento, segurando sua arma. Colocou a algaema na mão esquerda e depois na direita, pela frente do corpo para que não pudesse se soltar sem que percebessem. Sua mente continuava pensando em alguma forma de sobreviver. Observou que Bud dirigia atento à estrada, mas

olhava para ele às vezes. Todos estavam nervosos, querendo que a situação ocorresse dentro do combinado. O jipe andou mais alguns quilômetros para leste e já era possível ver os altos muros da Cidade Fantasma distantes no horizonte.

— O que houve com os novatos? — rompeu o silêncio. Já que iria morrer, poderia ao menos tentar montar as engrenagens do que estava acontecendo.

Silêncio total. Nenhum deles parecia disposto a responder. Yohan então pensou que se os provocasse poderia obter alguma resposta.

— Eu sei que você matou o Molenga, Bud. Sei que os testes estão matando os irmãos de ferro — Yohan cuspiu as palavras para tentar enfurecê-lo. — É isso que faz um soldado? Fico feliz por não ter me tornado um!

Rascunho girou a arma e atingiu com a coronha no seu rosto. O golpe não foi forte, mas o deixou levemente atordoado. Yohan recuperou-se e, por instinto, fechou as duas mãos, atingindo Rascunho na cabeça com as costas da mão esquerda. O soldado bateu com a cabeça no vidro, mas antes que Yohan pudesse tentar qualquer outra coisa, sentiu um cano metálico na nuca.

— Mais um movimento... Só mais um movimento e eu estouro a sua cabeça aqui mesmo — falou o mercenário caolho.

Yohan ficou imóvel e viu Rascunho levando a mão ao lado da cabeça, sacudindo-a para voltar a si. Direcionou a ele um olhar fulminante de indignação, mas não reagiu. Ao volante, Bud assistiu a cena e pareceu ter se divertido. Emitiu uma leve e curta risada.

— Você tem colhões, mecânico — disse ele, olhando pelo espelho retrovisor. — Em outra vida poderia ter sido um soldado e tanto. Uma pena que a Pulga acabou com o seu sonho quando estragou o blindado de propósito.

Alanna?

— Está mentindo!

— Não estou.

— Está mentindo!

— Não, não estou — insistiu Bud sem perder a paciência. — Não mentiria para um homem *morto*.

Yohan ficou sem reação. Já não sabia mais no que acreditar. Bud poderia estar mentindo para confundi-lo, mas se estivesse certo, Yohan tinha colocado sua única esperança de ficar vivo em uma pessoa que o havia traído. Ficou frustrado com sua inocência. Se ela estava envolvida, até Fiapo corria risco de ser morto. E então toda a trama que rondava a Forja era muito maior e envolvia mais pessoas do que ele imaginava.

Será que todos os soldados estão envolvidos?

Será que fizeram um motim para matar o Homem de Ferro?

Mais e mais perguntas surgiam em sua cabeça. Tentar resolvê-las chegava a doer. Era óbvio que ele jamais conseguiria. Esperava que Cisco chegasse mais longe, ou pelo menos conseguisse sobreviver. O jipe foi parando lentamente, interrompendo novamente seus pensamentos. Yohan avistou à frente a paisagem que mesclava as montanhas à esquerda e os muros da Cidade Fantasma mais à direita.

— Vamos rápido com isso — disse Bud, sem sair do volante.

Rascunho desceu do veículo e esperou por Yohan. Pirata lhe apontava a arma para coibir qualquer reação. Com dificuldade por causa das algemas, Yohan segurou na borda da porta e desceu do jipe. Ficou parado aguardando instruções. Por pouco tempo, porque Pirata já veio logo atrás o empurrando.

— Ali — disse Pirata apontando para a areia fina, próxima ao carro.

Yohan ainda pensava em uma forma de escapar. Não morreria sem tentar. Pensou em contra-atacar quando um deles lhe apontasse a arma, talvez jogar areia na direção do rosto. Caminhou tão obediente quanto relutante até o local. A areia fina e fofa lhe dificultaria uma fuga correndo. Suas opções eram limitadas. No chão, viu algumas pedras, um cacto que resistia bravamente à implacabilidade do deserto e uma carcaça de animal, que não resistiu.

— De joelhos — disse Rascunho de forma autoritária.

Yohan obedeceu desejando apenas ter a oportunidade de consertar aquela cara esculpida no inferno com meia dúzia de socos. A areia se acomodou com seu peso, pôde sentir mesmo sob o tecido da calça. Nenhum momento deixou de encarar os homens que o subjulgavam. Rascunho estava tão distante quanto Pirata, reduzindo suas probabilidades.

— Eu faço — disse Pirata, confiante, guardando a arma e puxando a faca. — Ele merece uma morte lenta pelo que fez com o Joe.

Yohan teve sua esperança renovada. Poderia pelo menos tentar desarmá-lo para iniciar um contragolpe. Pirata começou a manusear a faca e olhou em seus olhos. Atirou a faca girando para cima, mas não teve tempo de apará-la. Um som de tiro rasgou a atmosfera do deserto e a bala passou rasante, atravessando a cabeça de Pirata como se fosse um melão podre. O corpo caiu pesado na areia fofa, e a faca, que fora arremessada ao alto, logo ao lado.

Por reflexo, Rascunho girou os calcanhares, procurando a origem do disparo. Quando se virou para a estrada, no sentido do caminho da Forja, outro disparo ecoou na imensidão do deserto. A bala seguiu o endereço certo, um tiro preciso, certeiro, atingindo Rascunho no meio do rosto. O impacto derrubou o soldado para trás, caindo sem vida de costas na areia.

Yohan ainda estava de joelhos. Olhou para Bud, que estava com os olhos arregalados de medo. De dentro do carro, o homem puxou a pistola para concluir o

serviço, mas não antes de ele se levantar e sair correndo em direção à traseira do jipe. Sabia que Bud teria medo de abandonar a proteção metálica do habitáculo do carro. Cruzou para o outro lado do jipe, abaixando-se para evitar um tiro nas costas, e saiu correndo pela estrada que tinha a areia mais compactada pelo frequente tráfego dos carros da Forja.

Bud ligou o veículo e o conduziu por uns poucos metros, suficiente para fazer um retorno. Yohan pressentiu que ele tentaria atropelá-lo e correu para a areia fofa, fora da estrada. Quando o jipe chegou próximo, Bud se esticou para fora da janela, segurando a arma com a mão esquerda, efetuando alguns disparos.

— Morra, desgraçado! — gritou ele com raiva.

Por sorte sua mira com a mão canhota era terrível e as balas passaram por Yohan, se enterrando na areia do deserto. Mesmo assim ele se atirou, mergulhando no terreno arenoso. Os grãos de areia cobriram seu rosto, aderindo ao suor. Teve tempo de se virar de costas para a areia e ver um terceiro tiro, tão mortal e preciso quanto os dois anteriores, transpassar a cabeça de Bud. O homem de confiança de Milles morreu instantaneamente e o veículo perdeu o controle, parando alguns metros à frente, fora da estrada.

O silêncio retornou e Yohan se levantou com calma. Percorreu o olhar por todos os lados, mas não havia nada. Seja quem fosse que houvesse efetuado os disparos, tinha uma habilidade excepcional para atirar de tão longe com tamanha precisão. O sol, que jamais se ausentara, estava lá, brilhante e impiedoso. O vento conduzia finas camadas de areia que plainavam de um lado para outro. Ele caminhou então até as duas primeiras vítimas para ver o estrago. Se o atirador misterioso o quisesse morto, ele já estaria morto.

Chegou ao local onde estivera de joelhos minutos atrás e avaliou Pirata e Rascunho. Os tiros atingiram praticamente entre os olhos de cada soldado. Na face o estrago não havia sido tão grande quanto na nuca. A bala esfacelou a parte de trás do crânio de cada um deles. Um som rasgado de uma moto se fez presente no horizonte, acompanhado pela nuvem de poeira que a seguia. Yohan pegou as armas dos soldados mortos e foi andando até o carro, sem tirar os olhos da figura que vinha em sua direção. Conforme foi chegando perto, Yohan conseguiu identificar que uma silhueta esguia pilotava a moto.

Alanna?

Seu salvador desceu da moto e caminhou até ele com passos confiantes. Um grande rifle de precisão repousava sobre o ombro. Para sua grande surpresa, quem pilotava a moto era uma pessoa completamente inesperada.

— Fiapo!? — perguntou surpreso.

— Essa foi por pouco, Senhor.

Yohan estava boquiaberto. Não conseguia acreditar que seu ajudante franzino tivesse tamanha habilidade. Olhou para a moto e viu que era a mesma que estavam arrumando, pertencente à Palito, o coletor.

— Eu não sabia que você pilotava. Nem que sabia atirar tão bem!

Mas em vez de se encolher, como geralmente fazia, Fiapo deu de ombros, com o peito estufado.

— Tem muitas coisas que você ainda não sabe, Senhor. — sua forma de agir mostrava outro Fiapo, completamente diferente.

Yohan queria fazer muitas perguntas. Mas olhou para os muros da Cidade Fantasma e se lembrou de seus amigos.

— Temos que ajudar Cisco e Fantasma — disse apontando na direção dos muros.

Fiapo olhou em direção à cidade, ponderando a sugestão que ele havia feito.

— Eu vou, Senhor — disse Fiapo com firmeza. — Você deve voltar pra Forja o quanto antes.

— Voltar pra lá? — Yohan ficou confuso com os planos do rapaz. — Eles querem me matar. Porque precisariam dos meus serviços?

O rapaz, que até então era um simples auxiliar, encarou Yohan diretamente nos olhos, com muita seriedade.

— Porque o Senhor é o único que opera o blindado.



Meredith

Por entre a plantação de trigo a garota ia correndo. Uma de suas mãos, estendida longe dela, sentia a textura levemente áspera dos grãos do trigo. A outra mão, esticada em direção aos pés, segurava firme o braço de Beth, sua boneca e melhor amiga. Por ser baixa, ela não enxergava muito à sua frente. Consequia ver apenas a ponta do telhado da casa de seus pais e as duas janelas dos quartos, no segundo andar.

Quando saiu do meio do trigo, já estava perto da área da casa. Olhou para o carro preto, admirada, pois não via muitos daquele tipo na casa de seus pais. Seu irmão tinha um de madeira, mas não chegava perto da beleza daquele. Ela subiu pelas escadas, segurando as madeiras redondas e polidas que davam suporte ao corrimão, porque não o alcançava ainda.

“Mãe!”, chamou ela. Queria avisar sobre o visitante que havia chegado. “Mamãe!”, chamou de novo, enquanto empurrava a porta com as duas mãos, por não ter força o suficiente apenas com uma. Infelizmente Beth ficava prensada contra a madeira nesse processo. Passando pela porta, ela chegou à sala. Tudo estava quieto. Seu irmão, que geralmente ficava brincando sobre o grande tapete peludo, não estava por ali. Ela deixou Beth sobre o sofá e foi procurar seus pais.

Andou pelo corredor chegando próximo à cozinha. Na parede viu algumas manchas vermelhas, como quando esfregava tinta com as mãos pela casa e quase apanhava de seu pai. “Mamãe?”, sussurrou a garota. Passou sob o imenso marco de madeira da entrada da cozinha. Tudo estava impecável como de costume. Seu olhar vagou pela mesa e algo no chão chamou sua atenção. Sua mãe estava caída no meio da cozinha.

“Mamãe!”, disse ela surpresa. Correu até sua mãe e se lançou a ela com um abraço. O corpo estava frio e sentiu algo umedecer as mangas que cobriam seus braços. Quando ela se afastou para ver o que era, entendeu que se tratava de sangue. Sacudiu sua mãe com as duas mãos, chamando-a, mas não obteve nenhuma resposta. Lágrimas vieram de seus olhos e lembrou-se de seu pai. Decidiu correr até o galpão para pedir ajuda.

Saiu pelo outro lado da cozinha, que dava acesso à porta da parte de trás da casa. Correu o mais rápido que pôde. Estava a poucos passos da porta quando uma mão cobriu sua boca e um braço a envolveu, erguendo-a, fazendo com que o chão ficasse distante. Sem poder gritar ou se mover, seus olhos se arregalaram de

pavor. Ela não conseguia se mexer. O estranho a levou de volta pela cozinha, cruzando novamente por sua mãe. Passaram por baixo do grande marco de madeira e entraram em um dos closets. O estranho a colocou no chão, mas manteve a mão em sua boca.

“Se você não gritar, ele não vai nos ouvir.”, sussurrou o estranho em seu ouvido. A garota estava apavorada demais para saber o que fazer. De onde estava, conseguia ver o corpo de sua mãe, pela pequena fresta da porta, inerte e sem vida. Logo ouviu som de passos vindo do corredor de onde o estranho a agarrou. Pensou ser seu pai e se mexeu, tentando se soltar. Queria poder correr para os braços de seu pai. O estranho a segurou novamente com mais força.

Um homem com capa preta surgiu perto do corpo de sua mãe. Agachou-se próximo a ela e ficou analisando-a. Sua mãe se mexeu de repente e ergueu levemente um dos braços. Estava viva! A garota tentou correr até ela, mas o abraço do estranho tinha o peso de três portas. O homem de preto levou a mão por baixo da capa e puxou uma faca. Ela se mexeu com mais força, mas assistiu impotente o homem de capa segurar a cabeça da sua mãe com suavidade e enfiar a faca em seu coração. Ela chorava, mas não conseguia se mexer.

“Shhhhhh... Calma. Meu nome é Gunnar. Vai ficar tudo bem.”, disse o homem grande, que a segurava com força. O outro, de capa preta, levantou-se e caminhou na direção do corredor. Ela não conseguia ver seu rosto, encoberto pelo capuz. Ele foi até a sala e saiu em direção à plantação de trigo. O estranho que a segurava aguardou a saída do homem de capa e ambos fugiram pela parte de trás da casa. Se ele não estivesse ali, ela teria sofrido o mesmo destino de sua mãe, seu pai e seu irmão...

Anos mais tarde, ela descobriu a identidade do responsável pela morte de sua família. Um nome que jamais esqueceria. Um nome que se tornaria o único objetivo para o qual ela viveria. Naquele dia, na casa de seus pais, Gunnar a salvou de ser morta pelas mãos do homem mais letal de quem já ouviu falar: O Corvo.

Gunnar a levou para o homem que a cuidou, alimentou e a treinou para encarar o seu destino. O Apostador foi mais que um simples protetor para ela, substituiu a figura paterna que lhe havia sido tirada. Meredith havia treinado a vida toda para isso e toda vez que mencionava em partir em busca do homem que havia matado sua família, era advertida sobre como tudo tinha sua hora certa. Agora fora de Cassino, em uma missão atípica, o destino colocara aquele conhecido como Corvo em seu caminho novamente. Estavam atrás do mesmo homem.

Vergonhoso, pensou ela com raiva.

Estava com raiva do Corvo, de Gunnar e até de si própria. Ela não estava acostumada a falhar. E falhara miseravelmente, duas vezes. Primeiro quando aquele homem patético pediu sua ajuda e quase lhe entregou o homem errado ao

custo de toda sua equipe de apoio. Meredith não se importava com a vida dos homens, mas não queria receber aquele olhar de reprovação do Apostador. Por um tempo pensaram estar levando um idiota qualquer, até que na estrada para Cassino, ainda no deserto, um sinalizador subiu alto lançado de um lugar próximo às montanhas. Foi inevitável olhar para o ponto brilhante rasgando o céu. E também foi inevitável cair no buraco feito no meio da estrada. Talvez se não houvessem se distraído com o sinalizador eles conseguissem identificar o buraco sagazmente escondido na estrada. E antes que pudessem se recuperar da batida, já havia armas sendo apontadas para ela e Gunnar.

Sem poder reagir, assistiram soldados altamente armados e com armaduras sofisticadas matar um dos homens e levar o outro. Então ela teve certeza de que se tratava de quem o Apostador queria. Para sua sorte, havia colocado um localizador escondido na roupa de cada um deles após aplicar um choque para que eles desmaiassem. Agora acompanhava o trajeto em seu dispositivo, enquanto dirigia uma caminhonete emprestada contra a vontade do dono.

Vou levar esse homem para o Apostador. Gunnar que se foda! Covarde!

Gunnar e Meredith tiveram uma discussão feia após perderem o homem para os soldados. Ele parecia estar disposto a seguir atrás do sinal do rastreador, ela pôde notar em seu semblante de raiva. Até que um dos soldados, que a abordava, falou: *“O Corvo manda lembranças...”*. Meredith sentiu uma raiva crescendo dentro de si. Sua vontade naquela hora era de sair correndo atrás do jipe. Gunnar limitou-se a dizer que voltaria para o Cassino para buscar reforços. Brigaram por mais de vinte minutos, onde ela o chamou de covarde e ele a chamou de criança mimada. Gunnar ficou trabalhando, revoltado, para puxar o furgão de volta, enquanto ela se deslocou na direção contrária, com seu dispositivo na mão.

Caminhou por mais de uma hora e chegou a um pequeno vilarejo. Na venda local, viu uma caminhonete estacionada, aparentemente funcionando. Suas adagas foram argumento suficiente para que o dono lhe entregasse as chaves, perplexo, com os olhos arregalados. Por sorte estava com o tanque quase cheio. Meredith não gostava muito de dirigir, mas estava obstinada a buscar seu pacote de volta. O sol poente se estendia atrás da caminhonete, lançando os seus últimos raios em direção ao deserto no horizonte à sua frente. Frequentemente ela olhava no retrovisor com a esperança de que Gunnar houvesse mudado de ideia e fosse atrás dela. Não porque tivesse medo, mas porque gostava de estar com ele. Todos os anos que trabalharam juntos, caçando devedores para o Apostador, criou um laço entre eles. E apesar de não conversarem muito, Meredith sentia que o conhecia como ninguém.

Dirigiu por mais alguns quilômetros, até que o ponto ficasse bem próximo de onde ela estava. Desligou a caminhonete e decidiu ir a pé para não fazer barulho. O

sol já estava adormecendo no horizonte ea penumbra pairava sobre o deserto. O vento ficou mais intenso à medida que ela avançava, soprando seus cabelos curtos que caíam até próximo dos ombros. Seu dispositivo indicava que o localizador estava além do cume de um morro baixo à sua frente. Meredith avançou abaixada e observou do topo de terra. Havia um complexo de prédios abandonados pelo tempo. A areia trazida pelo vento havia reclamado o lugar para si, fazendo com que parecesse que as construções emergiam lentamente do solo arenoso. Algumas delas eram apenas escombros, carcaças de concreto e vigas de aço definhando no deserto.

Parece que tudo define por aqui.

Tudo o que Meredith gostaria era de voltar para Cassino. Porém, obstinada ela deslizou o monte de terra. Olhou para o dispositivo e o ponto piscante indicava que o homem estava em um dos prédios próximos. O vento assobiava em seu ouvido, com um toque seco e áspero na pele. Sob suas botas, o solo fofo e fino se conformava a cada passo. Meredith avançou com cautela, prevendo uma emboscada, mas parecia não haver uma viva alma no deserto.

Passou por quatro das construções, sempre recostada ao que sobrara dos muros. Contornou mais um deles e se deparou com um prédio alto e intacto. Suas paredes se erguiam sólidas e imponentes. Meredith se esgueirou até a entrada, olhando para todos os lados. Uma mão segurava o dispositivo e a outra uma de suas adagas. Passou pelo grande buraco, que não havia mais portas, e observou o ambiente ao redor. O teto era sustentado por várias colunas de concreto, uniformemente distribuídas. O local estava vazio, com exceção de uma cadeira no centro, iluminada precariamente por uma lâmpada. Sentado na cadeira havia um homem com a cabeça pendendo sobre o peito, desacordado. Meredith hesitou, pois a situação não fazia sentido.

Porque ele estaria aqui sozinho? Fácil demais... Será que o mataram? Será que ele não é quem procuro?

Olhou para todos os lados, procurando pelos soldados. Nada. Avançou com passos leves e ligeiros até a cadeira, ergueu a adaga no pescoço do homem e cobriu a boca com sua mão.

— Calma. Meu nome é Meredith, vai ficar tudo bem — sussurrou para ele.

Quando fez pressão com a mão na boca do homem, a cabeça caiu, pulando pelo piso de concreto. Cada vez que tocava o chão fazia um barulho estridente. Meredith olhou para o corpo decapitado e entendeu que se tratava de um boneco de plástico que fora vestido com as roupas do homem que ela havia capturado. Aturdida, ela olhou para os lados, procurando por alguém. A cabeça de plástico parou de pular e o silêncio do deserto se apoderou do lugar novamente.

— Eu imaginei que alguém viria atrás... Disso — disse uma voz vinda da escuridão.

Meredith ergueu a cabeça na direção da voz, mas não enxergou ninguém e não disse nada. Ela viu um vulto agachado, recostado em uma das colunas mais ao fundo do prédio. Lentamente o homem se levantou e veio caminhando em sua direção. Seu coração acelerou. Em sua mão, ele segurava um dos pequenos dispositivos que Meredith havia implantado nas roupas dos homens. Usava uma capa negra com capuz e as imagens daquele dia em que perdera sua família começaram a se materializar na sua frente.

Corvo!!!

Puxou duas de suas adagas e se lançou em direção ao homem.

— Esperei a vida toda por isso!

Seu ataque foi de cima para baixo. Com extrema facilidade, Corvo se esquivou do golpe e, logo após, da estocada que ela deu contra seu peito. Com poucos movimentos, ele puxou também duas adagas e ambos seguiram a luta, com Meredith propondo o ritmo e Corvo se esquivando ou aparando os golpes com facilidade.

— Você é rápida — disse ele, dando alguns passos para trás. — O Apostador lhe treinou bem. De onde você veio?

— Do inferno!

Meredith se arremeteu contra ele novamente, variando a sequência de golpes. Estocou, apunhalou e tentou cortá-lo, com suas adagas beijando o vazio a cada golpe. Estava frustrada e irritada, o que a fazia perder a concentração. Lembrou-se de sua mãe sendo apunhalada e, com lágrimas nos olhos, se lançou em outro ataque enfurecido. O Corvo não era muito mais alto que ela, talvez nem mais ágil, mas era mais habilidoso no combate. Em uma nova investida, ele deu um passo para trás, bloqueou um golpe com o braço esquerdo e a acertou no rosto com o cotovelo direito. Meredith perdeu o equilíbrio e caiu sentada para trás.

— Eu não quero matá-la — disse o Corvo com serenidade. — Volte para o Apostador e diga que ele não terá o homem que quer.

— Não vim atrás dele! — disse ela com raiva, cuspiendo as palavras. — Vim atrás de você!

— De mim? — Corvo pareceu perplexo. — Por quê?

— Você não se lembra de mim, não é? — falou ela enquanto se levantava. — Matou meu pai, minha mãe e meu irmão. Você não se lembra!? Foram só mais mortos para você!?

Mesmo por debaixo do capuz, Meredith pode notar que as lembranças o atingiram. O rosto era de perplexidade.

— Você... — Corvo deixou as palavras no ar, enquanto empunhava as adagas com as mãos erguidas. Meredith viu que ele hesitou. — Você deveria estar morta...

— Sim... — concordou ela. — Mas eu vim do inferno pra te buscar!

Deu dois passos em direção ao homem com a capa negra, estocou contra o peito, deu um giro e atacou seu braço esquerdo com ambas as adagas. Ele se esquivou do primeiro golpe, mas do segundo, não. Ela sentiu a faca passando além do tecido, cortando o braço do homem. Ele recuou alguns passos, encarando-a.

— Vai se arrepender de ter matado minha família — disse ela, com uma fúria explícita nos olhos.

Corvo levou a mão direita no braço esquerdo, próximo ao ombro, pressionando o pequeno ferimento. Olhou para a mão ensanguentada e novamente para ela. Reconhecê-la havia tirado sua concentração, deixando-o mais vulnerável.

— Eu não matei sua família — respondeu ele com serenidade.

— Mentira! — acusou ela, com raiva e lançando-se a outro ataque.

Vamos acabar com isso!

— Meridiana... — disse Corvo subitamente. — O nome da sua mãe era Meridiana.

A informação acertou Meredith como um tiro na cabeça. Ela congelou. Ficou imóvel, sem reação. Jamais havia falado o nome de sua mãe para alguém. Lágrimas vieram aos seus olhos e ela se sentiu confusa.

— Como você sabe disso? — perguntou em tom de acusação. — Está mentindo, desgraçado!

— E seu pai se chamava John — afirmou Corvo.

— Como sabe? — perguntou ela, incrédula.

— Aquele dia eu estive lá com o propósito de salvar vocês — disse o Corvo, enquanto largava as facas. — Soube que o Apostador queria seu pai morto e havia mandado um de seus melhores homens para matá-lo. Fui o mais rápido que consegui. Cheguei lá e fui até o celeiro, procurar por seu pai — Corvo hesitou, abaixando a cabeça, quase envergonhado. — E encontrei seu pai segurando seu irmão, ambos mortos.

Meredith cambaleou para trás, segurando-se em uma das colunas. Parte de si queria aproveitar que ele estava desarmado, mas a outra parte queria ouvir o que ele tinha a dizer.

Ninguém sabia o nome da minha mãe.

— Entrei na casa e achei sua mãe, na cozinha — ele continuou a história — Ela estava com várias marcas de punhaladas nas costas e não iria sobreviver. Peguei-a nos braços — Corvo esticou os braços, revivendo o momento com ternura. — Ela olhou nos meus olhos e disse: “Salve minha garotinha”. Não quis deixá-la

sofrendo. Peguei minha faca e fiz o que deveria fazer. Fui procurar por você, mas não a encontrei. Achei que estava morta também.

Meredith estava confusa. Encostou suas costas na parede e se deixou deslizar até o chão. Sentiu todos os piores sentimentos possíveis em questão de segundos.

Será que o homem que eu quero matar desde criança esteve ao meu lado esse tempo todo?

Será que o Apostador foi responsável pela morte da minha família?

Por isso Gunnar não quis vir comigo!

Se ela acreditasse cegamente em Corvo, jamais teria outra chance de matá-lo. O homem estava ali, também reflexivo, com a cabeça baixa.

— Como posso acreditar em você? — perguntou ela, tentando manter-se impassível, mas com lágrimas nos olhos.

— Sabe que eu poderia matá-la se quisesse — respondeu ele. — Desde o momento que você desceu daquele morro. Tenho homens por aqui apenas aguardando ordens, mas eles não farão nada contra você. Você não é minha inimiga.

O homem conhecido como Corvo se levantou e caminhou até ela. O grande capuz cobria seu rosto e era fascinante o tamanho de suas habilidades de combate com tão pouca visibilidade. Lá do alto ele esticou a mão, oferecendo auxílio para que ela pudesse se levantar. Meredith hesitou, mas por fim aceitou e ficou de pé. Havia desistido de matá-lo. Sentiu sinceridade em suas palavras.

— Junte-se a mim — ofereceu o Corvo. — Preciso de pessoas com sua habilidade. Há muita coisa por vir e cada um que estiver ao meu lado fará a diferença.

Meredith estava digerindo tudo o que havia escutado. Sentiu-se confusa quanto aos seus sentimentos, mas não quanto ao seu objetivo. Ainda com o olhar distante, ela começou a balançar a cabeça negativamente. Os olhos ainda estavam marejados pela dor e remorso.

— Eu não posso... — Meredith deixou as palavras no ar, fazendo uma pausa.

Eles vão pagar por tudo o que me fizeram!

— Eu não posso — disse ela, com mais confiança, olhando para o Corvo. — Tenho dívidas a acertar.

Juntou suas adagas e saiu do prédio, para o breu da noite, determinada a cumprir seu objetivo. Estava confusa e com raiva, mas estava decidida. Estava voltando para casa.



Cisco

Seus dedos da mão direita tamborilavam contra a lateral do corpo.

Erguia e baixava rapidamente os calcanhares. Estava ansioso, nervoso e preocupado. O rapaz do seu lado estava tranquilo, com uma serenidade invejável. Ambos observavam o horizonte mais ao norte da Cidade Fantasma. Olhavam de longe, da janela de um dos quartos mais altos de um prédio conservado e mais moderno que os demais. Centenas deles estavam vagando apáticos por uma área aberta, na frente de uma barricada fortemente construída, aguardando um estímulo, ou uma ordem. Infectados, e não mortos, como Cisco conhecia.

— Você não está com medo de fazer isso!? — perguntou olhando o rapaz de olhos negros e cabelos igualmente negros, lisos e curtos, que caíam até os ombros, tocando a roupa escura.

— Olha só quantos deles tem lá em baixo — respondeu Mordecai, apontando para o grande grupo. — É claro que sim! — sorriu.

Cisco achava Mordecai muito bem humorado para alguém que ficou sozinho por tanto tempo matando pessoas infectadas e conversando com uma coruja. Porém, isso não o impedia de gostar do rapaz. Era corajoso e otimista.

Na noite anterior, acompanharam o carregamento dos contêineres com os infectados. Depois de enchê-los, os caminhões seguiram para o norte. Com um comando, o Wendigo os dispensou e, acompanhado pelos soldados e pelo cachorro metálico, seguiram também rumo ao norte. Os que não entraram nos caminhões ficaram perdidos por um tempo, mas depois retornaram para os cantos sombrios de onde vieram. Os dois esperaram no terraço até que a rua ficasse mais vazia. Observaram os estranhos soldados enquanto conseguiram, para saber aonde iam. Quando puderam descer com segurança, seguiram o rastro que os trouxe até ali.

— Acha que o Wendigo está lá dentro? — perguntou Cisco apontando além dos muros da barricada.

— Quem? — devolveu Mordecai.

— O Wendigo... — Cisco fez sinal nas mãos indicando a criatura alta, de garras compridas.

— Vamos dar um nome para... *Aquela coisa*? — perguntou Mordecai.

— Como quer chamá-la? *Aquela coisa*?!

— Por que Wandingo? — perguntou Mordecai, franzindo a testa e erguendo uma das sobrancelhas.

— Wendigo.
— Por que Wendigo?
— Temos um cara na Forja, bem parecido — disse Cisco abrindo os braços. — Deve ter uns três metros de altura, também.
— E por que chamam *ele* de Indigo?
— Wendigo.
— Wendigo! — repetiu Mordecai, revirando os olhos.
— Não sei — confessou Cisco. — O Comediante que o nomeou. Ele nomeia todos.

— Por que você é Cisco? — perguntou Mordecai, curioso.
— Por que faz tantas perguntas? — rebateu Cisco.
— Porque Diana nunca me responde. Mas você responde — disse ele, divertido.
— Ei! Olhe! — falou apontando para um grupo de prédios à esquerda da barricada.

Cisco voltou sua atenção para onde ele apontava e se deparou com alguns homens de roupa escura se esgueirando entre os prédios. Não conseguia ver os rostos para dizer se eram seus irmãos de ferro, mas as roupas eram parecidas com as que ele estava usando. Um deles vigiava o movimento dos infectados, para sinalizar aos demais que era seguro avançar. Após o comando, os outros seguiam quase em uma fila.

— Algum deles é o seu amigo? — perguntou Mordecai. — Fantasma, não é?
Cisco se esforçou para tentar enxergar melhor, mas, como estavam longe, conseguia diferenciar apenas o tamanho e a quantidade de cabelo que cada um possuía. Se fossem seus companheiros da Forja que vieram com ele para fazer os testes, todos os coletores haviam morrido, pois não viu nenhum com uniforme cinza.

Onde você está, Fantasma?

— Acho que não — respondeu Cisco. — Se ele estiver por aqui, estará usando uma roupa cinza.
— Conhece algum deles?
— De longe, assim, não.

Acompanharam a movimentação dos homens pelas ruas paralelas, onde apareciam em cada vão entre os prédios, para logo sumirem atrás deles. Os infectados não os notaram, apesar de alguns estarem muito próximos. Chegaram a uma esquina, perto da barricada, e se dirigiram a uma rua lateral, indo para o lado oposto, como se quisessem contornar a grande área. Como a rua que tomaram se estendia em linha reta em relação ao campo de visão de Cisco e Mordecai, ambos conseguiram vislumbrar o contingente que avançava sobre o asfalto castigado pela guerra. Mais de trinta homens se movimentavam em um passo ligeiro e furtivo por entre os carros e os pequenos contêineres que serviam de lixeiras. Não parecia

haver muitos deles com armas em punho, a grande maioria se deslocava com as mãos vazias. Entraram em um grande mercado, por uma brecha na parede que ficava logo abaixo da placa desgastada que identificava o local. Desapareceram sem que os infectados os notassem.

— O que será que fazem aqui? — perguntou Cisco, pensando alto.

— Vamos segui-los até o mercado? — perguntou Mordecai, entusiasmado.

— O sol está quase se pondo — observou Cisco. — Não acha melhor ir pela manhã? — olhou para o outro, tentando persuadi-lo a ficar. — Eles não nos verão aqui. Amanhã seguimos com calma.

Mordecai ponderou um pouco a sua sugestão. Ele estava empolgado para seguir adiante e descobrir mais sobre as coisas estranhas que eles estavam presenciando. Havia mudado completamente quando Cisco lhe falara sobre a cura. Parecia entusiasmado e até descuidado.

— Tudo bem — concordou por fim. — Passamos a noite aqui. Vou ao terraço procurar por Diana. Faço o primeiro turno da vigia.

Cisco concordou. O rapaz estava começando a confiar nele, o que era bom. Duas noites atrás ele o prendera em um quarto até que pudessem conversar e se conhecer. Na noite passada, mal conseguiram dormir. Seguindo o rastro dos estranhos, foram descansar apenas após o nascer do sol. Agora estavam frente a um exército de infectados, prontos para entrar em um local hostil, atrás de pessoas desconhecidas. Cisco tinha consciência de que não conseguiria ter chegado até ali sozinho e, caso não tivesse companhia, também não iria muito além do ponto em que se encontrava. Sua jornada como soldado estava se mostrando muito mais emocionante e imprevisível do que imaginava.

O sol não demorou a se pôr. Cisco acompanhou os feixes de luz subirem lentamente pelas altas paredes dos prédios, até que passaram rasantes por cima deles, quando o sol começou a se esconder no horizonte. Notou Diana chegando até o prédio em seu voo silencioso. Seu branco se destacava na escuridão e era uma imagem bem-vinda. O pássaro emitiu um pio suave e pousou majestosamente sobre o terraço, onde Cisco o perdeu de vista. Ele se sentiu idiota por pensar que a grande coruja branca era o fantasma da cidade transformado em pássaro, mas não mais idiota do que aquele que inventara a história. Talvez tenha sido alguém apavorado com o ambiente nada acolhedor, talvez tenha sido alguém que quisesse afastar as pessoas daquele lugar. Independente de qual das alternativas fosse a correta, havia funcionado.

A noite parecia evidenciar ainda mais o silêncio sinistro que era a Cidade Fantasma. Os vários infectados que estavam na frente da barricada emitiam grunhidos enquanto caminhavam, como se fosse uma tarefa árdua. O lamento das criaturas, que um dia já foram humanas, se alastrava pela atmosfera da noite,

levado pelo vento árido que vinha do deserto. Quando Cisco sentiu a adrenalina baixar, percebeu o quanto estava cansado. Sentou-se no chão, escorando as costas contra a parede. Seus olhos estavam pesados, então ele escorou a nuca na parede fria e os fechou, para deixá-los descansar. Pensou em procurar uma cama para se deitar, mas seu corpo não reclamou da posição que estava. Soltou a escopeta sobre as pernas, relaxou o corpo e adormeceu.

Várias imagens passaram pela sua cabeça.

A Forja... Seus amigos... O ataque à cafeteria... Fantasma... Mordecai e Diana, que soltava seu pio característico. A coruja piava. Cada vez mais alto... E mais alto...

Cisco acordou com um salto, olhando para os lados. Ouviu os pios de Diana na rua. A escuridão invadia o quarto pela janela à procura de luz, como uma fera faminta buscando alimento. Cisco esfregou os olhos com as palmas das mãos.

Que horas são agora?

Abriu mais os olhos, forçando a visão para que se ajustasse à penumbra. Da porta veio uma luz tímida, emitida pelas lâmpadas do corredor, que reagiam a qualquer movimento.

Onde está Mordecai?

Cisco segurou a escopeta e apontou para a porta, mesmo estando a arma descarregada. Conforme seus sentidos iam se reestabelecendo, ele conseguiu ouvir passos no corredor. Alguma coisa vinha em sua direção, com passos sorrateiros, denunciada pela luz que havia se acendido.

Wendigo...

Mesmo se tivesse balas, não gostaria de encarar aquela criatura horrível. Engoliu em seco e procurou um lugar para se esconder em que fizesse o menor barulho possível. Achou um canto atrás de um dos sofás. Deslocou-se com a maior agilidade e furtividade possível e se escondeu com as costas tocando a parede e uma lateral do corpo encostada no sofá. De onde estava, conseguia observar a porta e parte do corredor. Uma sombra gigantesca foi surgindo além da porta e diminuindo conforme o som se aproximava. Cisco olhava com atenção, nervoso, sem saber o que faria.

A sombra foi diminuindo e uma figura apareceu sob o marco da porta. Escura e imóvel. Observando o quarto com toda sua atenção, como se sua vida dependesse de memorizar cada detalhe. Cisco mal conseguiu observar, com medo de ser localizado. Apenas quando o estranho deu alguns passos para frente que ele, surpreso, conseguiu ver quem era.

Mordecai!

Já ia se levantar, mas seu instinto indicou que algo estava errado. Mordecai estava tenso. Segurava as duas espadas e Cisco conseguiu notar, mesmo entre a

penumbra, que estavam sujas com algo.

Sangue?

Poderia ser dos infectados, mas ele se lembrou dos homens que estavam no mercado. Firmou o corpo e se inclinou para frente para tentar ver mais. A madeira cedeu sob seus pés, emitindo um leve rangido, quase imperceptível. Quase...

Merda!

Cisco congelou e Mordecai virou o rosto em sua direção. Os olhos estavam completamente negros e no seu rosto não havia qualquer traço do rapaz bem humorado. Apresentava um semblante frio e implacável. Seu olhar negro pairava na direção da origem do som, atento como uma águia em busca de sua presa. Cisco não havia sentido tanto medo desde que chegara na Cidade Fantasma. Fechou bem os olhos, reclinou-se vagarosamente para trás, segurou firme a escopeta e começou a rezar.

Sentiu algo tocar o seu braço. Abriu os olhos e afastou o corpo instintivamente. Mordecai o encarava agachado na sua frente. Os olhos já não estavam mais negros e o rosto estava novamente amistoso, como Cisco conhecia.

— O que está fazendo escondido aí? — perguntou o rapaz, com um sorriso no rosto — Venha! Acho que vi um javali.

Pela janela, Cisco pode ver a claridade do sol cobrindo a cidade, anunciando um novo dia. Olhou ao redor e avaliou o rapaz. As espadas estavam guardadas nos estojos rigorosamente alinhados nas costas de Mordecai.

Será que foi só um sonho?

Sentiu-se aliviado. Gostava do seu novo companheiro, mas algo nele o deixava incomodado. Se as visões que tivera fossem verdadeiras, Mordecai escondia algum segredo sombrio.

— Onde você estava? — perguntou Cisco. Queria confirmar sua teoria, ou pelo menos ter certeza que havia sido um sonho.

— No terraço — respondeu o outro. — Acabei pegando no sono enquanto observava a cidade. Acho que não tivemos grandes emoções essa noite — deu de ombros.

Será que não tivemos?

Cisco era desconfiado por natureza. Fora assim que começara a investigar sobre a falta de combustível na Forja. Ele não poderia mais investigar de onde estava, mas deixara Yohan informado sobre suas suspeitas e confiava que o seu amigo mecânico seguisse do ponto onde ele parou. Pensar na Forja ou nos irmãos de ferro sempre lhe traziam lembranças com gosto de saudade, mesmo estando apenas há alguns dias na Cidade Fantasma. Estranhamente sentia em seu coração que jamais retornaria à Forja. Só o tempo revelaria se sua intuição estaria certa ou não.

— Certo — confirmou para o outro se preparando para levantar. — Vamos pegar esse javali. Estou morrendo de fome.

Mordecai lhe estendeu a mão. Cisco a segurou e se levantou. Foi até a janela e olhou para a rua. No céu, o sol se fazia presente no horizonte trazendo um tom alaranjado que se estendia sobre as nuvens distribuídas pelo céu, como pedaços de um algodão que fora espalhado. Na frente da barricada não havia mais que dez infectados, vagando por entre os carros carbonizados e a vegetação rasteira.

— O que houve com o resto?

Mordecai foi até a janela e projetou seu corpo para fora, olhando na mesma direção de Cisco. Parecia tão impressionado quanto ele.

— Opa! Parece que perdemos a ação! — disse, olhando para Cisco. — Você ouviu algo à noite?

— Só Diana.

— Sim — confirmou Mordecai. — Ela me fez companhia até que adormeci.

— Mas, e depois?

— Não a vi mais. Mas ela costuma caçar à noite. É provável que você a tenha escutado — disse o rapaz de olhos negros dando de ombros.

— Alguma mensagem do seu mestre? — perguntou Cisco, lembrando-se da funcionalidade da coruja.

— Ah, sim — disse Mordecai revirando os olhos e puxando um papel de um dos bolsos de sua roupa escura.

Cisco pegou o pequeno papel enrolado como uma miniatura de um pergaminho. Abriu cuidadosamente para ler o conteúdo. A mensagem era curta e simples: “Siga seu coração”. Cisco franziu a testa tentando entender o que aquilo queria dizer.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou apontando o papel na direção de Mordecai.

— Ah, meu caro Cisco! Bem-vindo ao meu mundo! — disse ele, bem humorado. — Nunca recebo instruções claras, mas a última me levou até você — deu de ombros. — A única coisa que sei é que no momento meu coração está cheio de fome!

Mordecai sorriu para Cisco, que sorriu de volta. Estava cada vez mais certo de que tudo não havia passado de um sonho ruim alimentado pela atmosfera sombria da Cidade Fantasma. Cisco também estava com fome, além do horrível gosto amargo de bile na boca. Com um aceno positivo, ambos foram para a rua atrás da refeição para o desjejum.

A manhã era agradável. O sol lançava seus raios delicadamente sobre o concreto dos prédios e o verde das folhas das árvores. Seguiram na direção indicada por Mordecai, tomando cuidado a cada passo para que não espantassem o animal.

Contornaram uma quadra até que viram o grande porco com chifres lambendo o limo de um dos carros abandonados.

Mordecai fez sinal para que Cisco assustasse o javali pelo outro lado, que ele o interceptaria por ali. Cisco achou um caminho para atravessar os prédios. Improvisou um coldre para a escopeta e uma lança com a pequena adaga na ponta. Queria que Bonitão estivesse ali. Soube que seu irmão de ferro já havia caçado um javali com mais de 100 kg. Seu desafio era menor, mas não menos mortal. Chegou por trás do animal, juntou um pedaço de concreto no chão e arremessou contra ele, correndo logo depois em sua direção com a lança na mão. O javali saiu correndo desesperado em direção a onde estava seu companheiro escondido. Um potente golpe de espada bastou para derrubá-lo. Cisco chegou a tempo de ver Mordecai finalizando-o.

— São afiadas — disse Cisco admirado, olhando para a espada ensanguentada. Lembrou-se da noite anterior e estremeceu.

— O que acha que fiquei fazendo no terraço? — disse Mordecai sorrindo. — Vá preparar o fogo que eu preparo a carne.

Então os dois se ocuparam em preparar a refeição para o café da manhã. Cisco ficou impressionado porque Mordecai surgiu com a carne esticada em um graveto antes que ele concluísse o fogo. O rapaz não havia mentido quando disse que seu mestre o havia treinado para ficar ali sozinho. A carne demorou um pouco para ficar pronta, mas era a melhor que ele comia há tempos. Cisco estava sentado olhando para o fogo quando uma dúvida lhe ocorreu.

— Será que eles não sentem fome?

— Quem? Os infectados?

— Sim.

Mordecai parou de comer, considerando a pergunta por um breve momento, pareceu não chegar a uma resposta e simplesmente deu de ombros.

— Se sentirem fome, sobrou alguma coisa do javali.

Após a refeição, os dois se prepararam e caminharam em direção ao mercado. Encontraram meia dúzia de infectados no caminho, que foram facilmente eliminados. Seguiram a mesma rota por entre os prédios, usada pelos estranhos homens de roupa escura que viram no final da tarde anterior. Contornaram a barricada pelo flanco e logo chegaram à frente do estabelecimento. A parede estava quebrada, como uma ferida aberta na placa plana e sólida feita de tijolos. O ar que vinha de dentro era pesado e tinha um cheiro forte de comida estragada. Cisco olhou para Mordecai, que fez sinal afirmativo com a cabeça. Pegou sua escopeta enquanto o outro puxava suas espadas e entraram sorrateiramente pela fresta.

Os olhos demoraram a se acostumar com o breu do lugar. Havia algumas luzes piscando mais ao fundo da loja, mas seus feixes não eram suficientes para iluminar

a entrada. Havia várias prateleiras distribuídas pelo local, a maioria estava com seus itens revirados ou faltando. Algumas foram derrubadas, tornando o lugar uma grande bagunça. Era evidente que havia ocorrido um saque por ali. Um silêncio sepulcral estava estabelecido e o simples fato de respirar já era o suficiente para fazer barulho. Cisco ouvia sua respiração ligeiramente ofegante, seus passos, sua roupa se contorcendo a cada movimento. Mas não ouvia Mordecai. O rapaz deslizava pela escuridão como uma sombra.

Será que ele é mesmo o fantasma da cidade?

A dúvida estava deixando-o louco. Foi até o balcão, lembrando que os donos dos comércios geralmente tinham armas para evitar assaltos. O pequeno balcão de madeira estava iluminado por uma lâmpada de luz quente. Vasculhou por ali e encontrou alguns cartuchos dentro de um pote e carregou sua arma animadamente. Mordecai o via de longe, do escuro, praticamente apenas seus olhos eram visíveis. Cisco estremeceu quando se deparou com o amigo lhe encarando, sorriu sem graça e ambos seguiram.

Havia uma porta grande no fundo da loja, que aparentemente dava acesso à outra parte do pavilhão. Mordecai foi à frente, com Cisco lhe seguindo logo atrás. Cada passo era um desafio para que não fizesse barulho, e isso o retardou um pouco. Viu Mordecai passando por baixo do marco da porta. Deu alguns passos e logo uma figura surgiu atrás dele, empunhando uma pistola em sua cabeça.

— Larga a espada! — disse o estranho.

Cisco conseguiu se esconder encostando a lateral do corpo na parede ao lado da porta. Foi até a beirada e espiou para ver o que estava acontecendo. Viu Mordecai abrindo os braços devagar.

— Calma, amigo — disse, tentando persuadir o outro. — Estamos do mesmo lado.

O estranho parecia estar nervoso, fazendo movimentos curtos e rápidos, balançando o corpo. Cisco ficou com medo de atacá-lo e causar a morte de seu amigo.

— Ei, George! — gritou na direção de onde Mordecai estava indo. — George! Ele está aqui!

Mordecai estava estático, porém ainda segurava sua lâmina. Cisco ouviu uma movimentação vinda de dentro da outra peça. Logo dois homens surgiram, todos usando os uniformes escuros da Forja.

Quem são esses soldados?

Um deles era barbudo, com os cabelos enebados na cabeça. O segundo tinha as feições do rosto mais finas e nariz pontiagudo. Cisco não conseguiu ver o rosto do primeiro homem, estava de costas para ele, rendendo Mordecai. Os que chegaram depois não carregavam armas. Um trazia uma faca e o outro uma barra de ferro.

— Larga a espada bem devagar — falou o barbudo.

Cisco notou que o primeiro homem havia relaxado, baixando levemente a arma. Então aproveitou o momento e surgiu de onde estava, apontando a escopeta na direção do estranho que segurava a pistola.

— Solta a arma! — disse decidido, engatilhando sua escopeta. — E vocês, pra trás!

O soldado com a pistola hesitou. Olhou para os homens que recuavam devagar. Mordecai ainda segurava as espadas e observou Cisco com o canto dos olhos. Cisco olhou para ele e depois para os homens de novo. O primeiro soldado abriu os braços, mas não soltou a pistola.

— Se chegaram até aqui, com certeza gastaram bastante munição! Meu palpite é de que sua arma já nem tenha balas — segurava a escopeta com atenção no movimento dos homens. — Mordecai, venha pra cá!

Todos estavam hesitantes. Cisco avançou e encostou a escopeta na nuca do soldado.

— Se não quiser que sua cabeça seja espalhada por aqui, sugiro que largue a pistola *agora*! — falou com mais veemência.

O soldado pareceu se convencer. Soltou a pistola, deixando-a pendurada no dedo e a deixou cair. Mordecai pegou a arma do chão e se moveu para trás de Cisco, apontando-a para os outros dois estranhos. Ambos recuaram alguns passos.

— Não queremos o seu mal — disse Cisco. — Quem são vocês?

— Viemos do mesmo lugar que você, me parece — disse George, o barbudo. — A não ser que tenha roubado essa roupa... — cuspiu na direção dos dois.

— Eu a mereci, — devolveu Cisco, — assim como meus irmãos que morreram aqui — cuspiu de volta.

— Então você também veio da Forja? — respondeu o primeiro, que havia largado a pistola. — Quanto ficou devendo ao Apostador?

— Devendo a quem? — Cisco franziu a testa. Nunca havia escutado o nome.

— Em Cassino. Quanto ficou devendo? — disse o outro soldado narigudo, do lado de George.

— Do que estão falando? — Cisco ainda apontava a escopeta para eles.

— O que vocês fazem aqui? — perguntou Mordecai, ignorando a conversa confusa que havia se iniciado.

— Não é da sua conta! — rebateu George, claramente desconfortável com a presença dele. Cuspiu novamente na direção deles.

— Responda o que ele perguntou! — disse Cisco apontando a arma para o homem barbudo e cuspiendo novamente na direção deles.

— Temos que parar os caminhões — falou o primeiro, assustado.

— Que caminhões? — indagou Cisco. Queria ter certeza que falavam da mesma coisa.

— Não sabemos! — disse George.

— Fale!

— Nós não sabemos! — respondeu o segundo, caindo de joelhos. — Foi tudo o que nos disseram! Por favor, não nos mate!

Cisco e Mordecai se olharam, hesitantes. Fora George, que os encarava com raiva, os outros dois estavam completamente apavorados. O primeiro puxou um papel do bolso e esticou na direção deles. Era um mapa. Igual o que ganharam quando foram designados para achar a cura. Cisco esticou o braço e o pegou. Recuou e entregou à Mordecai, sem desprender sua atenção dos estranhos. Seu companheiro abriu o pedaço de papel que indicava com um X o ponto próximo de onde eles estavam, pouco mais ao norte. Algumas partes da cidade foram sinalizadas e riscadas para indicar que não deveriam ser acessadas.

— Também estou em uma missão neste lugar dos infernos — disse Cisco, recolhendo a escopeta. — Como vieram parar aqui?

Os três homens se olharam com dúvida, até que o primeiro começou a falar.

— Ficamos devendo ao Apostador. Todos nós. Ele poderia nos matar, como faz com todo mundo que deve, mas disse que esqueceria a dívida se trabalhássemos na Forja por um ano. Quando chegamos lá nos disseram que um trabalho seria o suficiente, por isso estamos aqui.

Homens recrutados por causa de dívidas?

Não fazia sentido. Não era esse o objetivo da Forja. Cisco por um momento desejou poder falar com Yohan para saber o que estava acontecendo de verdade.

— Vimos vários de vocês ontem — disse Mordecai, movimentando o olhar do mapa para os três homens. — Onde estão os outros?

— Você está falando sério? — perguntou George com a testa franzida e expressão fechada.

— Por que a pergunta? — rebateu Cisco. — É claro que é sério! Responda!

— Seu amigo esteve aqui à noite, — disse o primeiro, olhando para Cisco e apontando o dedo para Mordecai — E matou seis dos nossos.

Cisco viu que o homem tremia. Lembrou-se do que havia presenciado à noite. Olhou boquiaberto para Mordecai, que estava surpreso com a acusação.

— Isso é mentira — disse Mordecai sério.

— Não é não, seu desgraçado! — George cerrou os dentes. — Um dos nossos viu você! Roupas negras com espada, ele disse. Fatiou os homens como se fossem manteiga.

Putá que pariu!

Cisco estava confuso. Não sabia em quem acreditar. Observou os homens com ar de desespero e direcionou sua atenção para Mordecai. Seu olhar não o denunciou. Parecia apenas estar tão confuso com a acusação quanto ele.

— Não é verdade — disse por fim. — Ele estava comigo em um dos prédios próximos. Não tem como ele ter passado por aqui — falou de forma contundente, inibindo qualquer tipo de contestação por parte dos estranhos.

Os soldados não retomaram as acusações, mas ficaram em dúvida. George ainda os encarava com raiva. Mordecai pareceu ficar satisfeito com a resposta, mesmo sabendo que Cisco havia mentido para inocentá-lo.

Em que merda eu me meti?

— Temos problemas bem maiores para resolver. Onde está o restante dos homens que vieram da Forja? — perguntando Cisco de forma diplomática. — Precisamos de todos que pudermos juntar.

— Não vamos a lugar nenhum com vocês! — rebateu George de forma beligerante.

— Vocês vão com a gente — insistiu Cisco. — Não sei como sobreviveram até agora, mas esse lugar é muito pior do que parece.

Os homens concordaram, mesmo contra a vontade. Cisco permitiu que levassem a faca e o pedaço de cano que estavam empunhando no caso de surgirem infectados. Deixou que os homens fossem na frente enquanto caminhava lado a lado com Mordecai.

— Algo que queira me contar?

O rapaz hesitou. Caminhava distraído olhando para o chão. Demorou um tempo pensando, mas pareceu optar por não revelar nada. Em uma árvore próxima um pássaro cantava, como se os problemas do mundo não o afetassem.

— Algo que *não* queira me contar? — Cisco tentou mudar a abordagem.

— Acho que não é uma boa ideia eu seguir com vocês — disse ele reflexivo.

— Por que não?

— Se eles pensam que fui eu que matei os outros, podem estar montando uma emboscada para nós. Não acha?

Cisco reconheceu que o argumento dele tinha fundamento. Contornaram um veículo carbonizado e seguiram pela estrada.

— Esses homens também vieram da Forja — argumentou Cisco. — Não nos fariam mal.

— Não posso contar com isso — respondeu Mordecai com a cabeça baixa.

— E o que pensou em fazer?

— Eu quero achar a cura, Cisco. Quero acabar com isso.

— Não acha que os caminhões e a cura estão ligados? — Cisco realmente não queria que se separassem. — Podemos resolver isso juntos. Temos o mesmo

objetivo!

— Pode ser... — hesitou ele. — Mas acho que funciona melhor sozinho.

Era o que Cisco mais temia. A possibilidade de ficar sozinho novamente. Não estaria só, mas os estranhos não eram necessariamente a companhia que ele esperava.

— Salvou minha vida — falou com honestidade. — Não posso exigir que você me acompanhe.

— E você acabou de salvar a minha — disse Mordecai, em tom mais sério que o normal. — Estamos quites.

Cisco parou e estendeu a mão para o amigo. Ele estendeu também a sua para cumprimentá-lo. Seu olhar era amistoso e Cisco desejou boa sorte a ele.

Só não nos mate durante à noite, por favor!

— Tem certeza sobre isso? — perguntou Mordecai apontando aos outros homens.

— Você tem sua jornada e eu tenho a minha — respondeu Cisco.

— Boa sorte, Mordecai.

— Boa sorte, Soldado.

O rapaz se despediu e logo sumiu por entre os prédios com seu bom humor, suas espadas e sua mochila. Os três soldados acompanharam seu movimento boquiabertos e, após ele sumir, encararam Cisco inconformados.

— Você o deixou ir embora? — reclamou George.

— Deixei, sim — respondeu Cisco secamente. — Vamos.

— Nós vamos morrer... — disse o soldado narigudo, deixando os ombros caírem.

— É... — refletiu Cisco. — Nós vamos morrer de qualquer forma. Vamos!

Seguiram na direção indicada pelo mapa. Enquanto avançavam, Cisco observava a Cidade Fantasma. Na área onde estavam não havia sinais de guerra. Os prédios estavam intactos, a não ser pela natureza, que havia se instalado com suas raízes, escalando as estruturas de concreto. Nos que tinham placas de vidro, a vegetação se alastrava nos pontos de divisão, onde as placas se conectavam com as armações de aço, dando a impressão que faziam parte da construção. Devido à quantidade de prédios, pareciam estar em uma parte nobre da cidade. À sua direita conseguiam ver mais barricadas, a duas quadras de distância. Estavam contornando a área defendida pela barricada.

— Parem aí! — veio uma voz de uma esquina próxima. — Mãos para cima.

Os quatro pararam e observaram um homem sair de onde estava mirando para eles com uma arma comprida. Usava a mesma roupa preta. Cisco reconheceu na hora seu adversário de truco e se alegrou. Era o Pistoleiro. O homem o reconheceu também, e abriu um sorriso no rosto. Satisfeito.

— Ora, ora... O que temos aqui? Pelo visto você é cheio de ases na manga, não é mesmo, Cisco?

Ele e os três homens foram conduzidos até uma construção enorme, com paredes altas e muito largas, que também já fora um grande comércio. Pistoleiro ignorou todas as dúvidas de Cisco, principalmente sobre seu amigo Fantasma. Entrando lá ele viu uma grande movimentação de homens para todos os lados. Estavam recolhendo tudo o que ainda pudesse ser usado para luta ou consumido. Apesar do grande número de homens percorrendo as prateleiras, a quantidade de alimentos amontoados no centro do corredor era muito pequena. A iluminação funcionava parcialmente, muitas lâmpadas estavam quebradas ou não funcionavam.

Em uma sala secundária, uma reunião acontecia. Alguns homens debatiam em volta de uma mesa, com um papel aberto. Era um mapa da Cidade Fantasma. Cisco entrou na sala encarando de volta os olhares que o analisavam. Dos vários que estavam ali, apenas mais um era conhecido: Bonitão. O homem grande o encarou com um sorriso sádico no rosto.

— Mas você só me faz perder dinheiro... — disse ele, referindo-se às apostas que faziam sobre quem sobreviveria.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele da porta, abrindo os braços.

— Entre — ordenou Bonitão. — Vamos te deixar a par da situação.

Então Bonitão seguiu com seu plano, indicando no mapa os pontos destacados no flanco da barricada. Basicamente os homens seriam divididos em duas equipes. No amanhecer do dia seguinte, uma delas tentaria sabotar os caminhões, enquanto a outra, acessando um ponto mais ao norte, entraria em um prédio sinalizado com um círculo no mapa, onde estaria a cura. Cada equipe levaria armas brancas e armas de fogo, sendo que a maior parte do segundo tipo estaria com o contingente que deveria sabotar os caminhões. Bonitão lideraria a busca pela cura, enquanto o outro grupo seria liderado por um homem, forte e atarracado, desconhecido para Cisco.

Cisco percebeu que todos os seus irmãos da Forja que vieram à Cidade Fantasma com ele estavam na equipe que buscaria a cura. O que fazia todo sentido. Bonitão estava usando o pavor e a inocência daqueles homens para chegar aonde queria. Eles estavam juntando comida, armas e mantimentos, confiantes que tinham achado um líder para tirá-los daquele inferno. Apesar de Bonitão ter se provado um bom comandante na cafeteria, Cisco tinha suas dúvidas.

A reunião prosseguiu, mas ele não estava interessado. Foi procurar o Pistoleiro para obter respostas. Ao sair da sala notou que George aguardava ao lado da porta. O olhar de acusação jamais havia abandonado seus olhos pequenos escondidos atrás da barba. Cisco o encarou sem se deixar afetar e saiu à procura de seu irmão de ferro. Passou por vários homens vestidos com as mesmas roupas pretas que ele

usava. Fazia um aceno positivo para todos que via, pois logo mais qualquer um deles poderia estar ao seu lado, salvando-o ou condenando-o à morte. O homem baixo conhecido como Pistoleiro estava em um corredor cheio de garrafas de bebida, analisando e selecionando cuidadosamente algumas delas. Ele notou Cisco chegando e sua expressão foi um sorriso impossível definir se era de satisfação ou de escárnio.

— Não achei que te veria de novo — disse ele, abrindo uma garrafa de uísque para dar um gole.

— Quem mais sobreviveu?

Pistoleiro deu um gole na bebida, limpou a boca com a manga da camiseta e esticou a garrafa na direção de Cisco.

— Desculpa, irmão. Ele se foi.

Mesmo que ele já houvesse considerado a possibilidade de Fantasma estar morto, a notícia o aborreceu bastante. Pegou a garrafa e deu um gole da bebida. Desceu quente pela garganta, tentando afogar a mágoa da perda do amigo. Cisco sacudiu a cabeça, digerindo a informação.

— E quem mais sobreviveu? — Cisco queria saber quantos sobreviveram daquele inferno.

— Eu, Bonitão, Kunai e Enxada.

— Como escaparam?

— Matando. Correndo. Nos escondendo — disse ele de forma impassível, bebendo outro gole da bebida forte. A garrafa já estava na metade.

— Ele está lá! — veio um grito do corredor. Cisco conhecia a voz. Era George.

Bonitão o empurrou de lado e veio de encontro a eles.

— Segurem ele! — ordenou apontando para Cisco.

Não houve tempo hábil de puxar a escopeta às costas e dois pares de braços já o seguravam. Homens para o qual ele havia acenado de forma positiva recentemente. Bonitão chegou próximo e isso chamou a atenção dos demais. Logo um círculo de olhares curiosos se formou ao redor deles.

— É *verdade*? — perguntou ele em tom de acusação.

— Do que está falando?

— Você estava com ele esse tempo todo? — sua expressão era de fúria. — O homem que matou seus irmãos!

Fechou o punho e acertou um soco no rosto de Cisco. Foi como se uma tonelada de concreto caísse de um daqueles prédios altos em cima da sua cabeça. Ficou desorientado e sua visão ficou desfocada.

— Onde ele está!?

Eu não sei.

Cisco achou que havia falado alto, mas a falta de resposta lhe rendeu outro soco. Foi pior que o primeiro. Bem pior. Seu corpo desabou para o lado. Com a força os homens acabaram soltando-o e ele caiu de joelhos.

— Onde ele está!? — gritou Bonitão mais alto. — Onde está aquele desgraçado!? — fez uma breve pausa e começou a falar para os expectadores. — Esse homem está aliado àquela aberração que nos atacou na noite passada! Ele tem sangue nas mãos e merece morrer!

Os homens emitiram gritos de aprovação. Cisco ergueu levemente a cabeça e viu que Bonitão comandava um belo espetáculo. Os olhares de pavor rapidamente viraram olhares de ódio direcionados a ele. Estava zozinho. Não sabia se era por causa dos socos ou do uísque.

— Vamos matá-lo! — ouviu uma voz.

— Traidor! — gritou outra.

Traidor? Quem são esses idiotas!?

Fossem quem fossem, apoiavam o homem conhecido como Bonitão e isso seria sua morte. O final da curta jornada do soldado Cisco. Uma pistola foi entregue a Bonitão, que a engatilhou e mirou na cabeça dele. Cisco fechou os olhos... Mas o disparo não veio.

— Não... — refletiu Bonitão de forma sádica, olhando para a pistola. — Você não merece uma bala. É muito pouco...

Os homens olharam confusos para o grande soldado aguardando uma definição do que seria feito. Não passavam de ovelhas que seriam conduzidas até a morte, balindo de bom grado. Bonitão abriu os braços olhando para todos aqueles homens que lhe direcionavam a atenção.

— Vamos deixar que ele morra pela mesma mão que levou nossos irmãos!

— Sim! — ecoava do círculo.

Você sempre quis motivos para me matar, seu filho da puta!

Bonitão indicou uma armação de ferro no fundo da loja. Quatro barras subiam até o teto e eram conectadas por barras menores, posicionadas em zigue-zague na diagonal. Três homens levaram Cisco, que já estava sem poder de reação. Alguns homens trouxeram cordas e plástico. Ergueram-no na altura do peito de um homem e amarraram punhos e tornozelos à estrutura. Apertaram forte a corda. Sentiu machucar a pele dos pulsos, mas não reclamou porque não queria dar esse gosto a eles. De onde estava conseguia ver sobre algumas prateleiras e entre os corredores, que se estendiam até o início da loja. Bonitão o admirava satisfeito.

— Viu o que dá brincar de soldado?

— Eu ainda vou te matar! — as palavras saíam da boca com dificuldade, disputando com o ar dos pulmões ofegantes.

— Ninguém quer ver seu rosto feio! — disse o outro sem se abalar. — Tragam um saco para taparmos isso e vamos retomar nosso plano!

Os homens já estavam começando a retomar suas atividades quando as poucas luzes que ainda funcionavam se apagaram. Os olhos de Cisco foram se ajustando a escuridão do local, que só era quebrada por uma pequena faixa de sol que entrava pela porta da frente. Conseguiu notar nervosismo nos homens, indicando uma situação atípica.

— O que aconteceu? — indagou uma voz mais à frente.

— Fiquem quietos! — ordenou Bonitão, tentando acalmar os ânimos. — Peguem as armas! — ordenou quase que em um sussurro.

De onde estava Cisco tinha visão privilegiada e conseguiu ver uma figura conhecida entrando pela porta.

Wendigo!

A criatura era mais alta que as prateleiras e se movia com agilidade com seus passos largos. Chegou até o primeiro homem, e com um movimento com o braço, atravessou-o com sua garra. O grito ecoou por toda a construção, instaurando o caos entre os homens apavorados. Cisco então assistiu a chacina do Wendigo. A criatura se movia com uma destreza invejável com suas potentes garras cortando e dilacerando o *exército* de Bonitão. Alguns homens chegaram até às armas e atiraram contra a criatura. Cisco não conseguia acompanhar a movimentação frenética, mas poderia apostar que as balas não a acertavam ou simplesmente não a causavam danos. Um a um os homens foram morrendo.

Cortados como manteiga.

Em seu coração Cisco concedeu novamente à Mordecai o benefício da dúvida. Infelizmente morreria sem saber o que seu amigo era e ficou feliz dele não estar ali. Bonitão e mais alguns homens cercaram o Wendigo, que gritou contra eles. Bonitão deu a ordem e abriram fogo, atirando de todos os lados. O infectado parecia ter a pele intransponível, cruzou os braços na frente do rosto como um escudo e partiu para cima dos homens. Levantou o primeiro com extrema facilidade, atirando-o contra os demais. O ataque dos homens que ainda restava era confuso, desorganizado e ineficaz. Cada bala cuspidas emitia uma faísca instantânea, iluminando o alvo. Wendigo brilhava na escuridão e Cisco viu sua ferocidade entre o clarão de um disparo e outro.

Os homens foram reduzindo rápida e drasticamente, até que dos mais de trinta homens que circulavam por ali, restavam menos de dez. Dois sobreviventes tentaram fugir, mas foram violentamente atacados pelas costas, partindo dessa para uma melhor. Um dos homens tentou enfiar uma barra de ferro nas costas da criatura. O tubo deslizou como se houvesse atingido uma pedra. Wendigo se virou

e com as duas mãos esmagou a cabeça do homem. Bonitão, próximo de Cisco, estava estático. Paralisado pelo medo.

Wendigo ceifou a vida dos quatro homens que faziam a ultima defesa e veio na direção de Bonitão. Os membros alongados faziam-no parecer mais magro que qualquer outro infectado. E considerando o seu tamanho, o grande soldado parecia até pequeno.

— De que inferno você veio?! — gritou para o monstro, engatilhando a escopeta que havia confiscado de Cisco e atirando contra ele.

Com a palma da mão aberta, a criatura defendeu os tiros como se fossem insetos voando em sua direção. Bonitão ficou sem munição e tentou correr. Fez a volta por uma das prateleiras, mas seu perseguidor era muito mais ágil e foi encurralando-o em um canto pacientemente. O soldado conseguiu mais algumas armas, mas qualquer disparo parecia apenas uma afronta àquela criatura horrenda. Acuado em um canto, Bonitão foi agarrado pelo pescoço. Atirou valentemente contra a criatura à queima-roupa como seu ultimo recurso. Wendigo cambaleou e ele tentou fugir por entre as prateleiras onde Cisco o perdeu de vista. Mas antes que pudesse chegar à porta, Wendigo se recuperou e saltou contra ele. Desceu suas garras e Cisco pôde ouvir o grito desesperado de um dos homens mais corajosos que conhecia.

O coração de Cisco estava acelerado. Olhou ao redor e sentiu cheiro de morte. Conseguia enxergar vários corpos sem vida espalhados pelo local. Mais de trinta homens contra um único infectado e esse fora o resultado. Queria avisar para Milles não mandar mais homens. Queria poder esclarecer a todos que enviar irmãos para aquele lugar era o mesmo que os condenar à sentença de morte.

De trás da prateleira a criatura surgiu, encarando-o com os olhos amarelados. Cisco amarrado de braços e pernas abertos era como uma mosca na teia de uma aranha. Estava com medo e estava impotente. Wendigo veio caminhando calmamente em sua direção, sem pressa de matar. Então Cisco se perguntou se era Wendigo o fantasma da cidade? Seria a missão de Mordecai lutar contra essa criatura?

Não teve tempo de concluir seu raciocínio e logo Wendigo estava na frente dele. Mais alto que Yohan. Seu rosto estava na altura do peito de Cisco, que pôde analisar os olhos amarelados e a boca com uma fileira de dentes afiados como navalhas. A pele era escura e ressecada. Sentiu seu estômago se contorcer. Estava suando frio. Sentiu mais medo do que quando Mordecai surgiu com os olhos completamente negros no quarto, na noite anterior. Fechou os olhos esperando que as garras lhe atravessassem e acabassem de vez com sua curta vida de soldado.

— Eu sei quem você é — disse a criatura com uma voz esquisita e distorcida.

Cisco olhou com os olhos arregalados, sem acreditar no que via e ouvia.

— Você fala? — deixou escapar.

— Você estava com aquele garoto irritante que anda matando os meus — respondeu Wendigo, ignorando sua surpresa. — Tenho observado vocês. Onde ele está?

— Eu... — hesitou Cisco.

O quealaria? Se dissesse que não sabia, morreria. Se mentisse que sabia, provavelmente morreria também.

— Não sei... — Confessou.

Wendigo estendeu as garras em sua direção, e Cisco se encolheu instintivamente. Com uma leve passada das garras, as cordas que o seguravam foram cortadas e ele caiu no chão.

Ainda estou vivo?

— Acredito que depois do que viu não tentará fugir de mim, se for esperto.

Cisco sacudiu a cabeça negativamente. Estava nervoso, apavorado.

— Venha comigo — ordenou Wendigo, caminhando com suas pernas compridas em direção à porta.

— Por que não me matou!? — perguntou Cisco espontaneamente e logo se arrependeu.

— Você é mais útil pra mim vivo — revelou Wendigo. — Se caminhar.

Cisco pôs-se em movimento atrás daquela criatura que havia matado seus irmãos de Forja como se não fossem nada. Cruzou sobre os corpos mortos e ensanguentados dos homens que minutos atrás ironicamente queriam sua morte. Pegou sua escopeta no caminho e a criatura não protestou. Sabia que era inofensiva. Na sua cabeça várias perguntas surgiam, mas uma delas era a mais forte de todas.

Em que merda eu me meti?



Isaac

Relatório de viagem número 39: Ainda não sei em que ano me encontro. As poucas pessoas com quem conversei não sabem ou não se importam com isso. Estou há mais de uma semana nesse mundo pós-guerra e o cenário se mantém o mesmo, independente de onde vamos. As cidades grandes foram totalmente devastadas pela guerra, enquanto as cidades e vilarejos adjacentes sofreram, em sua maioria, apenas os danos colaterais. Um grande percentual de construções segue em ruínas, o que me faz crer que não estou distante do ápice da guerra ou suas consequências foram além da minha imaginação.

A fauna padeceu. Cataloguei uma quantidade ínfima de animais, em sua maioria os mamíferos com maior capacidade de reprodução. Quanto à flora, é difícil relatar. As espécies de plantas mais resistentes estão recuperando as áreas atualmente inabitadas, mas fica inviável fazer estimativas sobre a diversidade sem realizar uma coleta de amostras, o que me foi impossibilitado até o momento. Pelas áreas de plantio que passamos constatei uma grande quantidade de milho e batata, o que me leva a pensar em três possibilidades: o solo sofreu danos que impedem o crescimento de leguminosas com maior exigência nutritiva, os agricultores tem um conhecimento limitado sobre as técnicas de cultivo ou há uma necessidade de produzir um grande volume de alimentos no menor tempo possível.

Infelizmente tive contato com poucas pessoas. Mas a amostragem indica traços primitivos potencializados pelo cenário caótico e um conhecimento limitado sobre qualquer assunto. Pelo que pude perceber, alguns são analfabetos, o que me faz questionar o período temporal para qual a cápsula me trouxe. A sociedade se mantém na grande maioria caucasiana, mas a miscigenação de traços e características físicas sugere que não houve uma segregação de raças no período pós-guerra. A sociedade se uniu. Por opção, ou pela falta dela.

As pessoas não apresentam traços do vírus que devastou a humanidade, o que me leva a crer que ele fora erradicado de alguma forma. Tampouco se ouve falar da tal infecção, e os que sabem, a tratam como uma lenda da guerra. Será que tive sucesso em minha jornada?

Isaac parou de escrever e releu seu texto. A folha do caderno estava empoeirada, mas não impedia o grafite do lápis de deslizar e deixar sua marca. Desde que chegou, tudo o que podia fazer eram observações sobre o mundo no qual estava.

Então registrava cada detalhe que considerava importante ou útil para ser analisado no passado.

— O que você tanto escreve? — perguntou Silas, o homem que estava com ele desde que fora vendido.

— São anotações — respondeu sem olhar para o homem.

Já estava impaciente com ele. Era burro e tinha a mente fraca. Não importava quantas vezes ele explicasse qualquer coisa, alguns momentos depois Silas lhe fazia exatamente a mesma pergunta. Mas ele era instável, tinha uma arma e Isaac não era à prova de balas. Então mantinha uma cordialidade forçada dentro do necessário.

— Hummmm... — proferiu o homem, mais como uma materialização de sua ignorância do que satisfeito com a resposta.

Isaac olhou para ele com a cabeça imóvel, mexendo apenas os olhos, e retomou sua atenção para o caderno de anotações. As poucas velas distribuídas pela sala forneciam a iluminação precária que o permitia escrever. Sua jornada com Silas havia sido, até agora, uma grande perda de tempo. E tempo era tudo o que ele não tinha.

Preciso me livrar desse homem inútil.

— Poderia me explicar seu plano de novo? — perguntou a ele, sem tirar o olhar do caderno.

Silas interrompeu seu gole na garrafa de uísque, baixou a garrafa e encarou de volta, claramente chateado por ter que lhe explicar mais uma vez sua ideia brilhante.

— Nós vamos voltar até o lugar que pegaram você. E eu vou usar sua... — apontou na direção de Isaac com a mão que segurava a garrafa. Por um momento ele achou que Silas estava lhe oferecendo uísque, mas logo entendeu que ele não lembrava o nome do dispositivo que o fizera viajar no tempo.

— Cápsula do tempo? — sugeriu.

— Isso aí! — disse o homem, sem nem ao menos ser capaz de repetir o nome dito por Isaac. Fazendo-o sentir-se ofendido.

Eu poderia falar qualquer coisa que mesmo assim ele não saberia do que se trata.

— Eu volto no passado e vou atrás da minha doce e amada Becca — concluiu o homem, sonhador.

Estou aqui tentando descobrir uma forma de salvar a humanidade e ele quer voltar por uma prostituta?

Isaac não compartilhava com Silas a sua missão. Sabia que não deveria revelar tais informações, e mesmo que pudesse, não seria para aquele homem arrogante e sem discernimento. Quando chegou ali teve o azar de ser interceptado por alguns

homens, que o raptaram. Pareciam até estar esperando por ele. Logo soube que foi negociado e Silas foi designado para levá-lo até o comprador. Ele não conseguia entender porque essa tarefa havia sido dada a alguém tão incapacitado. Seu palpite era de que um contingente de pessoas chamaria a atenção e a escolha por Silas era motivada por ele ser considerado burro demais para trair quem o contratou. O que havia sido um erro.

O diálogo entre os dois era extremamente restrito, mas ele sabia interpretar as pessoas e entendeu que Silas havia decidido negociá-lo com outro comprador. Isaac ficou quase um dia inteiro trancado em uma pequena sala, quando Silas finalmente surgiu, empolgado, com seu novo plano de voltar no tempo. E desde então estavam fazendo o caminho de volta à origem de sua jornada. Isaac encorajou a ideia de Silas com a esperança de que pudesse enganá-lo e usar a cápsula para voltar para casa ou ir para algum momento em que pudesse achar respostas. Sua dúvida era se avançaria ou regrediria na linha do tempo. E teria que decidir isso antes do amanhecer.

— Quanto tempo você vai voltar? — sem ter mais nada de útil para fazer, Isaac resolveu saber mais sobre o plano do outro homem.

A pergunta pegou Silas desprevenido. Ele girou a cabeça, direcionando o olhar para a chama de uma vela, pensando.

— Ela disse que está lá há um pouco mais de um ano... — disse Silas, mais sugerindo que afirmando.

— Um ano... — refletiu Isaac. — E onde vai encontrá-la?

— Eu... — Silas realmente não sabia a resposta. — Vou procurar quando chegar lá.

Isaac sacudiu a cabeça, confirmando que havia entendido o plano, e tentando controlar o impulso de chamá-lo de idiota.

— Você já ouviu falar em efeito borboleta?

— O quê?

É obvio que não.

— Efeito borboleta — repetiu pacientemente.

— Eu acho que não...

— Qualquer coisa que fizer no passado pode ter sérias consequências.

— Como assim? — perguntou Silas, com dificuldade para compreender.

Espero não fundir seu cérebro.

— Qualquer coisa que fizer de errado: uma pessoa que conversar, um animal que matar, um carro que roubar, uma bebida que beber, pode até... matar Becca.

Silas o olhou impressionado. Desviou o olhar para a garrafa de uísque e a depositou sobre a mesa, como se houvesse se tornado um veneno.

— Quer dizer que se eu beber no passado, Becca morre?

Eu mereço...

Não houve tempo para que Isaac respondesse. Ouviram três batidas secas na porta. Os dois se olharam. Não esperavam ninguém, até onde ele sabia. O movimento da mão de Silas em direção à pistola, na cintura, confirmou o que ele imaginava. O homem fez sinal com a mão para que ele ficasse imóvel, foi até a porta e se escorou ao lado dela.

— Quem é? — perguntou Silas, sem abrir a porta de madeira que fora fechada com uma barra de aço atravessada.

— Seu filho — disse uma voz vinda da rua, firme e decidida.

Silas olhou com dúvida para Isaac, que devolveu o mesmo olhar. Estava tão confuso quanto ele. Na sua concepção, pessoas como o Silas nem deveriam ser capazes de se reproduzir.

— Eu não tenho filho — respondeu sem muita certeza.

— Não tem — confirmou a voz. — Ainda.

O quê?

— O quê? — disse Silas da porta.

— Estou desarmado, pai — disse o homem persuasivo atrás da porta. — Me deixe entrar, vamos conversar.

Silas hesitou, mas sua curiosidade venceu sua cautela. Retirou a barra que fechava a porta e abriu uma pequena fresta para avaliar o homem que dizia ser seu filho.

— Como posso acreditar em você?

— Se você não acreditar, Becca vai morrer — disse o homem pesaroso.

Este com certeza era o ponto fraco de Silas. O homem não pensou duas vezes e abriu a porta. Um homem jovem, com pouco mais de vinte anos, cabelos e olhos castanhos, vestindo uma jaqueta de couro entrou na sala e fechou a porta como se estivesse fugindo de alguém. Isaac achou que ele era muito bonito para ser filho de Silas, a não ser que a genética da mãe fosse extremamente generosa.

Silas ficou estático vendo os movimentos do homem, que depois de conferir se as portas e janelas estavam fechadas, deu um afetuoso abraço nele. Puxou uma cadeira e convidou para que o homem também se sentasse. Isaac estava curioso e Silas boquiaberto.

— Qual o seu nome? — perguntou Silas, abrindo o interrogatório.

— Dante — respondeu o homem da jaqueta de couro. — Oi Doutor! — disse em direção a Isaac, mesmo que ele não o reconhecesse.

Isaac ergueu a mão, cumprimentando-o. Imaginando uma realidade na qual o filho de Silas voltaria ao passado para salvar a prostituta que era sua mãe.

Não pode ser verdade.

— Como sabia que estávamos aqui? — perguntou Silas, pegando novamente sua garrafa de uísque para ajudar a digerir o que viria pela frente.

— Eu sei muitas coisas, pai. Você me mandou para cá — disse Dante, com certo nervosismo. — Mas não temos tempo. Há pessoas atrás de vocês.

— Espere um pouco! — disse Silas, raciocinando. — Quer dizer que você veio do futuro?

— Sim — revelou Dante. — E você precisa parar de beber. — disse, censurando Silas, antes que desse outro gole na garrafa de uísque, baixando o braço que a segurava.

Silas olhou para a garrafa, para o garoto, e a depositou em cima da mesa.

— Isso é possível? — perguntou Silas para Isaac.

Isaac balançou a cabeça confirmando. Considerava tudo um imenso absurdo, mas sim, era possível.

— Por que está aqui? — perguntou Silas, direcionando o olhar novamente para o rapaz.

— Uma pedinte — disse Dante. — Diga que receberá comida cinco casas a frente.

— O quê?

Ouviram algumas batidas na madeira. Silas caminhou até a porta, se recostou ao lado dela, como na primeira vez, e perguntou quem era.

— Estou faminta — disse uma voz feminina. — Você tem algo para me dar?

— Não — disse ele, olhando surpreso para Dante. — Cinco casas a frente você encontrará comida.

— Deus lhe abençoe — agradeceu a pedinte.

Como é possível?

— Precisamos entregar esse homem para o Negociador, ou a minha mãe irá morrer — prosseguiu Dante, apontando para Isaac, como se nada houvesse acontecido.

Silas estava surpreso, confuso ou aturdido. Sua expressão era difícil de decifrar.

— Eu já devia tê-lo entregado — refletiu Silas, sentando-se na cadeira novamente. — Se eu for até o Negociador agora ele vai me matar...

— Sim — disse Dante, levando a mão até o braço de Silas. De repente olhou para o forro. — Malditos gatos!

Silas o encarou com dúvida e ouviram um barulho de algo rolando pelo telhado do pequeno casebre, e logo o som de miados, indicando que dois gatos brigavam acima da construção. Os três acompanharam a movimentação olhando para cima e Dante se recompôs, recuperando a linha de raciocínio.

— Mas se você não for, ele vai matar minha mãe — disse Dante, com tristeza.

Isaac era cientista e isso fazia dele cético por natureza. A história estava bem contada demais para ser verdade. Ele via duas possibilidades: Dante dizia a verdade e era de fato o filho de Silas que viera do futuro ou havia conseguido as informações certas e estava contando uma história genialmente pensada. Independente de qual das alternativas fosse correta, o cientista havia simpatizado com o rapaz e preferiria estar com ele ao bêbado que acompanhava há dias.

— Mas eu vou resolver isso! — disse Silas empolgado. — Ele vai me ajudar a voltar no passado para salvar sua mãe!

— Não! — rebateu Dante, e Isaac ficou curioso para ver o que ele diria a seguir.

— Você esteve com minha mãe há poucos dias atrás. Ela está grávida! — seguiu Dante com muita seriedade. — Se você voltar ao passado, pode ser que eu não exista! Por isso voltei até esse exato momento.

— Isso é possível? — perguntou Silas à Isaac.

— Efeito borboleta, lembra?

Silas ficou dividido. Conforme Dante, ele precisaria escolher entre morrer, perder o filho ou perder a mulher que amava. Até para um bêbado isso era difícil.

Boa jogada, rapaz...

O homem apertou a cabeça com as mãos como se alguma ideia brilhante fosse sair espremida dali. Olhou para os outros dois pausadamente e deu-se por vencido.

— Não sei o que fazer — admitiu quase chorando.

— Pai... — disse Dante, agachando-se na frente dele. — Eu vim para ajudar! É o único jeito de salvarmos a mamãe! Eu levo o Doutor até o Negociador e você volta à Trincheira para cuidar dela. O que acha?

Se para Isaac já era difícil de assimilar o volume de informações, imaginou como seria para Silas. Podia ver sua cabeça explodindo e se divertiu com isso. Observou Dante olhá-lo com ternura. Ficou em dúvida sobre ele ser ou não filho do outro homem. Mas, independente da origem de Dante, o que aconteceria com ele? Seria mesmo levado para esse Negociador? Conseguiria retornar para sua casa? Sua cápsula estaria intacta? Sua mente de cientista sempre analisava o cenário e lhe fornecia diversas hipóteses sobre uma mesma situação.

— Eu não sei... — refletiu Silas em voz alta, confuso, trazendo Isaac de volta do seu mundo paralelo para a realidade.

— O Negociador não sabe quem eu sou! Podemos ganhar tempo enquanto eu negocio para que ele não faça mal para você e para a mamãe!

— Mas e se der errado? E se ele matar você?

— Então você e a mamãe fogem e eu não preciso voltar para cá novamente — respondeu Dante de forma sagaz. — Olha, pai, eu sou descartável nesse período. Certo Doutor?

Silas olhou para Isaac, que rapidamente confirmou com a cabeça.

— Ele é uma falha temporal aqui. A morte dele não afetará a continuidade do espaço-tempo — deu uma resposta técnica para não deixar dúvidas.

Silas ficou satisfeito, desamparado pela falta de conhecimento ou malícia. Segurou Dante pelos ombros e o analisou com calma. Até um cego enxergaria que os dois não tinham nada em comum.

— Você tem os olhos da sua mãe...

Isaac teve que conter uma risada para não denunciar o plano que parecia estar funcionando.

Qualquer coisa para me livrar desse imbecil.

— Ah! Bom que falou nela... — disse Dante, levando a mão no bolso e puxando uma carta. — Ela pediu para te entregar isso.

Silas pegou a carta, surpreso. Abriu ela devagar e leu o conteúdo. Levou a mão até a boca enquanto fazia e começou a chorar. Isaac não sabia o que estava escrito, mas estava admirado com a sagacidade do homem que havia surgido em seu caminho.

— Quando ela te entregou isso? — perguntou a Dante.

— Pouco antes de morrer... — disse Dante, emocionado.

— Ela morre no futuro? — perguntou Silas apavorado.

— Por que acha que eu voltei? — devolveu Dante de forma séria. — Não quero perder vocês de novo.

— Tudo bem — confirmou Silas, completamente envolvido com a história. — Faremos do seu jeito.

— Está bem — Dante se levantou, abriu levemente a porta e analisou a situação na rua. Chamou Silas com a mão. — Há dois homens na esquina, um deles está fumando. Está vendo?

— Sim.

— Temos que distraí-los para que eu possa fugir com o Doutor no meu carro, que está num beco, a dois quarteirões daqui.

— E como eu faço isso?

— Faça barulho, atire uma pedra, qualquer coisa. Só não seja pego — advertiu Dante. — E vá direto resgatar minha mãe! Não falhe com ela!

Silas assentiu. Nervoso, mas motivado. Apavorado, mas decidido. Dante havia convencido o homem. Isaac ainda estava em dúvida, mas parecia estar prestes a conhecer a versão verídica dos fatos.

— Vamos, Doutor — disse Dante, olhando para Isaac. — Temos um longo caminho a percorrer.

Despediram-se com um aperto de mãos. Dante deu um afetuoso abraço em Silas e os dois saíram furtivamente pela porta lateral. Isaac esperava uma atmosfera de fuga, mas ambos caminharam até o carro, tranquilos como uma família que passeia

no parque em um dia ensolarado. A noite estava se estabelecendo e as ruas estavam escuras. O carro de Dante era negro como a própria escuridão. Ele entrou e logo depois abriu a porta para que Isaac pudesse entrar também.

— Ele sempre fede a uísque desse jeito? — perguntou ele, com uma expressão completamente diferente.

Eu sabia...

— Você não faz ideia... — disse Isaac. — Era tudo mentira, não era?

— Sim — confessou o rapaz. — Eu vi que você sacou. Mas era isso ou matar o cara.

— Por um momento eu quase acreditei — confessou Isaac.

— Por um momento, eu também — confessou Dante e ambos riram. — Nunca conheci meu pai, mas espero que não seja assim.

Dante deu partida no carro. O ronco do motor era um som gostoso de ouvir. O veículo começou a se deslocar e foram se distanciando da casa onde estavam. Isaac reviveu mentalmente a cena, impressionado com a facilidade com que Silas fora enganado.

— Como sabia que a mulher pediria comida?

— Uma conhecida. Estava ali fora o tempo inteiro esperando a deixa.

— E quanto aos gatos?

— Estavam presos. Foram soltos no momento certo.

— A carta era real?

— Sim — confessou Dante. — Escrita com todo o coração por uma prostituta local.

Genial.

Isaac estava admirado com Dante, mas isso não o impedia de ficar inseguro sobre seu futuro.

— Eu agradeço por ter me livrado desse homem inútil, mas preciso saber onde pretende me levar agora?

— Qual o seu nome, Doutor?

— Isaac Mendes. Mas pode me chamar só de Isaac.

— Ok, Doutor Isaac. Não sei se você tem conhecimento, mas está bem famoso por aqui. Chamam-no de Senhor do Tempo.

— Senhor do Tempo?

— Sim — reforçou Dante. — Há pelo menos quatro pessoas poderosas interessadas no senhor. Se eu entregá-lo a uma delas, as outras três me matam, quebram meus membros, meu carro... Coisas do tipo.

Isaac ficou impressionado ao saber daquela informação. Não sabia que valia tanto.

— O que querem de mim? — perguntou tentando entender a situação.

— Isso só você pode me dizer, Doutor — disse Dante. — Além de viajar no tempo, o que mais pode fazer?

Isaac refletiu por um momento. Tinha um grande conhecimento na área biológica, química, física e até bélica. Não quis revelar a Dante porque não sabia das verdadeiras intenções do rapaz. Então tentou mudar de assunto, mesmo que de forma brusca.

— Já ouviu sobre a guerra, Dante?

— Talvez... — disse o outro sem tirar os olhos da estrada.

— E já ouviu falar sobre um tipo de vírus?

— Talvez... Você o criou?

— Não! — disse Isaac. — Eu vim para estudá-lo. Preciso achar uma cura para ele!

— Se acharmos um jeito de eu ficar vivo, pode estudar o que quiser, Doutor. Gosta de rock?

— Adoro rock.

— Então tenho certeza de que vamos nos dar muito bem — disse ele, satisfeito.

Dante ligou o rádio e ambos seguiram pela estrada, noite adentro, ouvindo um belo rock ‘n’ roll.

Relatório de viagem número 40: Gostei desse cara.



Ethan

Então você tem o sangue de seu pai... O que isso quer dizer?

Pensou olhando para o seu reflexo, que se fazia presente por todos os lados, na sala repleta de espelhos. A pergunta o estava torturando desde que Corvo o informara o motivo de estar ali. Ethan não conseguia entender o que isso queria dizer. Seu pai era um homem justo e correto. Passou a vida cuidando da fazenda e da família. Lembrou-se das palavras do Velho Joe, dizendo que era parecido com seu pai. E havia dito isso com ternura, com orgulho.

Será que quis me poupar da verdade ou não sabia sobre ele tanto quanto eu?

Queria conversar com Corvo novamente. Precisava esclarecer isso. Mas o homem que ordenara seu rapto não aparecia há horas. Na verdade, pareciam ser dias. O tempo demorava a passar, arrastando-se lentamente. Ethan estava agoniado e ansioso. Não conseguia dormir, e quando conseguia, tinha pesadelos sobre Olivia, Barão, a fazenda de seus pais e a figura negra lhe oferecendo um trabalho. Seria o Corvo quem ele sempre via em seus sonhos?

Há quanto tempo estou aqui?

Em todo o tempo que ele estava ali não pode ver mais a luz do sol. Dentro da sala espelhada não havia diferença de claridade. Ethan parecia estar eternamente preso no mesmo momento. De tempos em tempos um prato com uma comida horrível passava pela fresta na parte inferior da porta. Mas o intervalo entre elas variava e ele achou que estavam tentando fazer com que perdesse a noção do tempo. Não podia ver ninguém de onde estava, mas sabia que o vigiavam. Conseguia sentir isso. Porém, sempre que tentava ver através do espelho, esbarrava em seu reflexo, agora não tão digno de pena.

Acho que você devia ter ficado na sua fazenda, chorando por sua mulher queimada mesmo.

Desde a morte de Olivia, havia se olhado poucas vezes no espelho. Por vergonha, por sentir-se incompetente, por ter pena de si mesmo, não sabia bem ao certo. Mas naquela sala, enquanto estivesse com os olhos abertos, era forçado a encarar sua imagem, mesmo que não gostasse. Como se o Corvo quisesse que ele descobrisse algo olhando para o próprio reflexo. Não sabia dizer se estava funcionando, mas notou diferença desde que chegou ali. Antes estava magro, com barba grande, cabelo desgrenhado, roupa suja e o olhar de um homem que havia perdido toda a esperança. Mas agora estava alimentado, com a barba feita, cabelo

cortado, roupas novas e via no espelho o olhar de um homem que queria mais do que sentir pena de si mesmo. Queria respostas.

Não vou me tornar o que ele quer. Ele matou Olivia!

Repetia isso com frequência na sua mente. Tinha medo de que o tempo o modificasse. Medo de se tornar um assassino pelo simples fato de ser um. Tentava reviver as lembranças dos momentos em que apagou e coisas estranhas aconteceram. Ele não queria acreditar que era capaz de matar e roubar, mas os fatos faziam-no perder a confiança em si. E se fosse um assassino? E se tivesse matado Olivia? E se houvesse mesmo roubado as armas?

E ele ainda quer mais de mim?

Ethan não havia considerado a ideia de tirar a própria vida, mas se fosse para evitar que fizesse mal a outras pessoas, não seria assim tão ruim. Quando se deu conta estava sentado no piso frio, com os joelhos encolhidos. Suas costas estavam encostadas no vidro e ele escorou a nuca e fechou os olhos.

Queria que Olivia estivesse aqui...

Ainda pensava na sua amada. Mas agora a tristeza vinha manifestada com muito mais dor e menos lágrimas. Queria poder voltar no tempo e ter fugido com ela. Teriam ido a qualquer lugar. Teria mudado o desfecho daquela noite em que tudo havia começado. Mas isso não era possível, e mesmo que fosse, ele teria medo de voltar e perdê-la novamente. Duas vezes era mais do que poderia aguentar.

Um prato de comida deslizou pela portinhola metálica. Ele ergueu a cabeça instintivamente na direção do som e viu um prato com pouca comida, igual aos outros que passaram por ali.

Parece que estou aqui há semanas.

— Ei! — gritou em direção à porta. — Eu quero falar com o Corvo!

Novamente não obteve resposta. Já havia solicitado outras vezes, mas fora ignorado em todas elas. Estava angustiado e já começava a ficar impaciente. Levantou-se e caminhou até a porta, fechou a mão direita e bateu com a parte de baixo contra ela. As batidas no metal ecoaram pela sala durante um tempo.

— Tem alguém aí? — insistiu. — Eu quero falar com o Corvo! Onde ele está?

Silêncio. Era como se ele houvesse sido abandonado ali. Até consideraria isso se os pratos de comida não surgissem de tempos em tempos. Olhou para os pés e se deparou com o último que havia chegado. Abaixou-se para pegar e foi em direção à cadeira, para fazer a refeição. Passar fome não ajudava nada, como ele mesmo já havia constatado.

Andou alguns passos e as luzes piscaram uma vez. Ethan parou no meio do trajeto e girou a cabeça para procurar alguma coisa diferente. Mal teve tempo de verificar toda a sala e a iluminação se desligou completamente. Ficou no breu total. Não conseguia enxergar a um palmo de distância, mesmo após suas pupilas se

ajustarem à escuridão. Olhou na direção da porta esperando que houvesse alguma claridade denunciando uma situação diferente lá fora, mas a escuridão se estendia além da sala espelhada onde estava.

— Saia de perto da porta! — disse uma voz.

Ethan olhou com atenção na direção do som.

Quem pode ser?

— Eu já estou longe! — gritou de volta.

Ouviu alguns sons próximos à porta. Depois de poucos segundos, uma pequena explosão lançou-a para dentro. Assustado, Ethan se atirou no chão. O prato de comida foi lançado para a escuridão. Feixes de luz invadiram a sala, em busca dele. Quando viraram em sua direção, a claridade o cegou e ele levou a mão à frente do rosto para tentar enxergar. Eram quatro focos de luz que chegavam da porta até ele. Um deles virou em direção ao chão e o homem que empunhava a arma andou na direção de Ethan, agachando-se perto dele.

— Você é Ethan?

Eu já passei por isso...

— Quem são vocês? — perguntou desta vez, ao invés de se revelar.

— A ajuda que você não esperava — disse o homem, com o rosto escondido no escuro. Estendeu a mão coberta com uma luva para Ethan. — Venha. Vamos te tirar daqui.

— Por que devo confiar em vocês? — perguntou ele, indeciso e aturdido. Um dos olhos estava fechado, e o outro apertado, por causa das luzes que vinham em sua direção.

O homem, vendo a dificuldade dele, fez sinal com a mão para que os outros baixassem as armas com as luzes.

— Você quer ficar aqui? — perguntou o estranho, com muita seriedade. — Podemos ir embora.

— O que querem de mim?

— Que não se torne o que o Corvo quer.

Ethan gostou da resposta, mas ainda estava desconfiado. Segurou a mão do homem e ficou de pé.

— Eu tenho que matá-lo! — disse Ethan, de forma contundente.

— Não temos problemas com isso — falou o homem sem hesitar. — mas não mudaremos nossa rota para achá-lo.

O homem levou a mão às costas e puxou uma pistola, estendendo-a na direção de Ethan. Ele olhou para a arma, com dificuldade por causa da escuridão, e segurou-a por um momento, sentindo o metal frio nas mãos. Apreciou o gesto de confiança dos homens, mas esticou o braço, devolvendo a arma ao homem novamente.

— Agradeço, mas não vou atirar em ninguém.

Isso faria de mim justamente o que o Corvo quer.

— A decisão é sua — respondeu o homem, de forma prática. — Fique abaixado atrás de nós e não nos perca de vista.

Ethan concordou com a cabeça. Tinha dificuldades para enxergar qualquer coisa e se orientou pelos feixes de luz. Logo atravessaram o vão da porta. O homem que falou com ele foi à frente, seguido dos outros dois. O último aguardou que Ethan o acompanhasse, e logo os cinco haviam saído da sala espelhada para um corredor que levava ao grande saguão. Caminhavam furtivamente com passos apressados.

Quem são essas pessoas?

O homem que liderava parou antes de acessar o saguão e, com um sinal, fez com que os outros também parassem.

— Iniciar! — disse, inclinando a cabeça em direção ao ombro.

Ethan ouviu duas explosões fortes. Após a segunda, eles avançaram em direção ao espaço aberto e os tiros começaram por todos os lados, parecendo um campo de guerra. Os homens que ele seguia já saíram atirando de onde estavam. Ele não conseguia enxergar nada naquela escuridão. Os clarões emitidos pelos disparos das armas eram tudo o que podia ser visto. Mas seus quatro protetores avançavam entre um disparo e outro, precisos e decididos.

— Por aqui! — disse um deles, indicando uma mureta de proteção.

Todos avançavam com pressa, quando um tiro atingiu o terceiro do grupo, jogando-o para trás. Ethan olhou com pavor para o escuro, na direção em que o soldado havia sido lançado. Impulsivamente posicionou-se para ir atrás dele, mas uma mão o puxou.

— Venha. Ele morreu! Temos que ir! — disse o homem que o esperou na sala de vidro.

Ethan se deixou ser puxado sem tirar os olhos do vulto inerte no chão. Mais uma morte causada por ele. Os quatro chegaram à mureta de proteção e se agacharam. Ethan foi puxado para que fizesse o mesmo.

— Ele morreu? — perguntou Ethan.

— Sim. Morreu! — disse o líder do pequeno grupo. — Temos que nos apressar se não quisermos morrer também!

— Temos que chegar naquele canto! — disse o segundo, apontando em direção ao escuro.

Qual canto?

Ethan estava completamente perdido. Não conseguia ver ninguém e sentia-se cego num campo de batalha. Os disparos vinham de todos os lados, parecendo haver dezenas de homens de cada lado, trocando tiros gratuitamente. Ergueu-se um

pouco para tentar enxergar além da mureta e um dos homens o puxou de volta, fazendo-o escapar de um tiro que passou rasante sobre eles.

— Você quer morrer!? — perguntou o homem furioso.

— Vamos avançar por ali — disse o líder do grupo. — Vai! Vai! Vai! Vai!

Ethan foi puxado pela camisa e seguiu caminhando abaixado. Conseguiu ver alguns dos inimigos caindo, sendo abatidos pelos potentes rifles dos seus salvadores. Um deles levou um tiro na perna e caiu no chão instantaneamente. O líder falou com ele e o arrastou, pegando pelo colarinho da camisa, até uma parede.

— Você está bem!? — gritou o líder para o homem.

— Não posso caminhar! Vão vocês!

O líder fez um aceno e se direcionou para Ethan e o homem que o protegia.

— Vamos! Temos que continuar!

Ethan quis protestar, mas não teve tempo. Foi arrastado naquela fuga frenética. Conseguiu identificar vozes vindas da escuridão, do lugar de onde vieram. O homem que havia ficado para trás começou a atirar em direção a elas, mas logo foi alvejado até a morte.

Outra morte...

Quantos inimigos ainda restam aqui?

Será que os quatro homens vieram sozinhos para me salvar?

Se houvesse iluminação, talvez ele conseguisse saber a dimensão da situação. Cruzaram uma esquina e o quarto homem do grupo inicial ficou para quebrar o ímpeto dos soldados que vinham em seu encalço, fazendo um movimento com as mãos para que ele e o líder avançassem. Ele não sabia quem aqueles homens eram, mas estavam totalmente comprometidos com o objetivo de salvá-lo, dispostos até a sacrificarem suas vidas.

— Vamos! Vamos! — disse o líder, puxando-o. — Estamos quase! Estamos quase!

Os dois seguiram em frente. O feixe de luz da arma esbarrava em uma parede, a cinquenta passos de onde eles estavam. Ethan não conseguiu evitar olhar para trás quando ouviu a explosão causada pela granada do quarto homem. Sentiu uma tristeza, mesmo sem conhecê-los, mas o fim de suas vidas não seria em vão. Correram até a parede. As balas passavam zunindo para se enterrar no concreto ou ricochetear no metal existente nas paredes. Ethan se esgueirava agachado, acompanhando os movimentos do outro homem. Estava com medo, achou que ia morrer.

Chegando à parede, ele foi conduzido em direção a outro corredor à esquerda. Mal saíram da linha de tiro e ele ouviu o concreto atrás de si ser fragmentado pelos projéteis. Seus antigos raptos pareciam estar dispostos a pará-los a qualquer

custo. Ethan só queria sair daquele lugar. No final do corredor havia uma porta, precariamente iluminada pela arma do homem que o protegia.

— O carro está atrás dessa porta! — disse ele, jogando o corpo para empurrá-la, mas a porta não se moveu. — Droga! Está fechada!

Ethan ficou apavorado, mas não sabia o que fazer. O homem puxou um objeto do bolso, colocou-o na porta e se afastou, puxando Ethan consigo. No lado oposto do corredor, uma movimentação se aproximando da esquina de onde vieram pôde ser ouvida. Esconderam-se atrás de uma caixa grande. O explosivo que estava colado na porta fez o seu trabalho, lançando-a para fora. Lá estava tão escuro quanto dentro do saguão. A explosão assustou seus perseguidores, que buscaram cobertura na parede da esquina.

Correram até a saída e Ethan viu um carro aguardando na rua. O líder dos homens se encostou à parede ao lado da porta, buscando proteção. Olhou para ele e apontou para o carro, distante uns duzentos passos.

— Vá até o carro! — ordenou. — Oka te espera!

— Mas e você? — perguntou Ethan, não achando justo que ele ficasse para trás. — Você não pode ficar aqui!

O som dos passos apressados dos homens em seu encalço estava aumentando. Gritavam tentando reunir mais homens.

— Não viemos por minha causa — disse o homem de forma dura e direta. — Faça valer a pena, garoto. Vai! Vai! Vai!

Ele empurrou Ethan, que saiu correndo em direção ao carro. Durante sua fuga, ele acompanhou os movimentos do corajoso homem que atirou em direção ao corredor, gritando em frenesi, e avançou contra os agressores, desaparecendo no interior do grande prédio. Alguns segundos depois ele ouviu mais uma explosão e uma língua de fogo e calor saiu pelo buraco da porta do prédio, no momento em que ele alcançou a porta do carro. Ethan puxou a maçaneta, abriu a porta e se deparou com um homem nervoso ao volante, encarando-o de volta.

— Oka?

— Sim. Entre! — disse ele apressado. — Onde estão os outros?

Ethan balançou a cabeça negativamente, entrou, sentou no banco e fechou a porta. Oka acelerou o carro, que era semelhante ao que o trouxera até ali, como se todos os carros tivessem sofrido adaptações para rodar no deserto. Ethan girou a cabeça e olhou para o grande prédio onde estava preso ainda há alguns minutos. Do buraco da porta, uma figura saiu e ficou observando sua fuga, assim como a moça das facas havia feito no deserto. Ethan pensou que poderia ser o Corvo, mas se fosse, ele saberia.

Eu vou te achar. E vou te matar.

Oka o levou por uma estrada que ele nunca havia visto antes. Mesmo que em sua vida na fazenda qualquer estrada diferente da que levava à cidade fosse novidade, havia conhecido alguns lugares no seu breve período com Dante, e aquela estrada era diferente de tudo o que conhecera até então. Começara no deserto, acompanhando um conjunto de montanhas à direita. Ethan conseguia enxergá-las devido ao contraste do céu estrelado. O sol não demorou a aparecer com os seus raios iluminando o pico das grandes montanhas.

Quando ele olhou para o lado oposto, viu que estavam costeando um rio. Do outro lado era possível ver uma grande extensão de terra com mais montanhas. Quase uma imagem espelhada de onde estavam. A diferença do lado oposto era uma grande floresta com seus tons de verde entrando em contraste com as montanhas de cores pálidas, à esquerda. Oka conduziu o carro até uma grande ponte, feita antes da Grande Guerra, com seus pilares robustos e cabos de aço de fixação subindo e descendo na diagonal, terminando em grandes olhais metálicos.

Onde ele está me levando?

— Onde estamos? — perguntou curioso.

— Perto! — foi tudo o que Oka respondeu.

Cruzaram a ponte, serpenteando pelos carros abandonados que jaziam ali. Visivelmente uma passagem havia sido liberada entre os veículos, que variavam de cor, modelo e estado de conservação. Chegando ao outro lado, Oka pegou a estrada à direita, em direção à floresta. Alguns metros rodados e saíram do asfalto, indo em direção à floresta, à esquerda. Ethan achou estranho, por que não havia uma entrada naquela direção. Eles ficariam trancados no meio de algumas árvores.

Oka pareceu ignorar a grande sequoia com a qual o carro fatalmente colidiria e acelerou confiante. O veículo foi chegando cada vez mais próximo. Ethan sentiu um frio na barriga, colocou o cinto e se encolheu no banco, fechando parcialmente os olhos. Passaram por dentro do grosso caule da árvore como se ela fosse apenas uma miragem, seguindo por uma trilha marcada pelos pneus de outros veículos que passavam por ali. Ethan se recuperou do susto e observou, maravilhado, a fauna e flora local, com outras grandes sequoias e pinheiros, povoados de esquilos e macacos saltando de galho e galho.

Onde estou?

A trilha avançou pela floresta por mais de uma hora. Primeiramente, a trilha era bem marcada, mas Oka pegou um caminho pelo qual andavam praticamente por cima da grama. Ethan entendeu que não havia muita circulação de pessoas naquele local. A floresta ficava mais densa na medida em que entravam. Os raios de sol já quase não chegavam até o solo, sendo barrados nas copas das árvores. O caminho foi se estreitando até que não era mais possível avançar. Oka parou o carro e

desceu. Ethan o acompanhou. No banco de trás, ele pegou uma mochila, colocou nas costas, fechou o carro e avançou em direção ao coração da floresta, ao norte.

— Daqui teremos que caminhar — disse para Ethan.

— Para onde estamos indo? — perguntou Ethan.

— Lar — respondeu Oka.

Oka era um homem de poucas palavras. Era jovem, tinha o rosto fino, olhos puxados e boca pequena, cabelos curtos e lisos. Ethan não sabia se ele realmente não gostava de falar muito ou se fora orientado a agir assim. Algo lhe dizia que podia confiar nele, e não era apenas o fato de que ele estava junto com os quatro homens que deram suas vidas para salvá-lo, Oka inspirava confiança atrás do rosto duro e sério.

Avançaram pela floresta, contornando as árvores. A trilha começou a se inclinar e Ethan sentiu suas pernas doendo, mas não reclamou. Oka seguia sério, como se o terreno nem sequer o incomodasse. Após uma exaustiva subida, eles se depararam com uma grande fenda que descia até o ventre da rocha. Ethan conseguia ver o outro lado, mas não o fundo do buraco. Uma queda ali seria fatal.

— Tome cuidado para não cair — disse Oka, observando sua hesitação diante do penhasco.

Ethan aquiesceu e seguiram a trilha que contornava aquela fenda. Imediatamente ele imaginou que teriam que atravessar para o outro lado, mas o modo ainda era um mistério. O caminho era apertado e frequentemente ele era obrigado a olhar para o penhasco. Movia-se apoiando a mão esquerda no caule grosso das árvores. Quem não sabia daquele caminho dificilmente se arriscaria.

— Quem eram aqueles homens que morreram tentando me salvar? — perguntou para Oka, curioso. Passara algum tempo sozinho com sua mente. Precisava conversar com alguém.

— Família — respondeu Oka.

Desisto!

Para ele, que reclamava da tagarelice de Dante, Oka quase o fez sentir saudade do rapaz. Então Ethan pensou que nunca tivera amigos de verdade, sua vida era muito restrita aos afazeres da fazenda e à Olivia. Não que pudesse chamar Dante de amigo, mas gostou do fato de ele ter entregado Mason em vez dele.

Quem sabe poderíamos até ser amigos, no final das contas?

Após passarem por algumas folhagens mais densas, Oka parou. Ethan conseguiu alcançá-lo e viu algo de tirar o fôlego. Uma ponte estreita se lançava até o outro lado da fenda. Seu assoalho era de madeiras estreitas e bem cuidadas, sustentadas por cabos de aço, firme e estável. Oka começou a atravessá-la e Ethan ia atrás dele, admirado a cada passo. Apesar de sentir-se seguro, era possível sentir também um

mal estar causado pela ciência de estar suspenso sobre um buraco que parecia não ter fundo.

— Não tenha medo — tranquilizou Oka, vendo sua hesitação.

— Para você é fácil, deve estar acostumado — respondeu Ethan, segurando-se nas cordas grossas esticadas nas laterais para apoio.

Oka virou-se e seguiu o caminho, sem responder. Ethan revirou os olhos, frustrado, e seguiu com ele. Caminhou com receio por toda a extensão da ponte. No final dela encontraram solo firme novamente e Ethan sentiu-se aliviado. Na sua frente havia uma trilha que avançava entre as árvores, passando por baixo de um grande pórtico. Era vermelho, tinha dois pilares redondos de sustentação que seguravam outros dois colocados na horizontal. O de baixo era reto, enquanto o de cima fazia uma curva suave nas duas pontas, como pequenos chifres na cabeça de uma vaca. — Lar — disse Oka satisfeito.

Ethan ficou impressionado com a imponência do pórtico. Jamais vira algo parecido sequer. Era como se aquela imagem fosse retirada de um livro. Oka aguardou que ele contemplasse a construção e estendeu a mão, indicando que avançasse. Do pórtico, a trilha seguia entre uma série de pinheiros alinhados até um casebre pequeno, com telhado anguloso. Ele estava cada vez mais ansioso para saber o que havia lá, mas ao mesmo tempo sentia uma tranquilidade que nunca provara em sua vida. Fechou os olhos por um instante, sentindo a brisa que deslizava suave entre as árvores. Foi inevitável abrir um sorriso com aquela sensação pacífica. Quando abriu os olhos, Oka o observava com olhar desconfiado, como se ele estivesse louco.

— O que foi?

— Chegamos — disse Oka, retomando sua expressão normal e caminhando em direção à construção à frente.

Ethan seguiu o caminho e observou o que o esperava. Uma pequena casa de madeira, com um pequeno lance de degraus. Pilares quadrados pareciam sustentar o telhado anguloso feito com telhas de barro. Havia alguns ornamentos e desenhos no telhado e paredes da casa, símbolos feitos com linhas retas e precisas. No topo da escada, um senhor o aguardava. Tinha as vestes bem alinhadas, cabelos nas têmporas e no topo da cabeça e um rosto gentil. Era velho, mas não fora castigado pelo tempo.

Oka se aproximou dele e fez uma reverência juntando as mãos na frente do peito, inclinando levemente o corpo para frente em sinal de respeito. O senhor retribuiu o gesto, inclinando também seu corpo para frente. Após isso, dirigiu seu olhar para Ethan, que tentou imitar o movimento de Oka, mas falhou miseravelmente. Inclinou o corpo para frente e foi recompensado pela compreensão do gentil senhor, que fez o mesmo movimento que fizera a Oka.

— Mestre Osho — disse Oka — trouxe o homem que me foi entregue — estendeu a mão em direção a Ethan.

— Ethan — disse o Senhor Osho de forma paciente. — Seja bem-vindo.

— Obrigado — respondeu ele, sem muita certeza. — Onde estamos?

— Na Floresta Proibida — disse Osho.

— Por que Floresta Proibida?

— Porque é proibida! — disse Oka.

— E porque me trouxeram para cá? — perguntou ele, tentando elucidar algumas de suas dúvidas. — O que querem de mim?

Oka pareceu não gostar do tom que ele havia usado.

— Não fale assim... — começou a protestar, mas foi interrompido com um movimento de mão do Mestre Osho.

— Vamos ajudá-lo a encontrar o seu caminho — disse ele com muita paciência, com sua voz tranquila como a corrente de um rio. — A seguir o seu destino.

Seguir o meu destino? Não posso fugir do meu destino...

Essas palavras eram como um gatilho que traziam todas as lembranças da noite em que perdeu Olivia. Sentiu-se mal de repente e sua confiança naquelas pessoas caiu consideravelmente.

— O Corvo também queria que eu seguisse meu destino — falou exaltado, quase como uma acusação.

Oka ficou bravo, mas Mestre Osho nem sequer mudou a expressão de serenidade.

— Mas não do jeito certo, Ethan — respondeu Mestre Osho. — Do contrário, você não estaria tão perturbado.

Ethan ponderou as palavras, recuperando a calma. Sacudiu a cabeça, indicando que havia assimilado a informação.

— Vamos ajudá-lo, mas você é quem escolhe seu caminho — disse Mestre Osho, de forma pacífica, surpreendendo o rapaz.

Era uma das primeiras pessoas que lhe oferecia a oportunidade de escolher seu próprio caminho, que lhe perguntava o que queria de verdade. Num primeiro momento, isso o deixou satisfeito, mas logo ficou inquieto e incomodado.

E se eu escolher o caminho errado?

Ele estava tendo muitas dúvidas sobre si nos últimos dias. Ainda mais com todos os acontecimentos.

Será que o Corvo também teve escolha?

— Mas... e quanto ao Corvo? O que você tem a ver com ele? — Perguntou para Osho, tentando descobrir mais sobre o assassino de sua mulher, o homem do qual ele queria se vingar.

— Infelizmente tenho tudo a ver com ele — confidenciou Osho, com uma expressão triste. — Eu o treinei.



Mordecai

— O que você acha que eu deveria ter feito? — perguntou à Diana, que o observava pousada na mureta do terraço.

“Uh-Uh”, respondeu a coruja.

Mordecai olhou com ternura para a grande coruja branca, mesmo que sua resposta não lhe trouxesse conforto. Estava se sentindo culpado. Muito culpado. Foi rigorosamente orientado para que não deixasse nenhuma pessoa ficar entre ele e sua missão. Assistiu Molenga morrer de forma brutal sem intervir, mesmo que isso fosse contra os seus princípios, pois afinal sua missão era mais importante que qualquer outra coisa.

Um dia você fará a diferença na vida das pessoas.

Mas ele sabia que tinha algo errado com ele. Há alguns dias atrás acordara sentindo-se esquisito. Havia um infectado morto no banheiro, mesmo com a porta fechada e trancada. Ele não se lembrava de nada do que havia feito. Apenas se sentia cansado. No início da manhã acordara no terraço, com as suas espadas banhadas em sangue. Os infectados da barricada haviam sido dizimados e seis soldados foram mortos.

Cortados como manteiga.

Ele não se lembrava do que havia acontecido. Tudo o que sabia era que não havia trocado o turno de vigia com Cisco, e quando foi procurá-lo pela manhã, ele estava escondido atrás de um sofá. Mordecai disfarçou esperando que ele não o questionasse. Quando foi acusado pelos outros soldados, porém, ficou sem opção, a não ser abandonar o pequeno grupo. Sua intuição lhe dizia que não era seguro seguir com eles.

Despediu-se de Cisco com dificuldade, pois apesar de terem passado pouco tempo juntos, gostava do soldado. Caminhou rumo aos prédios mais próximos, se escondeu, e aguardou até que eles seguissem com sua missão, para poder observá-los. Assistiu eles entrarem em um grande prédio, para minutos depois, seu maior rival dentro da Cidade Fantasma, seu maior obstáculo em sua missão, aparecer. Aquele que havia colocado sua vida em perigo, mais de uma vez. A quem Cisco carinhosamente batizara de *Wendigo*.

Foi o tempo de a criatura entrar pela porta do estabelecimento para se iniciar um grande alvoroço. Ele ouviu gritos desesperados, tiros, coisas sendo jogadas, parecia o próprio inferno. Pensou na incrível sorte que teve em se afastar do grupo, mas ao

mesmo tempo ficou apreensivo porque Cisco estava lá. Acompanhou ansioso para saber o que aconteceria. A criatura havia fugido dele quando ficaram frente a frente, e novamente quando encarou o mecânico da Forja, amigo de Cisco.

Porque atacaria um grupo de soldados armados?

A luta não levou muito tempo e logo Wendigo saiu de dentro do prédio, caminhando como se nada houvesse acontecido. Logo atrás dele, andando com sua escopeta na mão, ele avistou Cisco. O silêncio tomou conta da Cidade Fantasma, trazendo de volta a normalidade. Ele acompanhou os dois, escondendo-se entre os prédios a uma distância segura. Por um breve momento desconfiou que Cisco pudesse estar junto de Wendigo, mas, pelos seus passos hesitantes, percebeu que ele fora obrigado a acompanhá-lo.

Porque Wendigo o manteve vivo?

Aguardou tempo suficiente para se certificar de que não era uma emboscada e entrou no prédio cautelosamente para ver o que havia acontecido. Na entrada já identificou três corpos caídos. Olhou em volta procurando sobreviventes, mas não havia ninguém vivo, parecia até um cemitério. Mordecai se abaixou próximo aos primeiros corpos e os analisou. Estavam dilacerados pelas garras do Wendigo. Observou um a um dos vários que estavam ali. Alguns morreram com armas em punho e ele pensou que talvez elas não fossem tão efetivas, pois a criatura havia saído dali completamente incólume.

Identificou entre os corpos os homens que haviam abordado ele e Cisco. George jazia com os olhos apavorados e a boca aberta. Não teve nem tempo de mudar a expressão quando sofreu o golpe fatal. Pela história que contaram, nem eram soldados, mas sim homens simples que ficaram devendo dinheiro. “*Um trabalho seria o suficiente*”, dissera um deles.

Pobres homens. Foram enviados para a morte.

Pegou um rifle e uma pistola, e o máximo de munição que conseguiu. Achou um pouco de alimento empilhado em um canto. Colocou o que pôde na mochila sem que ficasse pesado demais e seguiu a trilha de Wendigo e Cisco. Avistou-os ao longe. Seu amigo andava com a cabeça baixa ao lado de Wendigo, que caminhava confiante, como um carrasco acompanhando alguém que estava indo para cumprir sua sentença. Mordecai os acompanhou de longe até que entraram em um portão da grande barricada que havia sido montada. A mesma onde estava a concentração de infectados que viram do prédio, mais ao sul da cidade.

Os mesmos soldados que acompanhavam o caminhão estavam no portão e permitiram a entrada dos dois, mas não sem antes revistar Cisco e confiscar sua escopeta. Mordecai entendeu que seu amigo estava em apuros. Procurou um lugar para passar a noite e pensar no que fazer. Fez o ritual que lhe fora ensinado, redobrando os cuidados, pois estava ao lado do inimigo. A noite estava chegando e

ele se dirigiu ao terraço para que Diana pudesse localizá-lo. A sua amiga branca e cheia de penas chegou com o pôr do sol trazendo-lhe uma ratazana para o jantar. Mordecai se apressou para fazer a refeição, temendo que a claridade das chamas denunciasses sua posição à noite. Dividiu o assado com a coruja e agora refletia sobre o que faria.

— Se eu tentasse convencê-lo, acha que ele desistiria? — perguntou à coruja, depois de repassar toda a história em sua memória.

Diana o encarou por um breve momento e voltou sua atenção para as penas da sua asa esquerda. Ela era linda, com suas penas dispostas de forma simétrica com pontos escuros distribuídos de forma regular na ponta das asas. Seu bico curvo era pequeno, mas combinava com seus olhos atentos e seu rosto astuto. Fazia movimentos rápidos com a cabeça. Mordecai gostava muito dela.

— Também acho que não. Assim como nós, ele também estava focado na sua missão... — refletiu ele, sentado no terraço, com as mãos em volta dos joelhos.

“Uh-uh”, respondeu-lhe ela, como se confirmando sua suposição. Diana rapidamente girou a cabeça para trás, o que sempre era estranho para Mordecai, que não conseguia passar o queixo além da linha dos ombros. Ela ficou observando algo, com seus sentidos aguçados. Rapidamente ele se levantou para ver o que chamava a atenção da coruja. Distante na rua, de dentro da barricada, um carro vinha na direção de onde eles estavam. Atrás dele, centenas de infectados seguiam em uma marcha, como na noite em que encheram os contêineres dos caminhões.

Mordecai ficou apreensivo. Confirmou que a fogueira não emitia mais claridade e se escondeu na mureta. Analisou todos os lados procurando por mais caminhões, mas não achou nada. Ficou preocupado, pois a marcha seguia em sua direção, com o carro na frente. Ouvia os gritos de Wendigo, mas não o avistava.

Será que estão vindo por minha causa? Como lutarei com tantos?

— Diana, vá se proteger — disse ele, estendendo a mão para que ela subisse. A coruja envolveu seu punho com as garras, para que ele a lançasse num voo, do outro lado do terraço, depois de dar seu pio característico.

A coruja branca se destacava na escuridão que começava a cair na Cidade Fantasma e Mordecai só queria que esta não fosse a última vez que veria sua amiga. Retomou seus pensamentos se perguntando como enfrentaria tantos infectados. Eram centenas deles. Lembrou-se do sonho que teve, do qual ele se atirou do prédio para que não se tornasse um infectado, e estremeceu. Ultimamente seus sonhos confusos tinham se provado serem quase premonições. Foi assim que chegara até Cisco.

Farei de tudo para que não chegue a esse ponto.

O veículo estava a duas quadras de distância e Mordecai conseguiu entender que os gritos de Wendigo vinham dele. Isso o deixou confuso, pois ou a criatura estava

dentro do veículo ou ele reproduzia seu som característico. Considerando os últimos acontecimentos, nada seria surpresa para ele.

Uma quadra de distância. Mordecai deixou a mochila em um canto. Puxou as espadas da bainha, cruzou-as em frente ao peito e fechou os olhos, buscando concentração. O segredo do seu sucesso até então era o domínio da própria mente, como lhe havia sido ensinado.

A mente imperturbável é o segredo da guerra.

Então o mundo desacelerou. A marcha dos infectados tornou-se mais lenta. Ele ouvia a brisa da noite, o som do bater de asas de Diana, o motor do carro e os gritos de Wendigo. Era capaz de distinguir cada um dos sons, com muita clareza. Sentiu seu coração sereno e tranquilo. Sua respiração, leve e confiante. Abriu os olhos, pronto para o que viria. Foi até a beirada do terraço e acompanhou o carro, que já estava em frente ao prédio, lá em baixo. No início, a altura lhe dava vertigem, mas havia se acostumado com ela.

Vamos lá. Vamos ver do que são feitos.

Ao contrário do que esperava, o veículo não parou. Tampouco os infectados invadiram o prédio. Passaram direto por ele, como se simplesmente não soubessem que ele estava ali. Mordecai acompanhou a movimentação do contingente, que se dirigia para o local de onde ele e Cisco vieram, a sudoeste da Cidade Fantasma. Não conseguia mensurar o número de infectados, mas eram o suficiente para devastar uma comunidade inteira se atacassem com aquele ímpeto em que o perseguiram.

Guardou as espadas. Acompanhou a multidão conduzida pelo veículo até que os perdeu de vista. O som da marcha foi diminuindo e o som do vento retomou seu espaço na noite estrelada. Mordecai esperou alguma novidade. Nada aconteceu. Na barricada, os soldados faziam sua ronda. Era possível enxergá-los pelas luzes que atravessavam por cima do grande muro, iluminando o caminho de qualquer um que tentasse atacá-lo. Ele temia por Cisco, mas não queria invadir sem saber mais sobre os seus inimigos. Além do mais, se quisessem matar Cisco, já teriam feito.

Então ele desceu até um dos andares superiores, no quarto que já havia preparado para descansar um pouco. Trancou a porta com os móveis que encontrou. Deixou a mochila próxima da cama, assim como as espadas, que ficavam sempre ao alcance das mãos. Colocou a pistola sobre a pequena cômoda ao lado da cama. Poderia não funcionar contra o Wendigo, mas funcionaria contra infectados ou mesmo outras pessoas que cruzassem seu caminho. Tomou um banho, tremendo sob a água fria. Deitou-se na cama, usando suas vestes, em caso de uma fuga inesperada. Seu corpo agradeceu o descanso, ele fechou os olhos e logo adormeceu.

Mordecai se viu numa clareira. Havia poucas árvores por perto. Ele caminhou um pouco, procurando por alguém. Não muito distante, ele viu algumas casas com luzes acesas, mais à frente. Havia uma musica tocando e também pessoas conversando. Foi na direção do som. Conforme chegava perto, os sons aumentavam. Passou por duas casas e chegou ao que pensava ser um festival. Havia tendas feitas com uma lona branca sobre armações de madeira. Começou a enxergar pessoas por toda a parte. Todos estavam felizes, rindo, dançando e se divertindo. Alguns músicos eram responsáveis pelo som alegre que embalava as pessoas em um grande tablado de madeira, no centro. Lâmpadas coloridas iluminavam o ambiente, suspensas em varais que atravessavam de uma árvore até outra, cruzando pelas tendas. Mordecai observou admirado. Ninguém notou sua presença. Todos usavam roupas limpas e bem alinhadas e não pareciam preocupados em precisar fugir ou se esconder de nada.

Onde será que estou?

Dirigiu-se até à mesa de comida, pois estava com muita fome. Um grande porco assado decorava o centro da mesa, estava cheiroso e parecia muito suculento. Ele olhou para os lados esperando que as pessoas próximas o repreendessem, mas simplesmente não se importaram com sua presença. Levou a mão até uma faca, para cortar um pedaço do pernil corado do porco. Quanto ergueu a mão, a faca ficou no mesmo lugar.

O que está acontecendo?

Tentou pegar a faca novamente. Nada. Viu outros talheres na mesa e tentou em cada um deles. Simplesmente não conseguia pegar, como se sua mão fosse feita de fumaça. Pensou então em cortá-lo com sua espada, mas quando levou a mão em direção às costas, segurou o vazio. Torceu sua cabeça em direção ao ombro e se viu sem as suas armas. O restante das pessoas seguia como se simplesmente ele não estivesse ali.

Será que sou mesmo um fantasma?

A música mudou para um ritmo mais melancólico e lento. Os homens estendiam suas mãos às mulheres, e em duplas, se dirigiam ao grande tablado de madeira para dançar com as mãos dadas e os corpos próximos. Frustrado por não poder comer, Mordecai vagou pelo meio do tablado, observando os olhares apaixonados dos casais, saboreando a felicidade alheia como se fosse sua.

Será que a Cidade Fantasma pode ser assim um dia?

Este pensamento o deixou extremamente feliz. Era tudo o que ele queria. Seria o fruto do trabalho árduo que ele e seu Mestre começaram nas ruínas da Cidade Fantasma, há tanto tempo. Quando notou, estava sorrindo e lágrimas corriam de seus olhos. Lágrimas de felicidade. Sentiu uma alegria no coração que há tempos

não provava. Estava sendo contagiado pelo sentimento bom que pairava naquele lugar.

Um ronco grave de motor se fez presente, subjugando os instrumentos dos músicos. Todas as pessoas pararam e olharam na direção da origem do som. Lentamente foi surgindo um caminhão grande. Puxava um contêiner metálico igualmente grande, conhecido para Mordecai. Ele ficou apavorado. As pessoas se aproximavam do caminhão, curiosas com o que poderia haver dentro. Ele começou a gritar para que fugissem e se escondessem, mas sua voz não ultrapassava seus lábios, como se fosse mudo. Compreendeu que era um mero espectador.

Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

As portas do contêiner se abriram. Dentro só se enxergava escuridão. Uma tensão deu lugar ao que antes era só felicidade. As pessoas se olharam, e olharam de volta para o contêiner escuro. Um som agudo saiu de um dispositivo do caminhão, uma voz maldita e agourenta gritando. Dentro da caixa metálica houve uma movimentação e logo eles surgiram. Pele escura como a noite e olhos claros como o dia. Os infectados foram saltando do caminhão e atacando as pessoas mais próximas. O caos reinou sobre o local: pessoas sendo atacadas, tendas reviradas e gritos de pavor.

Mordecai avançou contra dois deles, esticando os braços para derrubá-los. Suas mãos passaram por dentro do peito do infectado e, logo, por seu corpo todo. Não podia fazer nada e assistiu tudo impotente. Lágrimas continuavam descendo de seus olhos, mas agora originadas de uma dor profunda. O tablado que antes dava lugar aos casais apaixonados, agora era como a mesa de um banquete, coberto de corpos e sangue. Algumas pessoas correram, mas não foram muito longe, vítimas da voracidade dos infectados. Ele caiu de joelhos, levou as mãos até o rosto e começou a chorar.

Por quê? Por quê? Por quê?

Acordou chorando no quarto do prédio. Sozinho. O sol já havia nascido e sua claridade tentava invadir através de qualquer fresta que houvesse. Mordecai sentou-se na cama, refletindo sobre o sonho ruim que tivera. Estava muito nítido na sua memória, diferente das outras vezes que sonhara, em que tinha dificuldades para se recordar de toda a cena no dia seguinte. Não sabia se era um presságio ou apenas um pesadelo. Para ele, os sonhos ainda eram bastante complexos de serem decifrados. Tudo o que podia afirmar era que o sentimento ruim que sentira assistindo ao ataque acordara junto com ele.

Levantou-se e foi até o banheiro lavar o rosto. Sentia um gosto amargo na boca. Foi até a mochila e procurou algo para comer. Pegou um pedaço de carne seca. Não estava apetitosa, mas era melhor do que o gosto do estômago vazio pela

manhã. Enquanto mascava o pedaço de carne, foi retirando os móveis que trancavam a porta.

Acho que nessa noite não ataquei ninguém.

Não gostava da ideia que pudesse matar inocentes. Saiu do prédio cautelosamente. As ruas estavam tranquilas. Viu alguns pássaros cruzarem o céu, voando entre os prédios em ruínas. Mesmo que seu sonho estivesse o incomodando, ele não havia esquecido o porquê estava ali. Voltou sua atenção para a barricada. Havia soldados na frente dela, como se nunca saíssem dali. Ele procurou um prédio mais próximo para ter uma boa visão da parte de dentro dos muros. Pretendia invadir o local à noite para salvar Cisco.

Esgueirava-se furtivamente por trás dos pilares, carros abandonados e muretas que haviam por ali, observando com frequência os soldados ao longe para que não o flagrassem. Estava a duas quadras de distância quando o grande portão se abriu. Mordecai buscou refúgio atrás de um carro carbonizado. Espiou pelo grande buraco ocasionado pela ausência da porta no lado do motorista. O portão abria lentamente. Ele pensou que, se viesse um novo contingente de infectados, teria que correr muito para que não fosse pego. Esperou para ver o que viria a seguir.

O primeiro caminhão saiu do portão, vindo em sua direção. Mordecai se escondeu e o observou passar lentamente, voltando sua atenção para a barricada. Veio o segundo caminhão. E atrás dele o terceiro. Estavam fechados, seguindo o mesmo trajeto feito pelo bando na noite anterior. Ele havia contado quatro deles na noite em que estava com Cisco e ficou apreensivo quando viu o último no portão.

Será que vão para o lugar que sonhei?

Aquilo vai mesmo acontecer?

O caminhão começou a se deslocar e seu coração acelerou. Pensou em Cisco, mas pensou também nas pessoas felizes que morreram de forma brutal no seu sonho.

O que eu faço?

Sua missão era fazer a diferença nas vidas das pessoas, tornando-as vidas melhores. Mas não adiantaria de nada a presença dele se não houvesse mais pessoas para ajudar. O caminhão estava muito próximo dele e Mordecai ainda não sabia o que fazer. Lembrou-se então do bilhete que recebera do seu mestre: *Siga o seu coração.*

Seu coração estava dividido entre salvar seu amigo e as pessoas do seu sonho, mas algo dizia que Cisco poderia esperar. O caminhão passou por ele, não se movia rápido. Mordecai conferiu se os soldados estavam atentos. Constatando que ninguém estava olhando, ele rolou para o meio da rua e correu atrás do caminhão. Sua mochila havia ficado no quarto e ele levava apenas suas espadas e a pistola na cintura. Conseguiu alcançar o grande veículo e segurou-se nas barras que fechavam

a porta do contêiner. Estava indo na carona de um caminhão repleto de infectados em direção ao desconhecido. Mas precisava fazer isso. Era sua missão. Olhou em direção à barricada mais uma vez, torcendo para que Cisco ficasse bem.

Aguente firme meu amigo. Eu voltarei para te salvar.



Yohan

— Abram o portão! — Gritou a sentinela, sobre o muro que protegia o local.

Os pesados portões da Forja foram abrindo lentamente. Eles eram altos. Altos demais, em sua opinião. Além disso, se estendiam até as grandes paredes de rocha das montanhas, fechando o gargalo do desfiladeiro. Yohan cambaleou em direção aos portões, fraco e desidratado. Dirigiu apenas alguns quilômetros até que faltou combustível ao jipe. Isso o deixou confuso, pois nos planos de Milles, ele deveria estar morto e quem ficaria perdido no deserto seria Bud e seus homens. A explicação mais lógica para ele era o fato de serem descartáveis também. Yohan caiu de joelhos na areia. Dois soldados chegaram para ampará-lo. Seguraram-no um de cada lado, mas ele precisou caminhar, porque não aguentavam com seu peso.

— Você está bem? — perguntou um deles, surpreso.

— Pareço bem? — Respondeu ele, quase em delírio.

E apagou.

Quando abriu os olhos, percebeu que estava na enfermaria, deitado em uma cama. Olhou em volta, recuperando os sentidos. No seu braço, uma agulha injetava um líquido incolor. Ao lado da cama, sentado em uma cadeira, um homem de pele vermelha e olhos claros abriu um sorriso quando o viu acordar. Era Tomate.

— Yohan! — disse ele, com os olhos arregalados de felicidade. — Você acordou!

— Há... — Yohan estava zozinho e sua cabeça doía. Levou a mão direita à têmpora, apertando-a como se isso fosse fazer passar. — Há quanto tempo estou aqui?

— Você chegou ontem pela manhã — disse Tomate.

Yohan gostava de seu amigo Tomate. — Como ainda estou... Vivo?

— Como assim? — o agricultor pareceu confuso. — Você passou muito tempo no deserto, tomou soro e...

— Não — interrompeu Yohan. — Milles... Me quer morto.

— Milles? — perguntou Tomate, levando a mão ao queixo para refletir, ainda confuso.

Yohan sentou-se na cama com dificuldade. Tomate foi ao seu auxílio, mas não teve muito sucesso. A agulha estava incomodando em seu braço esquerdo, então ele arrancou. Queria sair daquele lugar.

— Yohan... — hesitou Tomate. — Eu não sei se você pode tirar isso e...

— Eles iam me matar — disse Yohan enquanto sentava-se de lado na cama, como alguém que conta suas tarefas realizadas no dia.

— Quem ia te matar? — Tomate levou as duas mãos ao rosto, arregalou os olhos e abriu a boca.

— Bud. A mando de Milles — disse pacientemente.

— Eu não acredito... — Tomate estava incrédulo. Olhou para todos os lados, apavorado como se estivessem cercados de inimigos.

Yohan segurou-o pelos ombros, tentando acalmá-lo.

— Preciso saber onde estão Milles e Braço!

— Não sei... — refletiu Tomate. — Pensando bem, eu não os vejo desde que você sumiu.

— E quem está dando as ordens?

— A Pulga.

— Alanna?

— Sim! — confirmou Tomate. — Alanna.

Alanna.

Ele tinha contas a acertar com Alanna. Tinha contas a acertar com Milles e tinha contas a acertar com Braço. Mas tudo tem seu tempo. Começaria por ela.

— Tomate, há mais alguma coisa que eu precise saber?

O agricultor de rosto redondo fez um esforço para pensar o que seria novidade para ele. Abriu a mão gorda e tocou o dedo mínimo com o indicador da outra mão.

— Vamos ver... Cisco e Fantasma ainda não voltaram.

Trocou o dedo indicador do mínimo para o anelar.

— Os últimos recrutas ainda não voltaram.

Foi para o dedo médio.

— Estamos com pouca comida.

Foi para o dedo indicador.

— Não vemos Comediante e sua equipe há muito tempo.

E chegou finalmente ao polegar.

— E acho que Fiapo desertou...

Yohan o encarou, sem saber o que falar. Nada era novidade para ele e a última informação ainda estava incorreta. Talvez ele devesse contar o que sabia. Limitou-se a bater levemente no ombro de seu amigo agricultor com sua grande mão.

— Obrigado, Tomate. Vou falar com Alanna.

Pegou suas roupas em cima da pequena cômoda, no canto do quarto. Vestiu seu macacão e foi em direção à porta.

— Quanto ao Fiapo... — disse ele virando a cabeça, ainda de costas para Tomate. — É uma pena. Eu gostava muito daquele rapaz.

Espero que ele tenha sorte salvando nossos amigos.

Saiu pelo corredor da enfermaria, observando os quartos vazios. Os irmãos de ferro ocasionalmente compareciam à enfermaria para tratar algum enjoo, diarreia, febre e outros sintomas causados por desidratação. No geral, eram todos saudáveis. O médico justificava sua utilização na Forja cuidando frequentemente da saúde de todos.

— Yohan! — chamou uma voz do fundo do corredor. O homem de jaleco branco veio correndo em sua direção. Era o Médico.

— Diga.

— Aonde vai?

— Tenho coisas a resolver.

— Você ainda não pode sair por aí — recomendou o Médico.

— Eu *preciso* — disse de forma contundente, encarando o homem nos olhos.

— Entendo — disse o Médico, com uma expressão preocupada. — Beba bastante água, então.

Yohan seguiu seu caminho e saiu da enfermaria. O sol inclinava-se tímido por trás das nuvens a oeste. Já era quase final de tarde e o tempo estava muito estranho. Uma tempestade se formava no lado oposto da Cidade Fantasma. As atividades da Forja seguiam como se nada houvesse acontecido. Ele cruzou pelo terreno seco e arenoso, em direção ao prédio principal. As torres de extração de petróleo seguiam seu movimento de martelo, como um ferreiro agredindo o metal em sua forja. Yohan se perguntou se este seria o motivo do nome do local.

Faz sentido para mim.

Chegando à frente do prédio, se deparou com dois soldados montando guarda, que o encararam, apontando as armas em sua direção.

— Vai com calma aí, Mecânico — alertou-o um deles. — Aonde pensa que vai?

— Soube que Alanna está no comando. É verdade?

— É verdade — confirmou o outro.

— Preciso falar com ela. É um assunto de seu interesse.

Os dois soldados se olharam. Pelo menos não o trataram com a costumeira arrogância que todos faziam.

— Espere aqui! — falou o primeiro, entrando no prédio e voltando logo em seguida. — Tudo bem. Pode entrar. Alanna o aguarda.

Yohan passou por eles entrando pelo corredor. Todas as portas estavam fechadas, tanto as das salas secundárias, quanto a de madeira, da sala principal. Ele cruzou o corredor de forma decidida e abriu a porta sem bater. Alanna estava sentada na grande cadeira que fora do Homem de Ferro e, depois, de Milles. Ela analisava um mapa cautelosamente. Ergueu o olhar em sua direção e abriu um sorriso. Levantou-se da cadeira e correu para abraçá-lo.

— Você está vivo! — falou ela com empolgação.

Yohan segurou-a pelos ombros antes que chegasse até ele. A expressão de Alanna mudou e ela ficou assustada com sua reação.

— De que lado você está? — perguntou Yohan com seriedade.

— Do que você está falando? — Alanna devolveu a pergunta, apavorada.

— Responda!

— Estou do seu lado! — respondeu ela, assustada. — Está me machucando! — disse tentando se desvencilhar.

Yohan sentiu seu furor diminuir e soltou a moça de quem sempre gostou, sem saber que estava usando tanta força.

— O que aconteceu com você? — perguntou Alanna, massageando os ombros com as mãos.

— Bud tentou me matar.

— Te matar? — perguntou ela, com uma expressão de surpresa.

Ou ela não sabe ou disfarça muito bem.

— Sim. No deserto.

— Eu não sabia...

— Onde estão Milles e Braço?

— Eles sumiram... — pensou Alanna em voz alta. A mulher de cabelos cobreados baixou a cabeça e seus olhos giravam de um lado para outro enquanto pensava. — Sim! Faz bastante sentido!

— O que faz sentido? — Yohan estava confuso.

— O que você sabe? — Alanna ignorou sua pergunta.

— Sobre Milles?

— Sobre tudo! Preciso que me diga!

Ele hesitou. Achava Alanna bonita, mas ainda não confiava nela. A soldada era rápida de raciocínio e entendeu sua apreensão.

— Acha que se eu estivesse envolvida com Milles, receberia você? Anda logo! Ainda te quero na minha equipe.

Yohan então começou pela noite chuvosa onde Cisco levantou as suspeitas sobre o combustível, passou pela morte de Molenga, suas suspeitas sobre os testes, a morte de Louco Joe e sobre a tentativa frustrada dos homens de Milles de matá-lo. Alanna ouviu a história e raciocinou por um tempo. Se fosse confiável, ela o ajudaria a montar as peças do quebra-cabeças muito mais rápido do que ele conseguiria sozinho.

— Sua linha de raciocínio estava certa.

— Estava? — Yohan ficou surpreso. Orgulhoso até, apesar de não ter notado nada até que Cisco o alertasse, então na verdade o mérito era dele.

— Milles e Braço fugiram com alguns dos seus soldados à noite, no mesmo dia que levaram você — confidenciou a moça. — Acho que eles ficaram com medo de você expor a operação com suas suspeitas.

— Alguém viu para onde foram?

— Notaram apenas pela manhã, quando foram pedir as tarefas — relatou Alanna, se sentando sobre a mesa e cruzando as pernas. — Não sabemos ainda o que levaram, mas acredito que armas e alguns objetos de valor. Um veículo foi levado.

Merda!

— O que *você* sabe sobre eles? — perguntou Yohan.

— Pelo visto, não mais que você — confessou a mulher. — Mas tem alguém que não fugiu. Alguém que pode saber.

— O Contador?

— O Contador. Vamos trazê-lo até aqui — disse ela excitada, com um brilho no olhar.

Alanna ordenou aos soldados que trouxessem o homem conhecido por manter controle sobre tudo o que havia na Forja. Esperaram por algum tempo até que voltassem trazendo a figura de rosto redondo e assustado. Alanna indicou uma cadeira para que ele se sentasse e fecharam a porta de madeira.

— O que querem de mim? Eu não sei de nada! — adiantou-se o homem, de forma pragmática.

— Devagar, Contador — entrevistou Alanna. — Meu amigo Yohan aqui tem uma história bem interessante para te contar. Sabemos que pode nos ajudar, então peço que seja o mais honesto possível. Tudo bem?

O Contador olhou para os dois com os olhos apertados de pavor. Engoliu em seco quando Yohan o encarou e fez um aceno positivo.

— Estive na Cidade Fantasma e vi o que tinha lá. Lutei contra aqueles monstros com minhas próprias mãos — disse ele, bem perto do homem, segurando o encosto da cadeira, fazendo-o encolher-se. — Queremos saber por que Milles mandou os recrutas para morrer lá e com quem ele estava negociando o combustível?

O Contador se ajeitou na cadeira, visivelmente nervoso.

— Não estamos com muito tempo e muito menos paciência — complementou Alanna. — Seus *amigos* o abandonaram aqui. Então sugiro que você evite palavras do tipo: *não sei de nada*.

Os dois encararam o pequeno homem, que estava cedendo diante da pressão. Ele piscava com muita frequência, talvez fruto do nervosismo. Abaixou os ombros e suspirou profundamente.

— Eu conto tudo o que sei, mas com uma condição — propôs o Contador. — Quero proteção.

Yohan e Alanna se olharam.

— Parece justo — concordou ela. — Desembucha!

— Quando Milles assumiu, ele seguia o plano do Homem de Ferro: juntar cada vez mais homens para distribuir em suas tarefas e fazer a Forja prosperar — começou ele, parecendo bastante sincero. — Tudo estava em ordem e o combustível estava sendo negociado como sempre. Novos recrutas chegavam, tínhamos comida, combustível, armas... Tudo ia bem.

— Até que? — Alanna estava curiosa com os braços cruzados.

— Até que surgiu uma nova proposta, do Negociador. Ele disse que compraria todo o combustível disponível para negócio pelo dobro do preço. Em contrapartida, precisaríamos realizar um trabalho para um sócio dele. Eu alertei Milles que era loucura, mas ele não queria ficar aqui, esperando o tempo necessário para voltar à vida normal, e foi escutar a proposta.

— Que proposta era essa? — perguntou Yohan.

— O sócio dele buscava algo na Cidade Fantasma. Não sei o que era. Até então, tudo certo. Tínhamos nossas rondas periódicas. A equipe sempre retornava ileso, não havia nada por lá — o Contador baixou a cabeça. — Mas elas começaram a ficar mais frequentes. Milles recebia cobranças para que localizasse logo o que lhe fora solicitado. Em contrapartida, os grupos que estavam sendo enviados voltavam com menos integrantes e os soldados não queriam mais ir para lá. Diziam que havia um fantasma que os caçava à noite ou qualquer coisa do tipo. Então como enviar mais pessoas, se o pouco que tem já não quer ir?

— Os testes... — refletiu Alanna.

— Sim... — confirmou o interrogado. — Os testes. A melhor forma de garantir que os homens buscassem o que ele precisava sem reclamar. Mas quando não voltaram, Milles ficou preocupado. Relatou ao seu contratante que seus homens haviam morrido, falhado na sua missão. Ele precisava recrutar mais homens com urgência. Então o Negociador disse que arranjaria esses homens, e ao que tudo indica, negociou com o Apostador a escória de Cassino.

As peças começavam a se encaixar. Todos os fatos que pareciam aleatórios e desconexos começavam a fazer sentido, mas uma pergunta ainda o assolava.

Será que Cisco e Fantasma estão mortos?

— Milles recebeu um prazo que desconheço — seguiu o homem, olhando para Alanna. — Meu palpite é de que esse prazo venceu ou está por vencer e ele abandonou seu compromisso, então não se surpreenda se logo aparecerem cobradores na sua porta, minha cara.

— E quanto ao combustível faltante? — perguntou Yohan.

— Que combustível faltante? — o Contador parecia confuso.

— Você sabe muito bem que as contas entre o que produzimos e o que recebemos não fecham — disse Yohan. — Ainda mais pelo dobro do valor. Milles e Braço ficaram com tudo?

— Não. Acredito que não... — o Contador ponderou a informação, coçando a têmpora com a mão. — Sempre tivemos parte da nossa arrecadação separada para outra finalidade.

— Que finalidade? — quis saber Alanna.

— Como vou saber? Ele nunca me disse.

— Milles? — perguntou Yohan.

— Não, meu caro. O Homem de Ferro — falou o Contador. — Ele financiava uma operação grande, até onde sei.

— E como funcionava? — perguntou Alanna, tentando buscar informação por outra abordagem.

O Contador hesitou, mas já estava mergulhado demais na história para esconder informações. Além do mais, Yohan o encarava de forma bem persuasiva.

— Separávamos metade de tudo — confessou olhando para os dois. — Armas, mantimentos, roupas, suprimentos, medicamentos. Tudo. Comediante levava até o ponto de entrega.

— Metade! — Yohan deixou escapar. — Por que ele faria isso? Como pagaria quem fechasse o tempo de serviço?

— Eu não sei — respondeu o homem com calma. — Mas ele não montou esse lugar porque queria uma família de mercenários grande e feliz, não acha?

— Não sabe para quem ele levava? — questionou Alanna.

— Não sei — respondeu o homem redondo, parecendo muito sincero. Fez uma pausa e se ajeitou na cadeira. — Mas seja quem for, tem o suficiente para começar uma guerra. Quem sabe não foi isso que causou sua morte?

Alanna encarou Yohan, esperando que houvesse mais perguntas. Ele levantou as sobrancelhas, digerindo todas aquelas informações, mas por fim sacudiu a cabeça, mostrando que não havia mais questionamentos a fazer. Então ela se dirigiu novamente para o homem.

— Por que você não fugiu com eles? — perguntou Alanna. Yohan não havia pensado nisso, mas a pergunta era muito pertinente.

— Nunca gostei de Milles ou de Braço — confidenciou o Contador. — Quando Louco Joe morreu e você sumiu — disse olhando para Yohan — achei que eles estavam aparando as *pontas soltas*. Me escondi e esperei a tempestade passar.

Alanna pareceu ficar satisfeita com a resposta.

— Terminamos aqui. Os soldados o acompanharão.

— Vocês prometeram me proteger...

— E vamos.

O Contador parecia menos nervoso. Ainda com medo de ser morto por saber demais, mas por algum motivo confiava nos dois. Levantou-se da cadeira e foi em direção à porta de madeira, girou a maçaneta e a abriu.

— Contador... — Alanna o chamou antes que pudesse sair pela porta. — Essa conversa nunca aconteceu — determinou de forma decisiva.

— Claro — concordou.

Assistiram o pequeno homem caminhar pelo corredor e sair pela porta principal. Durante um curto espaço de tempo, um silêncio estranho pairou na sala, enquanto ambos digeriam as informações recebidas. Yohan resolveu quebrar o silêncio preferindo se adiantar e conhecer a linha de raciocínio dela antes de falar a sua e parecer um idiota por ter entendido errado.

— O que você acha?

Alanna se sentou novamente sobre a mesa, juntou as mãos e cruzou os tornozelos. Yohan observou-a, com seu rosto bonito e lábios delicados. Desejava-a.

— Acho que ele não mentiu — admitiu Alanna. — Sempre achei que havia algo estranho com a equipe do Comediante. E sobre o resto... Tudo se encaixa. Nem perderei meu tempo formulando outra hipótese — fez uma pausa. — E você, o que achou?

— Tem algumas coisas que ainda não entendo — confessou Yohan, para ver se Alanna o ajudava a elucidar as dúvidas em sua cabeça. — Por que o Homem de Ferro criou esse lugar? Quem é o sócio do Negociador e o que pretende? O que eles tanto procuram na Cidade Fantasma? E... — baixou a cabeça e teve dificuldade para proferir as palavras. — Quero saber se meus amigos ainda estão vivos.

Alanna o olhou com ternura, caminhou até ele e colocou a mão em seu rosto. Yohan sentiu vontade de beijá-la, mas por algum motivo desconhecido, quando estava perto dela, algo o fazia travar. Não se importava com o que os outros pensavam sobre ele, mas perto dela sentia-se tosco e desajeitado.

— Nem sempre teremos todas as respostas — disse ela, olhando no fundo dos seus olhos. — Vamos descobrir sobre nossos irmãos.

Foi olhando para ela que Yohan se lembrou das palavras de Bud.

“Em outra vida você daria um soldado e tanto. Pena que Pulga acabou com seu sonho quando estragou o blindado.”

Yohan pensou que ele quem poderia estar morto na Cidade Fantasma, se almejasse o posto de soldado. Mas em seu coração tinha dúvida se ela fez aquilo para salvá-lo ou para prejudicá-lo. Só havia uma forma de saber.

— Por quê? — Ele perguntou.

— Por que o quê? — Ela devolveu a pergunta.

Era óbvio que Alanna não estava acompanhando sua linha de raciocínio.

— Por que você estragou o blindado? O que pretendia com isso? — ele falou sério, afastando-se dela.

— Ah! Isso... — Alanna mudou completamente de expressão.

Yohan não falou nada, esperou para ver o que a mulher conhecida como Pulga diria. Ela hesitou, mas olhou decidida para ele.

— Foram ordens — admitiu.

Ordens?

— De quem?

— De quem você acha? — ela retrucou como se Yohan houvesse feito uma pergunta absurda. — O Homem de Ferro me deu uma única missão desde que me recrutou: impedir que você se tornasse um soldado.

Yohan ficou confuso.

— Por que ele faria isso?

— Terá que perguntar para ele. Eu não sei o motivo.

O quê?

— Ele está vivo? — Yohan não acreditou no que ouvia.

Alanna deu um sorriso malicioso e satisfeito com a sua confusão momentânea. Essa revelação apenas aumentava o número de questões em sua cabeça.

— Sim! — ela admitiu. — Mas acho que mais ninguém daqui sabe.

Ouviram um barulho na porta que dava acesso à rua. Um dos soldados que fazia a guarda do prédio principal veio correndo ofegante. Seus olhos estavam arregalados de pavor.

— Comandante! Você tem que vir comigo! Rápido!

Comandante?

Yohan se admirava com o respeito que todos tinham por ela, mesmo sem exercer uma posição de comando. Milles nunca conseguiu ter isso dos irmãos de ferro.

— Aonde? — ela o questionou, objetiva como sempre.

— Nos muros! Rápido! — o soldado atirou as palavras e voltou correndo para a porta, dando ênfase na urgência da ocasião.

Alanna e Yohan se olharam.

— Os cobradores devem ter chegado — sugeriu a ela.

— Vamos ver do que se trata.

Saíram do prédio principal e foi inevitável olhar para o céu. Uma grande tempestade de areia se formava, vinda do oeste. Não eram comuns, mas também não eram raras, considerando que estavam no deserto. O soldado observava as nuvens junto com eles.

— Essa é a sua urgência? — Alanna perguntou, apontando para as nuvens.

— Quem me dera fosse! — retorquiu o soldado. — É para o outro lado. Vamos!

Os três então se encaminharam para os portões no lado leste da Forja. As sentinelas em cima dos muros pareciam nervosas, andando de um lado para o outro. No pátio, alguns curiosos largaram suas tarefas e pediam para subir pelas escadas até o topo do muro para ver o que estava acontecendo. A sentinela ficou satisfeita ao ver Alanna e o soldado, apressando-se para falar com ela.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, enquanto subia as escadas. Yohan a acompanhava.

— Eles vieram até nós! — respondeu o guarda, nervoso. — Vieram nos matar!

— Quem veio... — começou a pergunta, até que se deparou com o que trazia tanto nervosismo aos seus homens.

Pelo desfiladeiro, não muito distante dos muros, um veículo se movia devagar, seguido por centenas, talvez milhares dos mortos da Cidade Fantasma. Tinham a pele escura, e ainda que houvesse um resto de claridade, já era difícil de enxergá-los. Caminhavam em uma marcha decidida em direção aos portões, e considerando que eram flanqueados pelas paredes de rocha das montanhas, tudo indicava que o grupo avançaria para dentro da Forja. Isso poderia resultar na morte de todos que estavam ali.

— Você acha que eles são capazes de subir nos muros? — perguntou Yohan.

— Você acha que não devo contar com isso? — disse ela de forma retórica.

Então Alanna se virou para os soldados e curiosos que estavam por ali.

— Ouçam todos! Aqueles que não são soldados devem avisar todos os irmãos de ferro para se refugiarem na fábrica. Os que são soldados devem juntar todos os que sabem atirar e todas as armas que temos, e trazer aqui, nesse portão. Rápido! Vão! Vão! Vão!

Os homens saíram correndo para realizarem as tarefas que lhes foram conferidas. Ainda mais os que sabiam sobre a ameaça.

— Sugiro que vá se preparar, *Mecânico*! — Alanna disse olhando para ele, com seus cabelos cobreados balançando sob o vento do deserto. — Será uma noite bem longa.



Meredith

Lar doce lar.

Meredith olhava os altos muros da grande cidade de Cassino. Já era noite e as luzes coloridas dançavam acima das placas de concreto, como se tentassem espiar o que havia fora daquele lugar. Curiosamente, mesmo sabendo o que a esperava ali, ela sentia saudades do lugar onde cresceu. Sua viagem de volta havia demorado mais de um dia. Teve que roubar outro carro e uma moto, mas pelo menos não precisou matar ninguém. Não achava que fosse tão difícil encontrar combustível fora de Cassino. Estava suada e empoeirada e sentia-se suja, mas o banho poderia esperar. Tinha assuntos pendentes para resolver.

Hoje a minha dívida será paga.

Ninguém entrava em Cassino sem ser notado. Todos eram registrados na entrada principal, recebidos com um grande e comprido tapete vermelho. Uma grande estrutura metálica em formato de arco atravessava por cima da entrada principal, iluminada com as luzes coloridas características da cidade e com o letreiro informando o seu conhecido nome. O Apostador queria que as pessoas se sentissem únicas antes mesmo de entrarem em sua casa. Meredith contornou o acesso, indo em direção à passagem secreta. Não queria que sua chegada fosse anunciada.

Cassino foi construída em volta de uma cidade em ruínas. Era contornada por muros para evitar que os devedores fugissem. Mas havia uma passagem de acesso por túneis subterrâneos que um dia já foram utilizados pelos trens que levavam as pessoas de uma cidade a outra. Atualmente os trilhos de ferro eram utilizados apenas para acumular a ferrugem, presente do tempo.

Meredith caminhou até a antiga estação de trem e desceu até o subsolo. Uma vez, quando criança, já teve medo do escuro. Agora ele era seu companheiro, seu cúmplice. Aprendera a gostar das sombras. Seus olhos se adaptaram ao breu do túnel. Esticou a mão em direção à parede para se guiar pelo caminho que já fizera algumas vezes quando queria um tempo a sós. Nunca havia pessoas circulando por ali, então o número de guardas era bem reduzido. O túnel cheirava a mofo e o toque da parede era frio e úmido. Seus passos na escuridão eram cautelosos, mas decididos. Estava determinada e nada a faria parar.

Vagou pelos trilhos, sentindo o desnível de cada pedaço de madeira posicionado no chão. Em sua mente ela revivia, várias e várias vezes, o dia em que seus pais

morreram, imaginando um final em que ela mataria o assassino deles. Imaginando um final em que chegaria até a cozinha e sua mãe a receberia com um sorriso, convidando-a para comer um pão caseiro delicioso. Imaginando um final em que chegaria até o celeiro e brigaria com seu irmão por jogar pedras nela. Seu pai apartaria a briga, atiraria ambos no chão e lhes faria cócegas.

Daria tudo para voltar àquele dia.

Viu uma claridade mais adiante no túnel e focou sua visão. Estava chegando ao final do trajeto. O piso da estação era elevado em relação aos trilhos. Meredith confirmou que não havia vigias por lá, segurou-se na borda e puxou seu corpo para cima. Esgueirou-se encostada à parede e observou o corredor. Quatro deles estavam monitorando-o. Nunca havia mais de dois. Isso só poderia significar que o Apostador esperava por seu retorno ou se tratava de uma incrível coincidência. Meredith apostava na primeira alternativa.

Ele não é idiota. Com certeza considerou essa possibilidade.

Por um momento, ela ficou em dúvida se mataria todos ou passaria furtivamente por eles, mas imaginou que se forçasse sua passagem para dentro de Cassino, enfrentaria maior resistência. Teria que ser quase invisível para chegar ao seu objetivo. Espiou pelo corredor, aguardando uma distração dos vigias. Passou para o outro lado, procurando a entrada do duto de ar. Retirou a tampa, como já havia feito em outras vezes, e se arrastou por dentro da tubulação com cautela para que os homens não a ouvissem. Desceu pelo outro lado, próximo à saída da estação. Sua vantagem era conhecer Cassino como a palma de sua mão.

Preciso de um comunicador.

Meredith sabia que todos os guardas da cidade estavam conectados pelo comunicador. Infelizmente a bateria do que ela transportava havia acabado antes mesmo da sua luta contra o Corvo. Se ela conseguisse um comunicador, saberia os passos dos homens do Apostador, mas teria que matar alguém. Chegou à base da escada. Havia um, lá em cima. Ela pegou uma pedra e atirou contra algumas latas, esperando estar longe o suficiente para que o barulho não alertasse os que estavam no corredor. O som saiu mais alto do que ela esperava. Escondeu-se na escuridão e aguardou. Ouviu o som de passos na escada. Primeiro apareceu a ponta da submetralhadora e, depois, o homem que a carregava. Ele procurou no lado em que ela estava, mas não a enxergou nas sombras. Quando foi procurar no outro canto, Meredith o atacou, concedendo-lhe uma morte limpa e rápida. Arrastou o corpo para um canto escuro e pegou o comunicador. Deixou a submetralhadora porque não gostava de armas de fogo. Tocou suas adagas, por baixo do sobretudo, e saiu da estação.

— Equipe 4, na escuta? — disse a voz pelo comunicador.

— Positivo, Controle — respondeu um dos homens. — Prossiga.

— Alguma movimentação?

— Tudo calmo por aqui.

— Ok. Estejam atentos. Ela vai chegar por aí.

Como sabem que vou chegar hoje?

Meredith passou pelo último degrau que dava a uma das ruas de acesso. A cidade estava movimentada como sempre, cheia de pessoas aproveitando como se não fossem acordar no próximo dia. Ela seguiu em direção aos prédios mais próximos para se misturar na multidão. Parecia que todos a procuravam, que estavam olhando para ela. Observava a rua, procurando por guardas ou vigias.

— Vigia 2, na escuta?

Meredith seguiu, como se nada estivesse acontecendo. Passou por pessoas embriagadas, saindo de uma das casas de bebidas. Mais à frente um homem negociava intensamente com uma acompanhante.

— Vigia 2... Está ouvindo?

Acho que matei o vigia 2.

Isso era ruim. Muito ruim.

— Equipe 4, na escuta?

— Já deslocamos alguém para verificar, Controle.

Meredith parou no meio da calçada, recolhendo-se atrás de um pilar. Querendo ou não, estava em um ambiente hostil. Esperou para ver o que aconteceria.

— Controle... O vigia 2 não está no posto...

Mas que merda!

— Atenção, todos! Alerta de invasão. Suspeita branca, de cabelo curto usando um sobretudo preto. Abordagem sutil... Repito! Abordagem sutil.

Menos mal.

Abordagem sutil significava que deveriam capturá-la com vida. Facilitaria em um combate, considerando que ela utilizava adagas contra um bando de homens armados. Passou em frente a uma vitrine e viu seu reflexo no espelho. O sobretudo lhe destacava entre as pessoas.

Tenho que me livrar disso!

Meredith avaliou o que poderia fazer. Tinha duas alternativas: misturar-se entre os clientes ou entre os funcionários. As pessoas que desfrutavam das maravilhas de Cassino variavam entre os mais diversos tipos. Tudo o que ela precisaria era de uma roupa convincente. Ficou atenta ao comunicador, mas estava tudo calmo. Distraiu-se por um segundo e esbarrou em uma das acompanhantes que circulavam pelas calçadas. A mulher a encarou com malícia no olhar, estava bem maquiada e com vestes provocantes. Então ela teve uma ideia.

Já sei o que fazer!

— Me leve ao seu quarto — sussurrou no ouvido da mulher, enquanto a segurava pelo braço.

A moça sorriu. Segurou-a pela mão e a conduziu para dentro de uma das casas de prazer. Lá dentro o ar estava pesado. Alguns homens selecionavam uma mulher entre as várias opções disponíveis, na sala principal. Meredith foi conduzida até um dos quartos, passando por algumas das moças, sozinhas e acompanhadas. Entraram no quarto e a mulher que a trouxe fechou a porta.

— Eu preciso de...

— Roupas como as minhas, não é? — interrompeu a outra.

— Como sabe? — indagou ela, erguendo as sobrancelhas.

— Eu sei por que está aqui — disse a outra.

Merda! Ele me descobriu.

— Não precisa pegar suas adagas — adiantou-se a moça, antes que ela o fizesse.

— Eu quero te ajudar. *Preciso* te ajudar.

Meredith fez uma expressão de surpresa.

O que alguém ganharia me ajudando?

— Quem é você? — perguntou à acompanhante a qual ela não conhecia.

— Meu nome é Amber.

No quarto ao lado, os amantes estavam exaltados e era possível ouvir os gritos e gemidos exagerados emitidos pela moça, dona do recinto. Meredith fez cara de nojo ao escutar aquilo e voltou a atenção à sua acompanhante.

— O que você quer... *Amber?*

— Te ajudar a fugir daqui.

— Não vim para fugir — disse ela, decidida.

— Nem para morrer — rebateu a outra.

— Vim para matar.

— Você não terá sucesso — revelou a moça. — Cassino inteira procura por você.

— E como *você* sabe disso? — perguntou Meredith, desprezando-a.

— Eu disse ao Apostador que você viria... — revelou a moça.

Com um rápido movimento, Meredith pegou a adaga por baixo do sobretudo, encostando-a no pescoço de Amber, empurrando-a contra a parede. Chegou com o rosto muito próximo do dela. A moça tinha os cabelos crespos, olhos negros como amêndoas e lábios carnudos. Era muito bonita e tão jovem quanto a própria Meredith.

— Me dê um motivo para eu não rasgar a sua garganta agora mesmo...

Amber não parecia assustada.

— Eu sei onde ele está.

— O Apostador?

Amber sacudiu a cabeça negativamente.

— Gunnar... — deixou o nome no ar, sabendo que isso a acertaria em cheio.

Meredith a avaliou e viu verdade em seus olhos. Abaixou a adaga lentamente. Como se já esperasse por isso, a moça esperou pacientemente que ela a soltasse.

— Você não é uma acompanhante — afirmou Meredith.

— Não — confirmou a outra.

— Por que está vestida assim?

— Era a única forma de falar com você. Sabia que você esbarraria em mim.

Meredith olhou com atenção para o rosto de Amber. Ele era familiar. Tinha impressão de já ter visto aquele rosto. Não na confusão colorida e brilhante que era Cassino, mas em um local mais reservado. No seu comunicador, seguia ouvindo a conversa dos vigias. Continuavam em busca dela, mas sem sucesso. Ninguém tinha avistado Meredith ainda.

— O que você é? — perguntou ela.

— Vidente, profeta, adivinha... — disse a moça de cabelos negros. — Apostador me usa como um talismã e me deu o título de conselheira.

Então é ela...

Já ouvira boatos sobre a conselheira do Apostador. Principalmente que ela era mantida em local muito restrito. Nem mesmo Meredith e Gunnar, que eram considerados pessoas de confiança para o Apostador, chegaram perto dela. Talvez Gunnar, mas ela nem sequer a conhecia.

— Como veio parar aqui? Você será punida.

— Eles não notarão minha ausência.

— Como sabe?

— Eu vejo — respondeu Amber. — Assim como vejo que você não deve cumprir sua vingança esta noite.

— Eu faço meu destino. Se você realmente consegue ver o futuro, sabe que não vou desistir do que vim fazer aqui — determinou ela com certa arrogância. — Onde Gunnar está?

Amber abaixou a cabeça, conformada.

— Então faremos da forma correta. Mas devo lhe avisar... — hesitou ela. — Se você trilhar por esse caminho, irá sentir a maior felicidade que já teve na sua vida e, logo depois, irá cair em uma amargura tão profunda que seu coração jamais poderá amar novamente.

Meredith encarou-a profundamente nos olhos por um breve momento, tentando conter-se para não rir.

Felicidade? Nunca mais amar novamente?

— Que se dane! — respondeu ela. — Isso já aconteceu comigo.

Amber concordou em contar a ela sobre a localização de Gunnar e o que ela precisaria fazer para chegar até o local. Meredith trocou suas roupas, colocando as vestes curtas e provocantes, características de uma acompanhante de Cassino. Na cabeça usava uma peruca, e as facas ela colocou por baixo do pequeno colete que cobria o corpete. Amber analisou-a com a mão no queixo.

— Você é linda. Não merece viver essa vida amarga que tem aqui — tocou-a no rosto com ternura.

Meredith sentia-se uma idiota usando aquelas roupas, mas sabia que era necessário, se quisesse chegar ao seu objetivo. O fato de Amber lhe falar aquilo só fazia com que ela ficasse ainda mais desconcertada.

— Eu escolhi isso — disse de forma rude, afastando a mão da moça de seu rosto. — E gosto da vida que tenho aqui.

Ou gostava, pelo menos.

— Gunnar estará no Pigmeu Caolho.

— Pigmeu Caolho? — Meredith estranhou. — Ele nunca vai lá. Odeia o local.

Jamais o acharia.

— Sim. Exatamente por isso... — disse Amber. A moça tinha um ar exótico e sedutor.

Merda! Fica do outro lado de Cassino.

— É longe, mas tenho que chegar lá. Alguma dica, *vidente*?

Amber não se deixou abalar com a provocação. Fechou os olhos e tocou nela. Meredith estranhou a atitude da moça, pois não estava acostumada com contato físico. Ficou observando o rosto de Amber. Seus olhos tremiam e sua testa estava franzida como se estivesse sentindo dor.

— Ande duas ruas em direção à casa Malibu. Haverá um pedinte. Coloque isso no chapéu dele — Amber lhe estendeu uma moeda. Mesmo confusa, Meredith pegou-a. — Você achará um jeito de chegar ao Pigmeu Caolho.

Só isso? Essa é sua grande profecia?

Meredith começava a duvidar da clarividência da moça. Tudo poderia ser simplesmente um truque do Apostador para confundi-la. Mas isso não fazia o estilo do seu patrão. Ele não era de joguinhos quando estava determinado a fazer algo.

— Por que você denunciou minha chegada, afinal?

A pergunta pegou Amber de surpresa, mas novamente ela demonstrou uma calma invejável.

— E de que outra forma você acha que o Apostador envolveria toda sua equipe?

— Amber falava de forma doce, como se nenhum problema do mundo a afetasse.

— Sou vigiada sempre por pelo menos dez deles. Pelo visto ele tem mais medo de um ataque seu do que de uma fuga minha.

— Se você consegue prever o que vai acontecer, por que então não foge?

Meredith sempre foi desconfiada. Dificilmente acreditava em uma história se não fosse extremamente coerente. Amber falava com honestidade e parecia ser confiável, mas parecia que algo lhe escapava. Por isso ela ainda fazia perguntas, para comprovar que Amber não tropeçaria na própria mentira.

— Eu não controlo o futuro. Apenas o vejo — ela respondeu de forma categórica. — Ainda não tive uma visão de minha vida fora de Cassino. Talvez seja meu destino ficar aqui até o momento certo.

Meredith imaginou que ninguém, mesmo que dotado de uma excelente imaginação, seria capaz de contar uma história tão convincente. Pegou suas roupas escuras, enrolou debaixo do braço e se encaminhou em direção à porta.

— Deixe as roupas comigo. Vou lhe dar uma vantagem — disse Amber, estendendo as mãos. — E não se esqueça de que é uma acompanhante agora. Aja como uma.

Relutante, ela entregou as roupas. O comunicador seguiu em seu ouvido, por baixo da peruca. Os guardas de Cassino ainda falavam no rádio, mas suas buscas não haviam gerado resultados. Amber segurou as vestes escuras e olhou para ela, ainda contrariada com sua decisão.

— Se mudar de ideia, fuja. Você não concluirá sua missão essa noite — tentou dissuadi-la uma última vez.

— Então que eu morra tentando — respondeu ela, de má vontade.

Tocou suas adagas para lhe dar confiança. Saiu pela porta sentindo-se um lixo. Preferia morrer a ter que entregar seu corpo a qualquer idiota com dinheiro para sobreviver. A rua estava movimentada. Era estreita e não passavam carros, mas tinha pouco espaço devido à quantidade de pessoas que circulava por ela. Meredith olhava desconfiada para os lados, caminhando nervosamente, mas lembrou da recomendação de Amber e tentou andar mais naturalmente. Recebeu elogios de alguns homens e sentiu vontade de enfiar suas adagas nos pescoços deles e assisti-los sangrar até morrer. Mas somente duas mortes seriam necessárias naquela noite.

Havia passado pelas duas ruas. O clima estava agradável. Depois que havia saído de Cassino, Meredith percebeu que o clima lá fora era muito mais rigoroso. Calor e frio eram bastante extremos. Até nisso Cassino era especial, fazia qualquer um sentir-se confortável durante toda sua estadia.

De longe ela viu o pedinte. Vestia roupas desgastadas, tinha barba grande por fazer e um olhar de quem perdeu tudo na vida. No começo, ela não entendia como o Apostador deixava os pedintes ficarem escorados pelos cantos da cidade, mendigando esmolas dos clientes. Mas, com o tempo, ela entendeu que era uma forma de transmitir superioridade aos jogadores vencedores que depositavam suas moedas ali, se achando melhores que os pobres infelizes.

Como é fácil manipular as pessoas.

O pedinte lhe encarou com seu olhar triste ensaiado. Meredith olhou a moeda em sua mão, o chapéu no chão, e se abaixou hesitante sem flexionar os joelhos. Largou o metal circular junto com os outros que havia ali. Percebeu que um carro parou logo atrás dela. Seu movimento foi rápido, girou nos calcanhares e se deparou diante de uma janela. O vidro escuro foi baixando lentamente e um homem de cabelos lambidos e óculos escuros colocou sua cabeça para fora do carro, apoiando seu cotovelo na porta.

— Mas que beleza temos aqui...

Cai fora, Otário!

As palavras quase lhe saltaram da boca, mas afinal era uma acompanhante, então sorriu gentilmente para o homem.

— Eu vi você se abaixando e até achei que estava me provocando...

Meredith seguiu em silêncio. Só queria sair daquela situação e procurar como chegaria até o Pigmeu Caolho. O homem que lhe abordou, por sua vez, não estava muito interessado no que ela queria.

— Porque você não me diz onde fica seu quarto, e eu te levo até lá, para tomarmos um drinque?

Amber não mentiu para mim.

— Claro... — respondeu Meredith, com a voz doce como mel. — Estou muito ansiosa para chegar lá...

O homem fez sinal e ela entrou no carro. Eles cruzaram praticamente despercebidos a cidade de Cassino, pois ninguém aborreceria um cliente e sua acompanhante. A pequena viagem foi longa e torturante. O homem usava uma mão para dirigir e outra para alisar as suas coxas. Ela se esforçou para não matá-lo no meio do caminho, mas não aguentou deixá-lo vivo. Quando chegaram a algumas ruas do seu destino, ela puxou a adaga e lhe aplicou um golpe certo na garganta. Ele morreu olhando para ela, frustrado e apavorado.

Meredith saiu do carro. Ali havia uma concentração menor de pessoas. Os bares eram de qualidade muito inferior aos da área das grandes casas. Cassino prosperava e logo aquela área entraria no mesmo padrão. Estava na parte de trás do bar, no meio da rua, quando viu uma movimentação dos guardas. Escondeu-se atrás de uma pequena mureta. Uma acompanhante perdida ali levantaria suspeitas. Tirou sua peruca, atirando-a no chão. Passou a mão pelos cabelos, começando no lado direito, onde eram raspados na têmpora, até chegar ao lado esquerdo, onde descia liso até a altura do queixo. Tocou as adagas, preparando-se para o que viria.

— Todas as equipes! Atenção todas as equipes! Localizamos ela! — ouviu a voz do Controle em seu comunicador.

Seu coração disparou e a adrenalina percorreu pelo seu corpo. Amber havia dito que ela não concluiria sua vingança naquela noite.

— Está no prédio Malibu! Repito: Está no prédio Malibu! Usando um sobretudo preto! — a voz que passava as informações parecia ansiosa. — As ordens são para abordagem sutil! Devemos capturá-la viva! Todas as equipes deslocar para apoio!

Malibu? Os soldados estavam indo para o outro lado da cidade. Amber então não havia mentido quando disse que lhe daria uma vantagem. Ela espiou por cima do muro e viu que os guardas que estavam por ali saíram correndo em direção ao lado oposto da cidade.

Obrigada, Vidente. Fico devendo essa.

Saltou sobre o muro e caminhou furtivamente até a entrada do bar. A iluminação não era tão vibrante quanto onde estava anteriormente. As luzes eram mais melancólicas e sombrias. Havia algumas pessoas circulando, um número considerável até. Ela passou por eles, chegando até a porta de madeira velha e mal cuidada. Uma placa em cima dela indicava o nome do bar, com o desenho de um homem de baixa estatura com apenas um olho. Impossível não se lembrar das palavras de Amber, dissuadindo-a de sua vingança.

Só espero que Gunnar esteja aqui.

Entrou cautelosamente. Uma descida conduzia os frequentadores ao interior do lugar. Passou por algumas pessoas que lhe dirigiram um olhar com a mesma dignidade com que ela olharia uma prostituta. Ou seja, com puro desprezo. Percebeu o quanto era ruim ser julgada pelos outros. O ambiente era mal iluminado como deveria ser. Entre os frequentadores comuns, Meredith identificou dois guardas próximos ao bar, olhando em todas as direções. Arrependeu-se de ter jogado a peruca fora, mas com sorte eles não a reconheceriam.

Onde está aquele filho da puta?

Escondeu-se em um canto discretamente e avaliou o local. Sentado em uma cadeira com dois guardas ao lado, estava ele. Grandalhão e despreocupado como sempre. Braços fortes e rosto duro como pedra. Estavam tomando uísque sem qualquer preocupação. Meredith então iniciou a contagem de quantos teria que matar para chegar até ele. Apenas cinco. Já teve que lidar com muito mais. Cinco seria fácil demais.

Tocou as adagas novamente para decorar a posição em que poderia puxá-las. Chegou ao primeiro deles, mais distante dos outros, enterrando a lâmina no seu pescoço com um movimento rápido. O guarda levou a mão até o ferimento e desabou. Meredith pegou a pistola de sua mão. A morte do primeiro atraiu o segundo, que foi recebido com uma apunhalada no peito e outra na garganta. Pessoas próximas perceberam os assassinatos e começaram a gritar e correr em direção à escada. Isso chamou a atenção de todos os outros.

O terceiro guarda segurava uma escopeta, Meredith contornou o balcão pela parte de trás, enfiando-lhe a adaga na lateral do corpo. O homem se contorceu e ela

aproveitou o momento para atirar contra os dois parceiros de Gunnar. Dois tiros em cada um foram o suficiente para derrubá-los. Finalizou o terceiro com um golpe no pescoço, pegou sua escopeta e seguiu em direção ao seu objetivo. Gunnar a olhou, mas não teve tempo de puxar sua arma. Meredith atirou contra suas pernas com a escopeta e o tiro acertou em cheio o joelho de seu parceiro. Gunnar caiu no chão gritando de dor. As pessoas fugiram, e logo o atendente do bar, percebendo quem ela era.

— Como... — arfou ele. — Como sabia que eu estaria aqui? Você estava em Malibu agora mesmo!

Meredith nem sequer assimilou a pergunta.

— Essa foi por meu pai. E essa... — engatilhou a escopeta e atirou no outro joelho de Gunnar. — É pelo meu irmão.

O homem se contorceu e gritou de dor, com as duas pernas em frangalhos, qualificando-a com os piores adjetivos possíveis.

Eu faço meu destino, Amber.

— E essa é por minha mãe — engatilhou a arma e apontou para a cabeça dele.

Levou o dedo até o gatilho, mas não teve tempo de puxá-lo. Sentiu uma forte dor na nuca e rapidamente foi perdendo os sentidos, enquanto a descarga elétrica percorria seu corpo. Seus músculos se contorciam involuntariamente. Desabou semiconsciente, assistindo Gunnar em sua agonia. Queria concluir o serviço e dizer ao parceiro que a sua dívida estava paga, mas não pôde falar, porque ainda não estava.

Ela apagou, com a consciência de que Amber estava certa, afinal.



Dante

— Como você ganha a vida, Dante?

Isaac parecia confortável na carona de Johnny. Gostou do carro, da música e era extremamente inteligente. Muito diferente de suas últimas companhias.

Fugindo, talvez?

— Ah, Doutor... — disse ele, pensando em algo coerente para falar. Não queria parecer um idiota qualquer. — Digamos que eu facilite o caminho entre quem quer vender e quem quer comprar.

— Como um entregador? — perguntou Isaac, com uma sobrancelha erguida.

— É... — Dante balançou a cabeça devagar, avaliando sua profissão. — Mas não qualquer entregador! Digamos que eu transporte... *Cargas preciosas* — deu ênfase nas palavras e riu. Isaac o acompanhou, parecia feliz.

— Então posso me considerar um de seus pacotes? — Isaac tinha um bom senso de humor. Para alguém que foi recebido com tanta hostilidade, bom até demais.

Você é uma ameaça para o meu Johnny.

— Eu diria que você é algo mais complexo, Doutor — Dante estava pensativo. Na verdade tinha consciência de que desconhecia a dimensão do que Isaac representava por ali. — Acho que você é um objeto de desejo das figuras mais poderosas por aqui.

— E quais seriam essas figuras?

— Deixe-me ver... — Dante falava sem tirar a atenção da estrada. Estava escuro, apesar de estarem em um bom caminho. — Temos o Negociador, que fica mais ao norte, na Cidade Labirinto. O Apostador, que fica mais a oeste, na provocante cidade de Cassino. O Chacal, ao sul, na Fortaleza de Vidro. E tem um pessoal meio estranho te procurando também. Não sei para quem trabalham.

— E você trabalha para todos eles? — Isaac parecia gostar de entender como as coisas funcionavam.

— Do jeito que as coisas vão, só não trabalho para o Apostador porque ele ainda não me conhece. Do restante...

— Até o pessoal estranho?

— Até o pessoal estranho.

Os dois riram. O rádio tocava um rock pesado e instrumental. Era a segunda das duas fitas que Dante tinha. O som estava baixo porque ele queria conversar com

Isaac. Era um homem interessante e à frente de seu tempo, apesar de vir do passado.

— E para onde você está me levando?

— Eu tenho uma regra básica: se há dois contratantes querendo a mesma mercadoria, entregue para quem solicitou primeiro — respondeu Dante, cheio de honra.

Ou divida a carga e entregue metade para cada um.

Ou engane os dois e fique com tudo.

Ou entregue para o que ameaçou quebrar seus braços, pernas e o seu carro.

Tudo depende da situação.

— Parece justo — avaliou Isaac. — Neste caso, seria quem?

— Estamos indo para a Fortaleza de Vidro, Doutor.

— Por que foi o primeiro que te contratou?

— Porque considero o Chacal um homem bom — e era uma verdade.

Os faróis de Johnny estendiam seus feixes de luz ao longo da estrada. Depois de enganar Silas, fingindo que era seu filho, Dante pegou Isaac e os dois foram para o outro lado da pequena cidade onde estavam. Escondeu seu carro em um prédio que ele havia preparado e aguardou um dia inteiro escondido, esperando ver quem viria atrás deles. Os homens de Fox não apareceram. Tampouco o grandalhão e a maluca das facas do Apostador. Não estavam tão longe. Se soubessem onde ele estava, já haveriam feito uma abordagem. Um papel foi deixado por baixo da porta, avisando que Silas havia partido. Tudo estava calmo, então ele esperou a noite para sair dali. O ponto de partida deles ficava entre Trincheira e a Fortaleza de Vidro. Em poucas horas deveriam chegar até o Chacal, sua dívida seria paga e ele e Johnny estariam a salvo.

Mas... e quanto a Isaac?

Seu destino era incerto e Dante gostava dele. Enquanto eles esperaram, Isaac contou sobre coisas do seu tempo, a tecnologia, a vida, a rotina, informação, coisas que ele jamais descobriria pelos livros que lia esporadicamente. Mas o ponto alto da conversa foi quando Isaac falou sobre o funcionamento de um motor, no momento em que Dante revisava Johnny. Descobriu que ambos tinham paixão por carros e por rock. Não queria que ele acabasse mal, principalmente com a sua colaboração.

— Dante... — Isaac o chamou, olhando pelo espelho retrovisor, tirando-o do seu mundo de pensamentos constantes e embaralhados. — Tem um par de faróis atrás de nós. Será que estão nos seguindo?

— Sim — confirmou Dante. — E já faz um tempo.

Hora de ser invisível.

— Segure-se, Doutor. Vamos ter um pouco de emoção.

Dante acelerou o carro para se distanciar. Aos poucos os faróis foram diminuindo no retrovisor, mas logo voltaram a crescer, indicando que o veículo estava mesmo perseguindo-os. Ele pisou ainda mais no acelerador e aumentou o volume do rádio. Isaac parecia empolgado por estar fugindo.

— Não deveríamos nos esconder? — gritou Isaac para vencer o volume dos alto falantes. — Não acha que a música alta chama muito a atenção?

Essa é a ideia, Doutor.

— E que graça teria uma fuga sem um rock alucinante? — gritou de volta. — Já fugiu de alguém, Doutor?

Dante sorriu olhando para Isaac e retomou sua concentração para a estrada.

— Não! — respondeu o outro, conformado com sua justificativa. — E pare de me chamar de Doutor!

O veículo que os seguia era rápido, mas não mais que Johnny. Seu motor reagia à mínima pressão no pedal do acelerador, impulsionando-se para frente, pela estrada escura. Dante chegou àquela estrada onde foi pego por Dwilly e seus homens, conseguiu identificá-la pelos veículos atirados para as laterais da pista. Havia algumas propriedades por ali onde ele poderia se esconder. A maioria das entradas estava liberada, pelo menos estavam quando ele passou com Ethan e Mason.

Espero que o caipira não tenha morrido.

De certa forma sentia-se mal pelo garoto, mas não era hora de piedade. Uma grande curva à frente se desenhava na noite, com as placas refletivas iluminadas pelo farol de Johnny. Dante aproveitou para ganhar distância de seu perseguidor, fazendo a curva com uma velocidade quase incompatível. Isaac segurou-se à porta e no banco, parecendo que seria lançado para fora do carro caso não conseguisse. Quando a estrada alinhava novamente, Dante visualizou uma nova curva, mas antes dela, uma entrada. Rapidamente desligou os faróis e o rádio, direcionando Johnny para a saída. Teve o cuidado de não bater nos carros abandonados e desligou o motor, deixando seu veículo deslizar lentamente para dentro do caminho de madeira.

— Se abaixe! — Orientou a seu passageiro quando freou Johnny.

Os dois se esconderam atrás do banco e viram uma luz passar na estrada com extrema velocidade. Depois que o carro seguiu, a escuridão retomou seu posto novamente. Eles assistiram abaixados e suspiraram aliviados.

— Ele acha que me perdeu de vista, mas vai voltar. Temos que achar um lugar para passar a noite.

Deu partida no motor e ligou os faróis. A luz iluminava a casa de madeira e o grande galpão mais ao fundo, mas antes de chegar lá, era barrada por um homem que segurava uma espingarda. Dante pensou em arrancar o carro, mas antes que

tivesse a oportunidade, várias luzes começaram a ser direcionadas para Johnny, por todos os lados. Ele engatou a marcha à ré, apoiando-se ao banco de Isaac para olhar para trás e viu a última pessoa com a qual gostaria de se encontrar no momento.

Fox.

— Merda! — deixou escapar.

— Quem são eles? Apostador, Negociador ou Chacal?

— Na verdade, eles são o pessoal meio estranho.

Isaac fez uma cara de quem havia perdido uma partida de pôquer valendo muitas moedas de cobre.

— Estamos ferrados?

— Estamos, sim — respondeu ele, batendo as mãos no volante, inconformado.

— Não fale nada. Eu vou pensar em algo.

Fox caminhou movendo sensualmente seus quadris até a porta de Dante e fez sinal para que ele baixasse o vidro. Ele obedeceu, girando a manivela. Fox se escorou sobre os braços na porta dele, iluminada pelas luzes dos outros homens. Atrás deles, o carro que eles haviam despistado retornou, fechando a entrada.

Put a que pariu!

— Olá Dante... — Fox o cumprimentou com sua voz manhosa e característica.

— Sabia que você não me desapontaria — completou olhando para Isaac no banco do passageiro.

Que visão do inferno.

— Olá, Fox! — disse ele sorrindo forçadamente. — Está escuro, não é? Se não estivesse de olhos abertos eu nem te enxergaria. Porque não começa sorrir à noite? — debochou dela.

A mulher negra lhe dirigiu um olhar fulminante. Ele esperou que ela o agredisse, mas o soco não veio.

— Não me admira que você esteja sempre envolvido com problemas... — respondeu Fox, mantendo a calma. — Venha. Nós estávamos esperando por você — completou dando uns tapinhas no ombro dele.

Ela desceu pela estrada em direção à casa de madeira, rebolando com passos confiantes. Dante e Isaac se olharam, o cientista deu de ombros porque nada mudara para ele desde que chegou ali. Mas Dante estava curioso para saber a quem Fox se reportava.

Para quem você trabalha, Fox?

Engatou a primeira marcha e deixou o veículo deslizar suavemente em direção à casa. Conforme Fox foi chegando perto, fez um sinal e as luzes foram se acendendo. Logo a casa estava completamente iluminada no lado de fora. Ele foi orientado a estacionar próximo da porta principal. Desligou Johnny e desceu do

carro. Isaac o acompanhou. Os dois se direcionaram para a casa de madeira, subindo pela varanda. Dante foi à frente, seguido pelo cientista. Chegou à grande porta e tocou na maçaneta, hesitante.

Lá vamos nós.

Girou a haste feita de ferro e entrou. A casa estava organizada com seus móveis impecavelmente limpos. A iluminação interna, diferente da externa, era fornecida por algumas velas e candelabros dispostos de forma estratégica. Na lareira, alguns pedaços de madeira ardiam, com suas brasas iluminando em vermelho vivo. Fox os aguardava, mais à frente, no corredor. Dante seguiu em direção a ela, com Isaac logo atrás. Ele foi avançando no corredor e começou a ver uma grande mesa de jantar com duas velas. Em uma das pontas havia um homem usando um capuz.

— Estávamos esperando por vocês — Ele fez um sinal com as mãos para que Dante e Isaac se sentassem.

Os dois obedeceram, ainda confusos sobre quem eram aquelas pessoas. Dante sentou-se na ponta e Isaac ao seu lado. O homem estava escorado na cadeira, com as mãos cruzadas sobre a mesa e seu rosto oculto embaixo do capuz.

— Os outros já chegaram? — ele perguntou à Fox.

— Apenas um deles — respondeu ela. — O outro está atrasado.

— Mande-o entrar — ordenou o homem, fazendo sinal com as mãos.

Fox caminhou em direção à porta.

— Vocês devem estar se perguntando o que fazem aqui — começou ele, falando para os dois. — Há um motivo para todos nós estarmos aqui esta noite...

Um homem entrou na sala, grande e forte. Tinha o cabelo curto e um rosto arrogante, usava as vestes de um soldado. Sua presença interrompeu as palavras do homem de capuz que olhou para ele instantaneamente.

Quem é esse homem?

— E aí? Como foi?

— Tudo certo. Ele foi com Oka.

— Seu plano deu certo? — perguntou o homem de capuz.

— Sim — confirmou o soldado. — Ele nem desconfiou.

— E como fizeram? — perguntou o homem de capuz, interessado.

— Apagamos as luzes. Fingimos um arrombamento na porta da sala que ele estava — relatou o soldado, dando de ombros. — Eu mesmo falei com ele. Estava relutante, mas não tinha muita escolha. Trilhamos pelo local na escuridão. Balas de festim e de tinta vermelha. Os homens foram fingindo as mortes e ele acreditou. Estava apavorado. No final, fingi que usei uma granada, me explodindo contra os *soldados* que restavam. Sai para a rua e vi que ele tinha embarcado no carro. Nos divertimos bastante.

De quem estão falando?

— Você fez tudo isso apenas com cinco homens? — o seu anfitrião estava impressionado.

— Sim. Parecia mesmo uma guerra. Por vezes até eu acreditei — disse o soldado, rindo.

— Muito bem — disse o homem de capuz, satisfeito. — Senhores... — falou olhando agora para Dante e Isaac. — Permitam que eu apresente meu homem de confiança. Vocês podem chamá-lo de Comediante.

Dante e Isaac olharam para o Comediante sem mostrar nenhuma expressão. Afinal, ainda não sabiam quão ferrados estavam. Quanto menos falassem, melhor. Fox, que voltara ao corredor após a entrada do Comediante, fez um aceno para o homem de capuz.

— Ele chegou.

— Mande-o entrar — falou o homem.

Fox se ausentou por alguns segundos, indo em direção à porta. Todos ficaram olhando para o corredor de onde a mulher negra retornou. Atrás dela, um rapaz jovem e muito magro surgiu, carregando um grande rifle. Ele depositou o rifle encostado à parede, fez a volta na mesa e sentou-se ao lado de Isaac. Fox sentou-se ao lado do Comediante, completando as cadeiras vazias. Dante estava muito confuso.

Quem é esse aí?

— Boa noite, senhor. Desculpe-me o atraso. O deserto fica longe e fiquei sem combustível algumas vezes.

— Não tem problema — tranquilizou-o o anfitrião. — O que tem para me contar?

— Tudo correndo conforme planejado, Senhor.

— Como lhe chamavam lá?

— Fiapo, Senhor.

— Fiapo? — perguntou o homem de capuz, divertido.

— Sim, Senhor. Cortesia desse aí — disse o rapaz magro que se identificou como Fiapo, apontando para o homem forte que foi identificado como Comediante. — Ele dá apelidos a todos.

O homem de capuz esboçou um sorriso e olhou para o Comediante, que abriu os braços como se nada pudesse fazer.

— Eu gostei de Fiapo. Combina com você — disse ele, satisfeito. — Como estão as coisas na Forja? Eles sabem que estou vivo?

— Na verdade não, Senhor. Todos pensam que você morreu. Salvei Yohan, mas antes falei pessoalmente com Milles e seu capanga para dar o seu recado. Eles foram embora na mesma noite. Alanna deve estar no comando agora.

— E ele não chegou a se tornar um soldado?

— Não, Senhor — respondeu Fiapo, com uma cortesia exagerada. — Alanna cumpriu sua missão.

Quem é Yohan? Milles? Alanna?

— Ótimo. Não podemos deixá-lo tomar gosto por matar — falou o anfitrião. — E como está meu aprendiz na Cidade Fantasma?

— Acredito que Mordecai está bem, Senhor — disse Fiapo, sem muita certeza. — Pelo menos as mensagens estavam indo e vindo por Diana. Mande a última conforme o senhor me orientou.

— Deixou as espadas onde falei?

— Sim, Senhor. Conforme as instruções que me passou.

— Tudo bem. Ele saberá o que fazer. Senhores... — ele novamente dirigiu-se aos dois. — Esse é outro homem de confiança que tenho. Podem chamá-lo de... Fiapo? — indicou o nome, olhando para Fiapo, perguntando se estava de acordo.

— Por mim tudo bem, Senhor.

Eles olharam para o rapaz, que era muito magro. Dante não imaginava qual era seu nome, mas o apelido parecia-lhe caber muito bem. A conversa se desenrolava de forma confusa para os dois, mas ele ouvia atentamente cada informação para tentar juntar as peças.

— Posso fazer uma pergunta, Senhor?

— Você acabou de fazer — observou o anfitrião.

Fiapo se encolheu envergonhado na cadeira com a resposta inteligente que não esperava.

— Estou brincando... Pode fazer.

— Como foi com a moça, Senhor? — Fiapo estava curioso.

— Fui bem. Ela saiu determinada do nosso encontro — respondeu o homem com capuz. — Se ela acreditou na história que contei e tudo der certo, vamos destruir Cassino de dentro para fora sem fazer esforço.

Cassino? Será que ele se refere àquela maluca das facas?

Fiapo sorriu, assim como Fox e Comediante. Se a equipe do homem misterioso não reagia daquela forma apenas para agradá-lo, de fato acreditavam em seu ideal.

— Sei que vocês devem estar confusos — falava principalmente para Dante e Isaac. — Então me permitam esclarecer as coisas. Por aqui sou conhecido como o Corvo.

Fox trabalha para o Corvo! Estamos fodidos!

— Alguns dias atrás descobri que você havia chegado ao deserto com sua máquina do tempo. Estou certo Doutor Isaac?

— Sim. Está correto — corroborou Isaac.

— Você pode nos contar porque veio para cá?

Isaac se posicionou melhor na cadeira, debruçando-se sobre a grande mesa de madeira. Parecia nervoso.

— No meu tempo, quando a guerra iniciou, um vírus foi lançado sobre a humanidade — Isaac contava com pesar na voz. — Se espalhou rápido e dizimou nações. Era transmitido por contato. Uma mordida, ao que tudo indicava. Ninguém conseguiu a cura e não tínhamos tempo para fazer análises. A máquina do tempo era um protótipo que vínhamos estudando e decidimos usar para viajar ao futuro e tentar descobrir a cura naqueles que houvessem sobrevivido, para depois aplicar uma vacina em toda a população, no passado. Como não havia garantias que daria certo, alguém tinha que se sacrificar. Eu perdi toda minha família para o vírus e me candidatei como voluntário. Aqui estou.

Putá. Que. Pariu! E eu achando que tinha problemas.

— Mas você não veio sozinho — prosseguiu o homem de capuz. — Não é, Isaac?

Isaac baixou a cabeça, olhando para as mãos que repousavam em seu colo.

— Não...

— Como assim? — Dante deixou escapar.

— Outro cientista da corporação, Doutor Aidan. Sempre foi ambicioso, e... e... e...

— E? — Dante já estava impaciente para saber o contexto geral.

— Ele usou o segundo protótipo da máquina do tempo, um mais antigo, e veio para o futuro com uma amostra do vírus. Mas eu devo ter chegado algum tempo antes dele! — afirmou Isaac, esperançoso. — Ainda não vi sinal da infecção por aqui!

— Na verdade não, Isaac — Corvo o corrigiu com pesar.

O que aconteceu então?

— Aidan atacou a Cidade Fantasma, onde antes havia uma grande comunidade — Corvo começou a explicar. — Ele iniciou a contaminação de seu vírus lá e infectou a todas as pessoas. Ele planeja atacar todas as cidades. O motivo eu ainda desconheço.

— Onde ele está agora? — perguntou Isaac.

— Ainda não sabemos... — respondeu Corvo, de forma sincera.

Isaac estava boquiaberto. Frustrado até. Ele viera ao futuro para resolver um problema do passado com mais facilidade e se deparara com o mesmo problema, só que agora com menos recursos para resolvê-lo.

— Tomamos medidas para conter essa infecção — disse Corvo, tentando acalmá-lo. — A cidade é fechada e meu aprendiz, Mordecai, está lá dentro, eliminando todos os infectados que cruzarem seu caminho. Além disso,

construímos a Forja na saída do desfiladeiro para conter algum bando que tentar sair da cidade.

— E a saída que fica localizada ao sul da cidade? — Perguntou o Comediante, falando novamente depois de algum tempo.

— Eles precisariam consertar a ponte — respondeu Corvo. — Não acredito que os infectados consigam tal feito... Mas resumindo, Doutor Isaac — Corvo voltou a atenção a ele. — você tem bastante trabalho a fazer. Temos um local preparado para suas pesquisas.

O rosto de Isaac se iluminou com a informação. Era tudo o que ele queria desde que chegou ali.

— Espera aí! — interrompeu Dante. — Estamos há dias na estrada e quase nos matamos uns aos outros só para termos essa reunião!? Por que você simplesmente não nos convocou antes??

Corvo permaneceu muito calmo diante do questionamento de Dante e pareceu escolher as palavras que usaria.

— Dante, meu caro... Existe uma coisa chamada efeito borboleta. Se eu não matasse os melhores homens do Chacal, ele não o chamaria. Você não negaria entregar o garoto para os homens de Fox e nem entregaria ele para o pessoal do Apostador. E eu não conseguiria resgatá-lo no deserto para falar com a moça e induzi-lo ao treinamento do mestre Osho...

Não tinha pensado nisso...

— Então Ethan está vivo?

— Vivo e bem — confirmou o Corvo.

— E Mason?

Corvo hesitou e virou para o Comediante. O soldado fez um sinal negativo com a cabeça e o homem de capuz simplesmente olhou para Dante e deu de ombros.

Merda! Isso vai me custar alguma coisa...

— Tenho outra pergunta... — prosseguiu Dante, pensativo. — Por que não nos deparamos nenhuma vez com os homens do Negociador? Duvido que ele seja burro o suficiente de mandar aquele bêbado sozinho para pegar Isaac.

— E não mandou — confirmou Corvo. — O que você acha que os homens da Fox ficaram fazendo esse tempo todo?

Dante percebeu um sorriso convencido no rosto bonito de Fox, que aparentemente era mais que apenas um rosto bonito.

— Tivemos que lidar com quatro contingentes dos homens dele e provavelmente vai nos caçar como animais — completou a moça.

— Deixe que venham! — retrucou Comediante.

— Mas você não está só aqui por causa do Isaac — disse Corvo, voltando sua atenção para Dante. — Precisamos que você se junte à nossa causa.

Ah, é?

— Quer que eu trabalhe para você?

— Não *para* mim, mas *comigo*.

Refletindo sobre toda a história contada pelo homem que se identificou como Corvo, Dante percebeu que estava envolvido em algo muito maior que apenas uma entrega de mercadoria. Ainda devia para o Chacal e o Negociador continuava sem seu homem, mas considerando a motivação de Corvo, parecia ser um bom propósito.

E que escolha eu tenho novamente?

— Eu acho que posso aceitar... — deixou a resposta no ar. — Mas com uma condição: por favor, não ameace bater, amassar ou estragar meu carro.

O Corvo deu uma pequena risada com sua condição, sabendo que coisas muito mais importantes estavam em jogo além de um simples carro.

— Tudo bem, Dante. Não vamos fazer nada disso com o *meu* carro — Corvo foi bem enfático quanto ao dono.

O quê?

— Você acha que o carro simplesmente surgiu naquele prédio? Achou que tinha sido abençoado? Que tinha sido *Deus*?

Não acredito...

— Foi você que deixou lá? — ele se obrigou a perguntar. — Mas isso foi há muito tempo.

— Exato — confirmou o Corvo. — Assim como algumas das coisas que conversamos aqui. Acredite Dante, se não agirmos agora, as coisas ficarão bem ruins. Você não sabe o que estamos prestes a enfrentar.

Tá bom. Conta outra...

— E por acaso você sabe, *Senhor*? — debochou.

— Sim. Eu sei — Corvo respondeu sério. — Já tive que salvar e matar pessoas. Já perdi minha família. Já passei por esse inferno uma vez e não quero passar novamente.

Corvo se inclinou para frente, chegando próximo à claridade da vela. Levou as duas mãos ao capuz e puxou-o para traz, revelando seu rosto, que até então estava escondido nas sombras. O homem havia interferido no destino de várias formas para obter os resultados que queria e estava ali, na sua frente. Então Dante compreendeu que o Senhor do Tempo não vinha do passado, mas do futuro. E que não se tratava de Isaac. Tratava-se de... outra pessoa.

Não é possível...

— Você?



Epílogo

Olhou-se no espelho, satisfeito. Estava bem apresentável. Com a barba feita, o rosto corado, os cabelos lisos devidamente penteados e as vestes pretas bem alinhadas. Levou as mãos ao pescoço e ajustou a gola de sua roupa comprida, esfregando-a nos vincos para que ficasse impecável. Thomas havia recebido o dom da palavra e a missão de orientar as pessoas perdidas e consolar as que estavam sofrendo. Deveria estar à altura de realizar seu papel.

Sou um servo do Senhor.

Há meses ele começou a dar o seu sermão, sob uma tenda modesta e empoeirada. Seu público começara pequeno, mas as palavras têm força e, a cada novo encontro, mais e mais pessoas vinham para receber o alimento espiritual. Logo a tenda não comportou mais a quantidade de pessoas e Thomas precisou de um local maior. Conseguiu um pequeno prédio, mais ao centro da cidade. O local abrigava seus fiéis com o maior conforto, porém muitos ainda precisavam ficar de pé, escorando-se nos cantos. Ele estava preocupado. Enquanto seu testemunho alcançava um maior número de indivíduos, já não havia mais espaço físico suficiente para todos. Thomas realizava o seu culto a cada sete dias. Logo eram a cada quatro. E depois a cada dois. As pessoas não o abandonavam, independente da frequência. Buscavam suas palavras de fé como ratos atrás de migalhas. Procurou outro local mais apropriado e, nesse processo, ele apareceu.

Um homem bem vestido, com serenidade no olhar. Disse que havia presenciado Thomas em sua pregação e ficara completamente encantado pelo seu dom. Disse também que havia recebido uma revelação. A humanidade precisava ser salva, precisava redescobrir o caminho da fé. E Thomas era o instrumento pelo qual o Senhor derramaria suas graças. O homem lhe contou todo seu plano para fazer com que as pessoas entendessem o verdadeiro significado da fé. E Thomas gostou do que ouviu.

Eu sou um instrumento da fé.

Duas batidas rápidas na porta, pelo lado de fora, tiraram a sua concentração. Mas não sobre o discurso daquela noite. Ele realmente não precisava decorar as palavras, pois quando chegava à frente das pessoas e abria a boca, elas saíam naturalmente, preenchendo os corações de seus espectadores de esperança e alegria. Thomas olhou para a porta através do espelho.

— Entre.

A porta de alumínio se abriu levemente. O suficiente para que uma cabeça passasse pela fresta, procurando-o dentro da pequena sala.

— Está na hora — falou Kate, a moça que foi destinada a assessorá-lo desde sua conversa com o homem.

— Kate, não acha que me pareço com um padre, só que de preto? — perguntou Thomas, abrindo os braços e se virando para ela, mostrando as novas vestes que lhe foram dadas.

— Você está excelente! — respondeu ela, entrando inteiramente na sala. — E não parece um padre, Thomas. Parece um pastor. O melhor de todos!

Thomas ficou satisfeito com a resposta e voltou a se olhar no espelho, garantindo que estava tudo em ordem.

— Como estamos hoje? — perguntou com grande expectativa.

— Eu nunca vi tanta gente — disse ela animada. — Não sei de onde estão saindo.

Meu rebanho cresce a cada dia. Ele estava certo.

— Deixe que venham — disse Thomas. — Vamos dar o que eles precisam.

Thomas saiu da sala e seguiu Kate até a entrada lateral do grande auditório de uma antiga universidade, local de conhecimento. O lugar era imenso, com cadeiras de madeira impecáveis, estofados floridos em tons escuros de lilás. Grandes cortinas verdes desciam da lateral do palco de madeira bem tratada e envernizada. Era incrível o que alguém com os recursos necessários podia fazer, transformando um lugar em ruínas e atirado às traças em um ambiente aconchegante e acolhedor. Ele entrou pela lateral do palco, caminhando sobre o tablado elevado de madeira. A multidão foi à loucura, gritando e chamando seu nome. Havia centenas de pessoas.

— Pastor Thomas! — gritaram algumas vozes, alegres com sua chegada.

— Pastor Thomas! Me dê sua bênção! — gritou outra.

Ele foi até o púlpito instalado no meio do palco, com um microfone que repercutia sua voz nas caixas de som. Ergueu sua mão com a palma aberta e os gritos aumentaram. Então ele fechou a mão, mantendo o punho acima da cabeça, e pouco a pouco as vozes foram cessando, dando lugar aos olhos e ouvido curiosos.

— Boa noite, meus queridos irmãos — cumprimentou a multidão. — Na verdade Jesus é nosso grande pastor. Assim como um pastor cuida das ovelhas, ele cuida de nós, nos guiando e protegendo. Amém!

— Amém! — ecoou a multidão em uníssono.

— Obrigado a todos por virem mais uma vez. Rezo todas as noites para que seus corações se encham de alegria, amor e esperança, mas essa noite não será igual às outras... — pronunciou com sua voz suave. — Essa noite eu tenho algo novo para lhes contar. Eu tive uma revelação!

Alguns burburinhos correram entre o aglomerado de pessoas que o assistia e foi aumentando conforme tentavam antecipar o que seria. Thomas fez sinal novamente para que houvesse silêncio. E o silêncio se fez.

— Para cuidar de meu rebanho eu preciso enxergar além do que minhas ovelhas enxergam. Ontem eu tive uma visão, algo que me deixou muito preocupado. O tempo está próximo! Estamos chegando à grande revelação, estamos chegando ao dia do juízo final, onde todos nós seremos julgados por nossos pecados... Estamos chegando ao fim dos tempos!

As vozes se elevaram e uma grande agitação começou na plateia. As pessoas conversavam entre si, exasperadas. Algumas começaram a rezar, louvando o Senhor e pedindo perdão. Thomas aguardou que se acalmassem erguendo a mão novamente com a palma aberta inclinada em direção a eles, solicitando calma.

— Mas... e quanto à guerra? Já não pagamos pelos nossos pecados? — gritou uma mulher, levantando-se em meio à plateia.

— Sim! — concordaram algumas vozes.

— Isso mesmo! — disseram outras.

Thomas aguardou sua vez para falar com uma calma invejável. Ele estava focado em seu objetivo e isso o acalmava para fazer o que tinha que ser feito sem ansiedade.

— Minha querida irmã... — começou Thomas, com complacência. — A guerra foi mais um sinal. Todos nós sabemos os passos que indicam o dia do juízo final.

Thomas saiu do púlpito com o microfone na mão esquerda, erguendo o polegar direito para iniciar uma contagem.

— Primeiro as cartas à igreja — deixou as palavras no ar sabendo da ignorância daqueles que as ouviam. — Nós fomos e somos a sétima igreja, Laodiceia. Uma igreja apática, com a fé morna, fingindo amar ao Senhor para ter um lugar no céu. Estávamos tão obcecados pela tecnologia que nem sabíamos mais como rezar! Era isso que o Senhor queria de nós? — Thomas perguntou elevando a voz, em tom de acusação.

As pessoas olhavam com sentimento de culpa, absorvendo as palavras como o solo seco faz com água da chuva. Ninguém se atreveu a responder e ele continuou, erguendo o dedo indicador.

— Então veio a guerra... — ele calou-se por um momento, deixando que eles digerissem vagarosamente suas palavras. — Nós somos o que sobrou dela. Uma geração inteira tentando reconstruir um mundo vindo do caos. Uma geração tentando redimir os pecados de nossos antepassados... A guerra, minha doce irmã — disse olhando para a mulher que lhe questionara — é apenas uma das várias catástrofes anunciadas que nós sofremos. Perdemos nossa fé, perdemos nosso amor

pelo Senhor, perdemos nosso amor ao próximo e acabamos perdendo nossa própria humanidade.

Os olhares apavorados de grande parte de seu público indicavam que ele estava no caminho certo. Precisava fazê-los entender. Precisava fazê-los acreditar, como ele acreditou.

— Então eu vi — seguiu Thomas, erguendo seu dedo médio. — Assim como o profeta Zacarias! Ele estava diante de mim e em sua mão havia um pergaminho, lacrado com os sete selos. Ele olhou para mim e rompeu o primeiro deles...

Algumas pessoas levaram as mãos à boca tentando conter o espanto. Muitas provavelmente nem entendiam do que se tratavam, mas estavam assustadas com a entonação que Thomas usava em suas palavras.

— Então ele me ordenou que voltasse aqui e contasse a cada um de vocês — apontou o dedo indicador para uma das extremidades da plateia, movendo-o até a outra. Enquanto movimentava seu braço, encarava seus espectadores e notou que se encolhiam sob seu olhar acusador. — E eu ordeno que espalhem a todos os seus conhecidos. O primeiro selo foi rompido! Pestes e doenças assolarão nossa cidade, nossas casas, nossas famílias! Temos que nos preparar para o fim dos tempos! O juízo final está chegando para todos nós!

Ouviu choros e burburinhos na plateia. Pôde notar nos rostos tristes e desolados que sua mensagem havia chegado onde ele queria.

— O que nós devemos fazer!? — perguntou um homem desesperado na plateia, tentando consolar sua esposa em seus braços.

Os olhares se destinaram ao homem, e depois até Thomas, pois todos queriam saber aquela resposta.

— Vão todos para casa e orem — disse Thomas com seriedade. — Se ajoelhem e peçam perdão. Orem por suas famílias. Orem por seus lares. Orem por mim, pois nenhum de nós sabe o que vem por aí.

Thomas devolveu o microfone à sua base no púlpito e se dirigiu à saída lateral, onde Kate o aguardava. Saiu do tablado sem olhar novamente para seus seguidores e teve que ignorar a tonelada de perguntas atônitas que vinha das cadeiras. Todos queriam a salvação e enxergavam-no como um atalho para o perdão divino.

Todos nós teremos que pagar pelos nossos pecados, não existe outra forma.

Juntou-se à Kate e andaram pelo corredor, em direção à sala onde ele havia se preparado. Geralmente ele recebia algumas pessoas para conversar, mas esta noite seria diferente.

— Kate — disse olhando para sua assistente. — Pode avisar a ele que estão prontos.

— Prontos para o quê? — perguntou a moça timidamente, sem saber dos planos do homem que a destinou para assessorá-lo.

— Prontos para o Apocalipse.

Agradecimentos

Chego então aos agradecimentos. Eu pensava que ao final do livro estaria agradecendo com uma sensação de alívio por ter realizado um grande feito, trilhando uma estrada árdua e cheia de desafios. De fato isso aconteceu. Mas a sensação que tenho hoje é de felicidade. Felicidade por poder compartilhar com vocês essa história que tanto percorreu minha mente. E isso aconteceu devido a algumas pessoas que preciso agradecer.

Pode parecer óbvio, mas primeiramente gostaria de agradecer a Deus. Todos os caminhos da minha vida me levaram até o livro e, não sei como acontece com outros autores, mas eu acredito que uma série não deve simplesmente “baixar” na sua cabeça enquanto você assiste a um filme, por acaso. Além disso, as pessoas certas apareceram na minha vida no momento certo e não sou de acreditar em coincidências. Ele me ilumina muito e sempre. Então obrigado, Senhor.

À minha irmã Bruna, por ter acreditado e me incentivado com esse projeto quando eu me sentei com ela na mesa da casa de minha mãe, lá em 2016, e disse: “eu vou escrever um livro”. Lembro-me de seus olhos iluminados e da cabeça formulando mil teorias que necessitaram ser esboçadas em uma folha de papel que, ela jura, valerá muito algum dia.

À minha mãe Ana, por sempre me incentivar a ler, desde meus cinco anos de idade. Se não fosse por ela eu não teria tanto contato com os livros. E apesar de achar o fato do filho escrever um livro algo mirabolante, quando viu que ia se concretizar, me apresentava para todos os seus amigos como: “esse é meu filho que está escrevendo um livro”. E, claro, me apoiou com recursos necessários para a publicação. Te amo, mãe!

Ao meu pai Lucas, por tudo. Por ser um exemplo de homem íntegro e protetor da família. E apesar de eu ouvir muito a frase: “O Amado Batista está escrevendo de novo?” (aliás, eu nunca entendi isso, pois Amado Batista é um cantor. Mas tudo bem...). Eu sentia o carinho em cada piada acompanhada de um sorriso amável. E sei, mesmo sem ele me dizer, que também já contou aos amigos que tem um filho “Amado Batista” em casa.

À minha irmã Andréia, por acreditar no projeto e me ajudando também com os recursos que sozinho eu jamais teria. Além das palavras de incentivo que nunca faltaram para nenhum projeto, seja qual fosse, durante toda minha vida.

À minha amiga Andressa Silveira. A essa eu devo demais. Devo o fato de estar escrevendo isso, nesse momento. Lembro-me de quando conversamos sobre filmes

e eu disse para ela: “eu estou escrevendo um livro e acho que você surgiu para me ajudar”. Com suas palavras de incentivo e cobrança pelos próximos capítulos, ela me deu uma injeção de adrenalina tão grande, que o livro, que não estava nem na metade durante o período de dois anos, foi concluído em dois meses. Se tem uma pessoa que acredita nessa história ainda mais do que eu, essa pessoa é a Andressa.

À minha esposa Cheila, pela paciência de me deixar escrever nas viradas de final de semana e entender o quanto esse projeto era importante para mim. Mas, e principalmente, por ter devorado o livro em menos de vinte dias. Isso para alguém que não tinha o hábito de ler e agora lê junto comigo, o que me mostrou o potencial dessa história. Obrigado também por ser meu contraponto, me ajudando sempre a ter, pelo menos, um pé no chão.

Ao grupo Zandoná, do qual sou colaborador, não só pelo fato de disponibilizar meu 13º fora de época para a publicação do livro, mas principalmente pela compreensão sobre meu sonho, acreditando que é possível eu conciliar as duas carreiras. E também por me convidarem para palestrar sobre meu livro em uma das reuniões da empresa.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e familiares pelos incentivos, principalmente nessa fase final. Todos eles foram muito importantes para mim. A cada “quando tu vai lançar o livro?” eu sentia uma motivação renovada.

À Lura Editorial, representada na figura do Roger Conovalov, por todas as orientações mesmo sem ter a certeza de que iríamos fechar contrato. Sou muito grato por Deus ter colocado no meu caminho uma editora que acredita no mercado independente. Da revisão à capa tudo foi feito com muito carinho, tornando meu sonho realidade.

À minha primeira parceira do mundo literário, Aline Goettems, por ter tornado a distância entre eu e meus leitores infinitamente menor e por ter me incentivado a escrever os contos que apresentaram minha escrita a muitas pessoas que sequer me conheciam. Por revisar meu material, diagramar e ainda criar capas fantásticas. Por apoiar o mercado brasileiro independente incondicionalmente, mesmo que ele não a recompense da forma que ela merece. Deus com certeza irá. Obrigado.

E agradeço a todos os outros parceiros do mundo literário, cujos nomes não vou citar para não cometer a injustiça de esquecer algum. Mas eles também acreditaram nesse sonho maluco que hoje está se tornando realidade, divulgando, dando dicas e dando opiniões sobre livros e séries. Somos uma grande família literária.

E, por último, mas não menos importante, obrigado a você, leitor. O mercado literário não é nada fácil para os autores brasileiros, principalmente para os independentes. E não por falta de qualidade, pois eu já li livros fantásticos de autores brasileiros independentes, mas por falta de credibilidade dos leitores que abraçam obras internacionais como se o fato de vir de fora do Brasil fosse garantia

de qualidade. Então quando você adquire uma obra como essa, está ajudando esse mercado, que tem muita coisa boa para ser desvendada.

Além disso, ao comprar esse livro você ajuda uma das várias instituições de caridade e projetos sociais aos quais parte do lucro será destinada. Você poderá acompanhar essas ações pelas hashtags: #naosejaoapocalipse e #eufacoadiferenca nas redes sociais do autor.

Te aguardo no segundo volume da série: A Máscara da Peste. Obrigado!

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Ethan](#)

[Dante](#)

[Mordecai](#)

[Yohan](#)

[Meredith](#)

[Ethan](#)

[Mordecai](#)

[Yohan](#)

[Dante](#)

[Ethan](#)

[Cisco](#)

[Meredith](#)

[Dante](#)

[Yohan](#)

[Mordecai](#)

[Ethan](#)

[Dante](#)

[Yohan](#)

[Meredith](#)

[Cisco](#)

[Isaac](#)

[Ethan](#)

[Mordecai](#)

[Yohan](#)

[Meredith](#)

[Dante](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)